

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCAVO DA BAHIA
Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas e Segurança
Social

POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS

Valéria da Silva Oliveira e Oliveira

CRUZ DAS ALMAS - BAHIA
2022

POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS

Valéria da Silva Oliveira e Oliveira
Administração
Universidade de Santo Amaro, 2013

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Américo Almassy Junior

**CRUZ DAS ALMAS - BAHIA
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

O48p	<p>Oliveira, Valéria da Silva Oliveira e. Política cultural na Universidade: o caso do Centro Universitário de Cultura e Arte da UEFS / Valéria da Silva Oliveira e Oliveira._ Cruz das Almas, BA, 2022.</p> <p>253f.; il.</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas, Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Alexandre Américo Almassy Junior.</p> <p>1.Política cultural – Universidades e faculdades. 2.Política cultural – Projetos culturais – Análise. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas. II.Título.</p> <p>CDD: 306</p>
------	---

Ficha elaborada pela Biblioteca Central de Cruz das Almas - UFRB.
Responsável pela Elaboração - Antonio Marcos Sarmiento das Chagas (Bibliotecário - CRB5 / 1615).
(os dados para catalogação foram enviados pela usuária via formulário eletrônico).

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E
SEGURANÇA SOCIAL - PPGGPPSS
MESTRADO PROFISSIONAL**

**POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO CENTRO
UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS**

Comissão Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado
Valéria da Silva Oliveira e Oliveira

Aprovada em: 08 de março de 2022

Prof. Dr. Alexandre Américo Almassy Junior
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Orientador

Profa. Dra. Suzana Couto Pimentel
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Examinador Interno

Profa. Dra. Amali de Angelis Mussi
Universidade Estadual de Feira de Santana
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

A construção de um trabalho é algo que envolve planejamento, entrega e muita dedicação. São muitas horas de leitura, análise, escrita e elaboração. Mas compreendo que nada disso é possível sem que aquele que pretende se dedicar a uma atividade dessa natureza conte com uma rede de apoio. E é a minha rede de apoio que me dirijo nessas breves palavras, porque sem cada um que a compôs não sobraria tempo, ou eu não teria conseguido respirar fundo quando necessário, e ainda poderia ter desanimado ou até parado na metade do caminho. Desse modo, posso afirmar que estive cercada de cuidados que foram fundamentais para a construção que logrei apresentar.

A minha rede de apoio foi formada por um bom número de pessoas, que em diferentes momentos me estimularam, apoiaram e muitas vezes me ajudaram a lembrar que era possível e que meu esforço valeria a pena. A Deus, a minha gratidão por cada uma dessas pessoas. A primeira delas, que merece um destaque especial nesse espaço de agradecimento, é o meu marido, parceiro e companheiro, uma pessoa tão especial na minha vida, Marcos Davi. Sempre digo que ele acredita mais no meu potencial do que eu mesma. Tantas foram as formas como ele colaborou com essa construção, mas preciso ressaltar o seu amor, carinho, estímulo e compreensão, não só nesse momento, mas ao longo dos nossos 19 anos de caminhada, fato que inegavelmente foi um importante vetor para o que venho alcançando.

Gratidão especial também a Jéssica, minha menina linda e que me inspira constantemente, e a Lúcia, que é uma importante companheira nessa estrada da vida, por quem tenho grande estima. Ambas estavam totalmente presentes nessa rede, diariamente e de forma marcante colaboraram para essa construção. Obrigada a Mateus, meu primeiro filho, filho do coração, e a Jennifer, minha nora, pelo apoio e compreensão de ambos, sobretudo no período em que a dedicação ao trabalho precisou acontecer de forma integral. Agradecimento especial ao nosso pequeno Davi, que chegou ao mundo bem no meio dessa construção, trazendo tanta alegria para os nossos dias.

Tudo também não seria possível sem o apoio e a compreensão dos meus queridos pais, Marineide e Antonio. Foi um período em que precisei me ausentar um pouco e ambos, apesar de pouco satisfeitos com essa ausência, estimularam-me a continuar e a persistir. Minha mãe sempre assinalando quão esforçada sou, o que também me serve de estímulo, confesso. Obrigada a meus irmãos, Flávia e Victor e aos meus sobrinhos-filhos, Ananda e Caio. A Flávia, em especial, o meu carinho e gratidão, não esquecerei a alegria que senti em seu olhar e a emoção contagiante ao me ver completar esse caminho.

Aos tantos amigos que acompanharam e vibraram comigo, a minha profunda gratidão, tanto pelo apoio, como pela compreensão da ausência. Foi um período de muitos 'nãos' (não posso, não vou, não tenho como parar de ler, de elaborar, de escrever, etc.) e todos entenderam e apoiaram da melhor forma que podiam. Gratidão especial a Milla, Mari e Marly. A amizade de vocês deixa a minha vida mais leve e feliz.

Obrigada também aos colegas do Cuca e da Uefs, especialmente aqueles que torceram, apoiaram e vibraram comigo no percurso dessa conquista. Especial agradecimento a Gilvana, Denio e Aldo, vocês foram fundamentais nessa caminhada. Gratidão também aos colegas do mestrado, especialmente a Lore, Mag, Jayne e Samara, com as quais dividi de forma mais próxima os desafios para chegar até aqui.

Por fim, gostaria de registrar o agradecimento ao meu orientador, professor Almassy. Agradeço especialmente a sua condução tranquila e serena, a confiança que sempre depositou em mim, sendo esta também um fator de motivação nessa construção. Agradeço também pela provocação que me fez ainda no desenvolvimento do projeto de pesquisa, que resultou em considerável ajuste de foco do projeto e da proposta de produto. Devo admitir que o desafio inicialmente não foi plenamente benquisto, mas logo percebi o quão enriquecedor seria o processo de pesquisa.

Foi, inegavelmente, uma construção planejada, arquitetada, trabalhosa e recompensadora. Sim, chegar à etapa de conclusão é um momento de felicidade, que tive a alegria de dividir com todos esses que foram citados e tantos mais que não foi possível citar nessas breves palavras. A estes também a minha gratidão e reconhecimento.

POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS

RESUMO: A política de cultura desenvolvida por universidades ainda é um fenômeno pouco explorado nos trabalhos científicos. Diante disso e considerando o potencial de tais instituições em colaborar com o desenvolvimento do campo artístico-cultural, promovendo melhorias para a sociedade, a investigação tem como objeto de estudo a política de arte e cultura da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), implementada através do seu órgão suplementar, o Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca). O objetivo da pesquisa é analisar tal política na percepção dos gestores e participantes das ações promovidas pelo Cuca, a fim de propor diretrizes para aprimoramento da gestão e da sua efetividade. Trata-se de um estudo de caso, de natureza exploratória, com viés fenomenológico e abordagem qualitativa. Para coleta de dados, foram utilizados como instrumentos a análise documental, o questionário e a entrevista semiestruturada, estes dois últimos junto aos participantes das diferentes ações e aos gestores. A diversidade de participantes assegurou uma amplitude de visão que enriqueceu o processo de análise e permitiu a identificação de relevantes elementos na pesquisa, por meio da análise de conteúdo dos dados coletados entre os sujeitos. Como um dos resultados, o trabalho apresenta um breve histórico da implementação do complexo cultural, com uma condensada descrição da sua atuação na atualidade e uma análise da questão da institucionalidade da política estudada. Constatou-se que essa política carece de uma normativa, na forma de uma resolução aprovada por conselho superior, que assegure e garanta a continuidade das ações, sendo esse um movimento que tem se intensificado entre as instituições públicas de ensino superior. Além disso, a investigação evidencia uma visão essencialmente positiva dos participantes e dos gestores sobre a política em estudo, ao tempo em que também aponta diversos aspectos para melhorias. No geral, verifica-se elevado nível de satisfação em relação às ações desenvolvidas pela instituição e o Cuca se destaca como um modelo de estruturação de ações de arte e cultura. Desse modo, observa-se que esta é uma iniciativa de grande relevância para a cidade de Feira de Santana, como uma política que é efetiva na contribuição para o fomento e consolidação de ações artístico-culturais localmente e também em outras regiões. O estudo evidencia potencialidades e desafios de empreendimentos dessa natureza, colabora para uma melhor compreensão sobre o processo de geração e uso de receita própria em universidade pública e traz elementos para a geração de conhecimento no campo teórico da extensão universitária. Ademais, aborda a necessidade de aprofundamento da interação entre cultura e educação, posicionando a cultura como uma dimensão complementar ao tradicional tripé de atuação da instituição universitária. Como produto da pesquisa, o trabalho traz uma minuta de resolução para a política institucional de arte e cultura da Uefs.

Palavras-chave: Extensão universitária; Política cultural; Política pública.

CULTURAL POLICY AT THE UNIVERSITY: THE CASE OF THE UEFS UNIVERSITY CENTER FOR CULTURE AND ART

ABSTRACT: The culture policy developed by universities is still a phenomenon little explored in scientific works. In view of this and considering the potential of such institutions to collaborate with the development of the artistic-cultural field, promoting improvements for society, the research object of study is the art and culture policy of the State University of Feira de Santana (Uefs), implemented through its supplementary body, the Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca). The objective of the research is to analyze this policy in the perception of managers and participants of the actions promoted by Cuca, in order to propose guidelines to improving management and its effectiveness. This is an exploratory case study, with a phenomenological bias and a qualitative approach. For data collection, document analysis, the questionnaire and the semi-structured interview were used as instruments, the latter two with the participants of the different actions and the managers. The diversity of participants ensured a breadth of vision that enriched the analysis process and enabled the identification of relevant elements in the research, through the content analysis of the data collected among the subjects. As one of the results, the work presents a brief history of the implementation of the cultural compound, with a condensed description of its performance at the present time and an analysis of the question of the institutionality of the studied policy. It was found that this policy lacks a regulation, in the form of a resolution approved by the superior council, which ensures and guarantees the continuity of actions, which is a movement that has intensified among public institutions of higher education. In addition, the investigation shows an essentially positive view of the participants and managers about the policy under study, while also pointing out several aspects for improvement. In general, there is a high level of satisfaction with the actions developed by the institution and Cuca stands out as a model for structuring of art and culture actions. Thus, it is observed that this is an initiative of great relevance for the city of Feira de Santana, as a policy that is effective in contributing to the promotion and consolidation of artistic-cultural actions locally and in other regions. The study highlights the potentialities and challenges of projects of this kind, contributes to a better understanding of the process of generating and using own revenue in a public university and brings elements for the knowledge generation in the theoretical field of university extension. Furthermore, it addresses the need to deepening the interaction between culture and education, positioning culture as a complementary dimension to the traditional tripod of acting of the university institution. As a result of the research, the work brings a draft normative act for the institutional policy of art and culture of Uefs.

Keywords: University Outreaches; Cultural policy; Public policy.

LISTA DE ABREVIATURAS

CASYS	Sistema de Arte e Cultura
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEU	Centro de Esportes e Artes Unificados
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRUB	Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras
CUCA	Centro Universitário de Cultura e Arte
CULTART	Centro de Cultura Arte da Universidade Federal de Sergipe
DEC	Departamento de Extensão Cultural
DIP	Departamento de Informação e Propaganda
DRT	Delegacia Regional do Trabalho
EMCETUR	Empresa Cearense de turismo
FACRUB	Fórum de Arte e Cultura do Crub
FENATIFS	Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão
FURB	Fundação Universidade Regional de Blumenau
GCB	Galeria de Arte Carlo Barbosa
IAC	Instituto de Arte Contemporânea
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituições de Ensino Superior
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAUC	Museu de Arte da Universidade do Ceará
MEC	Ministério da Educação
MINC	Ministério da Cultura
MRA	Museu Regional de Arte
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIB	Produto Interno Bruto
PNC	Plano Nacional de Cultura
SAEB	Secretaria de Administração do Estado da Bahia

SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UBA	Universidade da Bahia
UEAP	Universidade do Estado do Amapá
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFCA	Universidade Federal do Cariri
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
UFJF	Universidade Federal de Juíz de Fora
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNB	Universidade de Brasília
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá
USP	Universidade de São Paulo
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1	Temáticas dos primeiros encontros do Forproex.....	42
QUADRO 2	Grupos temáticos do VI Encontro Nacional do Forproex.....	48
QUADRO 3	Síntese trajetória institucional do Seminário de Música e sua relação com a Uefs.....	55
QUADRO 4	Propostas para uma política cultural universitária.....	57
QUADRO 5	Síntese do número de participantes da pesquisa por grupo....	65
IMAGEM 1	Avaliação de usuário do site <i>Google</i> sobre o Cuca.....	85
IMAGEM 2	Avaliação de usuário do site <i>Tripadvisor</i> sobre o Cuca.....	86
QUADRO 6	Avaliações do Cuca no site <i>Google Negócios</i>	98
QUADRO 7	Avaliações do Cuca no site <i>Tripadvisor</i>	98
QUADRO 8	Exemplos de políticas culturais em instituições públicas de ensino superior no Brasil.....	106
GRÁFICO 1	Notas de avaliação para a atuação do Cuca entre os participantes das ações.....	137
QUADRO 9	Síntese das prioridades de ação na visão dos sujeitos da pesquisa.....	157

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Relação entre Inscrições, vagas e matrículas nas oficinas de 2017 a 2020.1.....	87
TABELA 2	Matrículas por coordenação artística e por semestre entre os anos de 2015 e 2020.....	89
TABELA 3	Respondentes dos questionários.....	110
TABELA 4	Síntese do percentual de concordância na categoria experiência dos participantes das ações.....	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CULTURA E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE.....	18
1.1 POLÍTICA PÚBLICA DE CULTURA: REFLEXÕES INICIAIS.....	18
1.1.1 Dimensões da cultura.....	23
1.1.2 Breve histórico da política pública de cultura no Brasil.....	31
1.2 POLÍTICA DE EXTENSÃO E POLÍTICA DE CULTURA NA UNIVERSIDADE.....	39
1.2.1 Política de extensão universitária.....	41
1.2.2 Política de cultura na universidade.....	46
2 METODOLOGIA.....	60
2.1 TIPO E NATUREZA DO ESTUDO.....	60
2.2 SUJEITOS DA PESQUISA.....	62
2.3 COLETA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	65
3 O CUCA COMO POLÍTICA CULTURAL EM FEIRA DE SANTANA.....	72
3.1 CENÁRIO QUE ANTECEDE A CRIAÇÃO DO CUCA.....	73
3.2 A IMPLEMENTAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL.....	78
3.3 A ATUAÇÃO DO CUCA.....	83
3.3.1 Ações desenvolvidas.....	86
3.4 RECONHECIMENTO, POTENCIALIDADES E DESAFIOS DA POLÍTICA.....	97
3.5 A QUESTÃO DA INSTITUCIONALIDADE.....	102
4 O CUCA E SUA INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE: DADOS E PERCEPÇÕES.....	108
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES DA PESQUISA.....	109
4.2 PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES DAS AÇÕES DO CUCA.....	110
4.2.1 Experiência do participante no Cuca.....	111
4.2.2 Percepção do participante sobre a política cultural da Uefs.....	115
4.2.2.1 <i>Importância e papel do Cuca.....</i>	115
4.2.2.2 <i>Projetos institucionais.....</i>	119
4.2.2.3 <i>Gestão e comunicação.....</i>	124
4.2.2.4 <i>Estrutura.....</i>	130
4.2.2.5 <i>Política cultural.....</i>	133

4.3 PERCEPÇÕES DOS GESTORES DAS AÇÕES DO CUCA.....	138
4.3.1 Cuca: trajetória sob a ótica dos gestores.....	139
4.3.2 Percepção sobre a missão.....	146
4.3.3 Perspectivas futuras.....	151
4.4 O QUE APRIMORAR? IDENTIFICAÇÃO DE PRIORIDADES.....	156
5 APRIMORAMENTO DA POLÍTICA INSTITUCIONAL DE CULTURA NA UNIVERSIDADE	159
5.1 MINUTA DE RESOLUÇÃO DA POLÍTICA CULTURAL DA UEFS.....	160
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	172
APÊNDICE A – MODELOS DOS TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	187
APÊNDICE A.1 – TCLE PARA QUESTIONÁRIO.....	188
APÊNDICE A.2 – TCLE PARA ENTREVISTA.....	190
APÊNDICE B – MODELOS DOS QUESTIONÁRIOS.....	192
APÊNDICE B.1 – QUESTIONÁRIO GRUPO 1 (ALUNOS).....	193
APÊNDICE B.2 – QUESTIONÁRIO GRUPO 2 (CREDENCIADOS).....	195
APÊNDICE B.3 – QUESTIONÁRIO GRUPO 3 (PARCEIROS).....	197
APÊNDICE B.4 – QUESTIONÁRIO GRUPO 4 (ARTISTAS).....	199
APÊNDICE C – MODELOS DOS ROTEIROS DAS ENTREVISTAS.....	201
APÊNDICE C.1 – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO 1 (ALUNOS).....	202
APÊNDICE C.2 – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO 2 (CREDENCIADOS).....	203
APÊNDICE C.3 – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO 3 (PARCEIROS).....	204
APÊNDICE C.4 – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO 4 (ARTISTAS).....	205
APÊNDICE C.5 – ROTEIRO ENTREVISTA GRUPO 5 (GESTORES).....	206
APÊNDICE D – SELEÇÃO DOS DADOS COLETADOS NOS QUESTIONÁRIOS E NAS ENTREVISTAS.....	207
APÊNDICE D.1 – RESPOSTAS SUBJETIVAS DOS QUESTIONÁRIOS.....	208
APÊNDICE D.2 – ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES DAS AÇÕES.....	213
APÊNDICE D.3 – ENTREVISTAS COM OS GESTORES DAS AÇÕES.....	232
ANEXO A – DOCUMENTO DO VI ENCONTRO FORPROEX 1992.....	243

INTRODUÇÃO

A percepção sobre a importância do objeto deste estudo surgiu na ocasião do nosso ingresso no Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca), a partir do ano de 2015, enquanto servidora da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). O cenário vinha sendo caracterizado por certa regularidade das atividades até o ano anterior, pois os projetos ali desenvolvidos funcionavam com relativa garantia de continuidade. No entanto, o severo quadro de redução orçamentária que vem afetando notadamente as instituições públicas de educação, trouxe a ameaça de descontinuação das ações regulares da unidade no ano da nossa admissão no centro cultural, chegando a comprometer concretamente alguns de seus projetos.

Nesse contexto, a equipe do complexo cultural (da qual já era integrante) se concentrou em ações que viabilizassem a manutenção das suas atividades. Em meio a essas ações, a instituição iniciou um processo de aproximação da comunidade por meio das ferramentas de redes sociais disponíveis naquele momento. Essa proximidade possibilitou uma impressão inicial essencialmente positiva em relação às atividades do Cuca por parte da comunidade. Tal impressão, então, se consolidou como um dado relevante a ser observado cuidadosamente no processo de gestão das redes. Destarte, o resultado do exercício de observação foi também um fator que nos conduziu pelo caminho do estudo aqui apresentado. Afinal, uma questão pairava sem resposta concreta para nós, acerca da importância da política cultural da Uefs para a cidade de Feira de Santana.

Embora a nossa experiência na coordenação administrativa do Cuca nos desse tais indícios, tal percepção, com efeito, ainda carecia de uma maior clareza por não estar assentada em dados sistematizados, sobretudo no que se refere à experiência daqueles que vivenciaram o centro cultural. Por isso, compreendemos que conhecer tal percepção se constituiu em um importante fator para direcionar nossa prática profissional na busca pelo aprimoramento da gestão da política pública de arte e cultura desenvolvida pela Uefs e quiçá, futuramente por meio desse trabalho, por outras instituições de ensino superior, diante da possibilidade de multiplicação de ações semelhantes.

Assim, a experiência como parte da equipe de gestão do centro somada à percepção da singularidade dessa política institucional e à necessidade de explorar com mais afinco essa temática no campo científico das políticas públicas foram fatores que nos influenciaram no direcionamento do foco dessa pesquisa. Cabendo a nós, portanto, a partir daí, o desafio de registrar e analisar sistematicamente o que ainda estava apenas no campo das percepções, com a expectativa de que o nosso trabalho efetivamente possa contribuir para o entendimento das formas de ação da universidade no campo da arte e da cultura.

Vale salientar que o Cuca é um espaço multilinguagem voltado para ações de arte e cultura na cidade de Feira de Santana, que fica no interior da Bahia. Destacamos que este é um dos poucos complexos culturais instalados no município, que ainda não conta com grande número de ofertas de atividades artísticas e culturais. O Centro, portanto, vem buscando cumprir o papel de fomentar, estimular e difundir a

produção local há quase três décadas, com foco nas ações de arte e cultura. Nesse sentido, lembramos do já conhecido potencial da arte de nos levar a novas compreensões do mundo, e, portanto, abrir novos horizontes e gerar novas visões em nossas vivências. Para Pimentel e Rocha (2017, p. 116), “[...] a arte adquire o papel de gerar, no indivíduo, a sua própria concepção do real [...]”.

Uma concepção que chamou a nossa atenção durante a pesquisa é a da artista Glaucia Nasser, que trata da diferença entre arte e cultura. No seu entendimento a cultura pode ser caracterizada como a arte do passado. Já a arte, por sua vez e de maneira oposta, tem intrínseca relação com o futuro, pois é o que se está construindo e nos indica onde podemos chegar. Segundo a artista, a arte inova, não sendo uma simples repetição da cultura, representando dessa forma o avanço. Nasser afirma que a arte traz renovação, nos conduzindo ao que está no porvir e pondera ainda que

A arte e cultura são fundamentais, porque a gente vai conhecer o nosso passado e o que nos trouxe até aqui, e a gente vai rumo ao futuro. Vejam bem, Di Cavalcante, Portinari, Bossa Nova, a nova arquitetura com Brasília, tudo isso foram coisas que nunca tinham sido feitas antes, elas partiram de uma cultura, mas elas inovaram e nos trouxeram até aqui. Hoje é cultura. Chegou a hora da gente construir a nossa nova arte. O que nós vamos fazer? O quê que ela vai ser? Para onde a gente vai? Qual o futuro que a gente constrói? Mas o importante é se impregnar de arte. Vai atrás daquela que foi do passado e dessa que tá nos movimentando para o futuro. Não fiquemos parados, gente. Só isso vai fazer com que a gente chegue a nossa genialidade.” (NASSER, 2019, s/p)

Ante o exposto, ratificamos o nosso entendimento acerca da relevância desse estudo, que se propôs ao objetivo de analisar a política cultural desenvolvida pela Uefs, por meio do seu órgão responsável por tal execução. Para isso, partimos da identificação da percepção dos gestores e participantes sobre as ações promovidas pelo Cuca, e somado a isso, buscamos realizar uma análise dos documentos institucionais para compreender como se constitui a base dessa política, a fim de apontar diretrizes para o aprimoramento dessa iniciativa.

Visando alcançar os nossos objetivos, desenvolvemos um trabalho de pesquisa com uma abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso. Nesse caminho, nos dedicamos à pesquisa bibliográfica sobre as temáticas que compreendem o objeto, realizamos a análise de documentos institucionais e também dos dados coletados entre os participantes da pesquisa por meio da aplicação de questionários e da realização de entrevistas com os diferentes grupos respondentes.

O resultado da nossa pesquisa foi organizado em 5 capítulos, com a formatação descrita a seguir. No Capítulo 1, **Cultura e Extensão na Universidade**, apresentamos um conjunto de noções essenciais para compreensão do fenômeno em estudo, separadas em duas partes, sendo a primeira delas com o tema Política Pública de Cultura e a segunda Política de Extensão e Política de Cultura na Universidade. Na primeira parte, abordamos inicialmente a temática das políticas públicas, tratando preliminarmente dos conceitos de avaliação de programas,

eficiência, eficácia e efetividade. Em seguida, ao falar sobre as dimensões da cultura, nos aproximamos da ideia de arte e cultura e passamos a tratar das dimensões da cultura e seus paradigmas, para então nos dedicarmos a uma análise sobre a evolução da acepção desse termo. Ainda na primeira parte do capítulo, abordamos também de forma breve o histórico da política cultural no Brasil. A segunda parte do Capítulo 1 foi composta por uma visão do tema de forma mais próxima da Universidade, pois explicitamos os elementos relacionados à política de extensão universitária e em seguida passamos a discutir o tema das políticas de cultura desenvolvidas por essas instituições.

O Capítulo 2, da **Metodologia**, tratou do caminho adotado por nós na condução da pesquisa. Nesse espaço, fizemos a caracterização do tipo e da natureza do estudo, tratamos sobre os sujeitos da pesquisa e sobre os critérios para seleção desses sujeitos e por último, explicamos como foi feita a coleta dos dados entre os participantes e a análise do material coletado.

O Capítulo 3, **O Cuca como Política Cultural em Feira de Santana**, versou sobre aspectos que constituíram a história da instituição. Desse modo, partimos do cenário que antecedeu a criação do órgão e em seguida passamos a discutir como ocorreu a sua implementação. Depois de considerado esse panorama, nos dedicamos a explicitar como ocorre a atuação do centro cultural para então apresentar elementos sobre o reconhecimento, as potencialidades e os desafios que circundam o complexo. Por fim, abordamos a importância da questão da institucionalidade, refletindo sobre como se dá esse aspecto na realidade da instituição.

No Capítulo 4, **O Cuca e sua Interação com a Sociedade: Dados e Percepções**, realizamos a análise dos dados coletados na pesquisa de campo. Esse capítulo ficou estruturado em quatro tópicos, tendo sido o primeiro deles com a caracterização dos respondentes da pesquisa. No segundo tópico apresentamos a análise dos dados coletados entre os participantes das ações do Cuca e o terceiro foi composto pela análise dos dados coletados entre os gestores. Dedicamo-nos no último tópico à elaboração de um quadro-resumo com a identificação de prioridades a serem consideradas no processo de aprimoramento, conforme a visão dos grupos participantes.

No Capítulo 5, **Aprimoramento da Política Institucional de Cultura na Universidade**, desenvolvemos uma proposta de minuta de resolução de Política de Arte e Cultura para a Uefs, como forma de assegurar a adequada institucionalização das diretrizes para o desenvolvimento de programas, projetos e ações no campo artístico-cultural, no âmbito dessa universidade. Destacamos que a mencionada proposta pretende servir como um ponto de partida para a formalização de uma política institucional.

Por fim, expusemos as **Considerações Finais** sobre o fenômeno estudado, retomando o nosso problema de pesquisa, o objetivo geral do trabalho e assinalando as conclusões de modo vinculado aos respectivos objetivos específicos, com base nos resultados obtidos na análise dos dados e nas hipóteses previamente levantadas. Salientamos que a observação da interação universidade-sociedade aqui propiciada nos auxiliou na melhor compreensão da dinâmica do fenômeno estudado e na

sugestão de estratégias para aperfeiçoamento dos processos de criação e execução de políticas públicas nessa área, especialmente por parte de instituições universitárias.

Considerando o limitado número de pesquisas científicas sobre políticas culturais em universidades, e especialmente sobre o nosso objeto de estudo, assinalamos a importância de tais objetos se tornarem mais frequentemente alvos de pesquisas. Desse modo, será possível promover um conhecimento mais aprofundado sobre tão relevante tema, e notadamente sobre o seu intrínseco vínculo com o campo da Educação.

1 CULTURA E EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE

A abordagem e desenvolvimento desta pesquisa pressupõe um conjunto de elementos teórico-conceituais para a adequada compreensão do fenômeno em foco. Dessa forma, a primeira parte desse capítulo se propõe a refletir sobre as noções de política pública, política cultural e sobre as dimensões da cultura.

No desenvolvimento da primeira parte abordaremos de forma sucinta as noções de avaliação de programas, eficiência, eficácia e efetividade. Faremos ainda uma aproximação sobre a ideia de arte e ao tratar das dimensões da cultura, pretendemos também esboçar sinteticamente as mudanças relacionadas à definição de cultura e adentrar a partir daí nas tipologias de políticas culturais, contemplando as conexões destas com as dimensões apresentadas e a referida evolução da acepção de cultura.

A segunda parte do capítulo versará sobre duas políticas desenvolvidas no ambiente da universidade, tendo em vista a inerente relação entre elas. A primeira a ser discutida será a política de extensão e em seguida aventaremos a noção de política universitária de cultura, a qual está intrinsecamente relacionado o nosso objeto de estudo.

1.1 POLÍTICA PÚBLICA DE CULTURA: REFLEXÕES INICIAIS

Um primeiro conceito fundamental a este trabalho é o de política pública, sobre o que, Lima (2012, p. 53) afirma existir “uma enorme pluralidade de pensamentos”, embora haja consenso entre todos os autores no que diz respeito à profunda forma como a política pública afeta a vida cotidiana de toda uma sociedade (THEODOULOU, 1995 *apud* LIMA, 2012).

Dentre as definições existentes optamos pelo conceito de política pública, conforme apresentado por Souza (2006) que, depois de dedicada análise da literatura sobre o assunto, definiu-a como “o campo do conhecimento que busca, ao mesmo tempo, ‘colocar o governo em ação’ e/ou analisar essa ação [...] e, quando necessário, propor mudanças no rumo ou curso dessas ações [...]”. Nossa opção por tal definição decorre do fato de que a mesma contempla o ciclo inerente à nossa proposta de pesquisa: o necessário fazer, aplicar, avaliar, aprimorar e reaplicar medidas visando aquilo que Secchi (2016) concebe como a solução de um problema público, a partir de uma diretriz de trabalho.

Souza (2006) afirma ainda que ao serem formuladas políticas públicas, estas serão desenvolvidas e estruturadas na forma de programas, projetos e planos. Cumpre destacar que a concretização desses planos ocorre por meio de ações definidas e delimitadas de acordo com os objetivos estabelecidos na política proposta.

Nessa perspectiva, é válido observar que as decisões sobre políticas públicas devem obrigatoriamente levar em conta as necessidades e problemas de uma sociedade, tendo em vista a possibilidade de efetivas transformações decorrentes das

políticas governamentais implementadas (PIERSON, 1993 *apud* CORTES *et al*, 2012).

Por esse ângulo, convém assinalar que a política cultural da Uefs nasce a partir da percepção da incipiência e escassez de ações no campo artístico-cultural em Feira de Santana, como detalharemos posteriormente nesse trabalho. Por ora, cabe assinalar que tal percepção potencialmente influenciou o direcionamento da instituição no sentido de concretizar a sua política no âmbito da extensão universitária. Dessa forma, a Universidade traduziu uma parte de seu propósito em programas e ações com potencial extensionista para produzir mudanças no mundo real, como habilmente explicita Souza (2006) ao tratar da formulação de políticas públicas.

Para este trabalho de pesquisa outrossim importa considerar quatro conceitos que podem ser apresentados de forma integrada, por estarem abarcados em um mesmo campo. Referimo-nos às noções de avaliação de programas, eficiência, eficácia e efetividade. Assim sendo, iniciaremos essa abordagem fazendo menção ao conceito de avaliação de programas, que é apresentado por Jannuzzi, segundo o qual,

A avaliação de programas é um empreendimento técnico-científico de uso de métodos da pesquisa social para investigar a situação, problemas e diferentes aspectos da gestão de um programa público ao longo do seu “ciclo de vida”, da sua concepção ao usufruto dos produtos e serviços por ele disponibilizado, considerando o contexto organizacional e político em que ele se insere, com a finalidade última de informar as necessidades de aprimoramento de suas ações, de modo a contribuir, juntamente com outros programas, a melhorar as condições sociais da população. (JANNUZZI, 2009, p.129)

O conceito de avaliação de programas de Jannuzzi (2009) compreende de modo abrangente a investigação que pretendemos realizar no âmbito do Cuca (ainda não explorado em pesquisas), a respeito do qual projetamos identificar dados e informações que sirvam de base para o aprimoramento da política cultural da Uefs, a fim de que a Universidade prossiga dando efetiva contribuição para desenvolvimento local e regional, por meio das suas políticas institucionais.

Como sinalizamos, ainda no escopo do necessário referencial teórico, convém trazer três outras noções relacionadas à avaliação de programas e projetos. São eles os conceitos de eficiência, eficácia e efetividade. No caso dos dois primeiros alinharmos com o entendimento de tais elementos propostos por Chiavenato (2003), segundo o qual a eficácia é a medida de alcance dos resultados e eficiência é uma medida que tem relação com os recursos utilizados no processo. Interessante observar a percepção de Leite (2015, p. 13) sobre como tais noções fazem parte do cotidiano de um gestor, considerando que o seu desafio “[...] passa por equacionar o programa de ação pública na chave de efetividade com eficiência, de acordo com a disponibilidade de orçamento público.”

A partir de tais abordagens entendemos ser fundamental que as ações na esfera governamental sejam guiadas por tais noções, pois assim melhores resultados podem ser alcançados com maior possibilidade de retorno social positivo para a sociedade. Aqui, mais uma vez, embora a nossa experiência sugira considerável

avanço em tais práticas na administração do centro cultural, consideramos importante constatar tais percepções na perspectiva dos participantes e gestores das ações por meio de uma abordagem científica, visando contribuir com a ampliação do conhecimento dessas temáticas através da nossa experiência.

Sobre o conceito de efetividade a abordagem que adotamos é a proposta por Paludo e Procopiuck (2011) para os quais este elemento se define como “o impacto final das ações, [...] o grau de satisfação das necessidades e dos desejos da sociedade pelos serviços prestados pela instituição”. Nesse sentido, compreende-se que após a elaboração e implantação de uma política, é primordial acompanhar e avaliar se esta está sendo efetiva no seu propósito, para afastar e evitar qualquer possibilidade de mau uso do recurso público (relação com a eficiência).

Uma outra definição igualmente importante em nossa discussão diz respeito à noção de política cultural. Calabre (2007) assegura que é relativamente recente o interesse por esse objeto de estudo e Rubim (2006, p. 9), ao explorar essa temática, destaca que são de variados tipos e em número razoável os estudos empíricos voltados para as políticas culturais, ocorrendo inclusive em estudos multidisciplinares. Reconhecendo tal diversidade e transversalidade, o autor propõe dimensões analíticas com o objetivo de delimitar epistemologicamente o que caracteriza como “[...] horizonte de pertença e abrangência das políticas culturais [...]”.

Uma destas dimensões analíticas está relacionada à amplitude do conceito de cultura que pode ser adotado na definição de uma política cultural. Segundo o autor, a amplitude do conceito determina o delineamento da extensão de tal política, trazendo à tona os problemas que devem ser resolvidos por esta iniciativa.

Uma segunda dimensão que cumpre destacar é sobre o planejamento da política. Ao partir da compreensão de política pública como um conjunto de ações e formulações, traduzidas na forma de planos, programas e projetos, com seus respectivos objetivos e metas, o autor reconhece toda a complexidade e necessidade de interação com os diferentes atores que integram o cenário das políticas culturais.

Nessa vertente, Rubim e Rubim (2009) nos provocam a pensar como se dá a estruturação de um sistema cultural que contemple as diferentes demandas a serem atendidas por uma política pública de cultura. Afirmam também que esse sistema deve considerar diferentes momentos, todos eles fundamentais ao movimento cultural e que demandam a articulação na forma de políticas culturais próprias. Na perspectiva dos autores, esses momentos estão estruturados da seguinte maneira:

- 1) Criação, inovação e invenção;
- 2) Difusão, divulgação e transmissão;
- 3) Circulação, cooperação, intercâmbios, trocas;
- 4) Análise, crítica, estudo, investigação, reflexão, pesquisa;
- 5) Fruição, consumo e públicos;
- 6) Conservação e preservação;
- 7) Organização, gestão, legislação e produção da cultura (RUBIM e RUBIM, 2009, p. 16)

A observação da estrutura dessa proposta de sistema cultural reforça a percepção acerca da complexidade de interações indispensáveis para a promoção de

uma política cultural eficaz, que alcance as diferentes áreas de ação da cultura. Essa complexidade se reflete também na demanda por diferentes profissionais para integrarem a engrenagem do sistema, dado que, embora mesmo que primordialmente importantes e fundamentais, não somente de criadores e artistas pode viver um sistema de cultura, que por certo, exige a aplicação de diferentes recursos.

A fim de demonstrar tal diversidade, destacamos a visão dos autores sobre a demanda por diferentes profissionais associados aos distintos momentos integrantes do sistema cultural:

A criação cultural está associada aos intelectuais, cientistas, artistas e criadores das manifestações culturais populares. A transmissão, a difusão e a divulgação da cultura constituem o campo, por excelência, dos educadores e professores e, mais recentemente, dos profissionais de comunicação e das mídias. A circulação e o intercâmbio ficam a cargo de mediadores culturais e de outros profissionais competentes na área da cooperação cultural, como diplomatas etc. A preservação e a conservação da cultura – tangível e intangível – requerem arquitetos, restauradores, museólogos, arquivistas, bibliotecários etc. A reflexão e a investigação da cultura são realizadas por críticos culturais, estudiosos e pesquisadores. A organização da cultura solicita formuladores de políticas culturais, gestores, produtores, promotores, programadores e animadores culturais. (RUBIM e RUBIM, 2009, p. 17)

Pensar as dimensões e potencialidades da arte e cultura na sociedade, parece tornar substancial a seguinte declaração do autor: “[...] cabe lutar por uma política cultural que ao expandir as fronteiras do possível, possibilite a imaginação nas fronteiras do impossível [...]” (RUBIM, 2006, p. 16), conclusão esta que aponta para um futuro, e que corresponde à percepção, por exemplo, da artista Glaucia Nasser, citada na introdução do nosso trabalho.

Ao refletir sobre arte e cultura, ela afirma que: “[...] a cultura é nossa arte do passado, é aquilo que nos trouxe até aqui”. Comparativamente, ao falar sobre a arte, explana sobre uma relação com o futuro. Refere-se a arte como um parto, algo que renova e conduz ao porvir. Segundo Nasser, a arte “não pode ser uma repetição da nossa cultura, ela tem que avançar e nos dar novos caminhos.” Conclui assegurando que “Sem arte é impossível evoluir” (NASSER, 2019, s/p).

Sob um ponto de vista semelhante, Leite (2015) compreende que a cultura é uma forma que o indivíduo tem de se comunicar e que “o produto artístico expressa um modo de pensar e agir no contexto social.” O indivíduo pode nesse caminho “exprimir ideias, críticas, demandas, leituras, opiniões” (p. 47), exercitando assim a cidadania.

A autora situa como bem cultural o produto artístico resultante “de um processo de manifestação das capacidades humanas de produção simbólica” (p. 46), entendimento que perpassa a noção construída acerca da cultura como tudo que não foi gerado pela própria natureza, tudo que envolve a produção humana, a inventividade, a criatividade que os indivíduos são capazes de possuir e vivenciar na dinâmica de transformação do mundo.

Consideramos igualmente importante refletir aqui as observações de Nascimento (2012) acerca da arte. Reconhecendo que a noção de arte passa por modificações ao longo do tempo, o autor observa que no início do século XX, “[...] pulsavam concepções inovadoras sobre arte e o fazer artístico”, e afirma que a arte deixou de estar submetida a um lugar de simples reprodutora da realidade, passando a ser considerada “produtora de objetos reais” (p. 27).

Segundo ele, os objetos artísticos possuem uma peculiaridade por terem “sido produzidos pelo trabalho desalienado, criativo e livre”, atentando que nesse processo, o fazer artístico se tornou também uma forma de trabalho, com reconhecido potencial crítico e capacidade de modificar o mundo social.

Portanto, apesar da ampliação do conceito de arte ocorrida ao longo do século XX, o seu caráter provocativo e reflexivo predomina, o que em grande medida demonstra o caráter cultural desse conceito, que de acordo com o autor, não possui uma definição que seja absoluta, mas temporal, na medida em que depende do momento e do local.

Nascimento se refere a um “sistema cultural das artes” como um universo que abarca as produções e os objetos artísticos. Posiciona assim a arte dentro do universo cultural, mas não designando-a exclusivamente como sendo a cultura, mas um dos fenômenos culturais possíveis. A arte é, portanto, um importante elemento no universo cultural. Acrescenta ainda que, compreendendo a arte como sistema, diferentes tipos de cultura produzem diferentes tipos de arte.

Para o autor,

Pode-se falar num sistema de arte, pensando-se o universo artístico integrado por várias linguagens artísticas, como a literária, a pictórica, a musical, a escultural, a arquitetural, a teatral etc. Dessa forma, é possível entender a arte como sistema de relações de expressões e de objetos artísticos. (p. 37)

Assim como o conceito de arte, o conceito de artista também passou por evolução, após sua origem no século XVIII. A partir do pensamento de Hélio Oiticica¹, Nascimento (p. 31) situa o artista não mais como um “criador para contemplação”, mas como um “motivador para criação”. Segundo o autor, o pressuposto aqui é que qualquer pessoa que observa a arte pode ser um artista e que qualquer coisa pode ser considerada arte.

Aludindo a Gombrich (1993 *apud* NASCIMENTO, 2012), argumenta ainda que as diferentes visões de mundo por sociedades distintas parecem interferir diretamente no processo do fazer artístico. Ainda segundo o autor, “Gombrich insistia no argumento que o artista não retrata o que capta pelos sentidos, mas, ao contrário, reproduz o que pensa ser o mundo e a realidade.” (p. 34) Esse raciocínio nos remete,

¹ O site Enciclopédia Itaú Cultural descreve Hélio Oiticica como um artista performático, pintor e escultor, marcado por “forte experimentalismo e pela inventividade na busca constante por fundir arte e vida”. (HÉLIO..., 2021)

por conseguinte ao papel provocador e modificador da arte, o papel de criar, de vencer inércias, provocar mudanças, movimentar o mundo e fazê-lo evoluir, avançar, crescer.

A reflexão sobre política cultural nos leva à discussão de outros elementos teóricos importantes para compreensão do nosso fenômeno de estudo. No tópico seguinte abordaremos a temática das dimensões da cultura, passando pela evolução da noção de cultura e pelas tipologias de políticas culturais embasadas nas dimensões apresentadas.

1.1.1 Dimensões da cultura

Para a discussão sobre as dimensões da cultura, consideramos válido apresentar as pontuações de Botelho (2001) acerca desse tema. A autora considera a existência de duas dimensões da cultura, a saber: a antropológica e a sociológica, tendo por base as reflexões apresentadas pelo sociólogo chileno José Joaquín Brunner, em 1993.

A partir de tal categorização, Botelho afirma que, a dimensão antropológica vislumbra os modos de fazer da população, como as relações se desenvolvem, as construções sociais, hábitos e costumes de um grupo, práticas e vivências determinadas pelos locais onde se vive, pelo sexo, pela profissão, pela etnia, e ainda pelos diferentes interesses que uma pessoa ou grupo podem ter, indo seguramente além do conceito de cultura restrito às belas artes.

Nesse sentido, cultura passa a ser absolutamente tudo que é produzido e elaborado pelo ser humano, de forma simbólica ou material. Para a autora, o alcance desta dimensão por uma política pública, envolve mudanças profundas na sociedade e nas suas relações, transformações estas que dificilmente ocorrem de maneira rápida e perceptível no curto prazo.

Na dimensão sociológica, por sua vez, a cultura

[...] não se constitui no plano do cotidiano do indivíduo, mas sim em âmbito especializado: é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão. Para que essa intenção se realize, ela depende de um conjunto de fatores que propiciem, ao indivíduo, condições de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de seus talentos, da mesma forma que depende de canais que lhe permitam expressá-los. (BOTELHO, 2001, p. 74)

Insta observar que, na perspectiva dessa autora, ambas as dimensões são igualmente importantes e exigem diferentes estratégias no desenvolvimento de uma política pública. Propõe ainda que as diferentes esferas de poder atuem de forma complementar, compartilhando a responsabilidade na formulação e desenvolvimento de políticas públicas de cultura e dessa forma abrangendo esse conjunto de dimensões e suas respectivas possibilidades de atuação.

Pondera ainda que é importante o tratamento dessas duas dimensões de forma distinta quando se trata de investimento estatal. Visto que a estratégia a ser adotada no desenvolvimento da política cultural depende de assumir ou não um conceito mais abrangente de cultura, pois é possível que se opte pelo investimento em cultura delimitado especificamente ao universo das artes, assentindo assim a dimensão sociológica citada por Botelho.

Há o entendimento de que a dimensão sociológica está mais focada na produção de bens simbólicos, âmbito mais facilmente organizável como objeto de planejamento de ações, projetos e programas. Assim sendo, relaciona-se a cultura na dimensão sociológica como o campo que é mais privilegiado no desenvolvimento das políticas culturais, dada a relativa facilidade de institucionalização e concretude. Por esse motivo, Botelho relaciona a dimensão sociológica diretamente à expressão artística.

No entanto, a autora afirma que a dimensão antropológica é aquela que conta com o privilégio de ser a causa nobre, democrática, que pode alcançar, em um sistema ideal, todos os indivíduos, estando, portanto, como meta a ser alcançada nos discursos políticos, pelo menos no plano retórico. Apesar desse status, Botelho (2001, p. 74) reconhece que essa visão tão ampla e ideal sobre o conceito de cultura pode impossibilitar “mecanismos eficazes que viabilizem sua prática”, pois obviamente não é factível estabelecer planos e metas relacionados a um objeto (a cultura) que abarca virtualmente tudo. Por certo, alcançar o plano do cotidiano, como preconiza a dimensão antropológica, assegura a autora, requer articulação e movimento político. Este objetivo, no entanto, não parece constante na realidade e nos projetos e propostas comumente desenvolvidos na política brasileira para o campo cultural.

Esse cenário reforça por certo a percepção da secundarização do investimento em ações relacionadas à política cultural, no sentido das prioridades que são ali estabelecidas. Ou, nas palavras de Botelho (2001, p. 76), “a área da cultura tende a ser vista como acessória no conjunto das políticas governamentais”. Saliente-se que não só Botelho atenta para o fato do pouco investimento e atenção à área, autores como Machado (1984), Sarkovas (2005), Calabre (2007), Rubim e Barbalho (2007), Simis (2007), Sempere (2011), Leite (2015) e Oliveira (2019) reforçam essa percepção.

Diante do exposto, vale destacar, entretanto, que as dimensões antropológica e sociológica não são excludentes. Segundo Botelho, não se trata de opções ideológicas ou polos contrários, advertindo que “é preciso evitar que elas sejam associadas à dicotomia cultura popular versus cultura erudita” (BOTELHO, 2001, p. 76), por exemplo. A autora chama ainda atenção para o fato de que é comum que a cultura erudita tenha maior predominância nos planos oficiais em função de uma tradição histórica. Posto que essa opção reflete os valores de um grupo elitista que elege os valores importados como mais especiais.

Nesse sentido, cabe refletir sobre a evolução da noção de cultura após a Revolução Francesa, quando esta sofre a influência do pensamento liberal. Segundo Albuquerque Júnior (2007), no século XIX, a ideia de cultura estava associada ao cultivo do espírito, ao ser culto, a ter formação escolar e ser considerada uma pessoa

letrada. Por tal entendimento, alguns indivíduos podiam ter cultura e outros não, o que implica no estabelecimento de uma espécie de hierarquia. Nas palavras de Marques (2015, p. 45), embasado por Crespi e por Chauí, o que não era “Culto” equivalia a “um estágio inferior da evolução social”, ou seja, a cultura era uma coisa para poucos.

Ainda segundo Albuquerque, o conceito de cultura popular surge como reflexo da mencionada revolução, e ganha um novo sentido, deixando de estar associado à ideia pura de civilização, em favor da leitura de que “[...] a cultura passa a ser aquilo próprio, aquilo específico, aquilo que garantiria a singularidade, a identidade de cada povo e de cada nação [...]” (p. 63). Com a mudança, a elite antes tida como detentora da cultura, assume agora o papel de guardadora desses bens simbólicos resgatados e reconhecidos, com o objetivo de realizar uma espécie de depuração, ao rotular o que era digno ou não de se tornar subsídio para a produção literária ou artística.

O que se pretendia era excluir tudo que remetia ao bárbaro, ao rústico, ao chulo, tudo que, na percepção daquele grupo, pudesse ameaçar a ordem pública. Nessa perspectiva, cabe ressaltar que Marques (2015, p. 48) corrobora o entendimento de Albuquerque asseverando que “O olhar conservador das classes dominantes logo percebeu a necessidade de docilizar os costumes, as histórias, as leituras de mundo das classes populares [...]”.

De acordo com Albuquerque, a partir dessa realidade nasce o que se nomeia como folclore, como um conceito elaborado por aqueles que antes eram exclusivos detentores da cultura, mas que se veem forçados a reconhecer a existência de outras culturas. Embora precisem atentar para a cultura popular, na verdade, essa elite é composta por pessoas que pouco simpatizam com aquele povo que produz essa cultura, posto que a visão sobre estes permanece permeada, conforme Albuquerque, pela ideia de um “[...] povo mestiço, povo atrasado, povo amolecido pelo clima dos trópicos, povo que necessita de políticas eugênicas urgentes para resgatá-lo de sua indolência e de seu atraso racial e civilizacional.” (2007, p. 65) Tais ideias lamentavelmente ainda soam familiares atualmente, sobretudo no presente momento vivido por este país.

Interessante observar que, quando os que eram reconhecidos como únicos detentores da cultura se veem forçados a aceitar a existência de uma cultura popular, estes não resistem ao afã de depurarem essa nova descoberta com seus paradigmas e ideias, buscando combater o que, em suas visões, seria vulgar, grosseiro, ou que com efeito divulgaria aquilo que preferiam negar a existência e o espaço.

O reconhecimento e legitimação da existência de outras culturas poderia ter sido asfixiado pela tentativa de domesticação, sobretudo por parte das elites, como podemos notar até aqui, mas esforços conjuntos têm produzido de fato mudanças positivas no sentido de ampliar e legitimar as diversas formas de cultura ao longo da história. Como bem enfatiza Cevalco (2012, p. 24), o termo cultura vem sofrendo flutuações em seu sentido, o que produz mudanças históricas que impactam diretamente as políticas públicas de cultura. Sob esse ponto de vista, é válido destacar

que a Unesco², na Declaração sobre a Diversidade Cultural, propõe uma importante ampliação dessa noção de cultura, preconizando que

[...] a cultura deve ser considerada o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afectivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças [...] (UNESCO, 2001, p. 01)

Para fins de compreensão do nosso objeto de estudo, adotamos esta concepção formulada pela Unesco como uma noção ampla e possuidora dos pressupostos básicos para formulação de uma política cultural. Além disso, tal definição possui respaldo internacional, tendo sido acatada pelos países-membros desta organização e indicada como base para o desenvolvimento de suas políticas internas.

Ademais, para compreendermos as flutuações de entendimento acerca do tema cultura, convém refletir sobre dois paradigmas que refletem, em nossa opinião, a referida evolução. Os paradigmas que trataremos a seguir são a democratização da cultura e a democracia cultural, também versados por Leite (2015) como tipologias de políticas culturais que podem ser desenvolvidas pelo Estado no campo da cultura. Vale destacar que segundo Lima, Ortellado e Souza (2013), os textos do teórico Volkerling e a literatura latino-americana corroboram a proposta de classificação desses paradigmas como tipos de política cultural.

Para compreender as noções de democratização e democracia cultural, é válido retomar que, notadamente outrora, acreditava-se na superioridade de uma atividade ou arte em relação a outras, bem como de determinados bens culturais, que eram tidos como mais valiosos socialmente que outros. Leite (2015) aludindo a Cevalco (2012), analisa que, em especial até a década de 1960, as ações estatais se limitavam a difundir as atividades e obras nomeadas como da alta cultura, a fim de promover o acesso de todas as classes sociais a esses produtos. Logo, o movimento de democratização da cultura se origina tendo como base o que se conhece como cultura erudita.

Corroborando essa percepção, Botelho (2007a) observa assertivamente que a democratização cultural corresponde à disseminação da cultura erudita, ou da única cultura que possuía legitimação social, para um povo que ainda não a conhecia, que não tinha acesso ao que de 'melhor' podia ser produzido pelo homem no campo exclusivo das artes. Essa perspectiva, reconhecida como elitista, denota o pensamento que permeia o fundamento das políticas de democratização cultural.

Esse processo se concentra mais detidamente na busca por ampliação das oportunidades de acesso ao universo artístico, como mencionamos, socialmente legitimado, sendo este objeto de difusão. Botelho (2007b) ressalta ainda que se trata

² Definição em sintonia com as conclusões da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982) promovida pela Unesco.

de um movimento vertical, que impõe àqueles que estão embaixo determinados valores desejáveis como universais, ou seja, um movimento unilateral, que ignora a existência de culturas diversas. Do mesmo modo, Marques (2015) se refere a um modelo hierarquizado de cultura resultante de uma ação política conservadora, que subdivide e hierarquiza a cultura.

Dado que a democratização cultural foi o paradigma adotado em diversos países por muitos anos, vale destacar que apesar dos aspectos negativos vinculados à predominância elitista em suas ideias de base, desse movimento de democratização decorrem também consequências positivas. Afinal, na busca por ampliar o acesso da população a bens culturais, têm-se também o processo reflexivo, os estudos e o empenho em tornar o direito cultural um direito de todos.

Pelos motivos já expostos, é certo que o pressuposto que embasa o processo de democratização cultural se revela imperativo de ser superado, no entanto, cabe ressaltar que é no trajeto da democratização que se identifica a necessidade de ampliar tal paradigma para um modo que enseje uma vivência cultural efetiva para todos os indivíduos. Como certifica Botelho (2007b, p. 178), “no mundo da cultura haverá transformações na medida em que estratos que dele participam ativamente, como criadores ou receptores, se tornem mais amplos e inclusivos”.

No mesmo texto que trata sobre as dimensões antropológica e sociológica da cultura, a autora afirma que

Hoje, parece claro que a democratização cultural não é induzir os 100% da população a fazerem determinadas coisas, mas sim oferecer a todos – colocando os meios à disposição – a possibilidade de escolher entre gostar ou não de algumas delas, o que é chamado de democracia cultural. Como já mencionado, isso exige uma mudança de foco fundamental, ou seja, não se trata de colocar a cultura (que cultura?) ao alcance de todos, mas de fazer com que todos os grupos possam viver sua própria cultura. A tomada de consciência dessa realidade deve ser uma das bases da elaboração de políticas culturais (BOTELHO, 2001, p. 82)

Propõe dessa forma que se conjecture uma política pública de cultura que alcance não somente uma dimensão da vida cultural, mas muitas dimensões, com a premissa de abandono de quaisquer preconceitos existentes sobre o que pode ser ou não considerado cultura. Assim sendo, reconhece que sucede daí um necessário ajuste do debate, que tende a se deslocar do universo exclusivo das artes para um nível de maior abrangência (BOTELHO 2007b), nível este que poderia efetivamente viabilizar práticas de democracia cultural, tido como um modelo amplo e inclusivo.

Outros autores têm se debruçado sobre a temática da democracia cultural e embora estes possuam entendimentos alinhados à visão que Botelho apresenta, intuímos ser relevante expor tais visões, pois que as abordagens dos mencionados estudiosos por certo enriquecem o processo de reflexão acerca de tão importante questão. Nessa linha, iniciamos tal reflexão citando Leite (2015), dado que a autora compreende a política de democracia cultural como uma garantia de oportunidade para promover a “liberdade dos indivíduos, através do processo de valorização de sua

criação ou de suas escolhas quanto ao que fruir, consumir e vivenciar.” (p. 47) Dessa forma, o Estado deve assegurar a todos o direito de participarem da produção da cultura, considerando que a cultura está relacionada ao modo de vida dos indivíduos e seus grupos.

Um outro autor que reforça essa ideia é Marques (2015), ao propor um projeto de democracia cultural pautado na dinâmica e na pluralidade. O autor adverte que é preciso que o Estado considere o contexto social ao planejar políticas culturais, atribuindo ao Governo a responsabilidade de refletir sobre uma participação ampliada de particularidades diversas, visto que há uma variedade de significações da realidade possíveis de acontecer nas expressões artístico-culturais. Traduzindo essa proposta de forma prática, ele afirma que a concepção de uma política pública de cultura com vistas a alcançar o paradigma da democracia cultural, remete a ações que objetivam:

I) o alargamento dos espaços públicos, II) o fomento e o reconhecimento de diferentes manifestações culturais, III) a compreensão do espectador cultural não limitado à concepção de consumidor cultural, um sujeito unitário, e sim como um agente social ativo e múltiplo, IV) o Estado como mediador e regulador na esfera econômica relativa à produção e distribuição de bens culturais, V) o reconhecimento dos espaços públicos como espaços potenciais de ação cultural direta de diferentes públicos — podendo romper com a legalidade cultural dos espaços consagrados e de consagração do campo artístico-cultural, contribuindo, assim, para o processo de desmarginalização e descriminalização cultural nos espaços públicos — e VI) abrindo espaço para a efetiva participação pública-plural às diferentes práticas artísticas e culturais presentes no espaço social, isto é, a participação que chegue aos espaços e instâncias de decisão política; a maximização da participação pode avançar no sentido de evidenciar, também nos espaços culturais estatais, a pluralidade de práticas artísticas e culturais que se encontram no espaço social. (2015, p. 50)

Já para Ander-Egg (1987 *apud* LIMA, ORTELLADO e SOUZA 2013), a democracia cultural envolve a ampliação do paradigma de garantia do acesso ao bem para uma garantia de oportunidade de acesso aos instrumentos de desenvolvimento da cultura de forma autônoma, de forma a assegurar a participação de todos na realização das atividades culturais, por meio do fomento a essa participação, considerando que existem diferentes tipos de produção cultural.

Lima, Ortellado e Souza (2013, p. 4), por sua vez, após analisarem a visão de diferentes autores, avaliam que a democracia cultural deve atuar na “valorização das práticas culturais populares e comunitárias”. Consideram, entretanto, essa tipologia como predominantemente teórica. Por outro lado, a respeito da democratização cultural, os autores concordam que esta pretende notadamente difundir o que é tido como cultura consagrada.

Para nós parece claro que a noção de cultura com a qual se trabalha hoje já não é a noção excludente de cultura como erudição. Contudo é possível concluir que, mesmo com alguns passos dados, permanece incompleta a missão do Estado

brasileiro de garantir o desenvolvimento de todas as culturas, de forma a promover a legitimação e o reconhecimento de toda diversidade existente.

Em nossa visão, a completude dessa missão em nosso país ainda depende por certo de vontade política, visto que, como discutiremos mais adiante, ainda não podemos afirmar que o Brasil possui uma política de Estado efetivamente voltada para o campo da cultura, o que requer investimento e ações continuadas. Sobre essa temática, Sarkovas (2005, s/p) afirma que

A cultura é uma questão de interesse público e, portanto, requer políticas e investimentos de Estado, como a saúde, a educação, o transporte e a segurança. Os governos têm a responsabilidade de estabelecer objetivos, elaborar estratégias e investir no desenvolvimento cultural, o que significa interagir com inúmeros agentes não-governamentais, financiar, em menor ou maior parte, seus processos de pesquisa, formação, criação, produção, distribuição, intercâmbio e preservação, e garantir a todos os estratos da população e ao país condições amplas de acesso, fruição e expressão cultural. Para tanto, o Estado deve estipular no orçamento público recursos suficientes para implementar suas políticas culturais, o que implica confrontar a cultura com outras áreas de interesse público.

Para que escolhas sejam feitas no sentido do investimento em cultura, é importante ter em vista que há benefícios diretos associados a esse investimento. Dentre esses benefícios, segundo Botelho (2007a), é possível citar um melhor nível de criatividade e, portanto, da capacidade de inovar, aumento da eficiência e também da produtividade, não só de indivíduos, mas também da sociedade. Entendemos que estes, por si só, são motivos mais que suficientes para justificar tal investimento por parte do Estado. Mas arrematando essa ilustração, Porto concebe que devemos ter

[...] uma política cultural voltada para a formação cultural das pessoas, de ampliação dos imaginários e das sensibilidades, para tornar a vida àquilo que ela deveria ser por princípio: mais humana. Uma política de cultura que ponha alma no processo de desenvolvimento, que inspire as pessoas e as impulsione de forma crítica e construtiva a enfrentar os desafios da vida pessoal e coletiva.” (2007, p. 174-175)

Segundo a autora, por meio da cultura o ser humano busca o conhecimento, o alto aprimoramento e dessa forma alcança o sentido de pertencimento e a capacidade de trocar simbolicamente. Nessa mesma linha Pimentel e Rocha (2017) compreendem que a política cultural tem a função de construir a sociedade, contribuindo com uma formação humana dos indivíduos. Posto que os objetivos de qualquer política pública devem estar voltados para melhoria da qualidade de vida da população por ela atendida, é importante que haja espaço e oportunidade para que todos avancem no desenvolvimento da arte e da cultura. Em nosso entendimento, a política cultural pode efetivamente promover esses avanços e inúmeras melhorias no cotidiano.

Além do exposto até aqui, cumpre observar ainda a cultura como um direito. Esse direito está inserido internacionalmente no âmbito dos direitos humanos, e o Estado tem a obrigação de realizar planos e ações no sentido de promover e assegurar o direito cultural a todos, o que pode ocorrer seguramente por meio das políticas culturais. Meyer-Bisch (2011) aponta a importância do papel do Estado na promoção desses direitos afirmando que

[...] podem ser definidos como os direitos de uma pessoa, sozinha ou coletivamente, de exercer livremente atividades culturais para vivenciar seu processo nunca acabado de identificação, o que implica o direito de aceder aos recursos necessários para isso. (p. 28)

Cabe ao Estado, portanto, assegurar uma estrutura que promova o atendimento das necessidades que envolvem os direitos culturais. Nesse sentido, vamos observar como esses direitos podem ser atendidos a depender da perspectiva de cultura adotada. Sob a ótica de Donders (2011),

Se considerarmos cultura de uma perspectiva restrita como sendo aquilo que corresponde a produtos culturais, como artes, literatura e patrimônio cultural material e imaterial, então os direitos culturais poderiam incluir a proteção desse patrimônio cultural, assim como o direito ao acesso a produtos culturais e ao patrimônio cultural em museus, teatros e bibliotecas. Se considerarmos cultura do ponto de vista do processo de criação artística e científica, os direitos culturais poderiam incluir, por exemplo, os direitos de liberdade de expressão, liberdade artística e intelectual, além de direitos relacionados com a proteção de produtores de produtos culturais, inclusive direitos de autor. Por fim, se considerarmos cultura como sendo um modo de vida, a soma das atividades e dos produtos materiais e espirituais de uma comunidade, então os direitos culturais compreenderiam todos os tipos de direitos para manter e desenvolver culturas, como o direito à autodeterminação, incluindo o desenvolvimento cultural, os direitos de liberdade de pensamento, religião e associação e o direito à educação. (p. 93)

É notório que as possibilidades de atuação do Estado no campo da cultura são muitas. Mas como uma síntese, podemos citar a visão de Lima, Ortellado e Souza (2013) acerca dessas possibilidades. Os autores consideram, em suma, que o Estado pode atuar na preservação do patrimônio, no reconhecimento da diversidade cultural, no fortalecimento da indústria cultural, no fomento à indústria da economia criativa, na ampliação do acesso às artes e também no apoio e fomento à cultura popular e comunitária, o que para eles evidencia o potencial cumulativo das políticas culturais.

É basilar reconhecer que a formatação do tema política pública de cultura, nos moldes acima apontados, é relativamente nova nos planos governamentais. Ainda assim, acreditamos ser importante delinear um breve panorama histórico das ações no campo da cultura, que ocorreram no Brasil ao longo do século XX até os dias atuais, tomando por base as discussões sobre as dimensões da cultura abordadas.

1.1.2 Breve histórico da política pública de cultura no Brasil

As primeiras políticas públicas de cultura no Brasil datam do início do século XX. Antes disso, esse assunto era pouco contemplado em ações do governo e por muito tempo, conforme Coutinho (2000 *apud* RUBIM, 2012, p. 30), a cultura foi “tratada como um privilégio e como um ornamento”. Pior que isso, como veremos, durante muito tempo, ignorou-se o potencial dinamizador que a cultura poderia ter “como via de desenvolvimento ou instrumento para a democracia” (PORTO, 2007, p. 161), sobretudo em uma sociedade tão desigual quanto a brasileira.

Nesse sentido, concordamos com Pimentel e Rocha (2017, p.118) quando estes advertem sobre a inadequada concepção de cultura como “[...] uma simples alegoria ou como apenas um momento de descontração”, ou ainda como um espaço no qual caiba qualquer tipo de hierarquização. Portanto, é premente em nossa visão o reconhecimento do papel formador e transformador da cultura, assim como o seu potencial desalienador, como abordado pelos referidos autores, com base em reflexões feitas a partir de Lukács.

Acerca das políticas culturais no Brasil, diversos autores concordam que o marco inicial é a década de 1930, com a implantação do Ministério da Educação e Saúde. Porém, a história da política cultural brasileira se divide em diferentes momentos. Como veremos, o mais promissor deles certamente ocorre somente a partir dos anos 2000.

Notadamente no seu início, a atuação do Estado no âmbito da cultura estava voltada quase exclusivamente para a preservação do patrimônio histórico e para construção de uma memória nacional (LIMA, ORTELLADO e SOUZA, 2013). As políticas de democratização e democracia cultural serão pensadas com o tempo e com a evolução do entendimento sobre cultura, por figuras como Mário de Andrade, por exemplo.

Acerca desse personagem, cabe ressaltar que as percepções sobre ele são ponto de concordância entre diversos autores que se debruçam em estudar a história das políticas culturais no Brasil. A contribuição de Mario de Andrade em sua passagem pelo departamento municipal de cultura na cidade de São Paulo, entre os anos de 1935 e 1938, teve sem dúvida o seu impacto expandido para além dos limites geográficos do município paulista.

Embora haja também o reconhecimento de limitações e deficiências na gestão de Mário de Andrade, autores diversos reconhecem a relevância da sua gestão, considerada um marco que iniciou e influenciou a política cultural de forma sistemática no país. Rubim (2007) classifica a gestão como exuberante e criativa, Botelho (2007a) como ambiciosa e Simis (2007), por sua vez, assevera que foi ele o primeiro a engendrar uma política pública cultural no Brasil pensada para além das elites, com a visão de cultura como um direito de todos.

Sobre a gestão da cultura por Andrade, vale destacar ainda as anotações feitas por Botelho (2007a) e Rubim (2007, 2012). Segundo a primeira, Andrade sempre enxergou a arte como fundamental no processo do desenvolvimento humano. Em sua

gestão, ele ousou na definição de cultura considerando em grande medida as belas artes, mas indo também muito além destas.

Rubim, por sua vez, destaca a ressignificação do papel da cultura, que passa a ser vista como essencial na sociedade, a ampliação da atuação estatal em diferentes áreas da cultura e o avanço no entendimento sobre patrimônio, com uma expansão que passa a incluir nessa noção distintos estratos da sociedade. Além disso, ocorre uma busca para conhecer mais profundamente os acervos culturais brasileiros ainda não explorados em regiões mais afastadas como a região amazônica e a nordestina.

A gestão de Mario de Andrade na prefeitura de São Paulo acontece quase simultaneamente à gestão de Gustavo Capanema no âmbito federal. Ainda segundo Rubim, ambos marcam positivamente esse momento inicial das políticas culturais no Brasil. Ressalte-se que Capanema respondeu pelo setor cultural no governo Vargas, sendo responsável por diversas intervenções e criação de legislações nessa época, que marcaram a inauguração de uma política de cultura em nível nacional.

O autor, ao tratar da figura de Gustavo Capanema, o descreve como “esteticamente modernista e politicamente conservador” (2007, p. 16), e destaca a interação deste com artistas e intelectuais, figuras estas por vezes consideradas progressistas naquele momento (2012). Capanema dirige o recém-criado Ministério da Educação e Saúde no período de 1934 a 1945. Rubim reconhece marcas positivas na gestão de Capanema, mas alerta contudo que essa gestão inaugura uma tradição problemática na história da política cultural do país. Trata-se da “[...] íntima relação entre governos autoritários e políticas culturais nacionais [...]” (2017, p. 62), que mais tarde será retomada com vigor no período da ditadura militar na década de 1960.

Ainda na perspectiva do autor, ao se observar a política cultural no Brasil, um órgão não passa despercebido. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) é uma instituição emblemática, sendo exemplo pela consistência e durabilidade de suas ações e planos. A proposta do SPHAN³ envolvia a preservação de patrimônios representados por importantes monumentos, aspecto que retratava igualmente o seu caráter elitista e limitado quando se pensa na já citada ampliação da definição de cultura provocada na gestão de Mário de Andrade.

Foi em meio a esse cenário que, se por um lado o país contou com a inauguração de uma sistemática voltada para políticas culturais com a criação de diversos órgãos, por outro lado se mostrou também a face repressora que marcou a atuação do Estado na área de cultura no período, principalmente com a atuação do Departamento de Informação e Propaganda (DIP), que transitava entre a tentativa de atração dos artistas e a repressão e censura, conjugando assim um perfil desfavorável para o panorama cultural geral.

Haja vista a existência dessa face repressora do Estado, como acabamos de citar, convém acrescentar a este dado a informação de como o Estado se vale, nesse

³ Atualmente o órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo (IPHAN, 2021).

momento e em outros, da área cultural para reforçar questões ligadas ao autoritarismo. A face mais cruel dessa ligação aparece na forma da já citada censura e repressão, mas também com perseguições e muitas vezes violência. De acordo com Rubim (2012), o período ditatorial fica especialmente marcado pelo desejo de diminuir a influência do universo escolar-universitário sobre a cultura, estimulando sobretudo uma cultura midiaticizada. O autor adverte ainda que “a história das políticas culturais do Estado nacional brasileiro pode ser condensada pelo acionamento de expressões como: autoritarismo, caráter tardio, descontinuidade, desatenção, paradoxos, impasses e desafios.” (RUBIM, 2007, p. 11)

Continuando a nossa linha histórica, destacamos que após o que foi conhecido como período de inauguração das políticas culturais brasileiras e no decorrer dos anos seguintes, o que se constata é um descompasso entre o desenvolvimento da sociedade na perspectiva cultural e a política nacional de cultura, desde então marcada por consideráveis instabilidades e descontinuidades. A noção limitada e de caráter elitista relativa à definição de patrimônio, por exemplo, aparentemente só começa a ser efetivamente superada com a breve atuação de Aloísio Magalhães em âmbito federal.

Magalhães, tido como um intelectual administrativo nas palavras de Ortiz (1984 *apud* RUBIM, 2007), homem dinâmico, criativo e com boa penetração nos setores de influência, segundo Rubim (2007), e um bom articulador político, de acordo com Botelho (2007a), é uma outra figura que apesar de uma passagem rápida nas esferas de gestão a partir do final da década de 1970, trouxe contribuições e transformações importantes para a gestão cultural.

Para Botelho,

Aloísio radicaliza a opção pela dimensão antropológica da cultura e a adota como baliza de sua política. Neste plano, pode-se dizer que a *cultura é tudo* – para Mário de Andrade tudo era arte – o que o ser humano elabora e produz, simbólica e materialmente falando, o que exige um talento de articulação muito grande para congregar outros setores da gestão pública, pois deve ser assumido como um pressuposto geral de governo e não exclusivo do setor de cultura.” (BOTELHO, 2007a, p. 120)

A concepção antropológica de cultura assumida por Magalhães o move na direção de inovações e renovações de antigas concepções predominantes na gestão da cultura no país. A sua proposta política envolve a democratização do acesso a cultura, a difusão e ampliação dos meios de acesso do povo ao que é produzido no meio artístico-cultural (PORTO, 2007). Essa proposta mais tarde será superada em função do entendimento sobre democracia cultural, mas esse ponto não invalida a efetiva colaboração desse importante personagem na história cultural do país. Aloísio Magalhães morre prematuramente, mas assoalha uma estrutura que, com a ação conjunta de opositores da ditadura, políticos ligados a cultura, artistas e intelectuais, reivindica o reconhecimento da cultura com um ministério próprio, o que vem a ocorrer no governo de José Sarney, em 1985, junto com o início da redemocratização do país.

Entretanto, em contraste com a expectativa de todos que ansiavam pela criação de um Ministério próprio para a cultura, essa institucionalização não representou a concretude de ações continuadas na área. Efetivamente, é difícil afirmar até que havia uma política cultural. Sob esse ponto de vista, cabe apontar que autores como Rubim (2007, 2012) e Botelho (2007a) apontam a instabilidade como uma marca das políticas culturais brasileiras. No ano de 1986, por exemplo, como um incremento negativo nesse cenário, o Estado adotou como base da sua política cultural a lógica do incentivo fiscal, tida em muitos momentos como a única efetiva política estatal. O incentivo fiscal, contudo, mormente no caso brasileiro, concretiza a transferência do poder de intervenção na área cultural para a esfera privada, ao invés de ser usado como um recurso distinto e complementar. O que ocorre é que o mercado passa a decidir como serão aplicados os recursos públicos destinados a cultura.

Essa realidade e os problemas dela decorrentes são observados por muitos autores como Botelho (2001), Castello (2002 *apud* RUBIM, 2007), Olivieri (2004 *apud* RUBIM, 2007), Sarkovas (2005), Calabre (2007), Porto (2007), Rubim (2007, 2012, 2015), Carvalho, Guimarães e Goulart (2008), Leite (2015) e Oliveira, N. (2018). Os mais evidentes dos prejuízos, relatados pelos autores citados, são a concentração de recursos em poucos projetos e regiões, a diminuição do acesso ao financiamento por pequenos produtores, a pouca destinação de recurso privado, com uso quase exclusivo do dinheiro público, a desigualdade de investimentos entre as diferentes áreas artísticas, dentre outros.

Como bem afirma Sarkovas (2005, s/p), o Estado tem “a responsabilidade de fomentar a criação artística e intelectual e a distribuição do conhecimento, bases do progresso humano” e não pode se furtar desse papel, transferindo-o a outros entes com objetivos e fins prioritários distintos destes, pois ainda que as empresas considerem tais questões em seus valores e em sua visão, a iniciativa privada tem como objetivo primeiro o lucro e o crescimento dos empreendimentos. Insta observar, porém, que não fazemos aqui juízo de valor ou relacionamos esse propósito como um demérito, posto que o Estado e a iniciativa privada possuem de fato finalidades diferentes.

O Brasil passou, por mais de uma vez, pela criação e extinção do seu Ministério da Cultura e como se fossem poucos os desafios na institucionalização da cultura, constata-se ainda que nos momentos de existência desse ministério, sobretudo após 1985, este padeceu fortes instabilidades de gestão, suportando em alguns desses momentos, vertiginosas (de tão rápidas e contínuas) alterações do gestor principal, o que provocou por consequência, a descontinuação de ações, projetos e programas ali estabelecidos, segundo Calabre (2007).

Complementando esse breve apanhando histórico, partiremos para observar o que, como mencionamos, é considerado o momento mais promissor das políticas culturais brasileiras. A partir de 2003, em uma clara busca de contrapor e superar a difícil realidade da política cultural no país, o Governo Lula inaugura um período de consistentes ações no intuito de garantir esse direito básico ao povo brasileiro, momento que Simis (2007) define como de significativa mudança no rumo. A cultura

é vista enfim como um direito e concomitante a isso se vislumbra o seu potencial como estratégia de inclusão social, uma das bandeiras do então governo.

Do mesmo modo, Leite (2015, p. 35) assevera que somente a partir desse momento ocorre uma “retomada na construção de diretrizes para o estabelecimento de uma política verdadeira para o campo da cultura”. Rubim (2012), por sua vez, destaca que “o essencial desafio de formular e implementar políticas culturais em circunstâncias democráticas foi nitidamente colocado na agenda do ministério” (p. 40), tendo este ciclo sido iniciado na gestão de Gilberto Gil como ministro da cultura.

Gil buscou ampliar a abrangência da área de cultura e assumiu a perspectiva de tornar a política cultural um campo de atuação efetiva do Estado (GIL, G., 2003). O ministro norteou a sua gestão com base na noção antropológica de cultura, o que Rubim (2007, p. 30), corroborando Botelho (2001), considera uma visão “até excessivamente ampliada”.

O autor observa que mesmo com esse desafio decorrente da amplitude do conceito, tal visão conduziu o Ministério a atuar em frentes pouco contempladas em momentos anteriores, como a diversidade cultural, economia da cultura e indicadores culturais, por exemplo. Buscou-se ainda corrigir os problemas de concentração de financiamentos via lei de incentivo em determinadas regiões do país, tendo alcançado em certa medida algum êxito.

Ao voltar a atenção para a antiga reflexão sobre ampliação do conceito de cultura, o ministério com Gil modifica os seus limites de atuação indo muito além do que se considera erudito e passa a alcançar o povo, essencialmente mestiço, rico em suas diferentes culturas e em diversidade tão grande quanto à dimensão geográfica do país.

Sob a ótica de Calabre (2007), nesse momento tem início de fato a construção de um Ministério da Cultura no Brasil. Circunscrevendo-se aí um caminho tangível para a política pública de cultura, que segundo Rubim (2012, p. 41) é um “substrato democrático para a viabilização de políticas de Estado, que transcendendo governos, possam viabilizar políticas nacionais mais permanentes”. Essa é notadamente a proposta daquele governo.

A partir daí o Brasil passa a contar com um Plano Nacional de Cultura e com o embrião de um Sistema Nacional de Cultura. A construção de políticas que assegurem a continuidade de ações públicas de cultura recebe especial atenção estatal nesse momento. Essa construção se desenvolve em vários aspectos de forma coletiva, com participação ativa da sociedade em seminários, encontros, fóruns, conferências, todos estes considerados espaços para discussão das estratégias e definição de prioridades na área.

Todavia, mesmo com todos esses esforços, consideramos que o plano de consolidar a política de cultura como uma política de Estado ainda não foi efetivamente alcançado no Brasil e esta permanece sob o jugo das vontades políticas expressas nos diferentes planos de governo. Com efeito, há ainda que se estabilizar no país uma política pública de cultura. Nessa perspectiva, Rubim (2017, p. 74) adverte que “A luta pela institucionalidade da cultura continua com impressionante atualidade no Brasil contemporâneo.”

Isto posto, intuímos que Calabre (2007) estava correta em demonstrar preocupação com a continuidade das políticas desenvolvidas, considerando este um desafio a se ter permanentemente em vista. A autora considera a cultura como uma questão de desenvolvimento, que em hipótese alguma deve ser abandonada. Nesse sentido, insta destacar que, segundo Donders (2011), a relação entre cultura e desenvolvimento foi oficialmente reconhecida em 1982, durante a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais - Mondiacult, México, promovida pela Unesco, que contou com a participação de praticamente todos os Estados-membros da Organização. Nessa mesma conferência foi completamente rechaçada a noção de hierarquização das culturas.

Como um exemplo de desenvolvimento e investimento no campo cultural, convém citar o caso da Coreia do Sul. De acordo com reportagem publicada no Portal G1, o país era considerado o 30º maior mercado de música em 2007, passando para a 6ª posição 10 anos depois. Para que isso acontecesse algumas mudanças foram necessárias. A primeira dessas transformações decorreu por certo da alteração da visão estatal acerca do tema cultura. Acerca disso, o diplomata sul coreano, Sang Kwon, afirmou em 2019, que a Coreia do Sul passou a investir na área de cultura a partir da compreensão de que se tratava de um mercado de futuro, que traria resultados (ORTEGA, 2019).

O contexto inicial dessa mudança é brevemente ilustrado em um vídeo do canal *Entre Planos*, do Youtube. No vídeo Max Valarezo descreve os impactos culturais do filme “Jurassic Park”, de 1993, e salienta que naquele ano o filme lotou as salas de cinema sul-coreanas por várias semanas, gerando uma receita que superou a todas as vendas de automóveis da Hyundai no país. Tal fenômeno chamou a atenção do governo da Coreia do Sul, que então determinou-se a investir no campo cultural como uma oportunidade de ação e, portanto, de investimento estatal. Desde então a Coreia do Sul logrou reposicionar-se como um dos grandes polos da indústria cultural em escala global, tendo a música popular Coreana (conhecida como k-pop) e o seu cinema (recentemente laureado com o prêmio do Oscar ao filme *Parasita*) como expressões perceptíveis do sucesso de tal empreendimento. (VALAREZO, 2020)

Essa ocorrência demonstra um fenômeno descrito por Lima, Ortellado e Souza, da seguinte forma: “Se o processo de geração de valor nas economias capitalistas estava migrando das atividades industriais para as atividades ‘informacionais’ então a cultura, domínio do simbólico, passava a ter grande relevância econômica.” (2013, p. 8)

Além do investimento interno no campo da cultura no país - pelo menos 3 vezes maior do que o investimento brasileiro - a Coreia do Sul, a partir de meados da década de 1990, investiu no projeto de um Centro Cultural Coreano, que em 2019, já estava implementado em 33 países. Esses centros atuam difundindo a cultura sul coreana, que por sua vez vem alcançando um notório patamar de reconhecimento internacional.

Segundo Andrietta (2017), ocorre com efeito uma atuação proativa do governo sul coreano em relação às políticas de cultura. Nesse caso prático, a indústria da economia criativa se tornou alvo da política pública de cultura no país, sendo esta

reconhecida como área digna de vigoroso investimento estatal, o que tem assegurado consequentemente o crescimento e o desenvolvimento econômico em torno dessa atuação.

Retornando ao caso brasileiro, sinteticamente, cumpre observar a trajetória da cultura na organização política do país. Historicamente, a área esteve ora vinculada a um Ministério da Educação e Saúde, ora a um Ministério da Educação e Cultura, ora contou com um ministério próprio e por fim, atualmente, repousa quase inerte no Ministério do Turismo, após uma rápida passagem pelo Ministério da Cidadania, imediatamente depois que o governo Bolsonaro extinguiu o Ministério da Cultura. Antes disso, o governo Temer também extinguiu e recriou o então ministério. Lamentavelmente, a impressão é que não se sabe o que fazer com a cultura no país.

À vista disso, Sempere aduz que

[...] as políticas culturais encontraram sérias dificuldades para integrar-se e consolidar-se dentro do conjunto das políticas públicas. [...] encontram-se sempre na fronteira entre sua colocação à margem e sua inclusão no conjunto das políticas públicas, de acordo com a capacidade que as administrações possam ter para prescindir delas ou de situá-las fora do núcleo duro da ação pública em um país. (2011, p. 118)

Por certo, a instabilidade na manutenção de um ministério demonstra também o grau de priorização que a área da cultura possui em nossa condução política. Somados a estes problemas, constam outros mais, como os desmontes e a escassez de recursos, sendo perceptível que as últimas experiências de desmonte da área cultural estiveram geralmente atreladas às iniciativas neoliberais no país, como observado por Bonfim (2003), Albuquerque Júnior (2007), Calabre (2007), Botelho (2007a), Simis (2007) e Rubim (2007, 2009, 2012), Cavalcante (2012), Cerqueira (2018) e Oliveira, N. (2018).

Após a nossa sucinta apresentação de um panorama histórico da política de cultura no Brasil, que como vimos, ficou marcada pelo baixo nível de prioridade, orçamentos reduzidos e instabilidades institucionais, cabe ainda trazer ao horizonte de análise o instrumento que deveras seria a base para tornar a política pública de cultura uma política de Estado: o Plano Nacional de Cultura.

Segundo Rubim (2012), o primeiro Plano Nacional de Cultura no Brasil data do ano de 1975, momento de criação de diversas instituições culturais. Uma outra tentativa de instituição do Plano Nacional de Cultura (PNC), dessa vez em um momento de democracia, foi realizada no ano de 2005, durante o primeiro mandato do governo Lula. Nesse momento, a premissa do plano foi inserida na Constituição Federal pela promulgação da Emenda Constitucional nº 48, de 10 de agosto de 2005 (BRASIL, 2005).

A Emenda que instituiu o PNC representou, portanto, um passo importante para a promoção do desenvolvimento cultural brasileiro e para garantia de ações públicas no sentido de a) valorizar o patrimônio cultural; b) produzir, promover e difundir bens culturais; c) qualificar pessoal para gestão da cultura; d) democratizar o acesso aos

bens de cultura; e) valorizar a diversidade étnica e regional, conforme explicitado no texto da emenda.

Embora instituídas tais diretrizes, o instrumento legal que aponta como devia ser a implementação do PNC só foi publicado sete anos mais tarde, com a Lei Nº 12.343, no dia 2 de dezembro de 2010. A partir de então, ficaram definidos os doze princípios para a regência do Plano, com vigência de dez anos.

Ademais, Rubim (2010, 2017) observa ainda que o elevado número de diretrizes, ações e prioridades (14 diretrizes, 36 estratégias e 275 ações) propostos no Plano inicialmente poderiam comprometer em grande medida a capacidade do Estado ter êxito no cumprimento dessas ações, principalmente considerando o prazo limitado que o plano contém. Esse fato, portanto, com efeito se tornara mais um empecilho, além de tantos outros historicamente existentes, no caminho da institucionalização e concretização de uma efetiva política cultural nacional.

Tendo em vista o cenário que acabamos de citar, em continuidade às ações governamentais no campo da política cultural, em 2012 ocorreu o lançamento das 53 metas⁴ do PNC, com o objetivo de tornar possível a execução do Plano. Essas metas devem ser acompanhadas nos dias atuais pela Secretaria Especial da Cultura (vinculada até outubro de 2019 ao Ministério da Cidadania e nesse momento ao Ministério do Turismo), que assumiu as competências do antigo Ministério da Cultura.

No ano de 2012 ocorreu também a promulgação da Emenda Constitucional nº 71 (BRASIL, 2012), que incorporou o Sistema Nacional de Cultura (SNC) à Constituição Federal brasileira. De acordo com Rubim,

O SNC busca articular, de modo voluntário, os entes federativos – União, estados e municípios – em trabalho colaborativo e complementar. O termo da adesão voluntária ao SNC prevê que cada ente federativo deva constituir um órgão específico de gestão em cultura (secretaria específica, secretaria compartilhada, fundação, diretoria, departamento etc.); um conselho de cultura, instituído em moldes democráticos; e um fundo de apoio à cultura, que estimule o desenvolvimento da cultura e possa receber repasses financeiros. A implantação do SNC potencializa estruturas e fluxos do campo da cultura e aumenta de modo significativo a institucionalidade cultural. A adesão ao SNC requer a construção de sistemas estaduais e municipais de cultura. (2017, p. 71)

Em síntese, o autor considera que as duas iniciativas (PNC e SNC) devem ser vistas como políticas estruturantes no campo cultural nacional. Contando com essa premissa, Rubim chega a demonstrar a expectativa de uma densa alteração do aspecto institucional da cultura no país, notadamente porque tais iniciativas exigem

⁴ As 53 metas foram resultantes de um esforço para tradução de 14 diretrizes, 36 estratégias e 275 ações estabelecidas inicialmente no PNC. Como mencionado no texto, tal esforço pretendeu viabilizar a execução do referido Plano, sobretudo ao considerar a capacidade de operação do Ministério da Cultura (ainda existente no período) e dos órgãos estaduais e municipais de cultura (CALABRE, 2013).

“políticas de Estado de longo prazo.” (2017, p. 70). Em concordância com Rubim, compreendemos que a consolidação de uma política de Estado voltada para o campo cultural depende diretamente da continuidade das ações aqui explanadas. Todavia, o caminho ainda parece longo para que as políticas de arte e cultura tenham a capilaridade e o êxito almejados, alcançando, por exemplo, desde as grandes cidades até pequenos municípios, ainda carentes de ações na área cultural, como pretendido no Plano Nacional de Cultura – Capítulo III (BRASIL, 2010).

Isso porque, embora se reconheça a importância dos passos dados para desembaraçar o país da tradição de instabilidade em relação à política pública de cultura, o momento atual pode ser considerado de retrocesso em relação ao que já havia sido conquistado. O plano era que o Brasil passasse a contar com uma efetiva política de Estado no campo da cultura, ou seja, uma política de longo prazo, mas o que vemos atualmente é um país que pouco tem priorizado essa área, sobretudo na esfera federal.

1.2 POLÍTICA DE EXTENSÃO E POLÍTICA DE CULTURA NA UNIVERSIDADE

Outros dois conceitos são fundamentais para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo. Nesse tópico, trataremos das noções de política de extensão e política de cultura na universidade, com o objetivo de analisar as interações existentes entre essas políticas e as linhas de convergência entre elas, pois demarcam o campo de atuação do fenômeno abordado.

No entanto, antes disso, uma reflexão merece espaço em nossa discussão. Pretendemos então examinar preliminarmente a interação entre políticas de educação e políticas de cultura, por ser este um cenário promissor na formação do cidadão. Embora o potencial presente na articulação entre esses dois campos ainda pareça na prática ignorado por muitos, em nosso entendimento, é premente o reconhecimento da necessidade de que um vínculo se estabeleça de forma mais estável entre a área cultural e a área educacional. Nessa vertente, é válido, portanto, expor a leitura que alguns autores trazem sobre isso.

Para iniciar tal reflexão, apresentamos o que pensa Coelho acerca dessa possível e necessária junção, haja vista a sua avaliação de que a “educação no Brasil é largamente desculturalizada” e ainda a ponderação de que no país, “educação e cultura correm por caminhos distintos e muito distantes um do outro.” (2011a, p. 9). O autor agrava a sua percepção caracterizando esses caminhos como “diametralmente opostos.” (2011b, p. 24), e também argumenta como é possível que as políticas de educação e de cultura alcancem seus objetivos sem o estabelecimento de espaços de colaboração.

Aludindo a texto de Martín Barbero, do ano de 2005, sobre o modelo de formação educativa, Ribugent (2011), no que lhe concerne, aduz que é preciso trazer para dentro do espaço educacional o corpo, a alma, as sensibilidades, as experiências e culturas junto com as dimensões sonora, visual, musical, narrativa ou escrita,

levando em conta o que a autora pontua como “a função educacional das artes e da cultura” (p. 45). Nessa dimensão, a estudiosa destaca como exemplo os trabalhos de educação realizados em museus, vislumbrando essas atividades como aquelas que melhor desenvolvem os procedimentos de interseção entre cultura e educação.

Ao analisar o potencial de interação entre os campos, a autora cita interessantes experiências internacionais, que demonstram articulações inovadoras entre educação, arte e cultura. Ribugent relata que

[...] começam a aparecer algumas experiências-piloto de caráter inovador, como no caso de uma escola em Madri cujo projeto central é a produção coletiva de uma ópera, de um instituto em Barcelona que abandonou os livros didáticos e trabalha o currículo a partir da educação audiovisual ou, como no México, o projeto dirigido por Lucina Jiménez, de educação por meio das artes cênicas (música e dança), também dentro das escolas públicas e durante o horário letivo. (2011, p. 46)

Sob essa perspectiva, é possível afirmar que parecem inúmeras e plenas de potencial transformador as possibilidades de interação entre os campos da educação e da cultura. Ainda segundo a autora, é fundamental que a questão educacional seja contemplada na concepção dos projetos culturais e que a gestão cultural assuma responsabilidades compartilhadas com o sistema educacional formal.

Em seu entendimento, resta evidente a complementariedade entre cultura e educação, mas o que se vê, contudo, é que o mundo real não corresponde a essa obviedade. Reputa assim como difíceis de superar as diferenças existentes notadamente na “especialização política e administrativa” desses dois sistemas. Por fim, reportando-se a afirmação de Alfons Martinell, do ano de 2001, Ribugent atesta a existência de problemas no processo de articulação dessas áreas, muitos deles decorrentes de “suas estruturas intrassistêmicas”.

O problema é que o apartamento entre essas políticas certamente diminui as possibilidades de impacto positivo, tanto no cenário educacional, como no cenário cultural. Dessa forma, entendemos ser importante que a formação cultural seja verdadeiramente compreendida como uma base educacional, com uma maior sinergia entre esses campos. Nunca será demais lembrar que a interação entre a política de educação e a política de cultura pode ser uma relação produtiva para ambas as áreas. Contudo, como atestado por Coelho (2011), a realidade brasileira ainda não permite reconhecer essa conexão de forma tão clara, especialmente nos espaços institucionais.

Atinamos assim que, para uma melhor compreensão dessa informação, podemos ser útil compartilhar a experiência registrada pelo pesquisador Antonio Rubim, da Universidade Federal da Bahia. A circunstância, ocorrida em âmbito federal, revela especialmente a acanhada comunicação entre o campo da cultura e as universidades, como é possível observar em seu relato:

Logo no início do governo Lula, estive em uma reunião com o Gilberto Gil e o reitor e outras pessoas da universidade, para insistir no fato de

que a universidade no Brasil sempre foi uma instituição que teve peso muito grande na cultura brasileira, mas foi deixada de lado. Quando se separou o Ministério da Educação do Ministério da Cultura, em 1985, a gente ficou no seguinte drama: o pessoal do Ministério da Cultura dizia: 'Vocês não tem nada a ver com a gente. Pertencem lá à educação'. O pessoal da educação, quando a gente falava em cultura na universidade, dizia: 'Isso é coisa do Ministério da Cultura'. As universidades ficaram em um limbo. (RUBIM, 2010, entrevista)

O limbo ao qual se refere torna certamente mais limitadas as possibilidades de contribuição da universidade no campo da cultura. Isso, contudo, obviamente não impediu a atuação de instituições universitárias nessa área. Inegavelmente, o melhor cenário apresentaria uma integração bem constituída nos Planos Nacionais de Cultura e de Educação, no entanto, essa ainda não é uma realidade.

Em diferentes momentos e ainda hoje temos algumas iniciativas de universidades voltadas para a área de arte e cultura no Brasil, algumas vezes por meio da Pró-Reitoria de Extensão, outras vezes não. UFSC, UFPR, UnB, Universidade do Cariri, USP, Unesp, UFS, são alguns desses exemplos, mas que não pretendem esgotar a enumeração das iniciativas existentes. A intensidade, a representatividade, a singularidade e o tipo dessas ações variam de instituição para instituição, não havendo, portanto, uniformidade. Contudo, uma iniciativa merece destaque nesse estudo. Trata-se do caso da Universidade Federal da Bahia, que veremos com mais detalhes no tópico *Política de Cultura na Universidade*.

Vale destacar, entretanto, que apesar da tenuidade de ações conjuntas entre cultura e educação, em 2007, as universidades foram contempladas em um importante mecanismo de fomento da cultura por meio de projetos de extensão através do Edital Proext Cultura. É preciso lembrar, porém, que mesmo estabelecendo uma complementariedade entre políticas de educação e cultura, o edital estava vinculado a um projeto da Lei Rouanet e não a programas integrados entre o MEC/Minc.

Mesmo com a existência de ações pontuais, fomentadas por editais, como acabamos de citar, ou de iniciativa das próprias universidades, e também das contribuições efetivas que tais ações podem trazer para a sociedade, ainda ocorre profundo distanciamento entre as ditas políticas de cultura e as políticas de educação. Essa percepção é apresentada novamente por Rubim, dessa vez em texto de 2015, mas como vimos, tal reconhecimento se reproduz também na fala de outros autores.

1.2.1 Política de extensão universitária

Um próximo conceito que fundamenta o nosso trabalho é o da extensão universitária. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (Forproex), através do Plano Nacional de Extensão, assim descreve esse conceito:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 15).

Para além do fato do conceito ter sido adotado no Plano que direciona as ações de natureza extensionista em universidades públicas, ele também foi por nós apontado por contemplar as diferentes formas como a extensão universitária pode acontecer, demonstrando a necessidade constante de envolvimento da Universidade com a comunidade.

A extensão representa intrinsecamente a face desse compromisso social. É uma ação que provoca e induz uma relação transformadora, em um movimento bilateral com a sociedade, no confronto com a realidade vivenciada. Por meio da extensão um grande número de pessoas estabelece contato com a universidade, ainda que este contato seja até aquele momento a única experiência direta desses indivíduos com a instituição. Assim, a universidade é nutrida pela comunidade e esta, por sua vez, participa e se envolve no movimento do saber, usufruindo também dos seus benefícios. Um ensaio que tende a enriquecer tanto uma como a outra.

As discussões acerca da temática da extensão são promovidas pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão e para ilustrar algumas das preocupações primárias do Forproex, retomaremos em ordem cronológica, com base no trabalho de Rodrigues (2003), os temas abordados nos primeiros encontros do Fórum, a partir no ano de 1987, no quadro que segue.

QUADRO 1 – Temáticas dos primeiros encontros do Forproex

Ordem	Tema
1º	Extensão: Conceito, Institucionalização e Financiamento
2º	Extensão: Estratégias de Articulação com o Ensino e a Pesquisa (Subtemas: Extensão/Pesquisa e Compromisso Social, Conceito de sala de aula; Extensão/Estágio e Crédito Curricular e Projetos/Atividades de Extensão)
3º	Relação da Universidade e Sociedade – A questão da prestação de serviços destacando a questão da interdisciplinaridade
4º	Extensão Universitária: Perspectiva nos Anos 90 (Subtemas: Educação e Alfabetização e Metodologia em Extensão Universitária)
5º	Extensão: A Institucionalização no Contexto da Autonomia Universitária e sua Gestão Democrática (Tratada a partir de três eixos: diretrizes políticas, institucionalização e estratégias de ação)
6º	Universidade e Cultura
7º	Avaliação da Extensão no Contexto da Autonomia Universitária
8º	A Universidade, a Construção da Cidadania e a Afirmação da Soberania Nacional
9º	Articulação da Extensão Universitária com os Projetos Estratégicos de Desenvolvimentos Regionais e Nacionais
10º	Por Uma Política Nacional de Extensão

Fonte: Rodrigues, 2003 (grifo nosso).

Sobre a composição do Fórum, vale destacar que no momento de sua instituição, nem todas as universidades contavam com Pró-Reitorias dedicadas exclusivamente à extensão. Dessa forma, ainda segundo a autora, o perfil dos participantes dos encontros era diverso, contando com “Pró-Reitores, Coordenadores, Pró-Reitores de Assuntos Estudantis e Comunitários, Pró-Reitores de Cultura, etc.”

Rodrigues sintetiza que, com a realização de encontros anuais, o Fórum se debruçou especialmente sobre três questões: “conceituação, institucionalização e financiamento da extensão” (2003, p. 137), para as quais não havia uma resposta padrão, mas “respostas dinâmicas”, certamente por serem estas, perguntas polêmicas. No entanto, é possível afirmar certa unanimidade em relação ao que deve ser considerado como alvo da extensão. A democracia, a transformação social e a busca por melhores condições de vida para a população são inegavelmente alguns desses alvos de ação.

Nas palavras de Costa, Santos e Grinspun (2009, p.355), a universidade cumpre a sua função social através da extensão, com o papel de

[...] contribuir para o desenvolvimento harmônico da sociedade envolvendo-se com as comunidades carentes assistindo as políticas sociais do governo em combater a pobreza, produzindo e difundindo tecnologia, formando recursos humanos para a solução de problemas sociais de forma a auxiliar no desenvolvimento das comunidades. Por essa dimensão vislumbra-se também a formação da consciência cívica, e a distribuição e preservação da cultura [...]

Além disso, a extensão foi convertida em uma estratégia de resposta às constantes ameaças contra a própria universidade. Rodrigues afirma que o contexto do ano de 1990 requereu uma postura unânime dos Pró-Reitores para “[...] mostrar a importância da universidade pública, o que ela produz e a sua importância para a sociedade.” (2003, p. 155), em contraposição às repetidas ameaças de privatização.

Nesse sentido, assegura também que, no encontro ocorrido no ano de 1991, os participantes concluíram que “a sobrevivência da universidade passaria pela extensão”. Ou seja, era premente demonstrar a relevância da instituição e a extensão seria o caminho. Se assim não fosse, a universidade estaria sob o risco de “aniquilamento e extinção.” (p. 159)

Já no encontro do ano de 1994, o envolvimento da universidade na formulação de políticas públicas foi destacado como uma das funções que a instituição deveria cumprir. Ainda nesse encontro, mesmo não sendo necessariamente uma novidade, foram (mais uma vez) evidenciadas divergências sobre o papel da extensão. Segundo Rodrigues,

Chegou-se à conclusão de que, apesar das diretrizes políticas terem sido tratadas desde o I Encontro, na prática existiam alguns desvios e dificuldades de implementação.

Dentre os temas novamente suscitados, a prestação de serviços, a assistência em hospitais universitários, a educação continuada e a questão cultural foram amplamente discutidos com objetivos de

definição de políticas implementáveis, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto do ponto de vista estratégico. (2003, p. 171)

Sobre a forma como ocorreu o processo de elaboração e prática da nova política de extensão, a autora menciona a presença de conflitos, dificuldades, avanços, recuos e até contradições. Uma outra problemática apontada foi a falta de uniformidade das ações de extensão, pois que havia atividades diferentes sendo tratadas como extensionistas, mas sem conexão ou articulação com a vida acadêmica.

Assentindo a percepção sobre o processo supramencionado, Leonídio (2017) reconhece em sua tese de doutorado que não há consenso sobre qual seja o objetivo maior da extensão universitária e que o entendimento acerca desta “[...] apresenta muitas vezes certas incongruências quer seja na sua concepção e/ou implementação.” (p. 41) Em suma, ainda hoje, o lugar e a forma da extensão parecem pouco definidos na prática, sendo tanto a falta de clareza na definição, como certa imprecisão sobre as atividades desenvolvidas no âmbito da extensão, desafios antigos.

Consideramos importante atentar que uma vertente específica da extensão universitária merece destaque em nosso trabalho. Falamos aqui da vertente cultural, visto que esse assunto também esteve presente nas discussões do Fórum no ano de 1992, tendo sido dedicado todo um encontro para pensar em diretrizes para ações artístico-culturais. No contexto da escolha desse tema, segundo Rodrigues (2003), estavam incertezas diversas em relação às universidades, diálogos sobre a autonomia e o descompromisso do governo federal. O tema era considerado de relevância política e acadêmica, e marcava a discussão sobre política cultural no Brasil.

Julgamos interessante buscar perceber também como a extensão e a cultura se tangenciam na universidade, pois cremos que assim o nosso objeto de estudo pode ser melhor compreendido. Sobre esse tema, um dado histórico despertou a nossa atenção no texto de Rodrigues. Referimo-nos a um projeto com sigla homônima à do centro cultural objeto do nosso estudo. Segundo a autora, de acordo com o relatório produzido pela Universidade Federal de Alagoas, no ano de 1991, com o título “Extensão: saber e compromisso social”,

[...] a gênese do Fórum Nacional acha-se na realização do I Encontro de Pró- Reitores das Universidade Públicas do Nordeste, em 1987, na cidade de Aracajú, momento em que foi implantado o projeto CUCA (Circuito Universitário de Cultura e Arte do Nordeste). O Circuito Universitário de Cultura e Arte do Nordeste tinha por objetivo propiciar, para fins de integração, a **definição da política cultural das IES Nordestinas** (grifo nosso), comprometidas com as raízes mais profundas da cultura nacional; promover a interação das ações das universidades nordestinas, através da circulação articulada e do aproveitamento dos bens culturais. (RODRIGUES, 2003, p. 139/140)

Como se vê, ainda em 1987, nos primórdios da existência do Fórum Nacional, a primeira deliberação, que envolve a extensão universitária na região nordeste passou pela temática da política cultural.

Acerca dos assuntos culturais, a autora relata ainda uma divergência entre dois importantes organismos, o Fórum de Pró-Reitores de Extensão (Forproex) e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (Crub). A dissensão ocorreu em função da tentativa do Conselho de criar um fórum próprio denominado Fórum de Arte e Cultura do Crub (Facrub) para assumir a interlocução com o governo sobre as questões culturais. O Forproex, porém, aprovou uma moção contrária a essa ideia. Para Rodrigues, tratava-se de uma “disputa entre as duas instâncias” (p.162) para definir quem seria responsável pelo assunto cultura.

Vejamos que, nesse momento, é possível apontar uma dimensão conflituosa na dinâmica da relação extensão e cultura no âmbito das políticas universitárias. Se, como já foi mencionado, acerca da extensão universitária havia controvérsias e contradições, o mesmo ou até de maneira mais agravada poderia ocorrer então com o tratamento das ações culturais. A quem competiria tais ações é apenas uma das muitas perguntas que podem surgir sobre tais ações. Caso não se enquadre perfeitamente do domínio da extensão, em qual perna do tripé da universidade a cultura poderia se ligar? Ou seria mais adequado tratá-la como um assunto gerenciado diretamente pelas administrações superiores? E mais, como seria a ação universitária nesse campo?

Existem, sem dúvida, mais perguntas não citadas aqui, mas mais do que formulá-las, importa tentarmos capturar aspectos que ajudem a compreender a prática da universidade e as noções que embasam a sua atuação na área cultural, bem como o desenvolvimento dessa questão no espaço extensionista. Dessa forma, mesmo tomando como referencial o conceito estabelecido no Plano Nacional de Extensão, consideramos relevante refletir sobre o entendimento de Lamy (2013) a respeito da necessidade de evolução do conceito de extensão universitária. O autor afirma que este é um conceito cultural, que deve levar em conta as multivariadas “compreensões, explicitações e concretizações nas diversas instituições de ensino superior”. (p. 1)

Ao continuar a sua reflexão sobre o tema, Lamy (2013, p. 13) salienta que a prática extensionista deve “transformar a própria universidade, tornando-a um espaço diferenciado de aprendizado, despertando novas linhas de pesquisa, a criação de novas formas de estágio estudantil, a criação de novos projetos acadêmicos, inclusive novos cursos.”⁵ Nessa vertente, entendemos que o nosso trabalho traz contribuições para o campo teórico da extensão universitária.

Ao considerarmos a evolução desse campo teórico e o desenvolvimento do conceito de extensão apresentado pelo Forproex, evidencia-se certa fragilidade na conexão entre as ações desenvolvidas pelo Cuca e a extensão universitária, dada a

⁵ No caso da UEFS, a experiência do Seminário de Música do Cuca serviu de base para a construção do projeto da graduação em Música da Uefs, ainda que esta tenha sido fomentada também por lei federal que reintroduziu a educação musical no ensino fundamental, em 2008. Ou seja, a partir da demanda legal, o Cuca, por meio do Seminário, contribui para dar forma ao projeto da licenciatura em música da Uefs.

limitada interligação com os fundamentos de atuação da universidade, a saber, o ensino e a pesquisa, como pressupõe o conceito ora apresentado. A partir dessa interpretação, pode-se inferir uma limitação no enquadramento da política cultural como um programa de extensão.

No entanto, a visão de tal fragilidade pode ser contraposta e até revertida, a depender da perspectiva da análise. Convém ressaltar que assim como Leonídio (2017), Lamy (2013, p. 1) também afirma ser extensão universitária “uma realidade sobre a qual ainda não se atingiu um perfeito consenso conceitual”. Considera, portanto, que na conceituação de extensão não há necessariamente acertos ou erros, mas sim adequações a determinados pressupostos.

A partir do reconhecimento da possibilidade de diferentes configurações para a extensão, principalmente em função da sua evolução histórica, consideramos relevante o estudo da política cultural da Uefs como uma prática extensionista, que promove o fortalecimento da cidadania e uma base para cumprimento do papel social, interventor, ativo e transformador da Universidade (LAMY, 2013), papéis estes intrinsecamente relacionados às funções da extensão.

Outro ponto a ser observado, tem relação com as diferentes formas como as ações no campo da arte e cultura são tratadas nas universidades do Brasil. Constatase que em relação à estrutura organizacional, as instituições de ensino superior (IES) podem tanto incorporar essas ações no escopo da Pró-Reitoria de Extensão, como criar unidades independentes em suas estruturas especialmente dedicadas à implementação dessa política, como ocorre na Uefs através do Cuca, sendo este um órgão suplementar. Há ainda IES que chegam a criar setores com status de Pró-Reitoria de Cultura. A seguir vamos abordar noções e reflexões sobre a política cultural na universidade, como estas se desenvolvem, suas propostas, possibilidades e potencialidades.

1.2.2 Política de cultura na universidade

Para iniciarmos as considerações sobre a temática, é significativo salientar o que consta no Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil, segundo o qual, é necessário pensar na construção de um desenvolvimento que tenha por base aspectos fundamentais como o aprimoramento da democracia e da justiça social. O programa prevê que

Os avanços sociais, políticos e culturais precisam ser institucionalizados e perenizados, para que novos ciclos regressivos não venham a erodir os avanços, zerando novamente o jogo e sacrificando processos históricos. [...] (PROGRAMA CULTURAL PARA O DESENVOLVIMENTO DO BRASIL, 2006, p. 37)

O documento com as informações sobre o programa foi publicado no ano de 2006, período marcado por comutações importantes em relação às políticas culturais no país. Esse período também ficou marcado de forma especial pelo aprimoramento

na organização e no desenvolvimento da cultura, contando com uma abordagem desafiadora, inovadora e consistente.

Insta ressaltar que, devido a reconhecida conexão, no transcorrer das reflexões que seguem sobre política de cultura na universidade, retomaremos pontualmente algumas anotações do tópico anterior (sobre política de extensão), a fim de relacionar tais assuntos na esfera da dinâmica universitária. Desse modo, preliminarmente registramos que os objetivos aludidos no referido programa são consonantes aos objetivos da política de extensão universitária e obviamente, aos objetivos da política de cultura na universidade. Contudo, diferente da realidade que cerca a política de extensão, a política de cultura não está necessariamente contemplada como imprescindível na universidade, pelo menos no plano organizacional mais geral. Na prática, a visão e o desenvolvimento de tal dimensão conta com variações entre as diferentes instituições de ensino superior.

Por outro lado, no que concerne à universidade e sua contribuição no campo cultural, cabe atentar que por definição, enquanto permanente produtora de transformações, a universidade pode ser identificada como uma das principais potenciais instituições produtoras de cultura, visão que se encontra em harmonia com a dimensão antropológica versada por Botelho (2001).

É interessante notar também como é reduzido o número de trabalhos acerca do tema política cultural na universidade no banco de dissertações e teses da Capes. Para sermos mais exatos, identificamos três trabalhos que tratavam especificamente sobre essa temática. Referimo-nos às dissertações de Reis (2016), sobre o processo de desenvolvimento da política de cultura da Universidade Federal do Paraná Litoral (UFPR); de Silvério (2017), sobre um projeto desenvolvido no âmbito da política cultural da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e de Borges (2010), sobre a política cultural da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Porém, esse último, por ser um trabalho anterior à implementação da Plataforma Sucupira, não estava disponibilizado em seu sistema. Como podemos constatar, dois desses trabalhos se referem a políticas culturais desenvolvidas por universidades no sul do país e o outro a universidades da região norte.

À primeira vista, a partir dos registros acadêmicos no banco de teses e dissertações e da busca por artigos científicos sobre o tema, a percepção sobre a conexão entre universidade e cultura no Brasil se apresenta com ações pontuais, nas quais, em parte delas, não identificamos menção a políticas culturais estruturadas e formalizadas que assegurem a continuidade das ações. É importante lembrar que a estruturação e a formalização de diretrizes protegem essas políticas de interferências diversas que podem inclusive comprometer a sobrevivência destas, haja vista a situação da cultura na esfera do governo federal, que mesmo com o desenvolvimento recente de planos, encontra-se em grande medida fragilizada por questões políticas e ideológicas.

Destarte, entendemos ser pertinente a afirmação de Albuquerque Júnior (2007, p. 73) quando expressa que “Não ter política cultural nenhuma já é, em si mesma, ter uma política, já é tomar uma posição, a pior delas, talvez [...]”. No texto, o autor se

refere ao Estado de forma generalizada, no entanto, reconhecemos que tal declaração pode seguramente ser aplicada de modo similar ao contexto da universidade.

Em uma breve retomada histórica, vale lembrar que o tema política cultural na universidade foi tratado como assunto de interesse dessas instituições durante um dos encontros Forproex, mais precisamente no VI Encontro Nacional, que aconteceu no ano de 1992, com a temática *Universidade e Cultura*. Esse tema foi escolhido com o objetivo de delinear propostas para atuação das universidades na área artístico-cultural e assim foram trabalhados nove assuntos por seus respectivos grupos temáticos, conforme consta no Quadro 2 e pode ser visto com mais detalhes no documento resultante do encontro (ANEXO A).

QUADRO 2 – Grupos temáticos do VI Encontro Nacional do Forproex

Grupo	Ocorrência
1	Patrimônio Cultural (Museus/Memória)
2	Música
3	Artes Plásticas
4	Editores – Difusão Cultural
5	Artes Cênicas
6	Práticas Esportivas, Recreativas e Lazer
7	Cinema, Vídeo, TV
8	Criação Literária
9	Questões institucionais, políticas e administrativas atinentes à gestão do setor artístico-cultural

Fonte: Forproex, 1992, p. 39.

Segundo Oliveira e Goulart (2015), o encontro objetivou a “criação de um programa nacional de incentivo à formação e manutenção de oficinas nesse âmbito”, contando inclusive com a presença do atual Ministro da Cultura do então governo Collor, Sérgio Paulo Rouanet, dado que o tema envolvia assunto da alçada desse ministério (LEONÍDIO, 2017). Outrossim, insta salientar que esse foi um importante movimento do Fórum no sentido de pensar de forma mais dedicada sobre arte e cultura, o que demonstra a relevância do tema no âmbito da universidade e designadamente a sua conexão com a extensão universitária.

Em uma análise inicial, o contexto desse encontro somado a outras reflexões do Fórum acerca da cultura, em âmbito nacional e regional, notadamente no Nordeste (como já registramos em nosso trabalho), teve reverberação direta sobre a instituição da política cultural da Uefs nos anos subsequentes. Vale observar que o Cuca, como órgão responsável por desenvolver a política cultural da Uefs, foi implementado apenas três anos depois da realização do mencionado encontro, ocorrido na cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Vemos, portanto, na realização do VI Encontro Nacional do Forproex e na temática nele aventada, um dos elementos para o desenvolvimento de políticas culturais em formatos diversos nas instituições universitárias brasileiras, em alguns casos, prescindindo até da relação com o ensino e a pesquisa, atributos estes considerados inerentes ao fazer universitário.

Dado esse panorama, uma inquietação se tornou presente em nossa análise, tanto na construção do projeto de pesquisa como no desenvolvimento desta. Reportamo-nos aqui ao raciocínio na busca de uma explicação para termos sob análise e investigação uma ação de caráter extensionista (como as que são as do centro cultural em estudo), na qual conseguíamos identificar pouca ou quase nenhuma relação direta com as ações de ensino e pesquisa da universidade. Apesar da menção de Silva (2013) sobre o envolvimento mais próximo do Departamento de Letras e Artes da Uefs em algumas ações do Cuca, em especial no Seminário de Música, no início da década de 1990, efetivamente não se constata nos documentos e relatórios do centro cultural a continuação dessa ligação mais próxima atualmente, ainda que tal possibilidade possa ser levada em consideração em alguns momentos, como verificamos nas entrevistas realizadas.

Consequentemente, um processo reflexivo encontrou guarida em nossa investigação. Este se deu sobretudo com perguntas que passavam pela 'validade', ou melhor dizendo, pela importância de a instituição universitária despender recursos no desenvolvimento de ações desse tipo. Essa linha de ação teria uma justificativa plausível para ser desenvolvida por uma universidade? Poderia ser essa uma prioridade para a instituição, dado que a sua interação com o ensino/pesquisa tem sido mínima? É importante referir que, nesse processo, o 'sim' foi a resposta invariavelmente para tais questões.

A nossa dificuldade em assentar inteiramente o objeto em estudo ao que se define como extensão universitária é contemplada na explicação apresentada por Costa, Santos e Grinspun (2009), quando afirmam acerca da extensão, que:

Hoje, a diversidade de políticas e ações que são exercidas nas diferentes instituições universitárias no país demonstra a fragilidade de uma diretriz. Ao mesmo tempo percebemos que uma dimensão teórico-explicativa não consegue abranger a realidade social completamente, e desta forma a vida social se torna mais complexa do que a busca de uma definição. Os movimentos de hegemonia não conseguem dar fundamento à complexidade que circunda as atividades/ações extensionistas. (p. 356)

Dessa forma, os autores reconhecem que há outras possibilidades para a função da extensão e que essa pode ganhar sentidos diferentes de acordo com a sua realização. Nesse mesmo espaço, aludindo a texto de Laclau do ano de 2004, explicam que esse estudioso “[...] insiste na relevância da dimensão da significação em que o sentido é sempre produzido socialmente, insistindo no caráter constitutivo da realidade que a significação produz.” (p. 356)

Nos meandros da reflexão sobre a interação entre as políticas universitárias de cultura e de extensão, vale destacar um relato de Rodrigues, conforme apresentamos anteriormente, sobre um dos encontros do Forproex, quando neste se concluiu que a extensão seria uma estratégia de sobrevivência da universidade. É legítimo compreender assim, que a instituição lançaria mão de diferentes ideias e propostas, a fim de alcançar tais objetivos, tendo em vista assegurar a sua própria permanência,

como verificamos de modo similar em alguns relatos durante as entrevistas. Observemos, no entanto, que as iniciativas não pretendiam fragilizar as diretrizes vigentes relacionadas à extensão. Antes disso, tinham como finalidade maior a continuidade das ações da universidade.

Entendemos que nessa análise, cabe ainda embasar a nossa percepção com um texto apresentado por Maria Arminda Arruda, enquanto Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. Esta adverte que, a fim de se resguardar o propósito que motiva a constituição da política cultural na universidade, é importante

[...] superar concepções assentadas e assumidas como verdades inquestionáveis; implica ainda, e acima de tudo, ultrapassar afirmações que, de tão repetidas, esvaziaram-se, perderam a sua substância, como a famigerada assertiva que ata ensino, pesquisa e extensão. De tão repetida, a ideia desgastou-se, virou um mote que já não mais inquire, não ultrapassando a condição de ser apenas profissão de fé, de crença que não informa a ação, simples atavio que não mais surpreende.

O enlace ensino, pesquisa, extensão não pode, apesar de tudo, ser escoimado. Mas a sua revivescência reclama outra disposição de espírito, requer, especialmente, desenvolver critérios capazes de definir relevâncias; de embasar as decisões em julgamentos de mérito; oferecer à sociedade possibilidade de compartilhar os avanços alcançados; circunscrever prioridades; enfim, ser capaz de romper a inércia rotineira da reprodução do mesmo.

A área da cultura e da extensão deve se orientar, em suma, por uma visão pública das atividades que implementa, resguardando-se, todavia, das apropriações circunstanciais de suas ações. Por se tratar de instituições públicas, as universidades estão envolvidas por compromissos republicanos. A condição mesma desse exercício é a de se construir pontes com a sociedade [...] (ARRUDA, 2010, p. 14)

Na visão de Rubim (2016d, p. 147), além de promover a formação e o processo investigativo, uma outra finalidade “tem sido reconhecida hoje facilmente para a universidade: a prestação de serviços”. Nesse sentido, o autor assegura que o papel civilizatório que a universidade possui, não pode jamais ser ofuscado, pois que o esquecimento desse preceito representa “grave ameaça à instituição universitária, à sua legitimação social e ao desenvolvimento cultural e civilizatório da sociedade contemporânea, tão ameaçada por variadas modalidades de barbárie social.” (p. 148)

Considerando uma perspectiva de que a respeito do fenômeno em estudo possa existir uma visão assistencialista ou de mera prestação de serviço, como sendo isto algum tipo de demérito, questionamo-nos se tal política poderia ser assim diretamente classificada. E se assim fosse, ainda dessa forma, consideramos fundamental buscar compreender a percepção do público atendido e dos envolvidos na política, aqueles que vivenciam ou vivenciaram as ações de arte e cultura promovidas pela Uefs, através do Cuca, a respeito das suas próprias experiências como participantes e da validade e importância de tal iniciativa.

Com efeito, o assistencialismo está intrinsicamente vinculado à forma da extensão trabalhada sob o ponto de vista do auxílio imediato, sem que haja preocupação com um real impacto social positivo, de efeito contínuo e com a premissa da interação dialógica com a sociedade. Em suma, é indispensável que as ações extensionistas configurem-se, como sugerem Costa, Santos e Grinspun (2009, p. 358), em fator “diferencial de mudanças na sociedade”. A premissa aqui é que o indivíduo deve ser contemplado “em sua diversidade e sua capacidade de produção sociocultural” (p. 359). Implica-se assim o sujeito como parte ativa do processo que fundamenta as ações de extensão. Dessa forma, segundo os autores, não somente o conhecimento produzido na universidade deve ser apreciado como base da “produção cultural e social dos sujeitos em seus grupos” (p. 359), mas também o conhecimento que é produzido pela própria comunidade.

Os autores refletem ainda sobre a contraposição entre o assistencialismo e a perspectiva do compromisso continuado, como lados diferentes de uma mesma moeda, ambos possíveis de acontecer no desenvolvimento das ações de extensão, sendo, entretanto, este último tido como o cenário desejável. Nessa vertente, reforçamos a importância de uma política cultural universitária por carregar em si o potencial de possibilitar mudanças significativas na sociedade. Aqui, é válido recorrer novamente à visão da artista Glaucia Nasser, que nos convida a observar tais possibilidades no sentido do que será produzido para o futuro por meio da arte.

Vale destacar que, acerca do caminho das ações universitárias no Brasil, Aragão (2016a) faz uma sucinta retrospectiva e avalia que embora haja expansão do número de instituições universitárias no Brasil, especialmente após a década de 1940, naquele momento, o país não contava com um equivalente desenvolvimento sociocultural, pois com efeito “a maioria da população continuava alijada das conquistas sociais.” (p. 23).

Nessa perspectiva, a universidade deveria se posicionar como um centro que reflete sobre a cultura universal, mas que também pensa sobre a realidade na qual está inserida, e designadamente deve se identificar como um centro de produção de cultura. De acordo com a autora, o foco da universidade consiste em liderar a vida cultural na sociedade, desenvolver a pesquisa científica e tecnológica, integrar-se ao aprimoramento do processo de ensino, propiciar autonomia intelectual, atuar na busca pela solução dos problemas enfrentados pelo país e não menos importante, atuar no fomento às expressões artísticas.

Sendo este o foco desse trabalho, compreendemos ser oportuno destacar iniciativas de algumas universidades em relação ao direcionamento de esforços e investimentos para o fomento de ações artístico-culturais. Um desses exemplos, ainda na década de 1960, é a Universidade de Brasília (UnB), que na sua criação, contou com um plano de implantação de um núcleo de atividades culturais, com o objetivo de servir à população. Além disso, nesse momento inicial, um museu também foi contemplado no projeto da universidade (ARAGÃO, 2016a).

Em uma análise relacionada ao campo artístico-cultural, que nos soa muito rica, a autora aprecia que:

A UnB foi ambiciosa desde os seus primórdios ao idealizar fazer da Universidade da nova capital da República não apenas um centro de formação técnico-científico, mas também um centro de floração cultural e artística, um espaço onde as artes, de um modo geral, encontrassem canais de expressão. Para isso seriam criados, por exemplo, a Casa dos Artistas Residentes; o Museu, com diversos museus de arte; o Centro de Teledifusão Educativa e diversos outros órgãos dedicados à expansão das artes e da cultura.

Darcy Ribeiro ressalta ainda que tal ambição repousava na convicção daqueles mestres de que era preciso na universidade mais do que formar cientistas de boa qualidade, era necessário produzir mais do que bons profissionais universitários. Para o antropólogo, se os intelectuais sabem como promover esta formação intelectual: 'Ninguém sabe, porém, como provocar um surto de criatividade artística. Onde e quando isto sucede, ocorre espontaneamente, com frequência nos lugares menos esperados e, às vezes, até transcorre sem ser percebido enquanto amadurece, viceja e dura. Isto significa que não se pode programar o aparecimento de figuras de alto talento criativo que contribuam para dignificar e expressar seu povo e seu tempo. Entretanto pode tentar-se criar um ambiente propício, se não ao seu surgimento, pelo menos à sua sobrevivência e difusão'. (ARAGÃO, 2016a, p. 40-41)

No entanto, a autora destaca que a tal plano não correspondeu necessariamente um resultado efetivo no campo artístico-cultural na Universidade de Brasília. Por outro lado, por meio da Universidade Federal da Bahia (antes denominada Universidade da Bahia, ou UBA), a cidade de Salvador vivenciou, nos anos 1950 e início de 1960, o que Aragão (2016a) designou como “uma extraordinária movimentação cultural” (p. 41). Acerca disso, a autora relata que a Universidade foi

[...] um dos centros de toda esta efervescência cultural. [...] paralelo a um investimento na ciência, na tecnologia e nas humanidades, [...] delimita-se, de modo definitivo, a diferença da UBA [Universidade Federal da Bahia] em relação a qualquer outra universidade brasileira quando começam a ser mexidas as pedras de um jogo ainda mais audacioso: o projeto artístico da universidade baiana. (ARAGÃO, 2016b, p. 73)

As artes se tornaram um traço de distinção da Universidade Federal da Bahia e ainda segundo Aragão (2016b, p. 72), “No centro deste projeto, há uma visão de arte como reflexo da realidade e como instrumento de conscientização política.” Um outro destaque dado pela autora é para o investimento em artes realizado pela Universidade. Esse investimento se traduziu na manutenção da Orquestra Sinfônica da Bahia com 150 músicos, do madrigal do Seminário de Música com 30 vozes, de um coral que contava com 120 vozes e de um quinteto de sopro, por exemplo. Mas não somente isso, a Universidade Federal da Bahia também inaugurou, sob a coordenação de Lina Bo Bardi, o Museu de Arte Sacra e o Museu de Arte Popular (ARAGÃO, 2016b).

Corroborando esse entendimento, Rubim (2016a) considera que a instituição ousou no investimento em cultura e se destacou dentre as demais universidades

públicas federais. O autor afirma que “A ousadia produziu espaços institucionais criativos” e que a partir disso floresceu na Bahia “uma cultura que buscava diálogos entre global e local, universal e nacional, erudito e popular.” (p. 10). Segundo ele, pode-se atribuir a essa “ambiência cultural singular” o importante “papel inaugurador e inovador dos baianos nos anos 1960 em marcantes movimentos renovadores da cultura brasileira, a exemplo do Cinema Novo e da Tropicália.” (RUBIM, 2016a, p. 10). A fim de ilustrar essa afirmação, cita alguns dos nomes que participaram desse movimento, dentre eles Caetano Veloso, Gilberto Gil, Muniz Sodré, Glauber Rocha, João Ubaldo Ribeiro, Tom Zé, Juarez Paraíso, Carlos Nelson Coutinho, Sonia Coutinho, dentre tantos outros mais.

Ainda de acordo com o autor, “a Universidade da Bahia [Universidade Federal da Bahia] lidou e introduziu estoques culturais, participando ativamente, talvez como nunca, do redesenhar e do turbilhão cultural que caracterizaram aqueles anos baianos.” (2016c, p. 144). Frisa ainda a renovação cultural realizada pela instituição e adjetiva aquela ambiência provocada pela universidade como uma plasmação artística. Nesse processo, como pupilas do então reitor Edgard Santos, estavam os Seminários Livres de Música, a Escola de Teatro e o curso de dança, todos eles, fatores de inovação no cenário universitário em nível local e nacional. Para Rubim, “A Universidade deixa de ser apenas o lugar do ensino e passa a incorporar – ainda que momentaneamente – sua dimensão mais inerente: a produção da cultura, como ciência e arte, em especial.” (2016b, p. 81)

Assim como Rubim, Aragão (2016b) considera que a florescência da geração de artistas ligados ao movimento da Tropicália e do Cinema Novo se dá em função do ambiente proporcionado pela Universidade, reputando tal ambiência como resultante da ação perspicaz e da visão cosmopolita de Edgard Santos, em especial no campo artístico. A autora cita a figura desse Reitor como um importante personagem na história da universidade baiana e atribui a ele a importante habilidade de transitar de modo fluido em diferentes esferas da política. Teixeira (2016), por sua vez, considera que uma das marcas da gestão de Edgard Santos era “introduzir diplomaticamente – mas com energia – o novo” (p. 93).

Na visão de Aragão (2016b), a Universidade Federal da Bahia era singular, em grande medida por conta do “impressionante dinamismo” (p. 62) de Edgard. Avalia ainda que o então reitor respirava e se inspirava em grandiosos projetos artístico-culturais, o que facilmente se vê refletido na forte influência dessa Universidade sobre a cultura no Estado. Mas ao mesmo tempo pondera que tal fato representava igualmente uma ameaça, pois essa característica decorria de um projeto personalista.

Em função disso, Rubim (2016c) atenta para a importância da institucionalização das políticas e dos projetos, pois no caso da Universidade Federal da Bahia, a ausência desses fatores representou uma fragilidade, notadamente no ano de 1961, com a saída do reitor Edgard Santos, episódio que marcou um momento de crise daquele projeto universitário que vinha sendo implementado.

Apesar dessa limitação na referida iniciativa, vale destacar que outros autores concordam com os estudiosos citados no que se refere aos impactos positivos dessa instituição para a arte e para a cultura. Em uma análise que trata sobre os Seminários

Livres de Música (da Ufba) na cidade de Feira de Santana, Silva (2013) avalia que a criação da Universidade Federal da Bahia suscitou transformações profundas e similarmente destaca os aspectos relacionados ao cenário cultural. Com base em Dias (2005), o autor aponta que a Universidade atuou no incentivo e na sustentação de movimentos envolvendo diversas linguagens artísticas. Logo, a instituição passou a ser reconhecida como importante “espaço de dinamização cultural a partir da integração dos diversos saberes técnicos e artísticos” (SILVA, 2013, p. 51). Dessa forma, no caso baiano, a Universidade assumiu um papel vital na cultura na capital, mas como mencionamos, não somente nessa localização específica. Silva concorda que a influência dessa agitação cultural em muito se expande, inclusive em nível nacional.

Convém, entretanto, mover o nosso olhar para o panorama interiorano do Estado da Bahia e em como essa instituição de igual modo influenciou o cenário cultural nesse espaço. Uma importante etapa nesse processo foi a implantação de um departamento dos Seminários Livres de Música na cidade de Feira de Santana no ano de 1962, configurado como curso de extensão. Para Teixeira (2016), os Seminários Livres de Música da Universidade Federal da Bahia podem ser considerados um marco no processo de renovação da cultura baiana. Silva, por sua vez, no exercício de observar o impacto deste feito com foco no interior baiano, examina que

[...] os Seminários Livres propiciaram e anteciparam à sociedade feirense uma multiplicidade de experiências e linguagens artísticas que só encontraria paralelo na atuação institucional do Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) da Universidade Estadual de Feira de Santana, mais de trinta anos depois. (2013, p. 58)

Com efeito, o autor indica que em 1967, no âmbito do Seminário, eram ofertados cursos de natureza diversificada, incluindo outras linguagens artísticas além da música. Reconhece também o papel dinamizador que os Seminários Livres tiveram sobre a vida cultural na cidade de Feira de Santana e que, apesar de ter contado com momentos de instabilidades e riscos de descontinuidade, o projeto logrou o reconhecimento e prestígio da sociedade feirense, fato que certamente determinou os esforços para sua permanência em diferentes momentos. A principal dessas dificuldades, como geralmente ocorre na área de arte e cultura, esteve relacionada à escassez de recursos financeiros. Registros históricos evidenciam a reação da sociedade às ameaças que circundaram o Seminário:

O prefeito municipal, a câmara de vereadores, os intelectuais, os jornalistas, as classes produtoras, enfim todo o povo feirense está unido, coeso e solidário em torno de uma reivindicação que é de todos nós, pois é da cultura, da inteligência e da arte em nossa terra: a conservação do Departamento do Seminário Livre de Música da Universidade da Bahia [Universidade Federal da Bahia], instalado nesta cidade. [...]

Deve a Feira de Santana e deve muito ao Seminário de Música: incrementando no seio da juventude o amor à arte, desenvolvendo vocações estimulando artistas, o seminário favoreceu a evolução da

mentalidade, o progresso da cultura, a prosperidade da arte [...].
(ALENCAR, 1964, *apud* SILVA, 2013, p. 59/60)

Entendemos como possível inventariar a implementação do Cuca na conta das ações direcionadas da Ufba para a área cultural. Mas este obviamente passa longe de ser um fator único, cuja colaboração contudo foi primordial para o resultado. A intelectualidade feirense, os artistas, a sociedade em geral, todos de alguma forma, somados a um conjunto de tantos outros fatores contribuíram para que Feira de Santana passasse a contar com uma política cultural desenvolvida pela universidade, que resultou na criação do Centro Universitário de Cultura e Arte.

Não muito diferente da trajetória institucional da cultura no país, a história institucional do Seminário de Música foi de modo similar marcada por instabilidades. Deveras foram muitas idas e vindas sofridas pelo que consideramos ter sido uma semente do Cuca. Nesse sentido, é válido retomar em síntese, no Quadro 3, com base no trabalho de Silva (2013), as ocorrências históricas que marcaram esse percurso.

QUADRO 3 – Síntese da trajetória institucional do Seminário de Música e sua relação com a Uefs

Ano	Ocorrência
1962	Implantação dos Seminários Livres de Música em Feira de Santana pela Ufba
1964	Extinção dos Seminários Livres de Música em Feira de Santana pela Ufba
1965	Retomada das atividades do Seminário (sem vínculo com a Ufba), em uma fase de independência jurídica, sustentado pela arrecadação de mensalidades e contribuições voluntárias até 1977
1968	Criação da Faculdade de Educação em Feira de Santana
1974	Novo período de suspensão das atividades do Seminário
1976	Início das atividades da Uefs
1977	Apoio inicial da Uefs ao projeto do Seminário de Música de Feira de Santana
1978	Início da fase de funcionamento por meio de convênios com a Uefs
1985	Incorporação do Seminário de Música à Uefs na condição de órgão suplementar, por meio do Decreto Estadual no 31.609/85 do dia em 15 de abril, no governo João Durval Carneiro
1995	Implementação do Cuca e incorporação do Seminário de Música como um setor deste, com a consequente perda do status de órgão suplementar em favor do novo centro.

Fonte: Silva, 2013.

O autor pondera que somente após a vinculação do Seminário à Uefs (1985), assegura-se com mais tranquilidade a continuidade das suas ações e a instalação em uma sede permanente, o antigo prédio da Escola Normal, vindo futuramente a integrar o complexo cultural do Cuca, tanto o prédio como o Seminário. Em sua visão,

Essa mudança pode, à primeira vista, parecer danosa ao Seminário, mas a realidade é bem outra. Funcionando desde o início com status semelhante ao de uma pró-reitoria, o Centro Universitário foi concebido para formular e desenvolver a política cultural da Uefs, apoiando e desenvolvendo as diversas linguagens artísticas e expressões culturais. Para isso o CUCA passou progressivamente a

contar com a reserva de recursos no orçamento da Universidade. Sua própria estrutura administrativa, centralizada na direção do órgão, passou a dar suporte às demandas da coordenação do Seminário, viabilizando assim uma estrutura institucional e financeira até então inusitadas para a antiga escola de música feirense. (SILVA, 2013, p. 66)

Nesse ínterim, vale destacar que, de acordo com o autor, a ênfase das atividades do Seminário, em sua gênese, está no que conhecemos como cultura erudita. Dado este que corrobora aspectos da retomada histórica realizada previamente nesse trabalho acerca das noções de cultura e suas implicações no desenvolvimento de ações e projetos. O autor reconhece como um fato a limitação de acesso a tal bem cultural e conseqüentemente à formação a ele atrelada, chegando a mencionar que a configuração de instituições como o Seminário de Música estava pautada em uma perspectiva de ser este um espaço para poucos, principalmente por conta da necessidade de os interessados guardarem habilidades prévias para acesso à formação ali oferecida. Afirma também que a tais ambientes poderia ser reputada, como característica, a aparência de um reduto que contemplava o processo de formação artística daqueles que desejassem se manter distantes de uma cultura popular.

O artigo de Silva corresponde ao período em que se comemorou os 50 anos do Seminário de Música, momento em que se desenha uma interessante avaliação do autor sobre a missão dessa instituição. Na sua visão, tal missão está voltada especialmente para a função do desenvolvimento social, não mais direcionado estritamente à difusão da cultura erudita, mas com integração de outras dimensões, contemplando o que identifica como o “potencial criativo e integrador da música”. Ainda segundo o autor, “Inserir socialmente através da difusão da arte e da cultura é o novo graal dos que dão vida ao Seminário de Música. Uma tarefa complexa e que sem dúvida só paulatina se realizará.” (p. 72)

Há, desse modo, que se considerar a perspectiva da responsabilidade e do compromisso social nesse tipo de empreendimento. Ainda mais porque chama atenção no Brasil a carência de ações culturais em locais fora dos grandes circuitos. Durand (2001) há muito alertou sobre a concentração de recursos e ações nas capitais, deixando os municípios outros desprovidos de investimentos em cultura. Sem contar as raras iniciativas municipais na área de cultura, tomadas ainda lamentavelmente como meras formas de alegoria.

Nesse aspecto, Rubim (2016d) pondera que o alargado caráter cultural da universidade não pode ser subestimado, pois ignorar esse aspecto reforça discursos desfavoráveis a própria universidade, que faz jus a caracterização como espaço significativo e imprescindível de estímulo cultural em seus lugares de atuação. Em sua análise, a interlocução universidade e cultura é vista como uma riqueza, ou seja, algo que deve ser preservado. Há claramente um reconhecimento e valorização do autor acerca da atuação pública da universidade na área artístico-cultural.

Ao analisar a interação entre a universidade e o ambiente cultural na atualidade, Rubim também avalia que o “fundamental desenvolvimento e

consolidação acadêmica” das instituições universitárias paradoxalmente termina a afastando dos “problemas situados em seu entorno espaço-social” (p. 151). Nessa direção, compreende ser urgente que a instituição invista em “dispositivos de interlocução e em serviços culturais destinados a seu entorno social”, a partir de uma “plena consciência do significado profundo desta sua atitude e das ricas repercussões dela na sociedade” (p. 159/160).

A explanação sobre política cultural na universidade nos leva a um outro tópico relevante. Assim, compreendemos ser importante realizar um exame sobre quais podem ser os objetivos dessa política. Sempere (2011) concebe um maior nível de sensibilidade das políticas culturais em relação às mudanças que ocorrem na sociedade, e assim, tais políticas podem ter o seu conteúdo e seus objetivos ampliados sobremaneira, sendo então por demais complexo a definição de limites precisos para a sua atuação. O autor pondera ainda que as políticas culturais são

[...] um grande recipiente com capacidade para incorporar vastas temáticas e atribuições. As atribuições básicas que foram estabelecidas no final do século XIX e começo do XX — grandes infraestruturas de museus, arquivos, teatros nacionais etc. e funções de conservação e manutenção — ampliaram-se muito, e o conteúdo da política cultural é elástico como a própria evolução da sociedade. (SEMPERE, 2011, p. 121)

Portanto, muitos podem ser os objetivos de uma política cultural desenvolvidos pela universidade. Precipuamente consideramos válido destacar alguns desses objetivos, em especial os que costumam ser mais comuns nas ações universitárias. Dentre eles podemos citar a conservação do patrimônio, a formação artística, o compromisso com o processo de formação de plateia, a valorização da cultura regional, o estímulo a novas criações e à inovação, a promoção do acesso a arte e cultura, etc. Interessante notar que, pensando no caso das universidades que possuem equipamentos culturais a elas vinculados, Sempere (2011) argumenta sobre a necessidade de estimular o potencial de aprendizado em torno desses equipamentos.

Na linha de propostas para uma política cultural na universidade, sem a pretensão de esgotar as possibilidades existentes, elencamos no quadro 4 algumas indicações feitas por Rubim (2016d).

QUADRO 4 – Propostas para uma política cultural universitária

N.	Proposta
1	Formação de pessoal com especialização no campo cultural (criadores, difusores e organizadores culturais)
2	Criação de cursos com temáticas interdisciplinares que envolvam cultura e outros campos do saber
3	Formação cultural de toda a comunidade universitária
4	Formação de plateias ou públicos culturais, dentro e fora dos muros universitários
5	Alargamento do campo cultural

6	Expansão e consolidação de pesquisas e estudos acadêmicos sobre temáticas e problemas relevantes para o campo da cultura, que enfrentem questões, façam diagnóstico de dificuldades e debatam soluções
7	Instalação de programas de pós-graduação e linhas de pesquisa sensíveis ao registro cultural
8	Criação e difusão de conhecimentos novos acerca das novas circunstâncias culturais locais e globais
9	Promoção de intercâmbio entre a universidade e a comunidade cultural.
10	Realização de pesquisas experimentais pertinentes às linguagens, técnicas e tecnologias conectadas ao campo cultural.
11	Atuação no estímulo a um ativo e criativo campo cultural

Fonte: Rubim, 2016d, p. 158-161

Embora possa contar efetivamente com um expressivo número de possibilidades de execução, é certo que, como se pretende com a formulação de qualquer política pública, os objetivos e propostas que citamos, tem como finalidade maior beneficiar a sociedade. E como este pode ser identificado como um propósito primordial da universidade, no intuito de servir a comunidade e colaborar com a sua evolução, compreendemos como relevantes as formulações acerca de políticas institucionais de cultura nas instituições universitárias.

Nesse aspecto, uma quarta via de ação é apontada por alguns estudiosos como prática a ser permanentemente compreendida e realizada pela universidade. Essa prática é marcada pelo engajamento da instituição com as necessidades locais, com os problemas sociais que carecem de solução ou ainda com programas que visem trazer melhores condições de vida para a população. Portanto, a temática da pesquisa está relacionada com o que se pode chamar de terceira missão da universidade na concepção de Gimenez (2017), ou como a quarta via das instituições de ensino superior, a saber, a responsabilidade social, de acordo com Petrelli e Colossi (2005), temática abordada igualmente por Ribeiro (2011). Ambas as noções são exploradas por esses autores e convergem no entendimento de que a interação da universidade com a sociedade ocorre primariamente por meio de ações extensionistas com os fins já mencionados.

Para Gimenez (2017), a tradução prática da terceira missão da universidade possui multifacetadas formas de ação e interação com a sociedade. Desse modo, o envolvimento da universidade com o meio em que está inserida pode acontecer de diferentes formas e em níveis diversos. Citando informações da OCDE (2007), a autora pontua que uma dessas formas é a criação de possibilidades que tornem a população apta para contribuir com os avanços locais por meio da conquista de habilidades e competências. Embora considere que a temática ainda necessita de maior elucidação e pesquisa, a mesma assegura que por certo uma das dimensões a ser levada em conta nesse entendimento é a do compromisso social e do engajamento com as demandas que se apresentam localmente.

Petrelli e Colossi (2005), por sua vez, consideram que

[...] a ampliação das funções tradicionais da IES assume um caráter estratégico, ou seja, incluir Responsabilidade Social como mais uma de suas funções, ao lado da tríade tradicional – Ensino, Pesquisa e

Extensão é, uma estratégia de transformação e desenvolvimento institucional das IES no Brasil. (p. 73)

Segundo os autores, a respeitabilidade que a instituição universitária possui, não a torna isenta de críticas sobre a sua atuação. Tais críticas podem ser variadas, mas comumente são direcionadas a forma como essas instituições se dissociam dos problemas sociais que afligem a sociedade. Destacam que não convém à universidade se afigurar solidamente como um órgão pouco dinâmico, corporativo e burocratizado, mas que em plena consciência do seu papel de instituição social, exerça o que os autores nomeiam como quarta via ou dimensão, indo muitas vezes além das suas funções tradicionais.

A perspectiva apresentada por Ribeiro (2011) destaca que o debate sobre responsabilidade social universitária vem alcançando posição proeminente nas discussões e uma dimensão gradativamente mais evidente, sendo cada vez mais um almejado foco de ação. Além disso, a autora aduz que “[...] a universidade é uma instituição legalmente autorizada para participar na elaboração de políticas públicas voltadas para o atendimento da maioria da população, além de participar da execução e avaliação de tais políticas.” (p. 86), o que coloca a instituição em posição privilegiada e também desafiadora.

Não resta dúvida, portanto, que a universidade é uma instituição ligada ao progresso e não ao conservadorismo. Jamais deve perder de vista o foco na transformação social. Com efeito, reconhecemos o caráter emancipatório do investimento em política pública de cultura e é essa análise que nos leva a ponderar positivamente a presença de Instituições do Ensino Superior em iniciativas culturais, visto que por certo, essa atuação converge com o ambicionado modo de operação do Estado nas políticas culturais. Em nossa visão, a universidade pode ser um agente de complementariedade, como bem colocado por Botelho (2001), ao afirmar que deve haver compartilhamento de responsabilidades entre as esferas do poder, de forma que essa conjuntura assegure o desenvolvimento da cultura em suas dimensões antropológica e sociológica.

Apoiados no raciocínio de Machado (1984), entendemos que é fundamental pensar uma política cultural que integre as muitas ações executadas no espaço da universidade e pela universidade, com o fortalecimento de tais ações, tendo como objetivo principal a possibilidade de ousar nas ideias e nas realizações. Entendemos assim ser possível proporcionar maiores benefícios para a comunidade atendida pela instituição por meio da sua política cultural e, portanto, contribuir com o desenvolvimento social.

Por fim, concluímos esse capítulo citando Arruda (2010), por concordarmos com a sua visão que está apresentada em um texto sobre Políticas Públicas de Cultura e Extensão Universitária. Ao refletir sobre o que considera ser a inexorável aliança entre cultura e ciência, a autora diz que “[...] quando uma universidade é capaz de aliar os dois elementos nas ações que desenvolve ela se torna uma instituição mais complexa.” (p. 13), e, portanto, em nossa visão, mais rica, mais inclusiva, mas contributiva, e possivelmente mais produtiva.

2 METODOLOGIA

Conforme explicitado, nossa proposta de pesquisa versa sobre a possibilidade de aprimoramento da política pública de cultura desenvolvida por uma universidade estadual baiana a partir do diagnóstico da percepção dos participantes das ações do Cuca (órgão responsável pela elaboração e desenvolvimento da política) e dos gestores associados a essa política. Nesse capítulo, discutiremos o caminho metodológico que percorremos a fim de alcançar o objetivo proposto.

2.1 TIPO E NATUREZA DO ESTUDO

No trabalho de pesquisa ora apresentado adotamos uma abordagem qualitativa. Tal abordagem se fez necessária por se tratar do caminho através do qual é possível uma melhor compreensão das relações, das visões e dos julgamentos que cada indivíduo possui a respeito do que se vivencia em determinado contexto ou experiência. Na compreensão de Minayo (2005, p. 82), as vivências e reações dos diferentes atores “fazem parte da construção da intervenção e de seus resultados”.

A pesquisa se caracterizou como um estudo de caso que, como preconiza Chizzotti (2005), deve considerar a representatividade da instituição escolhida, o que certamente motivou a nossa proposta. Dessa forma, o estudo foi desenvolvido com foco no Cuca, órgão suplementar e unidade extra *campus* da Universidade Estadual de Feira de Santana, sendo este o responsável por desenvolver a política cultural da instituição desde a sua criação, no dia 15 de setembro de 1995.

Sobre o estudo de caso, assinala-se que esta é uma das formas de pesquisa qualitativa mais utilizadas na área de ciências sociais (GOLDENBERG, 2001). Para Goldenberg, explorar intensamente um único caso possibilita a aquisição de conhecimento sobre o fenômeno que está sendo estudado. Na visão de autores como Laville e Dionne (1999), esse tipo de investigação permite obter explicações tanto acerca do caso considerado, como dos elementos diversos que o cercam e marcam o seu contexto. Nesse sentido, compreendem como maior vantagem, a possibilidade de examinar determinada situação com profundidade, sem a pretensão inicial de comparação.

Diante do exposto, insta observar que o estudo de caso nesse trabalho, parafraseando Laville e Dionne (1999), pretende enriquecer os saberes sobre o fenômeno política cultural na universidade. Como é comum nesse tipo de estudo, não é possível garantir a generalização do conhecimento que será produzido, no entanto, visualizamos no caso do Centro Universitário de Cultura e Arte um caso típico, digno de exame mais detido e aprofundamento pela singularidade que a proposta demonstra apresentar, dado que por certo será verificado no transcurso da nossa análise. Quanto aos objetivos, o estudo teve natureza exploratória, dada a inexistência de trabalhos científicos que tratem do caso específico do Cuca e da política cultural da Uefs.

Com um viés fenomenológico, pretendeu-se captar o “olhar de quem está inserido, vivenciando um fenômeno” (CAVALCANTI, 2014, p. 991). De acordo com o

autor, a essência da vivência daqueles que estão implicados no fenômeno será captada pela intersubjetividade, através dos discursos e das descrições dos diferentes sujeitos, na busca pelas suas percepções e perspectivas. A esse conjunto, soma-se ainda a perspectiva de outros pesquisadores do tema, o que certamente traz nova luz ao fenômeno.

Nesse sentido, ainda segundo o autor, tudo que se encontra no nível da consciência do sujeito representa o fenômeno, “um fato dado no aqui e agora para o sujeito que o vivencia” (p. 991). Portanto, na perspectiva fenomenológica, o conhecimento é construído com base na vivência do sujeito participante da pesquisa, cuja experiência é reconhecidamente subjetiva e singular. Ao buscar compreender a vivência individual em torno de determinado objeto, busca-se a manifestação do que é essencial acerca do fenômeno, por meio da convergência dos discursos produzidos durante a coleta de dados da pesquisa.

Ao se somar a esse processo as ações de outros pesquisadores, torna-se possível chegar a uma generalização a respeito do fenômeno estudado, a fim de entendê-lo na sua inteireza. O caminho da fenomenologia busca assim, conforme Cavalcanti (2014), uma compreensão do fenômeno a partir da interpretação dos participantes, não se limitando a uma mera descrição do fenômeno tratado.

Um procedimento fundamental para melhor compreensão do fenômeno foi a revisão de literatura por meio de textos acadêmicos, a exemplo de artigos publicados em revistas e eventos, dissertações e teses. Vale destacar que na busca efetuada no banco de teses e dissertações da Capes, a fim de identificar trabalhos específicos na área de política cultural na universidade, como já mencionamos, apenas três trabalhos foram localizados, sendo estudos relativos a universidades do sul e do norte do país.

Em função do multifacetado contorno do objeto, a pesquisa bibliográfica foi focalizada nas temáticas políticas públicas, política pública de cultura, cultura e arte, política de extensão universitária e política de cultura na universidade. Explorar essa diversidade de temas como referencial teórico nos possibilitou o exercício de observação do fenômeno em estudo a partir de diferentes perspectivas, estabelecendo conexões entre esses diferentes olhares, o que certamente nos permitiu a análise de dimensões e aspectos distintos do nosso objeto.

No campo da cultura e das políticas culturais, a pesquisa contou com materiais produzidos por diferentes autores com reconhecida experiência na área, como Isaura Botelho, Antônio Albino Canelas Rubim, Lia Calabre, Alexandre Barbalho, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, José Carlos Durand e Francisco Humberto Cunha Filho. Materiais de outros estudiosos, além dos citados, também foram explorados para compreensão desse e dos demais temas concernentes a pesquisa.

Para o levantamento dos dados foram utilizadas as técnicas de análise documental, questionário eletrônico e entrevista semiestruturada. Pois que, para Gil, A. (2010), a análise documental e a entrevista são imprescindíveis na boa condução de estudos de caso, como é a característica do nosso trabalho. A análise documental foi realizada com base em documentos institucionais como detalharemos adiante, visando a identificação de informações relevantes para a pesquisa acerca da política

cultural da Uefs. A coleta dos demais dados considerou uma amostragem não-probabilística, típica da abordagem qualitativa, conforme explicitado por Gil, A. (2008).

Dado o cenário de isolamento social, decorrente da pandemia da Covid-19, a aplicação dos instrumentos de coleta de dados foi realizada por meios digitais. O contato foi realizado previamente por e-mail e telefone com base no banco de dados da instituição, cuja autorização para uso foi concedida pela direção do Cuca através de termo de anuência que integrou o nosso projeto de pesquisa. Informações como nome, data de nascimento, documento de identificação e endereço não foram solicitadas no formulário, pois estavam disponíveis na referida base. Assim sendo, no questionário, a identificação dos respondentes ocorreu no campo de informação do e-mail pessoal.

É importante destacar que a pesquisa obteve aprovação de dois diferentes Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) e que somente após a aprovação nessas duas instâncias, foi iniciado o procedimento de coleta de dados junto aos participantes e gestores. O primeiro parecer favorável foi emitido pelo CEP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em 10 de dezembro de 2020, sob número CAAE: 39247420.6.0000.0056 e número de parecer: 4.452.849. O segundo parecer favorável foi emitido pelo CEP da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), em 17 de abril de 2021, sob número CAAE: 39247420.6.3001.0053 e número do Parecer: 4.655.988.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A definição dos sujeitos da pesquisa teve como objetivo contar com uma representação dos indivíduos que tivessem vivenciado com maior intensidade e/ou frequência o ambiente artístico-cultural proporcionado pelo Cuca. Dada a diversidade de ações desenvolvidas pelo centro cultural, consideramos que estas possibilitam a vivência das pessoas de forma variada, de acordo com as atividades com as quais esses sujeitos possuem maior interação, exigindo assim uma diversificação da coleta entre os respondentes. Dessa forma, organizamos os sujeitos da pesquisa em grupos conforme as suas vivências com a política cultural da Uefs, implementada através do Cuca.

Assim sendo, foram definidos 5 diferentes grupos para participação. O GRUPO 1 correspondeu aos alunos do programa de formação artística; o GRUPO 2 aos profissionais credenciados (instrutores) que prestam serviço no programa; o GRUPO 3 aos demandantes da pauta (autorização de uso do espaço) considerados parceiros na realização de projetos e ações; o GRUPO 4 aos artistas que expuseram no MRA no ano de 2019, que é o principal espaço expositivo do Cuca; e o GRUPO 5 aos gestores da universidade envolvidos com a execução da política cultural.

Em um primeiro momento, o questionário foi aplicado para os integrantes dos grupos 1, 2, 3 e 4. Buscamos assim uma composição que expressasse a percepção básica, em um formato mais objetivo, daqueles envolvidos nas ações mencionadas. Esta percepção foi aprofundada posteriormente com a realização das entrevistas

semiestruturadas com os mesmos grupos. Nesse momento, contudo, foi incluído o quinto grupo, que participou apenas dessa etapa da pesquisa. Com o aprofundamento mencionado, os instrumentos de coleta de dados foram aplicados para um total de 145 pessoas, considerando os sujeitos para os quais foram enviados os questionários, somados aos que foram contatados por nós e convidados para participação na entrevista.

Em síntese, o processo de coleta dos dados entre os participantes foi desenhado em duas etapas. Uma primeira etapa mais ampla em seu alcance, que contou com um maior número de sujeitos na aplicação dos questionários e uma segunda etapa de menor alcance numérico, com a realização das entrevistas. Para isso foi aplicado um primeiro conjunto de critérios para os diferentes grupos na primeira etapa da coleta de dados. E em seguida, sobre a amostra resultante dessa primeira aplicação de critérios, aplicamos um novo conjunto de critérios a fim de refinar e reduzir o número de participantes da segunda etapa.

Insta esclarecer que explicitaremos primeiramente o conjunto de critérios adotados para realização das entrevistas (primeira etapa), que visou a delimitação dos sujeitos de pesquisa pertencentes aos grupos de 1 a 4, compondo uma amostragem de 130 (cento e trinta) pessoas, e posteriormente abordaremos os critérios de refinamento da amostra relativos a segunda etapa. Acerca do primeiro conjunto de critérios estabelecidos no planejamento da pesquisa, temos a elucidar que os grupos ficaram assim definidos:

- a) GRUPO 1, composto pelos alunos do programa de formação artística, o grupo foi integrado por aqueles que se matricularam em no mínimo duas oficinas no primeiro semestre do ano de 2019, em linguagens artísticas diferentes. Todos possuíam idade mínima de dezoito anos e e-mail cadastrado no banco de dados da instituição. A partir de informações obtidas em relatório do sistema de gerenciamento das oficinas (Casys), essa seleção contou com cinquenta e sete participantes;
- b) GRUPO 2, composto pelos profissionais que atuam como formadores no programa de formação artística da instituição, ou seja, aqueles credenciados para ministrarem aulas nas oficinas. O critério aqui aplicado para envio do questionário foi a contratação para ministrarem as aulas no primeiro ou no segundo semestre de 2019, ficando desse modo definida uma amostra de cinquenta e quatro participantes a partir desse critério;
- c) GRUPO 3, composto pelos indivíduos que solicitaram autorização para uso do espaço do Cuca tendo em vista a promoção de ações artístico-culturais. Considerados parceiros institucionais na realização de projetos e ações, foram selecionados aqueles que firmaram no mínimo dois contratos no decorrer do ano de 2019. A consulta à base de dados dos contratos, levou-nos a uma amostra de sete participantes nesse grupo.
- d) GRUPO 4, composto pelos artistas que expuseram no principal espaço expositivo do Cuca, o Museu Regional de Arte (MRA). Esse grupo contemplou os artistas que tiveram exposições abertas no ano de 2019, em conjunto ou individualmente, totalizando doze participantes.

Concluída a explicação sobre o primeiro conjunto, abordaremos agora o segundo conjunto de critérios aplicados aos grupos para participação nas entrevistas. Como mencionamos antes, dado o tamanho da amostra e a consequente impossibilidade de realizar entrevista com todos os participantes (respondentes dos questionários) durante o período planejado para a pesquisa, configurou-se a necessidade de refinamento da seleção inicial para desenvolvimento dessa etapa da coleta. Assim sendo, demonstraremos a seguir os critérios adotados para seleção dessa amostra:

- a) GRUPO 1 - No caso dos alunos das oficinas, foram aplicados mais três critérios dentro da amostra delimitada primeiramente. Nesse universo previamente definido, foram selecionados aqueles que estiveram matriculados em três oficinas no primeiro semestre de 2019 e que ingressaram como alunos do Cuca no máximo até o primeiro semestre de 2018, considerando o critério de antiguidade. O segundo filtro foi ter como local de residência a cidade de Feira de Santana no cadastro realizado no sistema de gerenciamento das oficinas; e o terceiro filtro foi a seleção dos que participaram de oficinas artísticas em pelo menos duas linguagens diferentes no semestre de referência da amostra (2019.1). A consulta aos relatórios do sistema indicou que essa amostra era composta por cinco participantes;
- b) GRUPO 2 – No caso dos profissionais credenciados que prestam serviço de formação artística, dentre os participantes da etapa do questionário, foi aplicado o critério de maior número de contratos firmados como credenciado no edital de credenciamento vigente, com o mínimo de três semestres como instrutor nas oficinas do Cuca e por último o critério de idade, sendo selecionado o instrutor de maior idade em cada linguagem artística. Essa mostra contou com representação igual das quatro áreas de formação (teatro, artes visuais, música e dança) e assim o número total da amostra foi de quatro participantes;
- c) GRUPO 3 – No caso dos demandantes do espaço, foi selecionado um representante para participar da entrevista. O critério aplicado nesse caso foi contar com o maior número de contratos assinados durante o ano de 2019, presumindo assim um maior contato deste com a ambiência artística do Cuca;
- d) GRUPO 4 – No caso dos artistas que expuseram seus trabalhos no Museu Regional de Arte em 2019, foram usados dois critérios para escolha do participante. O primeiro deles foi a abertura da exposição em período mais recente até a conclusão do nosso projeto de pesquisa, ou seja, no segundo semestre de 2019. O segundo foi a residência do artista na cidade de Feira de Santana, o que no nosso entendimento favorece maior proximidade deste com o Cuca, resultando em um participante;
- e) GRUPO 5 – contou com gestores diretamente ligados à política cultural da universidade na atualidade e de um gestor do Cuca que tenha atuado na década de 1990, ou seja, no período inicial de atividades do centro. No caso

dos gestores atuais, foram convidados para participação na entrevista o reitor atual da Uefs, o diretor atual do centro de cultura e um coordenador do Cuca com maior tempo de experiência na unidade. Foram convidados, portanto, três gestores atuais e um gestor anterior, totalizando quatro gestores com o objetivo de identificar a percepção destes acerca da política cultural em estudo.

Em suma, através das entrevistas se esperou obter dados mais aprofundados a partir da percepção de quatro gestores e onze participantes das ações do Cuca, com base no refinamento dos critérios de seleção da amostra demonstrados acima, totalizando dessa forma quinze participantes nas entrevistas. No Quadro 5, é possível ver uma síntese do número de participantes em seus respectivos grupos, de acordo com a fase da coleta de dados. No nosso entendimento, as amostras propostas buscaram representar e dar voz aos indivíduos implicados nas ações da política cultural, a fim de que estes fornecessem informações relevantes acerca dessa política, a partir das suas percepções.

QUADRO 5 – Síntese do número de participantes da pesquisa por grupo

Grupo	Participantes da etapa do questionário	Participantes da etapa da entrevista
1	57	05
2	54	04
3	07	01
4	12	01
5	-	04
Total	130	15

Fonte: Elaborado pela autora

2.3 COLETA E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Tendo em vista o plano de analisar a política cultural desenvolvida pela Uefs na percepção dos gestores e participantes das ações promovidas pelo Cuca e os objetivos específicos da nossa proposta de pesquisa, para coleta dos dados, estruturamos o caminho metodológico em três fases com procedimentos adequados a cada uma delas. O procedimento adotado no primeiro desses momentos foi a pesquisa documental e no segundo e terceiro momentos foram coletados dados diretamente com os sujeitos da pesquisa por meio dos questionários eletrônicos e das entrevistas semiestruturadas, respectivamente. Começaremos a explicação sobre como se deu esse processo descrevendo inicialmente a fase da pesquisa documental e em seguida abordaremos os demais instrumentos.

Desse modo, cabe esclarecer que a fase de número um, relativa à pesquisa documental, requereu a análise de diversos documentos físicos e de registros virtuais. No âmbito geral, essa atividade envolveu o exame de documentos relacionados à temática da extensão universitária no site da Rede Nacional de Extensão e de

documentos produzidos pelo Governo Federal com o tema política de cultura, principalmente a partir dos anos 2000 pelo Ministério da Cultura, documentos produzidos por organizações internacionais como a Unesco e ainda decretos, portarias e leis relativas ao tema.

Já na esfera da universidade, a pesquisa documental passou pelo exame de informações disponíveis no site da Uefs (www.uefs.br), nas resoluções dos conselhos superiores da Universidade, no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI-Uefs), nos relatórios quadrienais de gestão, nos relatórios anuais de atividade da instituição, no projeto de implementação do curso de licenciatura em música e também nas publicações de órgãos da imprensa relacionadas a universidade que contemplavam o tema arte e cultura.

De modo igualmente importante, nos dedicamos aos documentos institucionais físicos e virtuais do centro cultural objeto do nosso estudo. Com a devida autorização da direção do Centro, foram examinados relatórios disponíveis relativos aos anos de 1995-1998, 1996, 1997, 2001, 2005, 2008, 2016, 2017, 2018-2020, relatórios do sistema de gerenciamento das oficinas, documentos e comunicados oficiais, informações presentes no site www.cuca.uefs.br e registros e dados disponíveis nas redes sociais do centro cultural, tanto aqueles produzidos pela instituição, como os que foram registrados por usuários em duas diferentes redes sociais, o Instagram e o Facebook, nas quais o Cuca mantém perfil ativo com manutenção constante e interação com o público. Além dos registros nas redes sociais mantidas pela instituição, analisamos também avaliações da instituição que constam em sites como *Tripadvisor*, e na opção “*O que fazer*”, disponível no site *Google*.

Uma vez explicado como ocorreu o processo de coleta de dados por meio da análise documental, seguiremos com a explicação sobre a coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa, composta pelas duas fases seguintes: aplicação dos questionários e realização das entrevistas. Esses foram os instrumentos utilizados para identificarmos a percepção dos participantes e gestores sobre a efetividade da política da Uefs no campo da arte e da cultura local, divididos em cinco grupos predeterminados no projeto de pesquisa, os quais foram caracterizados no tópico anterior desse capítulo com os respectivos conjuntos de critérios de seleção para participação no primeiro momento (questionário), e em seguida no segundo momento (entrevista).

Vale observar que ainda nesse tópico abordaremos mais detalhes acerca desses instrumentos, mas antes é relevante assinalar que toda a pesquisa foi desenvolvida pautada na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Ministério da Saúde / Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), que dispõe sobre as normas para pesquisas que envolvem a utilização de dados obtidos diretamente com os participantes ou de informações identificáveis, visando a proteção destes e garantindo a ética esperada na pesquisa social. Sendo, portanto, garantido o respeito e o pleno exercício dos direitos de cada envolvido na pesquisa.

Em alinhamento com os procedimentos indicados para pesquisa na área social (BRASIL, 2016), todos os participantes foram maiores de 18 anos e para participarem da pesquisa, tiveram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) submetido

previamente a apreciação. Os modelos dos termos de consentimento utilizados para o questionário e para a entrevista constam no Apêndice A. Salientamos que o documento pôde ser lido com calma por aqueles que foram convidados para responder a pesquisa, em seus equipamentos pessoais (computador, celular, tablet, etc), antes de decidirem ou não pela participação. Os que desejaram participar, precisaram indicar a concordância antes de prosseguirem. Após o consentimento, os participantes receberam por e-mail uma cópia desse documento, devidamente assinada pela pesquisadora e com a indicação do consentimento por eles declarado antes da participação na pesquisa.

No caso dos respondentes dos questionários, esses participantes tiveram acesso ao TCLE na tela inicial de apresentação do questionário e somente acessaram à área das perguntas do formulário eletrônico, após concordância manifesta, e, portanto, do consentimento no TCLE. Os participantes das entrevistas, por sua vez, receberam o link para acesso ao TCLE por uma mensagem de e-mail enviada a partir da conta institucional da pesquisadora. Desse modo, a entrevista somente foi realizada após o consentimento do participante no termo em questão.

Sobre o planejamento dos instrumentos de coleta de dados junto aos participantes, convém ainda ressaltar que a partir da constatação de que as experiências dos grupos eram variáveis conforme a ligação que possuíam com o Cuca e como vivenciaram as ações promovidas pelo centro cultural, as perguntas definidas no questionário e na entrevista variaram em função dos grupos, considerando que determinadas perguntas não se aplicavam de forma unânime à experiência de todos os grupos. Apesar das variações mencionadas acerca das abordagens dos instrumentos de acordo com os respectivos grupos, fizemos um esforço no sentido de mantermos certa similaridade entre as questões abordadas e no ordenamento destas. Essa iniciativa teve como finalidade detectar as percepções sobre aspectos semelhantes, mas que poderiam ser vistos sob as diferentes perspectivas dos grupos.

Cabe-nos detalhar, a partir daqui, em primeiro lugar as informações sobre o uso do questionário (modelos no Apêndice B) e em seguida sobre as entrevistas (modelos no Apêndice C). Iniciaremos então pelo questionário, explicitando que, seus diferentes modelos (de acordo com cada um dos grupos) contaram com uma proposta de estrutura básica e única em todos eles, dividida em duas sessões. A primeira sessão teve como objetivo buscar a percepção dos sujeitos a partir das suas experiências pessoais no Cuca, e a segunda sessão buscou a percepção destes a partir de uma análise mais geral sobre a instituição.

Sobre os participantes, o formulário foi enviado para quatro grupos (1, 2, 3 e 4), sendo que a plataforma utilizada para aplicação do instrumento foi o Google Formulários. Sobre as características das perguntas do questionário eletrônico, o instrumento combinou perguntas fechadas de múltipla escolha e apenas uma questão aberta. A maioria das perguntas fechadas dispôs de opções de respostas com a escala de Likert, e outras perguntas, em menor número, possuíam no campo de

opções apenas as alternativas “Sim” ou “Não”. Com a estrutura da escala de Likert⁶ se pretendeu captar o nível de acordo ou desacordo do respondente em relação aos enunciados apresentados. Nessas perguntas, quando o respondente não encontrou uma resposta que correspondesse totalmente à sua opinião, foi possibilitado a este marcar a opção que indicava “Não concordo, nem discordo”.

Essa possibilidade visou refletir com mais assertividade a percepção do participante, evitando o risco deste se sentir obrigado a informar uma resposta sobre a qual não tivesse total clareza ou segurança de opinião. Desse modo, compreendemos que foram atenuados possíveis inconvenientes procedentes de situações semelhantes a que acabamos de citar, não sendo o respondente forçado a fornecer uma informação incompatível com o seu pensamento.

Para Laville e Dionne (1999), o questionário é um instrumento privilegiado de sondagem, pois pode demonstrar a opinião de uma amostra de maior tamanho, com a condição básica de que seja assegurada a representatividade dos grupos envolvidos. Algumas vantagens destacadas pelos autores são a rapidez e o alcance do instrumento, a leitura dos participantes com algum nível de uniformidade em função da ordenação similar das perguntas e respostas, e a facilidade para compilação e comparação das respostas.

No processo de coleta de dados com o questionário constatamos um melhor nível de resposta logo após realizarmos contato telefônico explicando os objetivos da pesquisa, confirmando os contatos de e-mail e reforçando o convite para participação. Os contatos telefônicos, porém, foram realizados apenas com os que ainda não tinham enviado resposta, e sempre após um dos momentos de envio de mensagem de e-mail com o convite.

Sobre as mensagens de convite para responderem ao questionário, salientamos que foram realizados seis envios no período de 28 de abril a 26 de junho de 2021, com periodicidade média de 12 (doze) dias, e que o seu assunto da mensagem foi modificado a cada novo envio, mantendo, porém, a identificação básica de um convite para participação na pesquisa sobre a Política Cultural da Universidade.

Tendo sido concluída a etapa de aplicação dos questionários, seguimos para a etapa de coleta de dados por meio de entrevistas. Estratégia similar à do questionário em relação a estrutura e abordagem foi aplicada no planejamento do roteiro das entrevistas semiestruturadas, contando, entretanto, esse instrumento com três sessões. A primeira delas teve o objetivo de delinear o perfil do entrevistado, a segunda pretendeu analisar a experiência do entrevistado no Cuca, e a terceira teve como proposta analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade.

⁶ Resposta em forma de escala de 1 (um) a 5 (cinco). Em parte das perguntas, a escala estava estruturada como sendo o número 1 (um) a opção correspondente à resposta “Discordo totalmente” e o número 5 (cinco) a opção correspondente à resposta “Concordo totalmente”. A opção intermediária no caso (a de número 3) correspondeu à opção “Não concordo, nem discordo”. Em outra parte das perguntas, a escala também ofereceu as opções de 1 (um) a 5 (cinco), mas equivalendo respectivamente às opções Péssima e Excelente.

Por meio desse instrumento de coleta, buscamos o aprofundamento da compreensão das categorias abordadas no questionário junto aos quatro grupos, após o refinamento da seleção dos participantes com os critérios já apontados. Além disso, a entrevista foi o instrumento para obtenção de informações junto aos gestores, sendo, portanto, incluídos nesse momento todos os cinco grupos. A plataforma utilizada para realização e gravação das entrevistas foi o Google Meet.

O contato inicial com os participantes previamente elencados foi realizado por e-mail ou por telefone, e dessa forma efetuamos o agendamento de acordo com a disponibilidade daqueles que demonstraram interesse em participar. Com o início da realização das entrevistas, iniciamos também a transcrição integral destas a partir das gravações realizadas com a autorização prévia do entrevistado. Apesar de termos planejado a entrevista com representantes dos cinco grupos, apenas quatro deles participaram dessa etapa, devido a dificuldade de estabelecermos contato telefônico e por e-mail com os integrantes do Grupo 1, relativo aos alunos do programa de formação artística.

Laville e Dionne (1999) destacam que é útil e interessante conjugar a entrevista a aplicações prévias de questionários, visando o aprofundamento das informações. Os autores observam que a entrevista é um instrumento comumente utilizado na realização de estudos de caso, como é caracterizado o nosso trabalho, e definem a entrevista semiestruturada como uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento.” (p. 188)

Os autores afirmam ainda que por meio da entrevista se obtém uma ideia mais clara do que o entrevistado realmente pensa, e que esse instrumento oferece uma amplitude maior, dada a possibilidade de formular novas perguntas no decurso da sua realização e melhor esclarecê-las ao entrevistado. Ademais, é possível buscar compreender adequadamente e em tempo real as respostas apresentadas.

Por outro lado, com o uso do instrumento, o pesquisador assume o risco da redução da uniformidade nas respostas, pois efetivamente as diferenças de perspectivas entre os participantes fica evidenciada na entrevista. Isso, obviamente, traz desafios no tratamento dos dados, mas favorece igualmente a riqueza da coleta e a ampliação das informações, como bem pontua os autores citados, ao declararem que o instrumento favorece a profundidade na exploração dos dados. Nesse sentido, concluem que

A flexibilidade adquirida permite obter dos entrevistados informações muitas vezes mais ricas e fecundas, uma imagem mais próxima da complexidade das situações, fenômenos ou acontecimentos, imagem cuja generalização será todavia delicada e exigirá cuidado e prudência por parte do pesquisador. (LAVILLE e DIONNE, 1999, p. 190)

Cabe então abordar aqui como ocorreu o tratamento dos dados coletados em nossa pesquisa. Assim, recorreremos novamente ao entendimento de Laville e Dionne (1999) por expressarem habilmente, em nosso entendimento, as premissas para que tal procedimento seja realizado de maneira adequada. Os autores salientam

que os “[...] dados precisam ser preparados para se tornarem utilizáveis na construção dos saberes. O pesquisador deve organizá-los, podendo descrevê-los, transcrevê-los, ordená-los, codificá-los, agrupá-los em categorias [...]” (p. 197). Assim procedido, é possível ao pesquisador realizar a análise e interpretação, e assim chegar às conclusões da pesquisa. Nessa perspectiva, o nosso planejamento da coleta de dados visou corresponder diretamente aos objetivos específicos propostos em nosso trabalho, bem como fornecer subsídios para uma análise adequada e segura dos dados.

Ainda de acordo com Laville e Dionne (1999), faz-se necessário examinar a composição das palavras e das frases que compõem a transcrição, procurando o sentido destas, efetuando a comparação, a avaliação, descartando o que é acessório, reconhecendo o essencial e organizando os dados essenciais “em torno das ideias principais”. Os autores consideram como sendo esse um processo fundamental para a análise de conteúdo, que consiste em “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair a sua significação.” (p. 214) Os autores afirmam ainda que a seleção dos recortes e o agrupamento dos elementos que emergem determinarão a qualidade do processo de análise e do seu resultado.

Portanto, para melhor compreensão do fenômeno estudado, a análise dos dados obtidos foi realizada por meio da análise de conteúdo, com determinação de categorias no transcrito da coleta e da análise, pois que segundo os autores supramencionados, enquanto coleta as informações, o pesquisador também realiza a elaboração do fenômeno. A respeito da análise de conteúdo, Bardin (1977) afirma que se trata de

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (p. 42)

Em especial os dados coletados nas entrevistas, marcados inicialmente com um traço de material bruto, requereram um estudo aplicado do seu conteúdo. Em nosso trabalho de pesquisa, tais dados foram primeiramente transcritos, com a adequada revisão da transcrição e organizados em arquivos individualizados por participante. Em uma segunda análise desses documentos, foi realizado o destaque de trechos das entrevistas (ver Apêndice D), observando palavras-chave. A análise do conteúdo envolveu a marcação de partes do texto com cores diferenciadas a fim de viabilizar a estruturação por categorias de análise que serviram de referência na interpretação dos dados da pesquisa.

Já os dados objetivos coletados nos questionários foram organizados em planilhas separadas por grupos, com tabulação estruturada por pergunta para permitir uma análise exaustiva dos dados no processo de geração de informações a partir dessa organização. Para auxiliar no processo de análise, alguns dados dos questionários foram também convertidos em gráficos a fim de ilustrar as respostas

predominantes e percepções dos participantes. No caso dos dados subjetivos do questionário (ver Apêndice D), esses tiveram organização semelhante aos dados das entrevistas.

Na análise por categoria, os dados foram separados entre dados coletados entre os participantes das ações e dados coletados entre os gestores. Desse modo, no caso do primeiro grupo, os dados obtidos foram tratados de acordo com as seguintes categorias de análise:

- a) Experiência do participante da pesquisa no Cuca;
- b) Percepção do participante da pesquisa sobre a política cultural da Universidade.

No caso do grupo dos gestores, com fins a uma complementação e enriquecimento da primeira análise dos dados, foram adotadas três categorias, a saber:

- a) Trajetória do Cuca sob a ótica dos gestores;
- b) Percepção sobre a missão;
- c) Perspectivas futuras.

Com essa disposição, a análise exaustiva dos dados foi feita orientada pelo nosso referencial teórico. Tal categorização assegurou a análise dos dados obtidos na pesquisa com um olhar sistemático, com o qual se pretendeu captar as relações entre os dados, na forma das convergências e divergências existentes entre eles. Por conseguinte, entendemos essa estratégia como compatível à nossa proposta de estudo e capaz de viabilizar o nosso objetivo de analisar a efetividade das ações desenvolvidas pela instituição e a sua configuração como política cultural da universidade.

Nessa vertente, atentemos que a complementariedade no procedimento de análise, alcançada com a integração dos dados coletados através da análise documental e dos demais instrumentos de coleta, segundo Richardson (2017), é uma das formas de garantir a maior validade dos resultados. Portanto, segundo o autor, o uso de dados de origem múltipla é uma ferramenta efetiva que auxilia na busca dos resultados. Foi a partir desse entendimento, que adotamos no caminho metodológico a coleta dos dados através de três diferentes instrumentos (análise de documentos, questionário e entrevista) em duas diferentes fontes, visando a análise conjunta destes.

Por fim, salientamos que essa proposta metodológica visou reunir um conjunto de dados e informações a partir da identificação da percepção dos participantes e gestores das ações do Cuca e das informações identificadas na análise documental, com o objetivo de subsidiar propostas de aprimoramento da política cultural da Uefs, como descrito em nosso objetivo. Dessa forma, com a obtenção dos dados, realizamos as reflexões e considerações acerca do fenômeno em estudo que serão apresentadas nos próximos capítulos.

3 O CUCA COMO POLÍTICA CULTURAL EM FEIRA DE SANTANA

O nosso objeto de estudo está localizado na cidade de Feira de Santana, município do interior baiano, que fica à cerca de 108km da capital Salvador. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informam sobre uma população estimada de 624.107 habitantes em 2021, com um Índice de Desenvolvimento Humano⁷ atual de 0,712. Esse indicador não pode ser considerado o ideal, mas ainda assim coloca a cidade na quinta posição em nível estadual. Essa posição cai bastante quando o IDH da cidade é cotejado em nível nacional, dado que Feira nesse cenário ocupa a 1546^a posição, empatada com mais dois municípios, dentre as 5.565 posições elencadas na lista divulgada pelo IBGE. Para se ter uma ideia do panorama nacional, a cidade brasileira com melhor posição fica em São Paulo e chama-se São Caetano do Sul, com IDH de 0,862.

Vê-se aqui que muito ainda há que se caminhar no sentido de melhorias da qualidade de vida da população local. Entretanto, uma análise da progressão desses dados, a partir da década de 1990, demonstra uma melhora do índice nos últimos 30 anos. Nesse sentido, consideramos útil apresentar como se dá esse quadro de progresso, pois que na década citada acima, o IDH da cidade era de apenas 0,460, quando Feira de Santana ocupava a quarta posição estadual. Já nos anos 2000, o município assume o terceiro lugar com um IDH de 0,585, e em 2010 ocorre uma nova elevação desse índice para o patamar atual, mas ainda assim a cidade perde lugar para municípios como Barreiras, Luís Eduardo Magalhães e Itabuna. Salientamos, portanto, que tal ritmo de evolução não é um privilégio do município feirense, pois característica semelhante é identificada em outras cidades brasileiras no período citado, o que demonstra uma tendência de melhoria da qualidade de vida em boa parte dos municípios no decorrer dos anos.

Obviamente, muitas observações podem ser feitas a partir da análise desses dados, mas a nossa atenção se voltou especialmente para uma reflexão sobre o conjunto de fatores que contribuiu para o relativo avanço do IDH na cidade de Feira de Santana. Nessa ótica, é factível concluir que são diversos os aspectos que favorecem tal progresso. Embora não esteja no escopo do nosso trabalho identificar todos esses fatores, por ora convém pontuar que, em nossa compreensão, as iniciativas voltadas para a arte e a cultura podem ser incluídas nesse conjunto.

Isto posto, é apropriado esclarecer ainda que o IDH é um índice que faz a leitura sobre o desenvolvimento da sociedade em uma perspectiva mais ampla que o PIB, indo além da leitura simplista de desenvolvimento exclusivamente como avanço econômico. O foco, portanto, é mantido na qualidade de vida da população. Nesse sentido, a plataforma Atlas Brasil, caracteriza o desenvolvimento humano como um

[...] processo de ampliação das liberdades das pessoas com relação às suas capacidades e oportunidades. Pode ser compreendido como

⁷O índice varia entre 0,000 e 1,000. Quanto mais próximo de 1,000, maior é considerado o desenvolvimento humano da região. Seu cálculo contempla três diferentes dimensões: a longevidade, a educação e a renda.

o desenvolvimento das pessoas por meio da construção de capacidades humanas, com a participação ativa dos indivíduos no centro dos processos que possibilitam a valorização e a melhora da qualidade de suas vidas. (ATLAS..., 2021, p. 1)

Tal compreensão encontra-se em consonância com os objetivos já explicitados no capítulo inicial desse trabalho em relação às políticas públicas, notadamente os objetivos expressos para a política de cultura e para a política de extensão, sendo seguramente estas políticas, vetores que também podem colaborar com tal desenvolvimento. Em nossa visão, trata-se de uma conjunção que favorece o almejado progresso humano e desse modo, é adequado analisar o objeto também sob tal perspectiva.

Diante do exposto, pretendemos examinar aqui algumas informações relacionadas à política institucional de cultura desenvolvida pela Universidade Estadual de Feira de Santana, notadamente por meio do Cuca. Consideraremos nessa breve análise alguns aspectos como o cenário que antecedeu a criação do órgão, como ocorreu a sua implementação e como se dá a sua atuação junto a comunidade, abordaremos ainda a questão do reconhecimento que o complexo possui, as potencialidades e os desafios que envolvem a gestão de uma política desse tipo e por fim, mas não menos importante, discutiremos a questão da institucionalidade da política.

3.1 CENÁRIO QUE ANTECEDE A CRIAÇÃO DO CUCA

Com o objetivo de explorar sucintamente a conjuntura que contribuiu para a institucionalização do órgão de gestão de cultura da universidade e na busca por identificar as ações fundamentais para florescência do fenômeno em estudo, retomaremos em uma perspectiva histórica alguns dos elementos que nos remetem à implementação do Cuca. Não esperamos, contudo, contemplar exaustivamente todos os pormenores desse processo, mas apontar aspectos emblemáticos desse percurso, facilitando sua compreensão.

Um dos elementos que compõem esse cenário é a percepção da própria comunidade acerca da carência de atividades culturais no município, num momento em que o crescimento acelerado da cidade acentuava, para muitos, a sensação de fragilização de sua cultura. Tal fenômeno foi demonstrado por Silva (2018) ao discutir a posição do antropólogo e professor da Uefs, Vicente Deocleciano Moreira, que apresentou críticas à condução e à forma que o desenvolvimento vinha tomando na cidade na década de 1980.

Com efeito, em 1988 Moreira publicou uma crítica no jornal Feira Hoje, na qual elencou os aspectos que embasavam a sua posição. Em síntese, algumas das questões que integravam as preocupações do estudioso passavam pela destruição do patrimônio arquitetônico, desvalorização dos artistas locais, falta de equipamentos culturais na cidade, baixo nível de financiamento das ações culturais e falta de apoio

aos artistas. O que nos sugere que a cidade parecia passar por um momento de perdas no campo da arte e da cultura.

Assevera Silva que a matéria com tal crítica foi publicada primeiro no ano de 1985 pelo jornal *Feira Hoje*, e republicada pelo mesmo jornal no ano de 1988, com uma observação que não passou despercebida, cujo texto abordava a plena possibilidade de aplicação do seu conteúdo ainda naquele momento, decorridos três anos. Ora, podemos concluir que na visão do antropólogo, mesmo com a presença do Seminário de Música desde 1962, da Universidade desde o ano de 1976 e de outras instituições culturais relevantes na cidade⁸, o município ainda enfrentava dificuldades ligadas à área cultural, como podemos constatar nas preocupações supramencionadas. Não que tenhamos a intenção de afirmar que a simples presença de tais instituições na região asseguraria uma solução única para os problemas descritos, mas convém ponderar também que a ausência dessas instituições certamente seria mais um vetor de dificuldades, tornando os problemas ainda mais complicados de serem solucionados.

As preocupações de Moreira se assentavam em grande medida em cuidados para evitar uma possível perda da identidade local. Na visão do antropólogo, tal identidade estava substancialmente abalada pela grande mistura que passava a compor a cidade de Feira de Santana de forma progressiva, visto que pessoas de diferentes localidades e culturas passavam a habitar a cidade, por conta da sua marcante característica como entroncamento rodoviário. Portanto, na visão do autor essa miscelânea colocava sob risco a identidade cultural da região.

Acerca do artigo de Vicente Deocleciano Moreira, vale ponderar, contudo, que há visões contraditórias sobre os aspectos por ele abordados e sua visão sobre a cultura local. Essa contraposição também é apontada por Silva (2018), com base em uma publicação no mesmo Jornal *Feira Hoje*, interessante na mesma edição do artigo do antropólogo. A matéria caracteriza a sociedade feirense como expressão de um “mosaico cultural”, que representa bem a simbiose presente na cidade, formada pelos diferentes legados dos que chegam e ficam, não estando isentos, entretanto da influência exercida pela cultura feirense. Reconhece-se desse modo a ocorrência de uma transformação, fomentada em uma dinâmica natural, e que não representa necessariamente a morte da cultura local, como alguns temiam. Nesse ponto fica evidenciada, como marca das anotações realizadas nos jornais do período, a abordagem da cultura pela dimensão antropológica.

Diante do exposto, destacamos que embora reconheçamos certas contradições nas visões e percepções sobre a cultura local, notadamente os registros de Moreira corroboram o discernimento sobre a necessidade de mais e maiores iniciativas no campo da arte e da cultura em Feira de Santana, representando um

⁸Silva (2013, p. 53) comenta sobre uma dinamização na esfera cultural da cidade de Feira de Santana entre os anos de 1950 e 1970. Cita especificamente alguns equipamentos culturais nesse período, como a inauguração de uma nova sede da Filarmônica Euterpe Feirense, a biblioteca infantil, o ginásio, o estádio, o parque de exposições, o cinema Santanópolis e o Museu Regional. Todos esses equipamentos se somaram aos já existentes no município como outras filarmônicas, clubes sociais, cine-teatros, entre outros.

anseio por investimentos mais amplos na área. Em nosso entendimento, essa percepção é corroborada por informações registradas na fala de um dos entrevistados, em referência ao cenário que precede o Cuca, quando relata como ocorreu o processo de implementação do centro cultural e principalmente pela disposição demonstrada pelo gestor da Uefs naquele momento para levar tal iniciativa adiante, ainda que com um enfrentamento digno de nota, como veremos a seguir.

Para iniciar uma breve explicitação do relato supracitado, em síntese, é válido destacar que, enquanto o Cuca ainda estava no plano das ideias, o cenário econômico no Estado da Bahia era desfavorável⁹ para investimentos em novos projetos desse tipo, como foi declaradamente sinalizado pelo Governador, em 1991, para os reitores das quatro universidades estaduais baianas, conforme relato do entrevistado. Em outras palavras, a mensagem do governante proibia qualquer investimento em novas construções durante os quatro anos de sua gestão. A única ressalva à proibição era que apenas os projetos de restauração contariam com o apoio e o financiamento do Estado.

Aproveitando a oportunidade, e ao mesmo tempo certamente inconformado com o jeito como esta se apresentava, o reitor da Uefs preliminarmente apresentou a demanda para reforma do prédio da antiga Escola Normal de Feira de Santana, já pertencente à universidade, que carecia urgentemente de consideráveis reparos e reforma, tendo em vista a ameaça de destruição que o cercava. Segundo o entrevistado, o prédio histórico da antiga escola era o mais bonito e um dos mais importantes da cidade. E assim, a restauração do prédio foi eleita como uma prioridade para a administração da universidade. Uma segunda necessidade urgente passava pela adequação de um espaço para receber as relevantes obras pertencentes ao acervo do Museu da Uefs (o Museu Regional de Arte), doadas pelo jornalista Assis Chateaubriand. Atenção especial estava voltada para a preciosa coleção de arte moderna inglesa, que viria a ser utilizada como objeto de barganha na negociação com o governador.

Dessa forma, de acordo com o relato, o reitor, justificando-se objetivamente por duas necessidades urgentes, planejava na verdade construir algo muito maior naquele espaço privilegiado. Vejamos o depoimento de um dos entrevistados acerca da identificação desses imperativos:

[...] por um lado aquele prédio bonito que pertencia a Uefs ameaçado de cair, ameaçado de destruição. Era uma das obras históricas mais importantes da cidade. Por outro lado, o museu que era da Uefs sem um espaço adequado. Então isso nos fez pensar na restauração daquele espaço. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Como podemos perceber na fala acima citada, pretendia-se tanto a recuperação de um valioso patrimônio local como era o referido prédio, como a adequada conservação, proteção e exposição das obras do Museu. Mas ainda mais

⁹Informação corroborada pelas análises realizadas por Pessoti e Pessoti (2019) sobre a participação do estado da Bahia na atividade econômica do Nordeste e do Brasil.

importante e visionário, expectava-se a inauguração de um complexo para desenvolvimento das artes e da cultura em Feira de Santana, por meio de ações dirigidas pela Universidade.

Portanto, obviamente o plano não se resumia a uma simples reforma e contrariava especificamente a orientação explícita do chefe do executivo estadual. Contudo, ainda assim, o gestor da Uefs apresentou a proposta de implementação do complexo cultural aproveitando a pequena brecha exposta pelo governador com a possibilidade de execução de reformas. Os relatos apontam que a resposta para a restauração do antigo prédio de histórico fora imediatamente positiva, todavia, a ousada proposta do professor Josué Mello para a construção do complexo cultural foi prontamente negada pelo governador Antônio Carlos Magalhães. Segundo o nosso entrevistado, o projeto envolvia a construção de

[...] um prédio de dois pavimentos, o teatro, espaço onde se possa desenvolver as atividades culturais não para a Uefs, mas para Feira de Santana. Um prédio onde possa abrigar também o nosso seminário de música, uma galeria de arte, oficinas de artes e teatro, um teatro de arena. Então é um projeto maior [...].

Quando fomos ao Governador ele disse: 'Não, aí não dá para fazer. É muito dinheiro. Eu me comprometi foi com a restauração do prédio histórico da antiga Escola Normal, mas você tá querendo é um Centro Educacional. Aí não dá!' (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

A negativa não resultou em conformação, informa o entrevistado, e a solução veio com uma ideia inusitada. A proposta era que a própria instituição assumisse a construção do complexo cultural, mesmo com o elevado valor de orçamento necessário para execução do projeto. Para isso, o reitor comunicou ao governador, em reunião, que leiloaria alguns quadros dentre as 32 obras de arte da coleção dos modernistas ingleses doadas por Assis Chateaubriand ao Museu pertencente a Uefs.

Tais obras possuíam um alto valor simbólico e econômico, que por certo seria mais que suficiente para a construção do complexo. Ainda de acordo com o entrevistado, ao ser questionado pelo chefe do executivo se estava “perdendo o juízo”, o reitor então assertivamente garantiu que pegaria o caminho descrito e que inclusive contava com o apoio da classe artística local, pois realizara consulta prévia a alguns destes antes de comunicar a sua intenção ao governador. Ao final do encontro, o governante teria então informado que havia se decidido positivamente sobre o novo investimento cultural, encabeçado pela Uefs no interior do Estado, e que este seria financiado pelo Governo do Estado.

Enfim, compreendemos que a disposição para leiloar importantes obras do Museu representou a convicção do reitor sobre a necessidade de realizar o investimento em um centro cultural a ser mantido pela universidade. O dito enfrentamento digno de nota que nos referimos no início desse relato pode também ser considerado uma medida dessa disposição de Mello. Ora, qual costuma ser o comportamento de um indivíduo que acredita em uma ideia e que está plenamente convicto de algo? Perseguir o seu objetivo com afinco é o mínimo que se espera desse sujeito, movido por suas convicções, ideias e propósitos.

Como um estudioso da área de ciência política, é possível que o olhar do professor Josué Mello estivesse particularmente aguçado para observar as principais demandas que circundavam a dinâmica urbana local naquele tempo. Sendo muito provável que a direção do seu olhar para uma iniciativa na área de arte e cultura, tenha sido movida pela percepção de uma necessidade em torno dessa questão e, portanto, pela conseqüente expectativa em torno das potencialidades de tal investimento para a cidade. Ponderamos então que possivelmente foi a partir do reconhecimento da ausência de ações sistematizadas na área cultural, ainda que este seja um reconhecimento implícito na fala de um dos gestores, que ocorreram as iniciativas em torno do projeto do Cuca. Tal situação também é sinalizada nos relatórios anuais de atividades do Cuca logo nos seus anos iniciais, quando se afirma que o centro cultural “[...] serve a uma comunidade local que carece de opções” (CUCA, 1996, p. 8).

O que se verifica é que iniciativas desse tipo abrem as portas da universidade para a população, independente do grau de formação dos indivíduos. Com base no relato supramencionado, é possível afirmar que o Cuca foi essencialmente pensado para a comunidade externa à universidade, característica que ainda hoje é uma forte marca na sua atuação. Esse traço fica muito bem ilustrado na seguinte fala do nosso entrevistado sobre a relação das universidades com as políticas culturais:

Quando a universidade pensa na cultura, pensa alguma coisa para ela, para dentro dos seus muros. Nós pensamos num Cuca gerido pela Universidade, mas não para ela, e sim para a sociedade, para a comunidade de Feira e da região. Então isso é inédito. É um centro, chamado de Universidade, é administrado pela Universidade, mas não para ela, para os seus exclusivamente, os seus alunos, seus professores. É ela [a universidade] gerindo para a comunidade. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

É interessante assinalar que em discurso proferido no ano de 1984, na Câmara de Vereadores de Feira de Santana, ao tratar sobre planos em relação ao futuro da cidade e conjecturar sobre como a universidade colaboraria com a construção desse amanhã, o idealizador do Cuca, o então pró-Reitor Acadêmico da Uefs, Josué da Silva Mello¹⁰ (e que viria a ser Reitor no período de 1991 a 1995), destacou expressamente o papel da promoção artístico-cultural que se esperava da recém-criada universidade estadual (MELLO, 1984). Naquela oportunidade, o Pró-Reitor Acadêmico qualificou a jovem universidade como uma instituição com forte potencial para desempenhar o papel de “grande promotora do desenvolvimento político, econômico-social, cultural, educacional e humano, em Feira e na sua região de abrangência” (MELLO, 1984, p.

¹⁰Além de ter sido o idealizador do Cuca, no âmbito da Universidade Estadual de Feira de Santana, o professor Josué Mello atuou como Reitor (1991-1995); Pró-Reitor Acadêmico (1979-1987); professor titular de Ciência Política (1967-2000); produtor de conhecimento (1967-2000); presidente da Comissão Especial de Professores (1979-1987); presidente da Comissão Especial de Organização e Implantação do Curso de Odontologia (1986); membro do Conselho Universitário (1991-1995), presidente do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (1991-1995) e responsável pelo Centro de Estudos Avançados sobre o Semiárido (Cenasa) (ALBA, 2011).

82). Em nosso entendimento, tudo indica que a semente que daria origem ao Cuca certamente já germinava ali, e não por acaso, após 11 anos nasceu o complexo cultural no final do reitorado de Mello na Uefs.

Nessa vertente, Boaventura (2009) assevera que a implantação da universidade enriquece a vida cultural da cidade, além de ser um importante fator de desenvolvimento local e social. De acordo com o autor, tais instituições proporcionam “variadas formas de valorização da cultura local e regional, complementadas pela intervenção das múltiplas manifestações culturais eruditas.” (p. 57). O estudioso, ao rememorar aspectos sobre a história das universidades estaduais baianas, destaca que em especial na perspectiva cultural, foi Josué Mello que deu à universidade feirense “uma nova dimensão cultural”, notadamente quando criou o Cuca.

Insta salientar que no contexto político e social no qual o Cuca foi criado, já predominava um viés neoliberal. Prevalencia no meio cultural a lógica das leis de incentivo, e em decorrência disso, o poder de decisão estava sendo progressivamente transferido do Estado para o mercado, ainda que o recurso a ser utilizado nos projetos fosse quase inteiramente público. No ato da sua criação, a construção da democracia era relativamente recente, porquanto apenas dez anos separavam a inauguração do Cuca do fim da ditadura, momento que, como vimos, afetou sobremaneira o universo cultural brasileiro. Ressaltamos nesse ponto que na esfera federal não havia efetivamente o desenvolvimento de uma política pública de cultura.

Portanto, seguramente o contexto acima descrito não era o mais favorável para a implementação da política de cultura na universidade, mas ainda assim, a Uefs seguiu na contramão da tendência citada e elaborou a sua própria política. Por fim, destacamos que o relato do nosso entrevistado demonstra ainda que os princípios que nortearam a estruturação da política institucional de cultura na Uefs passavam pela seguinte concepção: para que a universidade fosse pública, não bastava ser gratuita. Desse modo, a instituição precisava estar a serviço do público, atendendo efetivamente a toda comunidade e colaborando com o desenvolvimento regional por meio das ações de pesquisa, ensino e extensão.

3.2 A IMPLEMENTAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL

O site da instituição contextualiza que a criação da unidade pretendia atender a uma demanda, caracterizada como crescente, da sociedade feirense por ações culturais (CUCA, 2021a). Informa-se ali ainda que até aquele momento as ações artístico-culturais promovidas pela universidade eram postas em prática de forma pontual por setores diferentes, como os departamentos e a Pró-Reitoria de Extensão. Ante o exposto, deduzimos que, além das iniciativas próprias da instituição, somavam-se outras demandas culturais vindas da sociedade, as quais por vezes poderiam encontrar guarida nas ações universitárias. Ou seja, uma das expectativas observadas no discurso de Mello em 1984, vinha sendo transformada em ações, mesmo que desarticuladas. Mas à Uefs ainda cabia um papel de maior ousadia, o que certamente resultou na proposição e subsequente fundação do Cuca.

O Centro Universitário de Cultura e Arte, ou o Cuca, sigla pelo qual é mais conhecido o centro, tem sua história concreta iniciada no dia 15 de setembro de 1995. A inauguração foi formalizada pela então Reitora, Anaci Paim, que sucedera a Josué Mello, Reitor da Uefs até maio daquele ano, idealizador do Centro, como já assinalamos, e que também se fez presente na ocasião. Além dessas personalidades, registros da inauguração demonstram a presença do então governador do Estado da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, evidenciando a notoriedade e o destaque que o projeto de implantação do Centro possuiu na esfera política e administrativa, naquele momento.

De acordo com o relatório de atividades do Cuca do ano de 1996, “A concepção do projeto foi realizada na administração de 1991 a 1994 da Uefs, juntamente com a Gerência de Restauração e Conservação de Bens de Cultura – Ipac”, tendo sido de responsabilidade do Governo do Estado da Bahia o financiamento da obra de recuperação e ampliação do espaço que se constituiria como o complexo cultural, resultando em 2.340,11 m² de área restaurada, 1.241,23 m² de área ampliada e 1.480,34 m² de área de jardins e do teatro de arena. Os resultados desse empreendimento somam 5.061,68 m² ocupados no centro da cidade de Feira de Santana para o desenvolvimento da política cultural da universidade (CUCA, 1996, p. 6).

Embora atualmente esteja diretamente vinculado à Reitoria e disponha de direção independente, o Cuca primeiramente esteve subordinado à antiga Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que posteriormente passou a se chamar somente Pró-Reitoria de Extensão. No contexto inicial, essa Pró-Reitoria tinha em seu escopo diversos núcleos temáticos, cursos de atualização, programas e projetos, dentre os quais figurava o Cuca. Enquanto programa desenvolvido no âmbito da extensão universitária, já era apresentado como centro difusor da cultura e da arte para a cidade de Feira de Santana (UEFS, 1996).

Um registro da missão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (UEFS, 1996), que abrigava inicialmente o Cuca como uma de suas ações, explicita que o setor tinha como função a prática acadêmica integrada ao ensino e à pesquisa, viabilizando a ação transformadora e de desenvolvimento da sociedade. Em nossa interpretação, naquele momento, a conexão ensino-pesquisa com a política cultural da universidade parecia estar fragilizada, em função da não existência de cursos de graduação ou pós-graduação voltados especificamente para o universo das artes e da cultura. Entretanto, ainda nesse contexto, vale salientar a atuação e integração do Cuca com o Departamento de Letras e Artes da Uefs, este último como um setor com certo nível de atuação na área cultural, devido obviamente ao seu escopo, como o próprio nome sugere.

O que constatamos é que, em suma, a vinculação do Cuca às atividades de extensão se justifica sobretudo como forma de viabilizar as esperadas ações transformadoras e de desenvolvimento da sociedade, o que, entendemos, vem obtendo considerável êxito. Logo no início das suas atividades, o complexo já contava com importantes setores e ações como o Museu Regional de Arte, a então Galeria de Arte Simões Filho (atualmente Galeria de Arte Carlo Barbosa), o Seminário de Música

(incorporado ao Cuca), a Biblioteca Pierre Klose, uma sala de leitura, um teatro de arena e um teatro universitário. Destacavam-se também o seminário de dramaturgia, espetáculos teatrais, espetáculos musicais, exposições, mostras de vídeos, cursos, minicursos e diversas oficinas (MORAIS *et al*, 1996).

A análise dos relatórios de atividades do centro cultural, levou-nos a identificação de uma proposta de visão de futuro para instituição, formulada pela equipe do centro, em reunião realizada no mês de março de 1996. O relatório indica que a visão proposta pela equipe deveria ser analisada e discutida com outros colaboradores do Cuca, tendo por base a política da universidade para as áreas de extensão e cultura. Tal formulação ficou assim registrada no relatório de atividades do ano de 1996: “Queremos ser um Centro Universitário de excelência, que atue como agente transformador da arte e da cultura local e regional e que seja modelo referencial de competência, criatividade, respeito e valorização dos talentos” (CUCA, 1996, p. 57).

Em uma perspectiva histórica, cumpre observar ainda o registro de modelos de iniciativas culturais em três estados da região nordeste que de alguma forma colaboraram para o desenvolvimento da política cultural da Uefs, especialmente em seu estágio de implementação. Desse modo, destacamos que o primeiro relatório de atividades da unidade faz menção a visitas realizadas pela sua direção, notadamente pelas professoras Yvone Matos de Cerqueira e Maria de Fátima Hanaque Campos, a três centros culturais universitários distintos, considerados congêneres do nosso objeto de estudo.

Interessante observar que todos os centros visitados estavam localizados na região nordeste do país, predominantemente nas capitais dos estados de Sergipe, Pernambuco e Ceará, constituindo-se exceção apenas as instituições localizadas na cidade de Olinda, que é caracterizada como uma região turística, considerada um Patrimônio Cultural da Humanidade, desde 1982 (OLINDA, 2021), o que, assim compreendemos, já imprime na localidade um forte caráter para recepção de investimentos culturais. Constatamos desse modo, que exceto nesse caso específico, nenhuma das instituições visitadas estava localizada em cidades do interior dos Estados, o que demonstra mais uma vez a concentração dos investimentos na área de cultura em determinados locais.

Como resultado dessas visitas, a Direção do Cuca apontou no mencionado relatório quinze deliberações, na forma de uma proposta de plano de ação para ser implementado pela unidade, o que reforça a nossa percepção sobre a influência dessas visitas na dinâmica de funcionamento inicial do Centro. O objetivo primordial do roteiro proposto foi conhecer o funcionamento das instituições irmãs, mas também buscou-se firmar parcerias e promover o trabalho cultural da Uefs. Destaque-se nesse ponto o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) na realização dessas visitas (CUCA, 1996). A seguir, veremos alguns detalhes apresentados no referido relatório.

O primeiro local visitado estava localizado em Aracaju, capital do estado de Sergipe, o qual era mantido pela Universidade Federal de Sergipe e desenvolvia diversas atividades semelhantes àquelas que o Cuca assumiu como proposta. O

centro conhecido como Centro de Cultura Arte da Universidade Federal de Sergipe (Cultart) era dirigido à época pela professora Eluzia Maria de Carvalho da Costa e já contava com vinte anos de existência. De acordo com informações do referido relatório de atividades, o Cultart “desenvolve um programa cultural e artístico com a comunidade local (estudantes de 1º e 2º graus, artistas amadores). E apoia novos talentos.” (CUCA, 1996, p. 68).

Além disso, notamos na descrição do documento que a estrutura física do centro se assemelha à estrutura proposta para o Cuca. Curiosamente, ao final do relato dessa visita é mencionada a inexistência de curso superior na área de artes na cidade de Aracaju, o que nos remete à identificação de mais uma semelhança com a Uefs naquele período. Ressalte-se que tal centro continua ativo nos dias atuais, sendo responsável pelas atividades da Universidade na área cultural, artística e social voltadas tanto para a comunidade interna, como para a comunidade externa, e que similarmente ao Cuca, possui como base um prédio histórico e tombado, construído no ano de 1874 e um prédio anexo, construído posteriormente. O Cultart também abriga os ensaios da Orquestra Sinfônica e do Côro da Ufs (UFS, 2021).

A segunda visita relatada ocorreu nas cidades de Recife e Olinda. A primeira dessas cidades, capital do estado de Pernambuco, contava naquele momento com diversas iniciativas, algumas fomentadas pela Universidade Federal de Pernambuco e outras como fruto de parcerias da Universidade com a Prefeitura Municipal. Há relato também de visita a iniciativas mantidas pelo Ministério da Cultura. No total, seis instituições foram visitadas:

- a) o Departamento de Extensão Cultural (DEC) da Universidade Federal de Pernambuco, localizado na capital do estado e coordenado naquele período pela Doutora Helena Pedra;
- b) o Instituto de Arte Contemporânea (IAC), que era mantido pela parceria entre a Universidade, por meio da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Intercâmbio, e a Prefeitura de Recife, através da Fundação de Cultura do município. Esse instituto ainda está ativo e possui trabalho voltado para as artes visuais, tendo como proposta a realização de projetos artísticos e o fomento a atividades de caráter educativo, com amplo apoio aos artistas (UFPE, 2021);
- c) o Museu de Arte Contemporânea de Olinda, inaugurado a partir da doação de um acervo por Assis Chateaubriand¹¹ (PORTAL..., 2021). O relatório indica que esse Museu realizava um projeto intitulado “A Escola vai ao Museu”, voltado para alunos do 1º grau (atual nível fundamental de ensino);
- d) o Museu Regional de Arte de Olinda, que realizava diversos projetos de arte-educação, alcançando um número expressivo de professores da rede pública. Na descrição do relatório é mencionado que esse Museu possuía

¹¹O relatório destaca que, além do acervo do Museu Regional de Arte do Cuca, mais dois museus nordestinos abrigam obras doadas por Assis Chateaubriand. São eles esse Museu de Arte Contemporânea de Olinda, mantido pelo Governo do Estado de Pernambuco e o Museu Assis Chateaubriand da Universidade do Estado da Paraíba, localizado na cidade de Campina Grande, o qual passou a fazer parte de planos para visita futura pela equipe do Cuca. (CUCA, 1996).

uma Associação dos Amigos do Museu, constituída por pessoas da comunidade, com a finalidade de arrecadação de fundos em prol da manutenção da instituição;

- e) a Casa de Cultura do Estado de Pernambuco, em Recife, com visita ao Museu de Arte Popular;
- f) e a Fundação Joaquim Nabuco, mantida pelo Ministério da Cultura e sediada em Recife. No período da visita, a instituição estava promovendo um curso de Museologia Aplicada, cujo interesse de participação, pela equipe do Cuca, ficou explicitamente manifesto no relatório.

A última cidade visitada foi Fortaleza, na qual são citadas visitas a nove instituições. Dentre essas, destacamos a visita a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e ao Departamento de Humanidades da Universidade, que mantinha oito Casas de Cultura (Cultura Britânica, Alemã, Italiana, Portuguesa, Hispânica, Francesa, Russa e Esperanto) para ensino de línguas estrangeiras, como uma ação extensionista independente da referida Pró-Reitoria de Extensão. O departamento alcançava com suas ações, estudantes de nível médio e fundamental¹², com a cobrança de uma taxa simbólica semestral.

Além desses dois setores, foram visitados outros quatro órgãos ligados à Universidade, como o Museu de Arte da Universidade do Ceará (Mauc), situado no próprio complexo universitário; a Casa Amarela, com ações voltadas para cinema, fotografia e vídeo; a Casa José de Alencar, com o Museu Artur Ramos e a sala Maria Luiza Ramos; e o Teatro da Universidade Federal do Ceará, com localização próxima à universidade e capacidade para cento e cinquenta lugares. Cumpre destacar que o relato indica que esse teatro mantinha há mais de trinta anos um curso livre de teatro, com conteúdo flexível e duração de cinco semestres, e que um projeto de formação em teatro foi implementado inicialmente pelo Cuca. O relatório trata ainda da visita a Empresa Cearense de turismo (Emcetur), Museu de Arte Regional e o de Mineralogia.

Antes de finalizarmos esse tópico, entendemos significativo reconhecer que a instrumentalização de um órgão suplementar especialmente dedicado a gerir uma política cultural pode ser considerada uma iniciativa arrojada por parte de uma universidade. Pois que investimentos desse porte, feitos de forma perene, não parecem ser uma disposição frequente nas instituições de ensino superior. Considere-se nesse aspecto o reduzido número de centros de cultura vinculados e mantidos por universidades estaduais na Bahia, por exemplo. Embora tais instituições contemplem as ações de arte e cultura de formas variadas, das quatro universidades estaduais baianas (Uesb, Uesc, Uneb e Uefs), somente essa última possui um órgão suplementar consolidado e especialmente dedicado ao fomento da arte e valorização da cultura, contando com ampla estrutura física e disponibilidade de equipe em número suficiente para atendimento das demandas.

¹²O relatório faz referência a estudantes do 1º e 2º graus, como eram denominados naquele período os níveis fundamental e médio de ensino, respectivamente.

3.3 A ATUAÇÃO DO CUCA

Segundo o relatório de avaliação do quadriênio 1995-1998 do Cuca, a unidade foi considerada desde seu início um “complexo difusor da cultura e da arte local”, tendo como objetivo “contribuir, através da cultura, para a construção e execução de uma política que estimule a formação de novos talentos no campo das artes, em toda região de abrangência da Universidade, voltando-se para toda a comunidade” (CUCA, 1999, p. 2). Vê-se nessa caracterização uma performance com concentração na dimensão sociológica da cultura, mais voltada, portanto, para o aspecto artístico. Pretendendo alcançar tanto o público considerado amador, como uma gama de profissionais, a unidade assume um papel de celeiro para o “desenvolvimento [de] potencialidades”. O relatório também indica a instituição como a única que dispunha de ampla variedade de oficinas ofertadas no âmbito de um programa e ainda o importante papel dos artistas que ministravam tais atividades, atuando muito além do aspecto formativo, como agentes motivadores, experimentadores, reflexivos e analíticos.

Com efeito, a partir do desenvolvimento de um conjunto de atividades artísticas e culturais, o Cuca se tornou referência no campo da arte e da cultura na cidade de Feira de Santana, sendo atualmente reconhecido como uma importante entidade promotora de cultura no município e como um promissor meio de contato da universidade com a sociedade, caracterizando-se, portanto, como um polo promotor da extensão universitária na Uefs. O ambiente do centro cultural se apresenta fértil para proliferação de grupos e movimentos artísticos, além de propiciar experiências de arte-educação a partir das diferentes linguagens artísticas e da interação destas, viabilizadas pela variedade de ações ali desenvolvidas. Portanto, o complexo pode ser caracterizado como um centro de criação artística, no qual as diversas linguagens permanecem essencialmente próximas umas das outras, de sorte que as artes visuais estão conectadas com a música, assim como o teatro com a dança e vice-versa, numa intrínseca e salutar relação de interação e estímulo.

Na publicação mais recente do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), referente ao período de 2017-2021, o Cuca integra a Política de Extensão Universitária da Uefs, sendo descrito como um órgão estratégico de inserção social e promoção da cidadania, por meio da cultura, a partir da compreensão desta como um bem simbólico, com potencial de conferir integração e reconhecimento social. Não se trata portanto de uma simples oferta de atividades pela instituição, e sim de um empenho que tem como visão e força motriz o compromisso social da Uefs (UEFS, 2019).

Segundo descrito no referido Plano, o Cuca

[...] constitui-se na unidade organizacional responsável pela gestão da política cultural da UEFS junto à comunidade acadêmica e à sociedade da região sob sua abrangência direta. Esta área tem crescido sistematicamente, o que faz da UEFS uma das principais instituições fomentadoras da cultura no território de identidade Portal do Sertão. Além deste, a UEFS, através do CUCA, atende também a

diversos municípios de outros territórios com suas ações e projetos culturais, de modo que sua área de atuação estende-se a boa parte do Estado. (UEFS, 2019, p. 100)

Enquanto centro integrador, o Cuca contempla diferentes linguagens das artes, sendo que o seu espaço físico está organizado para abrigar uma diversidade de iniciativas. A sua atual estrutura, como uma unidade extra *campus*, se configura na forma de um complexo cultural formado pelo Museu Regional de Arte (MRA - que ocupa o prédio histórico da antiga Escola Normal de Feira de Santana, construído em 1916), a Galeria de Arte Carlo Barbosa (GCB), um teatro universitário (tipo italiano) com sala de ensaio e foyer, um teatro de arena, ampla área verde, biblioteca, sala de vídeo e onze salas de aulas adequadas para atividades de música, dança, teatro e artes visuais. De acordo com o site institucional, valendo-se dessa estrutura

[...] o CUCA desenvolve suas atividades extensionistas regulares, sob a forma do Programa de Oficinas de Formação Artística, e de eventos especiais, voltadas à comunidade em geral, envolvendo as mais diversas áreas e linguagens nas artes, incentivando também a criação literária e as experiências de arte-educação, estimulando e apoiando ainda manifestações oriundas da cultura popular, sob suas várias formas de expressão. As atividades de pesquisa relacionadas ao campo cultural também são viabilizadas, quer seja pelo suporte a projetos externos, quer seja através de iniciativas de seus setores integrantes. (CUCA, 2021a, p. 1)

Desse modo, em um desenho básico das suas ações podemos identificar alguns eixos: formação artística, promoção artístico cultural, formação de plateia, fomento de manifestações populares, dentre outros. O espectro das ações não está, portanto, restrito a um determinado grupo, mas abrange toda uma comunidade. Porquanto o Cuca efetivamente se conecta a diferentes demandas, dentre os diferentes grupos alcançados, podemos citar os alunos e seus familiares, os professores do programa de formação artística, os participantes dos eventos promovidos pela instituição e também dos eventos que recebem seu apoio, artistas visuais, músicos, dançarinos, atores, visitantes das exposições, grupos artísticos, *etc.* Assim sendo, o Centro Cultural é caracterizado como um espaço que pode ser acessado por todos.

Dentre as ações ali desenvolvidas, destacam-se aquelas realizadas de maneira sistemática como o programa de formação artística, a política de cessão de pautas,¹³ o apoio a eventos artísticos e culturais, a democratização do acesso a espaços expositivos como a Galeria Carlo Barbosa e o Museu Regional de Arte, a realização de eventos que valorizam e incentivam a arte e a cultura como o Aberto do Cuca, o Festival de Sanfoneiros e o Bando Anunciador, e ainda diversos outros projetos desenvolvidos de maneira pontual e também em parceria com grupos artísticos.

¹³Autorização de uso dos espaços do Cuca como teatro universitário, foyer, teatro de arena e salas, de acordo com a Resolução Consad Uefs 32/2016 (UEFS, 2016).

Igualmente relevante, é assinalar os meios que viabilizam o funcionamento do Cuca. A unidade é mantida regularmente pela Uefs, que já chegou a alocar mais de trinta servidores (atualmente são vinte e oito), entre técnicos e analistas, cerca de vinte terceirizados e trinta e nove bolsistas vinculados ao programa de bolsa Arte e Cultura destinado aos estudantes de graduação da Universidade. Toda essa equipe está distribuída em sete setores que integram o complexo (CUCA, 2017). Ademais, toda a manutenção estrutural do espaço é realizada pela universidade, como as despesas com serviços básicos e indispensáveis de água, luz, telefone, internet, dentre outras.

Os estudantes de graduação da Uefs são estimulados a participar das ações do Cuca especialmente através do aludido Programa Bolsa Arte e Cultura. Ao serem selecionados por meio de edital, esses estudantes são integrados aos projetos desenvolvidos na unidade em seus diferentes setores. Podem vivenciar assim “os processos de planejamento, realização e avaliação” das ações institucionais que obviamente envolvem a temática cultural (CUCA, 2021a, p. 1). Comumente esses bolsistas atuam de forma mais próxima a área de organização da cultura, na alçada das ações administrativas fundamentais para dar forma aos projetos.

Situado em um privilegiado espaço no centro da cidade de Feira de Santana, podemos afirmar que a configuração do seu ambiente físico é um atrativo para a comunidade. Com efeito, a unidade é indicada como um dos pontos para visita, sendo considerada uma das principais atrações no município, tanto no site *Tripadvisor* como nas sugestões do *Google* do que fazer localmente. Nesse aspecto, para exemplificar a nossa afirmação vejamos na Imagem 1, um exemplo de avaliação sobre a instituição feita por usuários de forma espontânea no site *Google*.

IMAGEM 1 – Avaliação de usuário do site *Google* sobre o Cuca



Fonte: TRIPADVISOR, 2021.

Um dos comentários no recurso de avaliação disponível no *Google* chega a descrever o Cuca como um “Oásis” localizado no meio de uma cidade caótica. Outros comentários no site dão conta de aspectos que merecem citação aqui. Dentre esses aspectos se destacam as referências à beleza do espaço, à sua área verde e amplitude, à sua estrutura de forma geral, à sua importância para a região, à forma como se mantém continuamente ativo na promoção de eventos, à sua ligação com o passado representada pelo prédio histórico da antiga Escola Normal e também às suas iniciativas na área de formação artística e cultural. Mais avaliações espontâneas constam de forma similar no site *Tripadvisor*, como podemos ver no exemplo da Imagem 2. Oportunamente traremos mais alguns exemplos de avaliações da instituição feitas nesses sites, por considerá-las elementos relevantes para análise do fenômeno em foco.

IMAGEM 2 – Avaliação de usuário do site *Tripadvisor* sobre o Cuca



Fonte: TRIPADVISOR, 2021.

Em suma, a atuação cultural da Uefs ganhou forma concreta com a fundação do centro cultural. Naquele momento, ações artístico-culturais isoladas foram integradas para dar origem ao órgão que passou a responder pela gestão de atividades desta natureza, articuladas sob a forma de política institucional de cultura, vinculada ao campo da extensão. O espaço do complexo cultural costuma ser usado tanto para projetos próprios do centro, como para propostas apresentadas pela comunidade, como veremos a seguir.

3.3.1 Ações desenvolvidas

A primeira das ações que detalharemos é o programa de formação artística nas linguagens de dança e atividades corporais, música, teatro e artes visuais, por ser atualmente a principal linha de ação da unidade. Esse programa tem como objetivo o “desenvolvimento de novos talentos nas várias linguagens artísticas” (CUCA, 2021b,

p. 1), com o atendimento anual a mais de 4.500 pessoas. Entretanto, essa iniciativa conta com uma procura média muito maior para concorrer às vagas nas oficinas do que a sua capacidade de atendimento. Na perspectiva do alcance quantitativo, vale ressaltar a expressividade numérica dos demandantes¹⁴ do programa de formação artística no período de 2014 a 2018, porquanto foram registradas 46.614 inscrições de interessados em se matricular nas oficinas via sistema Casys¹⁵. Embora o registro indique tal número de inscritos, foram efetivadas 17.895 matrículas nesse mesmo período, o que equivale a 38% do número de interessados.

Na Tabela 01 podemos conferir o número de demandantes por semestre entre os anos de 2017 e 2020. Esses dados também evidenciam que, como mencionamos, a demanda é geralmente superior ao número de vagas ofertadas regularmente. Além de demonstrar o número de inscritos para concorrer a uma vaga nas oficinas, a tabela mostra a quantidade de vagas ofertadas e o número de matrículas realizadas, com os respectivos percentuais de ocupação dessas vagas por semestre.

TABELA 1 – Relação entre Inscrições, vagas e matrículas nas oficinas de 2017 a 2020.1

Semestre	Inscrições	Vagas (Planejado)	Matrículas (Realizado)	% de ocupação (Efetivação do planejamento)
2017.1	7.179	2.321	1.900	81,86 %
2017.2	4.737	2.745	2.173	79,13 %
Totais	11.916	5.066	3.990	80,38 % (média)
2018.1	6.454	3.032	2.309	76,15 %
2018.2	4.313	2.727	2.133	78,22 %
Totais	10.767	5.759	4.442	77,13 % (média)
2019.1	5.462	2.794	2.147	76,84 %
2019.2	3.621	2.679	1.970	73,53 %
Totais	9.083	5.473	4.117	75,22 % (média)
2020.1	4.878	2.871	2.178	75,87 %

Fonte: Cuca, 2020, p. 46

Vale ressaltar que essa ação especificamente possibilita o atendimento a um público pouco contemplado por ações do ensino superior. O programa visa proporcionar espaço para expressão artística dos indivíduos, seja na prática das oficinas, seja no momento de conclusão destas, quando a unidade é aberta para as diversas mostras e exposições dos trabalhos finais dos alunos. Por meio desse programa, sustentáculo das ações cotidianas do Cuca, ocorre notadamente a sua atuação no campo da política para as artes, sem que a instituição abandone, contudo,

¹⁴Para efeito da pesquisa, por demandantes do programa compreendemos os interessados que manifestam interesse em se matricular nas oficinas. A manifestação de interesse ocorre primeiramente por meio de inscrição online que não garante a matrícula, o que só acontece posteriormente conforme regras estabelecidas. É importante destacar que a capacidade de atendimento do programa é notoriamente menor que o número de inscrições recebidas (que chega a ser quatro vezes maior que o número de vagas ofertadas em um semestre).

¹⁵A partir do ano de 2014 todo o processo de matrícula foi informatizado e passou a ser administrado pelo sistema Casys, sigla em inglês para Sistema de Arte e Cultura (CUCA, 2016). Com a implantação do sistema, foi possível obter dados objetivos relacionados a identificação da demanda.

a dimensão da política cultural em seu sentido antropológico. Com efeito, em nossa avaliação, a instituição possui projetos que contemplam em grande medida as dimensões sociológica e antropológica. Entendemos ainda ser possível concluir que a política pública desenvolvida pela universidade através do Cuca se configura tanto como uma política de democratização de acesso à cultura, como uma política de democracia cultural.

Iniciada no ano de 1996, estima-se que as ações de formação artística já contemplaram mais de 60.000 pessoas desde então (CUCA, 2020). É notadamente o trabalho implementado pelo centro universitário que apresenta maior e mais extensa projeção. Insta salientar que a matrícula nas oficinas é realizada semestralmente, sendo efetivada através do pagamento de uma tarifa de valor módico, válida para todo o período letivo. Essa sistemática foi adotada logo na fase inicial do programa, ainda sob coordenação da antiga Coese (Coordenação de Estudos e Eventos) e continuada desde então. Com efeito, dados do relatório de 1996 demonstram que a cobrança de taxa única para matrícula figura nesse primeiro relatório de atividades da instituição como uma sugestão para melhorar o desempenho das oficinas. O programa conta, portanto, praticamente desde a sua origem, com a arrecadação de receita própria (CUCA, 1996).

De acordo com o relatório de avaliação do quadriênio 1995-1998, as oficinas representam uma oportunidade de acesso para uma parcela da população que não possui a condição financeira para o desenvolvimento de atividades de formação artística, cuja oferta ficava, na grande maioria dos casos, restrita a escolas particulares, com a cobrança de valores significativamente mais altos¹⁶ que a prática do Cuca em seu programa de formação¹⁷. Tal política, ainda hoje, constitui-se como um diferencial da instituição, haja vista mais um registro relacionado ao tema no relatório de atividades mais recente do órgão, cujo teor informa o seguinte:

[...] praticando taxas de matrícula de caráter efetivamente social o CUCA assegura o acesso às artes a uma parcela expressiva da população, que de outro modo não teria condições financeiras de fazê-lo. Além disso o CUCA mantém a reserva de 10% das vagas (o que corresponde atualmente a cerca de 200 alunos por semestre) para a comunidade carente, dando-lhes isenção total dessa taxa. Concomitantemente, nos casos em que os pais têm mais de um filho

¹⁶Em pesquisa realizada por telefone e pelo site, junto a escolas particulares de artes da cidade de Feira de Santana, verificamos que o valor da mensalidade, no ano de 2021, em cursos voltados para a dança, por exemplo, estavam na faixa de R\$ 200,00 a R\$ 250,00. Se considerado o menor destes valores durante 4 meses, que é o período médio de realização das oficinas do Cuca, chegamos a um custo de R\$ 800,00 no total. Comparativamente, para cursar uma oficina no Cuca, durante esse mesmo período, o aluno gastará no máximo R\$ 120,00, ou até um valor menor, caso se enquadre nas possibilidades de isenção parcial ou total previstas no edital de matrícula.

¹⁷O relatório mais recente da instituição similantemente atesta que “Em 1997 (segundo ano do programa de formação artística do CUCA), a taxa de matrícula era de R\$ 20,00 e equivalia a aproximadamente 20% do salário mínimo vigente no período. Atualmente o valor da taxa de matrícula equivaleu 12,5%, 12,2% e 11,4 % do salário mínimo, em 2018, 2019 e 2020, respectivamente, quando os valores do salário mínimo corresponderam a 954,00 (novecentos e cinquenta e quatro reais), R\$ 998,00 (novecentos e noventa e oito reais) e R\$ 1.045,00 (mil e quarenta e cinco reais).” (CUCA, 2020, p. 58)

fazendo oficina, a segunda matrícula tem isenção parcial de 50% no valor da taxa (que fica, portanto, em apenas R\$ 60,00). (CUCA, 2020, p. 59)

Desde os anos iniciais do Cuca, as oficinas se tornaram o principal ponto de contato do centro cultural com a comunidade (CUCA, 1999). Ou seja, esta é certamente a iniciativa cultural com maior impacto social da instituição, principalmente pelo significativo número de pessoas que costuma alcançar. Ainda de acordo com o referido relatório, em 1996, a unidade atendeu 848 alunos em suas oficinas, passando a 867 alunos em 1997, e por fim, no ano de 1998, passou a contar com 1346 alunos, o que representou um incremento de 58% em relação ao primeiro ano de funcionamento. Efetivamente, também de acordo com esse relatório, o Cuca, ainda no início de suas atividades, abrangia um número de alunos de dança, por exemplo, superior a qualquer academia da cidade de Feira de Santana.

Outrossim, mesmo contando com variações entre os períodos, o crescimento e a demanda pelas oficinas continuaram como uma marca no programa de formação artística do Cuca mesmo após 25 anos de sua inauguração, como podemos constatar na Tabela 02, referente as matrículas realizadas nas oficinas no período de 2015 a 2020, sistematizada por linguagem artística e por semestre letivo. A partir da observação desses dados, podemos verificar que o alcance do programa se caracteriza como crescente desde então, mas ainda limitado, contudo, pela capacidade instalada para atendimento dos alunos, obviamente restrita pela quantidade das salas de aula do complexo cultural.

TABELA 2 – Matrículas por coordenação artística e por semestre entre os anos de 2015 e 2020

Semestre	MATRÍCULAS NAS OFICINAS POR ÁREA ARTÍSTICA					Total de matrículas
	Matrículas em Dança	Matrículas em Música	Matrículas no Curso Básico de Musicalização	Matrículas em Artes visuais	Matrículas em Teatro	
2015.1	729	245	165	186	306	1.631
2015.2	726	124	163	160	322	1.495
2016.1	773	209	98	173	350	1.603
2016.2	786	242	83	192	409	1.712
2017.1	828	351	56	163	502	1.900
2017.2	829	361	45	360	578	2.173
2018.1	827	481	32	414	555	2.309
2018.2	776	472	27	291	557	2.123
2019.1	803	483	10	330	521	2.147
2019.2	779	366	8	237	560	1.970
2020.1	833	524	0	253	568	2.178

Fonte: Cuca, 2020, p. 44

Um outro fato relevante em relação às oficinas se destaca dessa vez no relatório de atividades do ano de 2016, quando foi descrito que a regularidade no funcionamento das oficinas sofreu sérias ameaças em função do severo quadro de

crise orçamentária que afetou de modo alarmante as instituições públicas, notadamente no ano de 2015. Sob a iminência da descontinuação, a equipe se debruçou para encontrar soluções visando assegurar a manutenção do programa (CUCA, 2016). Assim, os esforços envidados na forma de planejamentos e monitoramentos ainda mais rigorosos com efeito mitigaram as consequências da crise sobre os campos da arte e da cultura na cidade, que historicamente são áreas menos priorizadas em momentos de recessão.

Uma consequência direta da mencionada crise foi a indisponibilidade do orçamento da universidade destinado à contratação dos profissionais que ministravam as oficinas, haja vista os empenhos necessários para essa contratação comumente ultrapassarem o valor de meio milhão de reais por ano (CUCA, 2016). A partir desse momento, porém, a remuneração dos prestadores de serviço ficou condicionada à receita própria gerada na arrecadação da tarifa de matrícula nas oficinas, o que ocorreu também por exigência da Secretaria de Administração do Estado da Bahia (Saeb), que com a crise, passou a exercer um austero controle das despesas executadas pela instituição.

Logo se constatou como os recursos oriundos do pagamento de tarifa módica para matrícula nas oficinas foram determinantes para a sustentabilidade das ações. Desse modo, é possível afirmar que, nos últimos anos, essa receita influenciou não só a sustentabilidade, como a ampliação do número e diversidade de oficinas, chegando a potencializar o retorno social das ações da universidade através da sua política cultural, quando o cenário ditava exatamente o contrário. Nesse sentido, é válido registrar que o número de vagas abertas para matrícula em 2017 foi 29% maior do que o número registrado no ano de 2015. Portanto, nesse contexto, verificou-se notável melhoria do uso do recurso público, de modo que a instituição seguiu aprimorando a eficiência e eficácia dos seus processos.

Com efeito, a geração de receita própria se tornou uma estratégia usual para sustentabilidade do programa de formação artística do Cuca. Todavia, ainda não se tinha clareza acerca da percepção dos participantes das ações sobre o pagamento da taxa de matrícula, ainda que de valor módico, de modo que se constatasse também a relação custo/benefício do programa na perspectiva dos que estavam ali envolvidos, tendo em vista que a arrecadação é realizada no âmbito de um órgão mantido por uma universidade pública. Assim, tal aspecto foi também contemplado em nossa pesquisa, dada a relevância do assunto em nosso entendimento.

Nesse ponto, se constata que não há unanimidade no meio acadêmico, em especial na universidade pública, sobre a geração e o uso de receita própria para manutenção de ações semelhantes às do programa realizado pelo Cuca. Muitas são as discussões sobre o assunto e esperamos que a nossa pesquisa possa inclusive contribuir com as reflexões acerca dessa questão, na busca de indicativos que aprimorem a gestão pública com conversão de resultados para a população. De antemão, contudo, manifestamos a nossa aquiescência a propostas institucionais que potencializem e melhorem as ações públicas, assegurando tanto a continuidade como a efetividade de tais ações.

O elevado número de alunos atendidos pelo programa exige que a instituição possua uma estrutura organizacional adequada para o atendimento dessa demanda, o que envolve a presença de coordenações específicas por linguagem artística, um sistema informatizado para seleção, matrícula e acompanhamento dos alunos, a contratação de profissionais das artes como oficinairos¹⁸, além de outras atividades indiretas, mas fundamentais para realização das ações de formação. Acerca do sistema eletrônico de gestão das oficinas, é importante pontuar que este viabilizou o acesso a dados de maneira eficaz e confiável, de modo que, nesse ínterim, o uso da tecnologia tem sido basilar para a melhoria da gestão do programa, otimizando o seu gerenciamento e possibilitando a identificação de novos elementos e informações sobre os anseios da comunidade em relação à política desenvolvida através do centro de cultura.

Como já citamos, para manter o complexo cultural em funcionamento, a Uefs disponibiliza servidores, bolsistas, terceirizados, manutenção de toda a estrutura e dos demais recursos básicos para as atividades. Contudo, para executar o programa de formação artística, a universidade tem como demanda extra a contratação de instrutores (profissionais do campo das artes aptos para o ensino), dada a impossibilidade de contar com servidores do quadro que atendam a totalidade das oficinas e turmas ofertadas, uma vez que esse número atualmente supera em muito o patamar de cem turmas. Desse modo, conta-se com um significativo número de prestadores de serviço, contratados por meio do sistema de credenciamento, modalidade de contratação de serviços prevista na Lei n.º 8.666/93, que dispõe sobre as normas para licitações e contratos da Administração Pública, com texto atualizado pela recente publicação da Lei n.º 14.133/21. Em âmbito estadual, tal modalidade está prevista na Lei 9.433/05.

Um fato interessante é que alguns dos credenciados experimentaram a sua própria formação profissional no campo das artes em ações desenvolvidas pelo Cuca. Desse modo, o complexo cultural pode ser reconhecido como um espaço de trabalho para os profissionais das artes que desejam atuar na educação. Esse fator, por certo, evidencia um salutar retorno social resultante da política cultural da Uefs. As vantagens de contar com ações consolidadas e contínuas de arte-educação, como é o caso do programa de formação artística do Cuca, são assim abordadas por Durand (2001):

Para transformar um frequentador ocasional em um apreciador regular de cultura, é preciso pensar a prazo mais longo. E dar-lhe educação artística. A paisagem cultural só se enriquece e se diversifica consistentemente no longo prazo, fruto de processos de aprendizado e transmissão que alargam o repertório de gosto, a sensibilidade ao fazer artístico e o bolsão de amadorismo em que navega a maioria das pessoas que se sentem participantes desse pequeno universo. São esses processos que, em grande parte, dilatam socialmente as práticas amadoras, entendidas como o viveiro em que germinam e se

¹⁸Como são identificados usualmente os contratados para prestação de serviço de formação artística no Cuca.

consolidam as trajetórias que levam ao profissionalismo em artes e outras expressões culturais. (p. 68)

Leitura semelhante é feita por Botelho, que assim afirma:

Sabe-se que uma das mais importantes maneiras de se formar um público é a partir da experiência vivida pelos indivíduos: ou seja, ter a possibilidade de fazer dança, teatro ou música é uma maneira de aprofundar a relação com as artes que incide sobre as formas de fruição de um indivíduo. Se as linguagens artísticas são incluídas na formação de cada um, este é um passo importante para alterar o padrão de relacionamento com as artes; ou seja, sair de uma fruição apenas de entretenimento para uma prática na qual este se desdobra num processo de desenvolvimento pessoal. Isto quer dizer que, [...] as políticas devem levar em consideração a formação no sentido amplo: a formal – mediante o uso da escola – e a informal – pela oferta de oportunidades (programas ou projetos) fora da escola. Nesse último caso, a existência de equipamentos culturais multidisciplinares pode cumprir um importante papel formador.

A opção usual feita pelos poderes públicos – apoio às artes e atenção à população apenas como público consumidor – é limitada. É necessário apoiar o ‘fazer’, pelo que este traz como benefício por si mesmo, além de auxiliar na formação de públicos. (2007b, p. 179)

Ainda de acordo com a autora, a literatura indica que a oportunidade da vivência do fazer artístico torna potencialmente os indivíduos em um melhor público de mostras artísticas e culturais. Portanto, o propósito das ações de formação do Cuca é o de promover mudanças, não somente de curto, mas também de médio e longo e prazo na sociedade. No caso da política cultural desenvolvida pela Uefs, por exemplo, destaca-se desde o seu início, além do investimento em uma estrutura de educação por meio das artes, o foco em ações que estimulem e consolidem a formação de plateia.

Além das potencialidades observadas pelos autores citados, através do aludido programa, a instituição oportuniza o desenvolvimento de aptidões diversas nos participantes. Tais aptidões podem se refletir inclusive na vida social, cultural e também na vida produtiva destes. Observe-se aqui que, com base legal no Art. 42 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata da formação inicial e continuada e da qualificação por meio de cursos de livre oferta, os cursos dessa modalidade não possuem carga horária preestabelecida e têm características diversificadas que visam a possibilidade de exercício de atividades geradoras de trabalho e renda (BRASIL, 1996).

Após o detalhamento das ações relacionadas à formação artística, vamos descrever brevemente as outras ações desenvolvidas pelo Centro Cultural. Nessa vertente, destacaremos inicialmente o Aberto do Cuca, o Festival de Sanfoneiros e o Bando Anunciador da Festa de Sant`Ana, por serem as atividades descritas nos relatórios de atividades mais recentes da instituição. Embora possuam propostas distintas, todos esses eventos buscam a valorização dos artistas e a difusão e preservação da cultura e da arte. Realizados uma vez por ano e de forma gratuita,

são ações que contam com o reconhecimento e a participação efetiva da população, com incremento de público a cada ano. A seguir delinaremos as informações básicas sobre cada um desses projetos, de acordo com os registros encontrados nos relatórios institucionais e no site do Cuca (CUCA, 2021d, p. 1).

O primeiro dos eventos mencionados, o Aberto do Cuca, tem como proposta a abertura do espaço da unidade durante todo um dia para aqueles que trabalham com arte e cultura nas diversas linguagens. Para sua realização, o Cuca recebe inúmeras propostas e as aloca por toda a sua estrutura, oferecendo os recursos técnicos básicos para viabilizar as apresentações musicais, de dança, teatro, exposições de quadros, fotografias, desenhos, artesanatos, *etc.* O evento geralmente ocorre no período da comemoração do aniversário do Cuca e seu nome pretende antecipadamente sinalizar a sua principal característica de integração de todas as propostas de cunho artístico-cultural em espaço aberto pela Universidade.

O segundo projeto institucional na categoria dos eventos é o Festival de Sanfoneiros, realizado comumente no mês de maio, que precede o período das festas de São João na região nordestina, onde está localizada a cidade de Feira de Santana. Lembremos que a sanfona tem um lugar especial nessa região, principalmente nas comemorações juninas. Assim sendo, o evento tem como objetivo “manter viva a tradição do sanfoneiro na cultura nordestina, além de dar visibilidade aos novos talentos e oportunidades aos artistas da sanfona” (CUCA, 2021d, p. 1). Atualmente, essa é a única iniciativa do Cuca que possui premiação, contando com visibilidade nacional, pois em muitas das suas edições teve a participação de sanfoneiros oriundos de diversos estados.

O Bando Anunciador da Festa de Sant’Ana, por sua vez, vem tomando uma dimensão cada vez maior, em público e em impacto. Resgatado pela Universidade no ano de 2007, é uma oportunidade de discutir questões relacionadas à cidade e permite aos participantes tanto rememorar aspectos do passado, como repensar a cidade no aspecto cultural. O cortejo tem sido cada dia maior, pois a cada ano novos grupos de diferentes bairros do município se incluem no desfile que acontece geralmente quinze dias antes da Festa de Sant’Ana, comemorada anualmente no dia 26 de julho.

Em nosso entendimento, evidencia-se mais especificamente no Bando Anunciador um fenômeno abordado por Sant’anna, Marcondes e Miranda (2017) chamado “ativismo”, caracterizado por manifestações políticas realizadas por meio de atividades artístico-culturais. Segundo os autores, a temática da arte política, se torna cada dia mais presente nas manifestações artísticas. Nessa linha, o Bando é um momento que com frequência inclui, além de toda irreverência de uma festa popular, tanto a declaração do povo sobre as suas insatisfações relacionadas à conjuntura local e nacional, como a manifestação sobre suas posições políticas. Segundo os autores, trata-se de uma politização da arte, que pretende discutir as dificuldades sociais que fazem parte da sociedade. Os autores aduzem ainda que

A aproximação entre arte e crítica política [...] diz respeito a um processo recente que tem buscado, na ação coletiva e no diálogo com as questões do dia a dia das minorias sociais, políticas, econômicas e

culturais, trazer para a esfera da arte discussões eminentemente políticas. (SANT'ANNA, MARCONDES E MIRANDA, 2017, p. 839)

Além dos três projetos que relacionamos acima, o site menciona uma quarta atividade, que é o Projeto Cinco e Meia. Embora possua natureza e alcance distintos dos três últimos, é caracterizado como uma rica oportunidade para aqueles que cursam as oficinas de música no Cuca, pois através das diversas edições realizadas ao longo do ano, se propõe a oportunizar e incentivar os alunos a realizarem apresentações tocando seus instrumentos de forma livre e espontânea no palco do teatro do Cuca. O foco é familiarizar e ambientar os alunos em apresentações para públicos maiores. Esse também é mais um projeto gratuito que integra o rol de eventos institucionais.

Outros eventos são relacionados no site como projetos institucionais. Dentre esses estão a Caminhada do Folclore, o Tributo à Luiz Gonzaga e o Natal de Som, Luz e Cor. No entanto, não se verificou nos relatórios de atividades do Cuca mais recentes a realização de edições desses eventos, o que possivelmente tem forte relação com os já citados problemas orçamentários. Encontramos apenas o registro de realização da Caminhada do Folclore pela última vez no ano de 2015.

O site apresenta também alguns projetos como ações desenvolvidas em parceria, que são: o Domingo Tem Teatro, o Feira Tem Teatro, o Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana (Fenatifs), o Jam na Cuca e o Piano a 4 Artes, sendo as três primeiras ações da linguagem teatral e as duas últimas da área musical. Dentre esses, o Festival Nacional de Teatro Infantil de Feira de Santana é o único que possui caráter nacional. É promovido pela Cia Cuca de Teatro, uma companhia de teatro que atualmente é independente, mas que nasceu como fruto da Escola de Teatro que o Cuca possuía no início das suas atividades, como uma companhia apoiada e estimulada pela instituição. O evento é realizado desde o ano de 2008 e conforme informado no site do Cuca, tem o objetivo de “movimentar, valorizar, debater e desenvolver o teatro para a infância e juventude, consolidando a Bahia como polo fomentador do teatro infantil brasileiro” (CUCA, 2021c, p. 1), contando com diversas apresentações teatrais de grupos de todo o Brasil, e ainda uma gama de atividades como debates, workshops, oficinas e mesas redondas.

A todas essas iniciativas culturais, somam-se outras ações do Cuca voltadas especificamente para a linguagem das artes visuais, por meio dos seus espaços expositivos que são o Museu Regional de Arte e a Galeria de Arte Carlo Barbosa. Muitos dos artistas feirenses de renome nos dias atuais tiveram inicialmente os seus trabalhos expostos nesses espaços. Além disso, esses ambientes já abrigaram em suas instalações muitas iniciativas de fomento e estímulo às artes visuais, como os Salões de Arte, promovidos tanto pelo próprio Museu como por outras instituições da capital baiana.

Conquanto atualmente integre o complexo cultural como um dos setores, a instituição do Museu Regional de Arte ocorreu bem antes da inauguração do centro cultural. A sua criação aconteceu no dia 26 de março de 1967 sob a gestão da Prefeitura Municipal. Em 1985 o Museu foi formalmente incorporado à Uefs (até então

funcionava na Rua Geminiano Costa) e em 1995 o Museu foi transferido para o prédio histórico da antiga Escola Normal, como parte do Cuca. O Museu reúne um rico e peculiar acervo, contando com diversas coleções de grande valor simbólico, como a já mencionada coleção de arte moderna inglesa, a coleção de modernistas brasileiros, com peças de artistas participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, como Di Cavalcanti e Vicente do Rego Monteiro, coleção de arte Nipobrasileira, arte Nainf e também diversas obras contemporâneas de importantes artistas feirenses, baianos e brasileiros (CUCA, 2021e, p. 1). Informações disponíveis no site do Cuca dão conta de que a

[...] atual designação de museu regional não pretende refletir o perfil de uma instituição de arte exclusivamente da região, mas sim de um museu voltado para a sua região, o território de identidade Portal do Sertão. E como tal, o MRA pretende atuar como espaço de natureza museológica e de educação informal. (CUCA, 2021e, p. 1)

Essencialmente, por conta do seu vínculo com a universidade, o espaço privilegia projetos relacionados às ações de ensino, pesquisa e extensão, na busca pela preservação da memória e do patrimônio. A atuação do MRA tem base em princípios como a universalidade do acesso e a diversidade cultural como forma de promoção da cidadania, estimulando o respeito e a valorização de tal característica intrínseca à cultura. Desse modo, apesar de possuir em seu acervo obras de imenso valor, o Museu não pode ser considerado exclusivamente como um guardião da alta cultura no sentido da erudição, permanecendo continuamente aberto ao grande público, com propostas que visam alcançar cada vez mais um número maior e diversificado de pessoas.

Porém, desde o agravamento da já citada crise financeira em 2015, o Museu que dispunha de um acesso externo exclusivo em sua entrada pela Rua Conselheiro Franco, se viu compelido a fechar tal acesso por questões de segurança, pois o complexo cultural teve o contingente de seguranças patrimoniais substancialmente reduzido nesse contexto, o que por consequência inviabilizou que as portas do Museu voltadas para a rua permanecessem abertas. Saliente-se que esse acesso em muito facilitava a entrada dos transeuntes que se interessassem em visitar o Museu. Obviamente o MRA permaneceu funcionando e seguiu recebendo visitas, mas essas só podiam acontecer exclusivamente pelo acesso interno, com entrada pelos portões do Cuca, o que foi considerado um grande prejuízo no sentido do estímulo que podia ser dado pela instituição para a recepção de novos visitantes e inclusão de mais pessoas em seu espaço.

No caso da Galeria Carlo Barbosa, esse espaço tem como proposta “atrair artistas locais e regionais para exposição de seus trabalhos, promovendo a valorização e a difusão das diferentes expressões das artes visuais e formas de expressão cultural” (CUCA, 2021f, p. 1). A Galeria, além de dar visibilidade a artistas já consagrados, atua também na abertura de campo para novos talentos, representando uma alternativa às galerias comerciais de arte. Ainda segundo informações do site do Cuca, podem ser realizadas exposições individuais e/ou

coletivas com o objetivo de apresentar as produções em nível profissional de arte na contemporaneidade, com oportunidade para comercialização das obras. A seleção de projetos para exposição ocorre por meio de edital anual publicado em veículos oficiais e acessíveis a toda comunidade, sendo as propostas inscritas analisadas por comissão especializada e aquelas selecionadas são incluídas no planejamento das exposições do ano subsequente. A galeria é notoriamente um ambiente que pode promover maior visibilidade para os artistas iniciantes.

Lamentavelmente, a estrutura que antes era possibilitada pela universidade para o lançamento das exposições foi muito comprometida com a referida crise financeira, impedindo a realização de vernissages como tradicionalmente costumava acontecer e reduzindo sensivelmente o alcance desses eventos. Outrossim, até a estrutura física da galeria nesse mesmo período contou com atenuada degradação, o que foi contornado com a realização de uma reforma do espaço, concluída no final de 2019. No entanto, a retomada regular das atividades do setor coincidiu com o início do cenário pandêmico no ano de 2020¹⁹.

Ao falarmos dos espaços expositivos, merece similar destaque o papel que o Centro Cultural possui no contexto da educação patrimonial, especialmente através do MRA e da Galeria. Alguns dos projetos desenvolvidos são: O Museu vai a escola, A Escola vai ao Museu, oficinas, Domingo Tem Museu, além de interações com professores e alunos da rede de ensino pública e particular. Certamente tais iniciativas representam excelente oportunidade de desenvolvimento da educação em espaços não formais, o que em nossa visão é uma vigorosa estratégia de interação entre cultura e educação, digna de expansão, como analisamos anteriormente.

Detalharemos ainda mais uma linha de ação do Cuca, pois que a instituição também promove o fomento a manifestações artísticas e culturais por meio da sua política de apoio às atividades culturais na cidade. Com tal política, pretende-se disponibilizar o espaço físico, principalmente com a cessão dos teatros e das salas para eventos organizados por grupos artísticos. No que concerne à política de cessão dos espaços, cabe observar que o valor para uso dos ambientes do Cuca (teatro e salas) chega a equivaler a apenas 15% do valor de outros espaços na cidade²⁰, além da disponibilização de uma cota de isenções dessa taxa para eventos artísticos. Trata-se de uma consistente forma de apoio e promoção de atividades artístico-culturais. Além da cessão do espaço, a unidade costuma conceder apoio na forma de divulgação dos eventos, seja em meios virtuais, seja em produção de material gráfico. Nesse sentido, é importante também assinalar o papel cumprido pelo Cuca como

¹⁹No mês de março de 2020 teve início a pandemia de Covid-19. Por conta da situação de emergência sanitária, atividades presenciais foram paralisadas em diversos tipos de estabelecimentos, exceto aqueles considerados de natureza essencial como serviços de saúde, supermercados, postos de combustível, dentre outros. Desse modo, as atividades presenciais da universidade também foram suspensas e por conseguinte, as do complexo cultural (CUCA, 2022). Nesse período, algumas atividades foram adaptadas e passaram a ser desenvolvidas de modo remoto e virtual. Vale destacar que o retorno às atividades presenciais na universidade ocorreu quase dois anos depois, com o retorno gradual a partir do mês de outubro de 2021, e retorno total a partir no mês de janeiro de 2022.

²⁰Informação verificada em consulta por telefone a outros espaços da cidade que contam com estrutura semelhante.

espaço que oportuniza a atuação tanto de artistas consagrados regionalmente como de novos artistas.

Deveras, a concretização do papel de fomentador das artes e da cultura pode se dar de diferentes formas, dentre as quais constam por exemplo, a concessão do espaço para desenvolvimento de eventos e ações artístico-culturais, o apoio direcionado à classe artística, a contínua democratização do ambiente cultural, a possibilidade de atuação como formador nas oficinas, entre outras.

Nota-se, contudo, que, apesar da experiência visivelmente positiva do Cuca (em uma cidade do interior) e do volume de suas ações, com efeito ainda predomina o cenário em que o contato com a arte e a cultura costuma ser profuso nas capitais e grandes cidades. As cidades interioranas, por sua vez, costumam apresentar uma vida cultural mais limitada em termos de disponibilidade de aparelhos voltados para essa área (como teatros, cinemas, escolas de artes, dentre outros) e das experiências e opções disponíveis à população nesse campo, ainda nos dias atuais.

Portanto, o caso da cidade de Feira de Santana pode ser considerado uma exceção em meio a um cenário em que predomina outra realidade e, por isso consideramos relevante a análise desse fenômeno. Nesse sentido, contemplamos um cenário em que tantas quantas forem as universidades públicas em suas diferentes localidades, tantos podem ser os aparelhos culturais que desenvolvem as suas políticas de cultura, com ações consolidadas e permanentes, voltadas para toda a sociedade. Considerando tal cenário, torna-se válido refletir sobre a influência positiva dessas instituições no desenvolvimento e estímulo da arte e da cultura.

3.4 RECONHECIMENTO, POTENCIALIDADES E DESAFIOS DA POLÍTICA CULTURAL DA UEFS

Notadamente no aspecto artístico, podemos constatar alguns avanços no cenário feirense, que por certo sofreu influência ora em menor, ora em maior grau das iniciativas da universidade. Com efeito, a Uefs vem desempenhando um papel de protagonista enquanto promotora de uma política cultural na cidade, especialmente por meio do Cuca. Tal protagonismo se concretiza ainda com a oferta de cursos, em nível de graduação e pós-graduação, voltados para o campo artístico-cultural²¹. Nesse sentido, enfatizamos que a institucionalização de ações voltadas para arte e cultura pela universidade é um fator essencial para o estímulo e fomento de atividades dessa natureza.

A percepção sobre a ação da universidade na área cultural foi um dos alvos na nossa coleta de dados entre os participantes da nossa pesquisa, como veremos com detalhes no próximo capítulo. No entanto, compreendemos válido abordar também uma amostra de percepções selecionadas em avaliações espontâneas da instituição nos sites *Google Negócios* e *Tripadvisor*. Tais avaliações foram organizadas para

²¹A Uefs oferta atualmente uma graduação em Música e uma pós-graduação em nível de especialização e de mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, e de Literatura.

melhor visualização nos Quadros 6 e 7, respectivamente, com comentários retirados na íntegra ou de forma parcial, sendo todos os nomes dos usuários mantidos em sigilo.

QUADRO 6 – Avaliações do Cuca no site *Google Negócios*

Ordem das avaliações de acordo com o site	Teor da avaliação
Publicado há 7 meses	Espaço Feirense onde todas as linguagens artísticas se encontram.... Sem contar a beleza do prédio! Sua arquitetura e o misto do moderno com o contemporâneo!
publicado há 3 anos	Prédio encantador do séc. XX que oferece oficinas e cursos de artes (pinturas, fotografias, teatro, música, etc). Restaurado e adaptado para pessoas com deficiências físicas.
publicado há 3 anos	Lugar lindo e com várias programações culturais, desde curso de fotografia, oficinas de arte, festival de fotografia, exposições, etc.
publicado há 3 anos	Local histórico de Feira de Santana, hoje dedicado a cultura, com estrutura de teatro e oficinas de arte.
publicado há 4 anos	A história da educação na cidade está intimamente ligada a este prédio, foi a primeira sede do plano das escolas normais e a universidade estadual, antes de se tornar um centro de cultura e artes. Possuem uma série de cursos artísticos mediante pagamento de taxa única de inscrição (preço acessível). O teatro é um dos mais belos da cidade com uma arquitetura bem clássica. E arena, o principal local onde ocorrem Jams (Jazz e etc.) da cidade.
publicado há 5 anos	Dizem que é o melhor lugar da cidade para fazer altos nadas! haha De qualquer jeito, é um centro cultural bem legal, mantido pela UEFS , com bastantes cursos e eventos interessantes de música, teatro, artesanato, artes visuais... Vale a pena também dar uma olhada no museu que tem logo ao lado. [grifo nosso]

Fonte: GOOGLE, 2021.

QUADRO 7 – Avaliações do Cuca no site *Tripadvisor*

Ordem das avaliações de acordo com o site	Teor da avaliação
Publicada em 12 de fevereiro de 2020	Mantido pela Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS , O CUCA é um espaço destinado a manifestações culturais e oferece cursos de várias atividades artísticas e culturais. Vale uma visita. [grifo nosso]
Publicada em 9 de setembro de 2017	Centro de artes no cento de Feira de Santana!!! [...] Atualmente é uma incubadora, berçário, o imaginável mundo de preparo, descobertas e nascimento de artistas que estão nas diversas artes que ali são desenvolvidas!! [...]
Publicada em 11 de julho de 2017	Local onde aflora a CULTURA, são oferecidos cursos, Workshops, exposição de artes, showa, cienam, teatro, apresentações. Tudo de bom em um lugar onde tem natureza, e diversidades.
Publicada em 26 de janeiro de 2017	Como é bonito esse cantinho para desenvolvimento das artes, [...] O ambiente é bastante arborizado e está localizado bem pertinho da Igreja Matriz de Feira de Santana.

Publicada em 7 de agosto de 2016	local maravilhoso, além de uma bela arquitetura pode-se respirar ARTE, vivenciar ARTE, e conhecer ARTE. Merece ser sempre visitado e revisitado.
Publicada em 13 de julho de 2016	O CUCA, como é conhecido, é um espaço que vem se mostrando ao longo do tempo como um belo exemplo de democratização da cultura em nossa cidade. Através de peças de teatro, oficinas, shows e vários outros tipos de apresentação cultural, o CUCA é para mim um dos redutos importantes da cultura em Feira de Santana.
Publicada em 18 de maio de 2016	O CUCA é um local onde a arte acontece. Além de ter um museu regional de artes anexo, conta com uma variedade de cursos e a área externa oferece espaço para sentar à sombra de árvores e cultivar uma boa conversa. Também existe uma galeria de artes onde acontecem exposições diversas.
Publicada em 13 de dezembro de 2015	Uma das poucas opções de arte em Feira de Santana, acredito que deveria ser mais divulgado, inclusive por meio de roteiros oficiais.
Publicada em 1 de setembro de 2015	O Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA) é um dos pontos turísticos de Feira de Santana. A arquitetura do local é antiga e agradável e lá é possível durante a semana, contemplar os diversos sons de instrumentos da escola de música do CUCA. Há ainda dança, fotografia, teatro e outros, compondo um cenário artístico sem igual na cidade.
Publicada em 2 de março de 2015	Além das oficinas de arte e cultura, o CUCA conta com teatro regularmente utilizado, teatro de arena, galeria de arte e museu regional. É uma tremenda iniciativa da Universidade Estadual de Feira de Santana , que faz a cidade ficar menos árida que a sua vocação comercial. [grifo nosso]
Publicada em 26 de julho de 2014	Um ótimo lugar para apreciar peças teatrais. A UEFS está de parabéns em promover um espaço de cultura no município. [grifo nosso]
Publicada em 30 de abril de 2014	Esse talvez seja o centro de cultura mais interessante que eu conheci nessa cidade. É cheio. Sempre os estudantes estão por lá, logo é uma boa opção para você conhecer um pouco mais a cultura da região.

Fonte: TRIPADVISOR, 2021.

A partir de tais comentários, é possível constatar que o Cuca é reconhecido como uma importante ação da universidade para a cultura local, em especial para o universo artístico. Atentemos que o nome da Uefs é citado em algumas das avaliações, conforme grifo realizado por nós nos trechos em que a referência ocorre, o que nos mostra o reconhecimento direto, em parte dos comentários nos sites mencionados, da relação existente entre o Cuca e a Uefs. Obviamente, há aqueles que não citam o nome da Universidade, focando a sua avaliação em outros atributos do centro cultural e reconhecendo-o como um órgão essencial no campo artístico-cultural feirense.

Em função do reconhecimento institucional ensejado pelo vínculo com a Universidade, que possui notória importância no cenário local, percebe-se que o Cuca obteve uma significativa credencial tácita para cancelar projetos e eventos, sendo por vezes suficiente que o nome da instituição seja citado para que muitos projetos ganhem já no seu ponto de partida considerável reconhecimento. Curiosamente, em nossa experiência profissional, verificamos que a unidade costuma com frequência ser confundida com a Secretaria Municipal de Cultura de Feira de Santana, o que ocorre tanto em contatos telefônicos, como em atendimentos presenciais.

Entretanto, é importante assinalar que a conexão da Universidade com o campo artístico-cultural não ocorre somente através do Cuca. Com efeito, a Uefs conta com mais três museus, sendo dois no *campus* (o Museu de Zoologia e o Museu Casa do Sertão) e um extra *campus* (o Museu Antares). Junto com o Museu Regional de Arte estas unidades formam uma Rede de Museus. A universidade conta com um curso de graduação no campo das artes (a licenciatura em Música), cursos em nível de pós-graduação (a especialização e mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade, e de Literatura), e promove a Feira do Livro (Flifs) que ocorre anualmente com a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão, além de realizar ainda outras ações pontuais por meio de setores como a biblioteca, TV Olhos D'Água, Editora Uefs, departamentos, colegiados, dentre outros.

Além das iniciativas internas, verificamos na cidade e na região, a presença de muitos artistas que possuem ou já possuíram profícua interação com a universidade. Esses artistas são representados por músicos, artistas plásticos, dançarinos, atores e tantos outros profissionais das artes que muito colaboram e enriquecem o cenário cultural local. Notamos também a existência de diversos grupos de teatro na cidade, que contam inclusive com reconhecimento nacional. Esses grupos interagem e são de igual modo amparados e impulsionados, em muitos momentos, pelas iniciativas da política cultural da Uefs.

Como já mencionamos, indubitavelmente, a presença de uma universidade em um determinado local promove relevantes transformações, incluindo a inserção de equipamentos e implementação de políticas que trazem impactos diretos para a sociedade. Em texto sobre a origem das Universidades Estaduais na Bahia, Boaventura (2009) pontua que

O desenvolvimento do segmento educação superior do sistema estadual, com base regional, tem conduzido as universidades estaduais, integradas em colegiados e departamentos, e lhes oferecem: educação pelas habilidades avançadas em aprendizagens, formação profissional, serviços à comunidade, educação continuada, capacitação, especialização, bem assim, cursos de nível tecnológico, comercial ou agrícola, carreiras longas e, como não poderia deixar de cogitar, variadas formas de valorização da cultura local e regional, complementadas pela intervenção das múltiplas manifestações culturais eruditas. (p. 57)

Portanto, o que se vê é que são inúmeras as possibilidades de colaboração da universidade na sua localidade. Nesse sentido, Morais (1995) assertivamente esclarece um papel fundamental da universidade ao afirmar que a esta compete vivenciar o contexto da região em que está instalada, em termos de intercâmbios e serviços. Mas as possibilidades não se esgotam em determinado limite territorial, podendo ir por vezes muito além. Entendemos assim ser significativamente possível a expansão progressiva do seu espaço de atuação e o melhor alcance das suas benfeitorias, tanto geograficamente, como qualitativamente, tendo em vista a pluralidade e a profusão de potencialidades próprias dessa instituição.

A partir dessa reflexão, sobretudo no que diz respeito à vertente da extensão universitária, Morais ainda ilustra a necessidade de se atentar para as necessidades mais urgentes de um povo, a fim de direcionar esforços de modo a assegurar avanços que gerem impactos positivos para a sociedade. Em uma visão mais drástica, chega a citar o risco de se destinar vultosas quantias, por exemplo, em projetos de pesquisa que só terão seus resultados aproveitados por culturas industrialmente mais avançadas, considerando tal fato como uma possibilidade de grande desperdício, sobretudo em meio a uma situação de carências diversas por parte da população, o que pode gerar sacrifícios de sociedades pobres para favorecer o avanço da pesquisa.

Tendo em vista o exposto, ratificamos que insta considerar por certo a possibilidade de atuação especialmente das universidades públicas instaladas em interiores do Brasil como agentes ativos no desenvolvimento das políticas culturais. Pois, enquanto agentes de transformação da sociedade, acumulam vasto potencial para contribuir com o desenvolvimento artístico-cultural das regiões onde estão instaladas e assim promoverem transformações em termos de qualidade de vida e cidadania das populações por elas atendidas, com a possibilidade de fomentar ainda toda uma esfera econômica ligada à produção e ao consumo de expressões de arte.

Nessa perspectiva, Porto (2007, p. 170) adverte para a necessidade de

[...] universalização dos bens e serviços culturais ofertados a toda a população, através de equipamentos, programas e serviços públicos permanentes de cultura que incentivem a formação de hábitos de fruição cultural e promovam a visibilidade e a troca de produções culturais e artísticas locais e comunitárias, e a luta por uma educação de qualidade, pensada como via fundamental de crescimento pessoal e coletivo, promotora de autonomia, independência e identidade.

Retomando a visão de que as políticas culturais podem ser implementadas e desenvolvidas por diferentes agentes de forma complementar (BOTELHO, 2001), em nossa compreensão, resta proeminente o papel primordial da universidade nesse processo. Cabe destacar que o próprio conceito alargado de cultura, na dimensão antropológica, imprime um caráter amplo e diverso ao universo das políticas culturais, bem como configura a ampliação de um sistema cultural, cada vez mais complexo, dadas as diferentes demandas que o cercam. Torna-se estratégica, portanto, a atuação de diferentes organizações nesse campo, assegurando uma visão sob diferentes ângulos. Viabiliza-se desse modo uma extensa cobertura das necessidades que precisam ser supridas com um efetivo sistema cultural.

Isto posto, é importante ainda evocar os desafios que envolvem o desenvolvimento desse tipo de política, pois que facilmente se constata tanto a tendência de não priorização das ações artístico-culturais nos planos governamentais, como as consequências negativas que decorrem da ausência de ações desse tipo. Destaque-se ainda que a sociedade não está imune à carência dessas ações, pois esta realidade gera impactos no desenvolvimento dessa mesma sociedade. Acerca da prioridade atribuída a cultura, Costa (2019) corrobora esse entendimento destacando a percepção do diretor de cultura e professor da Universidade Federal de

Uberlândia, Alexandre José Molina, de que os cortes orçamentários são de modo geral direcionados primeiramente para a área de cultura e extensão.

A esses antigos desafios, somam-se ainda outros novos que decorrem da vida moderna e se refletem também no universo de demandas a serem atendidas por tais políticas na atualidade, passando certamente, por exemplo, pelo surgimento de novas modalidades de arte e de novos modos de fazer. Refletindo sobre esse problema, Rubim alerta que

A digitalização da cultura, a veloz expansão das redes e a proliferação viral do mundo digital realizam mutações culturais nada desprezíveis e desafiam, em profundidade, as políticas culturais na contemporaneidade. [...] Acompanhar e propor políticas culturais para este expansivo e veloz mundo digital é, sem dúvida, um dos maiores desafios [...] (RUBIM, 2009, p. 110)

Por fim, para ultimar essa etapa da reflexão sobre o nosso objeto de estudo, consideramos importante salientar que o desenvolvimento da política cultural da Uefs tem estreita relação com os princípios e objetivos do Plano Nacional de Cultura. Para além disso, tendo por base o histórico já apresentado, tanto da instituição, como da política de cultura nacional, nota-se que antes mesmo da existência de um Plano Nacional de Cultura, a Uefs vem atuando, através do Cuca, na cidade de Feira de Santana, de modo a construir e ser base para ações, projetos e programas na área cultural. Desse modo, é possível observar indicativos da contribuição da Universidade nas conquistas relacionadas ao campo da cultura na comunidade feirense.

3.5 A QUESTÃO DA INSTITUCIONALIDADE

A organização administrativa atual da Universidade é composta pelos Conselhos Superiores, Reitoria, Pró-Reitorias, Assessorias, Unidades de Desenvolvimento Organizacional, Departamentos e Colegiados (UEFS, 2019). Nesse desenho, o Cuca é considerado uma das unidades de desenvolvimento organizacional, voltada exclusivamente para as ações de arte e cultura, possuindo certa autonomia na gestão desse tema, que compreendemos como fundamental, dada magnitude do complexo e por conseguinte, a demanda de atividades que envolvem a sua administração. Desse modo, foi com a sua inauguração que ficou instituído o órgão que passou a ser responsável pelo planejamento e execução da política cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Acerca da institucionalização da política cultural da Uefs, é premente analisar as bases que asseguram a sua existência e continuidade. Para isso, preliminarmente direcionamos os nossos esforços na busca pelos fundamentos documentais de tal política. Constatamos, no entanto, a carência de um documento específico e permanente, que informe as diretrizes básicas da política de cultura na Uefs, com a anuência da comunidade universitária. Isso não significa, contudo, a ausência

completa de informações com diretrizes para a área cultural, visto que constam referências à essas ações no Plano de Desenvolvimento Institucional, por exemplo.

Conferimos ainda a existência de uma Portaria da época de criação do Cuca, sob número 1096/1995, assinada pela Reitora Anaci Paim, no dia 14 de novembro de 1995, que estabelece as normas de funcionamento do complexo cultural, enquanto órgão suplementar da Uefs, vinculado à Reitoria. O documento faz menção à localização do Cuca às ruas Conselheiro Franco e Filinto Bastos, porquanto a área ocupada pelo Cuca se estende entre essas duas ruas.

A fim de explicitar sucintamente alguns aspectos contemplados na portaria supracitada, notamos em sua parte inicial uma relação das finalidades do Cuca, sendo a primeira delas a execução da política de cultura da Universidade. Como outras finalidades que complementam essa lista, apontamos a produção e divulgação da cultura; o resgate da cultura regional, possivelmente concretizado por meio da valorização dessa cultura; a integração dos setores em um plano único e convergente de cultura; o estímulo e apoio a formação de novos talentos no campo das artes dentro e fora da Uefs; o desenvolvimento de intercâmbios culturais com instituições públicas e privadas; e a captação de recursos para o desenvolvimento cultural, visando também o fortalecimento de grupos artísticos que emergiam dentro e fora da Universidade (UEFS, 1995).

Em seguida, tal portaria passa a tratar da estrutura administrativa do complexo, que naquele momento estava compreendida por: Diretoria Geral, Coordenação do Museu Regional, Coordenação do Seminário de Música; Coordenação de Estudos e Eventos (Coese) e Coordenação da Biblioteca de Arte Pierre Klose. Nesse desenho, havia ainda um Comitê Técnico-Científico presidido pelo diretor geral e composto por dez membros escolhidos como representantes da universidade e da comunidade artística local, tendo o Reitor a prerrogativa de escolha e nomeação desses membros. O relatório de atividade de 1996 destaca que tal comitê possuía caráter consultivo e não deliberativo.

Acerca da estrutura administrativa, ressaltamos que em seu primeiro ano de funcionamento, além dos setores relacionados na Portaria, são citadas mais 5 iniciativas no relatório de atividades relativo ao ano de 1996, como a Sala de Leitura, a Escola de Teatro, o Grupo de Dança, a Oficina de Criação Artística e a Universidade Aberta da Terceira Idade - Uati. Destaque-se ainda a existência de duas assessorias distintas, uma cultural e outra administrativa (CUCA, 1996). Essa última foi substituída no ano de 1998 por uma Assessoria de Comunicação, visando o atendimento da sempre volumosa demanda de divulgação intrínseca ao centro cultural. Ressalte-se que no ano de 1998 também teve início uma Assessoria Técnica na instituição e ocorreu a desativação da Escola de Teatro (CUCA, 1999).

Retornando para a portaria, esta também define as competências dos cargos citados na estrutura administrativa e do mencionado conselho e por fim estabelece as normas básicas para funcionamento e uso específico de cinco dos espaços do Cuca, definidos como “Museu, Galeria de Arte, Sala dos Artistas Feirenses Dival Pitombo, Salão do Subsolo e Teatro” (UEFS, 1995, p. 3). Por fim, é acrescentado um item sobre o uso exclusivo das salas do Seminário de Música para as atividades do setor.

O confronto da mencionada portaria com informações averiguadas nos documentos institucionais, notadamente nos relatórios mais recentes da unidade, induziu-nos à constatação de uma desconexão entre o que se estabelece nesse antigo documento e a realidade atual do centro cultural, fixando-se nesta um desenho nitidamente desatualizado. Entretanto, o fato é que tal portaria é o que existe de mais concreto, na perspectiva documental, e que pretende assegurar e dirigir aspectos mais gerais do funcionamento do Cuca. Convém abordar, porém, a existência de uma outra normativa, publicada sob a forma de resolução Consad n.º 026/2016, com o objetivo específico de estabelecer as normas para utilização do teatro e demais espaços do Cuca, dedicando-se esse documento a questões mais operacionais da gestão dos espaços.

É apropriado assinalar ainda que as ações culturais encontram guarida em um importante documento que serve de base e referência para o planejamento das ações da Universidade, que é o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Acerca da importância desse plano para a universidade, compreendemos válido citar o que nos apresenta como justificativa o próprio documento:

Planejar uma universidade é uma tarefa extremamente complexa e desafiadora. Em primeiro lugar, porque esta é um ente autopoiético, ou seja, em certo sentido ela tem uma vida própria, suas próprias forças de crescimento e evolução, exatamente por ser o locus da liberdade de cátedra, de pensamento e da conformação de estruturas difusas de poder e de ação acadêmica e política. Em segundo lugar, a universidade não está descolada do cenário externo, o qual enseja as pressões do tempo histórico vivido por ela. Nesse cenário, precisamos observar as ameaças e oportunidades, bem como as forças e fraquezas que dão mais ou menos condições de enfrentamento ao cenário posto. Por tudo isso, há que se planejar os rumos da universidade, tentando criar um norte para sua governança e avanços contínuos que a qualifiquem cada vez mais para dar respostas à altura dos desafios do nosso tempo. (SILVA e ALMEIDA, 2019, p. 13)

Na versão mais recente do documento supracitado, que compreende o período de 2017-2021, identificamos políticas estabelecidas para as áreas de ensino, graduação, extensão, pesquisa e gestão. Cumpre destacar que não localizamos a divulgação de tais políticas de outra forma que não fosse no PDI e que no caso das diretrizes para a arte e cultura, estas aparecem integradas à política de extensão universitária também no referido instrumento, o que evidencia a conexão entre esses campos na universidade. Tendo em conta o planejamento oficial, destacamos que dentre as diretrizes estabelecidas neste Plano para a área de extensão e cultura, elencamos abaixo as que possuem maior conexão com as atividades do Cuca:

- a) A continuidade dos eventos promovidos regularmente pelo centro cultural;
- b) A manutenção da gratuidade na totalidade dos eventos artísticos;
- c) O fomento do diálogo com os artistas locais;
- d) A ampliação e consolidação do programa de formação artística, que se concretiza por meio das oficinas do Cuca;

- e) A oferta de espaços para os artistas, visando a realização de ensaios, reuniões, shows e outras demandas. (UEFS, 2019)

Conquanto as mencionadas diretrizes contemplem parte das ações do Cuca, o plano de ação para extensão e cultura, por sua vez, notadamente no PDI mais recente contempla de forma precária tais ações. Comparativamente, verificamos que o plano de ação constante na edição anterior do documento, relativo ao período de 2011-2016, continha detalhes mais ricos e conectados com a realidade do centro cultural, o que seguramente demonstra a necessidade de definição de uma política que assegure menor grau de variação nesse tipo de planejamento, dado que o PDI é um documento estratégico para o desenvolvimento das atividades na universidade e para o futuro da instituição. Compreendemos também a necessidade de se refletir sobre as diretrizes dispostas no plano sob a perspectiva dos participantes das ações, figuras centrais no processo de desenvolvimento da política.

Em suma, além de identificarmos a desatualização da portaria com as diretrizes gerais de funcionamento do Cuca e as ditas variações no PDI, efetivamente não localizamos uma normativa, na forma de uma resolução que caracterize maior constância e que seja como um guia que assegure a estabilidade da política de cultura da Uefs. Ressalte-se aqui que a nossa busca passou também pelas diretrizes estabelecidas para a extensão universitária, área para a qual também não localizamos documento na forma de resolução publicada com tal finalidade. Sinteticamente, após as análises realizadas, compreendemos que a sustentação da política institucional de cultura da Uefs encontra-se em alguma medida fragilizada, notadamente o fundamento documental que assegura o funcionamento do órgão responsável pela gestão dessa política, o que receamos, pode trazer prejuízos para a continuidade das ações de cultura, vide o fenômeno da instabilidade que marca frequentemente o que se propõe para a área cultural.

Não podemos ignorar, contudo, que a estrutura física própria e o volume de ações que são mantidas pelo centro torna-se certamente um importante elemento de proteção e respaldo, assim como o reconhecimento implícito que predomina acerca da importância da instituição. No entanto, como já vimos, o amanhã sempre pode trazer surpresas e revezes, e por isso entendemos ser prudente repensar a forma ideal de sustentação da política cultural desenvolvida por meio do Cuca. Insta incluir nessa demanda a atualização da portaria que estabelece as normas de funcionamento da instituição, mas além disso e pensando de forma mais ampla, é preciso formular uma proposta de política que assegure e amplie as ações culturais da Uefs.

Em nossa compreensão, portanto, o alvo principal da universidade deve ser o estabelecimento de uma política da instituição, que não esteja limitada a uma gestão específica. Desse modo, à orientação estratégica do PDI se articula a institucionalização da Política de Cultura, o que certamente pode assegurar a permanência das ações independente do grupo de gestão que assuma a direção da Universidade. Isso requer, indubitavelmente, uma discussão ampla com toda a comunidade interna e externa e a aprovação por órgãos máximos e soberanos de deliberação. Ou seja, além da etapa fundamental de construção da política de forma

democrática, é relevante que tais diretrizes sejam apreciadas e aprovadas por um conselho superior.

A título de exemplo de casos de universidades que possuem políticas de cultura institucionalizadas nos moldes ora descritos, inclusive com aprovação dos seus respectivos conselhos superiores, realizamos uma pesquisa em site de busca na internet utilizando as expressões “Política de cultura na universidade”, “Política cultural na universidade” e “Política Cultura Universidade”, e assim identificamos algumas das instituições que se enquadram em tal característica. Além do site de busca, utilizamos também como referência matéria publicada por Costa (2019). A lista por nós elaborada, contendo os resultados encontrados, pode ser conferida no Quadro 8, que apresenta o estado, o nome e a sigla da instituição, como a política está nomeada e o órgão que aprovou a sua publicação. Entretanto, lembramos que tal lista não exaure todas as iniciativas de institucionalização das universidades públicas do país. Salientamos também que dentre as instituições identificadas nessa resumida busca, há apenas três universidades estaduais, duas do estado de São Paulo e uma do Rio Grande do Norte.

QUADRO 8 – Exemplos de políticas culturais em instituições públicas de ensino superior no Brasil

UF	Nome da instituição	Sigla	Nome da Política	Órgão de aprovação da política
SP	Universidade Estadual Paulista	Unesp	Política de Artes e Cultura	Câmara Central de Extensão Universitária
SP	Universidade Estadual de Campinas	Unicamp	Política de Desenvolvimento Cultural	Conselho Universitário (Consu)
SC	Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	Política de Cultura	Câmara de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura (CPPGEC) do Conselho Universitário (CONSUNI)
SC	Fundação Universidade Regional de Blumenau	Furb	Política de Cultura	Conselho Universitário (CONSUNI)
MG	Universidade Federal de Ouro Preto	Ufop	Política de Cultura	Conselho Universitário (Cuni)
MG	Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Política de Cultura	Conselho Universitário (Consun)
RN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	UERN	Plano Institucional de Cultura	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe)
PR	Universidade Federal do Paraná	UFPR	Plano Institucional de Cultura	Conselho Universitário (Coun)
PR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná	UTFPR	Plano de Cultura	Conselho Universitário (Couni)
RS	Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	Política Cultural de Extensão	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) e Conselho Universitário (CONSU)

CE	Universidade Federal do Cariri	UFCA	Plano de Cultura	Conselho Universitário (CONSUNI)
MG	Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Política Cultural	Conselho Universitário (Consu)
PA	Universidade Federal do Oeste do Pará	Ufopa	Política de Cultura	Conselho Universitário (Consun)
RJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Política Cultural	Conselho Universitário

Fonte: UFRJ (2014), UNESP (2014), UFOPA (2015), UFFS (2016), UNICAMP (2016, 2019), UTFPR (2017), FURB (2018), UERN (2018), UFTM (2018), UFCA (2019), UFU (2019), UFPR (2020), UFOP (2021), UFSM (2021).

Em uma análise sobre as universidades federais que possuem políticas de cultura aprovadas em órgãos como os Conselhos Universitários, Costa (2019) informa que 21% destas possuem uma política de cultura devidamente institucionalizada. Isso significa que, de acordo com a autora, dentro de um universo de 63 instituições federais, 30 dessas têm se dedicado à construção de políticas culturais, sendo que apenas 13 já possuem tais diretrizes publicadas. A autora explica que tal análise levou em conta as normas de cultura aprovadas por conselhos e publicadas como resoluções, excluindo-se, portanto, as situações em que as diretrizes constavam apenas nos PDIs ou regulamentos diversos. Ainda segundo Costa, a constatação é de que, de forma predominante, a constante ameaça de corte de orçamentos é um dos aspectos que mais vem assustando as universidades, gerando uma motivação ainda maior para que esforços sejam direcionados no sentido da institucionalização da área cultural.

Assim sendo, considera-se que o cenário ideal é que a constituição de uma política cultural esteja alinhada com outras determinações legais, internas e externas a universidade. Nessa vertente, vê-se que documentos como os Planos de Cultura, em nível nacional, estadual e municipal, o Estatuto da Universidade, o já mencionado Plano de Desenvolvimento Institucional e outras diretrizes estabelecidas no âmbito da Universidade devem interagir na implementação de uma política institucional voltada para a cultura.

Ante o exposto, convém reforçar a perspectiva de como é importante o fortalecimento da institucionalidade, haja vista esse panorama nos remeta a ponderações acerca de tal fenômeno com foco na área cultural, assim descritas por Oliveira, G. (2018):

Ao entender que a institucionalidade atende a uma perspectiva formalista, ou seja, que necessita existir enquanto elemento protocolar que envolve sobretudo a restrita criação de organismos – mas que para além da manutenção das estruturas formais exige outros complexos como a) manutenção e ampliação de um orçamento, que indica a importância institucional de um órgão ou política a ser fomentada, b) quantidade de equipamentos mantidos, c) quantidade e qualificação da equipe de trabalho, d) capacidade de formulação de políticas que transcendam o período governamental (RUBIM, 2013) – conclui-se que para além do formalismo, para que uma institucionalidade seja substantiva ela deve ultrapassar o marco de

criação proporcionando avanços nos mecanismos e procedimentos adotados pelas políticas públicas, gerando maior legitimidade e desencadeando no reconhecimento de que os serviços públicos são, antes de tudo, serviços profissionais que atendem a um sistema democrático e não estão restritos às determinações dos que detém temporariamente (através do voto) o poder político.” (p. 45)

A autora ainda pontua que com um cenário marcado essencialmente por descontinuidades, como é o cenário cultural no país, as políticas estão sob risco permanente de se tornarem precárias, isso em um curto espaço de tempo, e desse modo, salienta o quão importante é que estejamos sensivelmente atentos à questão da institucionalidade. Concordamos com Oliveira, quando esta assinala em um segundo texto, no ano de 2019, que “[...] a existência de institucionalidade coaduna em garantias de continuidade para organismos de gestão e políticas.” (OLIVEIRA, 2019, s/p).

4 O CUCA E SUA INTERAÇÃO COM A SOCIEDADE: DADOS E PERCEPÇÕES

Dedicar-nos-emos nesse capítulo ao objetivo de analisar primeiramente a percepção dos participantes do conjunto de ações desenvolvidas pelo Cuca, e em seguida a percepção dos gestores associados a essa política na Uefs, almejando que tais análises possam colaborar com um melhor entendimento do fenômeno em estudo, notadamente com a identificação de elementos que viabilizem o alcance de melhores resultados e sustentabilidade das ações. Nesse sentido, destacamos que essas percepções são componentes relevantes na definição de diretrizes para o aprimoramento da gestão.

Considerando o nosso objetivo, para melhor compreensão dos resultados, é oportuno apontar ainda o significado do termo percepção. Em uma análise teórica desse conceito, Matos e Jardimino (2016) apresentam as compreensões de diversos estudiosos como Piéron, Russ, Davidoff, Durozoi e Roussel, dentre outros. Tomaremos, no entanto, como ponto de partida, o conceito de percepção exposto por Davidoff, visto que, de acordo com o autor, “A percepção é o processo de organizar e interpretar os dados sensoriais recebidos para desenvolver a consciência de si mesmo e do ambiente” (DAVIDOFF, 1983 *apud* MATOS E JARDILINO, 2016, p. 26).

O capítulo ficou estruturado em três partes, a primeira conta com a caracterização dos respondentes (4.1), a segunda com a análise da percepção dos participantes das ações (4.2), abarcando os dados coletados por meios dos questionários e das entrevistas, e a terceira destinada especificamente a análise da percepção dos gestores das ações (4.3), com dados coletados exclusivamente por meio das entrevistas.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES DOS QUESTIONÁRIOS E DOS ENTREVISTADOS

Com os critérios de definição dos participantes da pesquisa, buscamos a obtenção de uma amostra que representasse a diversidade de indivíduos que estão envolvidos com o ambiente do Cuca e com as ações que o centro cultural promove. Embora o nosso planejamento inicial contemplasse 145 participantes, entre os respondentes do questionário e os entrevistados, efetivamente esse universo foi composto por 62 partícipes, o que equivale a 42,75% do público alvo da nossa pesquisa, sendo 51% destes do sexo feminino e 49% do sexo masculino. Do número total de participantes, 52 corresponderam aos respondentes do questionário e 10 àqueles que foram por nós entrevistados, correspondendo respectivamente a 40% e 66,7% do que estava planejado. Todos os participantes foram maiores de 18 anos e tiveram envolvimento com alguma atividade desenvolvida pelo Cuca. Em sua maioria, os sujeitos da pesquisa eram residentes da cidade de Feira de Santana, onde o Cuca está localizado, mas houve também participantes do grupo dos credenciados que residem em cidades próximas.

Em relação ao perfil de formação e experiência profissional, esses dados foram solicitados apenas dos entrevistados e dentre esses, identificamos uma formação bem diversificada. No caso dos participantes das ações, estes possuíam, por exemplo, formação nas áreas de Artes Visuais, Teatro, Dança, Ciências Sociais, etc. Alguns desses participantes possuíam também formação em nível de pós-graduação. O grupo dos gestores, por sua vez, também foi formado por indivíduos com graduações diversas e a maior parte possuía pós-graduação em nível de especialização, mestrado ou doutorado.

Quanto à experiência profissional, os grupos foram formados por sujeitos com as seguintes características: pessoas com grande experiência profissional na área das artes, que contaram inclusive com experiências internacionais de formação; alunos e parceiros antigos do Cuca, que atualmente ministram aula nas oficinas e demonstram ou demonstraram seus trabalhos na instituição; e também pessoas atuantes na área de gestão e produção cultural. Os gestores, por sua vez, apresentaram os seguintes perfis: funcionários antigos na Uefs, sendo professores e servidores técnicos, com experiência na área de gestão e ainda indivíduos com ampla experiência no Cuca.

A primeira fase da coleta de dados por meio do questionário alcançou todos os grupos planejados em nosso projeto de pesquisa, assim compreendidos:

TABELA 3 – Respondentes dos questionários

Grupo	Nome do grupo	Número de sujeitos planejados	Número de sujeitos participantes	Percentual de participação
1	Alunos	57	24	42%
2	Credenciados	54	21	39%
3	Parceiros	7	2	29%
4	Artistas	12	5	42%
TOTAL		130	52	40%

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos ver, a fim de contemplar o maior número possível de perspectivas acerca da política cultural da Uefs, desenvolvida pelo Cuca, na coleta dos dados contamos com a visão de alunos, profissionais que ministram aulas no programa de formação artística, demandantes do uso do espaço do Cuca que desenvolvem projetos em parceria com a instituição e, por último, uma amostra do grupo de artistas que expuseram no Museu. No caso desses dois últimos, porém, contamos com um reduzido número de sujeitos. Como já mencionamos, a amostra não-probabilística pretendeu essencialmente captar a visão daqueles que estiveram envolvidos nas ações do Cuca acerca do fenômeno em estudo.

Vale lembrar que a primeira fase aconteceu no período de 28 de abril a 26 de junho de 2021, com seis tentativas de envio do formulário, buscando alcançar o mais expressivo número de participantes. Já a segunda etapa da coleta ocorreu com a realização das 10 entrevistas, que lamentavelmente não contou com representantes do grupo dos alunos, devido a dificuldades de contato, mesmo com as tentativas por e-mail e por telefone. Conquanto não contamos com a participação do referido grupo, obtivemos êxito no contato e realização das entrevistas com os demais (grupos 2, 3, 4 e 5). Todas as entrevistas aconteceram no período de 14/07 a 20/09/2021.

4.2 PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES DAS AÇÕES DO CUCA

Como já exposto, nessa busca utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada e o questionário, que contou em sua maior parte com perguntas objetivas e apenas uma pergunta subjetiva, para registro de observações, sem nenhum direcionamento para os participantes. Desse modo, nessa questão foram obtidas respostas totalmente espontâneas e de livre escolha do respondente. Primeiramente, foram analisadas as respostas obtidas por meio do questionário, e em seguida, com fins a uma compreensão mais aprofundada, foram somados os dados obtidos nas respostas subjetivas desse instrumento e nas entrevistas.

A partir da sistematização dos dados coletados entre os participantes, definimos duas categorias de análise. A primeira delas teve foco na experiência do participante da pesquisa no Cuca, e a segunda abrangeu a percepção desse participante sobre a política cultural da Universidade desenvolvida por meio do Centro Cultural. Especificamente na segunda categoria, diferentes temáticas surgiram de

forma espontânea por parte dos participantes, as quais serviram de base para organização das informações coletadas, como veremos a seguir.

É importante lembrar que uma seleção dos dados coletados, com a sistematização feita por nós, pode ser verificada com mais detalhes no Apêndice D, no qual constam as respostas subjetivas dos questionários, os destaques das entrevistas com os participantes e os destaques das entrevistas com os gestores.

4.2.1 Experiência do participante no Cuca

Com o objetivo de compreender tal percepção, a primeira pergunta do questionário buscou identificar o nível de satisfação do respondente em relação a sua experiência pessoal no Cuca, considerando, porém, as diferentes perspectivas e possibilidades de contato dadas pela variação das vivências dos grupos (como aluno, como professor, como artista ou como parceiro). Desse modo, quando apresentado o enunciado “Estou muito satisfeito com a minha experiência no Cuca”, constatou-se que a maior parte dos respondentes demonstraram ter tido uma boa experiência no centro cultural, na medida em que o percentual de concordância total foi de 83%, sendo que 47% dos respondentes não tiveram dúvida alguma para indicar essa posição (marcando a opção concordo totalmente), 36% indicaram que concordam, 8% se isentaram da resposta e 10% indicaram discordância, não avaliando, portanto, a experiência no Cuca de forma positiva.

Em suma, considerando o conjunto total de respondentes, como a expressa maioria em termos percentuais demonstrou grau de satisfação positivo, podemos afirmar que não nos resta dúvida sobre o contentamento da comunidade participante das ações do Cuca. A fim de ilustrar tal realidade, elencamos abaixo apenas três dos muitos comentários coletados que refletem essa informação:

O CUCA é a minha segunda casa e carrego um grande orgulho em dizer que sou aluno do Cuca, [...] Fiz diversos outros cursos em outras instituições de respeito como: Teatro Maestro Miro da Fundação Egberto Costa, SESC Centro, Grupo Teatral Renascer dentre outras oficinas e workshops. Mas o coração está no Cuca. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

Minha filha faz atividades no Cuca desde 3 anos de idade, ela tem hoje 15 anos e costuma dizer que o Cuca é a segunda casa dela, visto que passava muito tempo no Cuca pois foi a melhor ocupação que encontrei para se envolver com a arte. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

O Cuca fomenta a cultura em Feira de Santana e região. É referência no Nordeste para as artes e eu tenho orgulho de ter estudado no Cuca em 2000 e sericineira [credenciada] do Cuca de 2005 até hoje. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

Em nossa análise, é válido considerar ainda que entre os alunos, a resposta positiva esteve presente em 88% das manifestações, e entre os credenciados predominou um cenário de satisfação de 82%. Nesse prisma, convém esclarecer que, em termos numéricos, esses dois grupos representaram a maior parte da amostra, correspondendo juntos ao total de 45 dos 52 respondentes, ou seja, 86,5% do universo dos participantes. A representatividade desses grupos, portanto, precisa ser apreciada por conferir um maior grau de confiabilidade aos resultados da nossa pesquisa

A avaliação positiva despontou de forma semelhante e até melhor quando os participantes foram expostos a afirmação de que indicariam o Cuca para pessoas próximas como parentes, amigos e colegas de trabalho. Nesse enunciado, considerando o grupo respondente, a indicação estava especificamente voltada para as oficinas, o credenciamento como prestador de serviço, o uso do espaço por produtores e gestores culturais e ainda na forma de recomendação de visita para usufruir das atividades ofertadas no complexo. Acerca dessa questão, o nível total de concordância foi de 96%, sendo que na composição desse percentual, 72% indicaram concordância total. Apenas 2% dos respondentes não se sentem tranquilos para indicar a instituição, com base em suas experiências pessoais e 2% não manifestaram opinião favorável e nem desfavorável.

No caso da discordância nesse ponto, ressaltamos que esta ocorreu na resposta de apenas um participante pertencente ao grupo dos credenciados. Nessa perspectiva, vale destacar que esse mesmo respondente se absteve de manifestar opinião na maior parte das perguntas e na minoria das questões manifestou discordância, tendo pontuado positivamente somente a questão sobre a localização do centro cultural. Observamos que, em conjunto, as suas avaliações destoaram significativamente das demais registradas no questionário, como continuaremos vendo aqui com mais detalhes. Nesse prisma, as suas respostas evidenciaram um descontentamento especialmente com a coordenação da sua linguagem artística e mais especificamente às limitações impostas pelo cenário pandêmico que se estabeleceu enquanto a pesquisa era desenvolvida e as muitas restrições que efetivamente afetaram a condução e as atividades do Cuca. Embora circunspectos à breve divergência aqui exposta, não foi possível aprofundar, por meio da entrevista, a compreensão apresentada pelo participante no questionário, pois o mesmo não atendia os critérios de seleção previamente estabelecidos para participação nessa segunda etapa de coleta de dados.

Feita essa ressalva em nossa análise, passamos a explorar o interesse dos respondentes em continuar o contato com o Cuca, entre os já mencionados grupos, de acordo com a especificidade da proximidade destes sujeitos. Acerca desse quesito, houve uma concordância marcante, pois 79% dos participantes explicitaram concordância total e 13% a concordância sem tal ênfase, o que configura um aspecto claramente positivo em relação ao desejo de continuidade da relação com a instituição de 92% dos respondentes. Vale destacar que nenhum dos participantes indicou a discordância total desse quesito.

O próximo bloco de perguntas abordou o atendimento que os participantes da pesquisa receberam no Cuca, mais especificamente junto aos setores administrativos e coordenações setoriais. Mas houve também uma busca da percepção sobre o atendimento que receberam no dia da matrícula nas oficinas e ainda sobre o profissional que ministrou as atividades de formação artística.

Sobre a satisfação com o atendimento dos setores administrativos, ou coordenações setoriais, 68% indicaram concordar totalmente que estavam satisfeitos com o atendimento e 26% sinalizaram a concordância sem a ênfase, o que representa 94% de avaliação positiva nesse ponto. Como vimos, aqui mais uma vez prevaleceu a concordância de que a unidade oferece um atendimento satisfatório, e não apenas isso, pois em três dos grupos prevaleceu a concordância total. A discordância sobre essa questão foi de apenas 2%, e somente 4% não se manifestaram sobre o assunto.

Aos grupos dos credenciados e dos artistas foi apresentado um enunciado específico para avaliação da coordenação artística com a qual lidam de forma mais próxima e da coordenação do espaço expositivo, respectivamente. Entre os credenciados a avaliação positiva de tais coordenações foi de 82% e no grupo dos artistas, houve concordância de todos os participantes nesse aspecto, o que nos revela mais um ponto de satisfação na experiência dos participantes das ações.

Pela especificidade dos dois próximos enunciados, estes foram apresentados apenas para o grupo dos alunos, o primeiro com o objetivo de analisar se estavam satisfeitos em relação ao atendimento recebido no dia da matrícula e o segundo buscou captar a satisfação com o profissional que ministrou as oficinas nas quais o participante esteve matriculado. Em relação ao primeiro enunciado, vale lembrar que por contar com muitos demandantes, o dia de matrícula é uma ocasião que exige empenho ainda maior da equipe para dar conta da quantidade de atendimentos que precisam ser feitos em um curto período, pois que, regularmente, são realizadas em média mais de duas mil matrículas por semestre, em cerca de sete dias compreendidos nas diferentes fases (alunos da casa, alunos novos e vagas remanescentes).

A concordância em relação à satisfação com o atendimento no dia da matrícula foi de 92%, com apenas 4% de discordância e 4% de abstenção da resposta. No caso do segundo enunciado, mais ligado ao desenvolvimento da oficina e especificamente ao profissional que ministrou tal formação, o nível de satisfação foi de 96%, sem nenhum registro de discordância, ou seja, não houve insatisfação em relação à execução do serviço pelo profissional que ministrou a atividade ofertada.

Para facilitar o exame dos dados de forma sintética, elaboramos a Tabela 4, na qual podemos verificar o nível de concordância das análises apresentadas até aqui.

TABELA 4 – Síntese do percentual de concordância na categoria experiência dos participantes das ações

Enunciado	Percentual de respostas “Concordo”	Percentual de respostas “Concordo totalmente”	Percentual total de concordância
Sobre estar satisfeito com a experiência pessoal no Cuca	36%	47%	83%
Sobre a possibilidade de indicar o contato com o Cuca para parentes, amigos e colegas de trabalho	25%	72%	96%
Sobre o interesse em continuar o contato com o Cuca	13%	79%	92%
Sobre estar satisfeito com o atendimento dos setores administrativos	26%	68%	94%
Sobre a avaliação positiva das coordenações setoriais	33%	52%	85%
Sobre estar satisfeito com o atendimento no dia da matrícula	50%	42%	92%
Sobre estar satisfeito com o profissional que ministrou a oficina	13%	83%	96%

Fonte: Elaborado pela autora

Perguntamos ainda aos participantes qual foi a principal motivação para procurarem o Cuca. Nessa questão foram apresentadas algumas opções para escolha de apenas uma dentre as seguintes respostas: localização; valor acessível, o atendimento da equipe, um amigo ou conhecido me indicou; representatividade da instituição; importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade, não conheço outros locais na cidade com estrutura e proposta semelhantes à do Cuca; e por último a alternativa outros. Essa última com campo livre para indicação do motivo pelo respondente. Em meio a tais alternativas, a que predominou nas escolhas foi a opção “Importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade”, com 68% das escolhas. A segunda resposta mais indicada foi a opção “Representatividade da instituição”, que contou com 11% das respostas.

Notamos ainda que 43% dos participantes conheceram o Cuca e suas atividades por meio de amigos, 17% através de colegas de trabalho e 23% indicaram situações diversas como o Fenatifs, evento de dança, através de artistas, foi aluno das oficinas, e ainda na inauguração do complexo. As oficinas figuraram predominantemente como primeira forma de contato dos participantes com a instituição, pois 51% dos respondentes apontaram essa atividade quando foram perguntados sobre como ocorreu esse contato inicial. Junto às oficinas, mas com percentuais bem menores, apareceram eventos do Cuca como o Festival de Sanfoneiros, o Aberto do Cuca e ações dos espaços expositivos (MRA ou GCB).

Ainda na categoria experiência do participante, por último, buscamos avaliar quais ações do Cuca já foram frequentadas pelos sujeitos da pesquisa. Nesse enunciado, o programa de formação artística contou com envolvimento de 96% dos participantes, seguido do Aberto do Cuca que contou com 85%. Empatados com 74%

de envolvimento do público respondente ficaram o Bando Anunciador e as exposições realizadas pelo Museu Regional de Arte.

Em suma, como conclusão desse tópico, verificamos que predomina indubitavelmente um excelente nível de satisfação dos participantes da pesquisa quando consideradas as suas experiências pessoais no Cuca, o que obviamente indica por consequência uma leitura afirmativa sobre a política cultural da universidade desenvolvida por meio do centro cultural. No entanto, por certo, tamanha demonstração de experiência positiva não isenta a instituição da necessidade de ajustes, os quais serão abordados no próximo tópico, também a partir do olhar dos participantes das ações.

4.2.2 Percepção do participante sobre a política cultural da Uefs

Após a realização da primeira parte da análise, no presente tópico buscaremos compreender a percepção desses mesmos participantes sobre a política cultural desenvolvida pela universidade, especificamente por meio das ações do Cuca. Os dados coletados foram organizados nos seguintes temas: Importância e papel do Cuca; Projetos institucionais; Gestão e Comunicação; Estrutura; e Política Cultural, os quais serão abordados, assim como no tópico anterior, tomando como linha de base os dados objetivos obtidos pelos questionários somados aos dados subjetivos desse mesmo instrumento e ainda àqueles obtidos por meio da entrevista, na busca de uma compreensão mais aprofundada sobre tais temáticas.

4.2.2.1 Importância e papel do Cuca

Os dados objetivos do questionário apontam para o reconhecimento sobre a importância do papel do Cuca na cultura em 96% das respostas dos participantes, divididas em 94% de concordância total e 2% de concordância sem essa ênfase, o que em nossa visão representa praticamente uma unanimidade desse público em relação a essa questão. Insta destacar que a esse respeito não houve absolutamente nenhuma discordância entre os respondentes, sendo que apenas 4% destes apontaram como resposta a opção “não concordo, nem discordo”.

Interessante notar como ficou evidenciado nas respostas coletadas o quanto o Cuca parece ser estimado por aqueles que participam das suas ações. Para exemplificar essa constatação, veremos a manifestação dos sujeitos da pesquisa em um espaço aberto para comentários em nosso questionário. Nesse prisma, identificamos comentários positivos e espontâneos feitos pelos alunos, com o uso de expressões como “sou maravilhado pelo trabalho do CUCA”, “O Cuca é maravilhoso! Uma luz cultural na cidade.”, “atividades incríveis”, “[...] carrego um grande orgulho em dizer que sou aluno do Cuca”, “O trabalho desenvolvido pelo CUCA é maravilhoso e muito inclusivo”. Esse grupo registrou ainda outros comentários nessa linha destacando o preço acessível das oficinas, a facilidade de acesso ao centro cultural,

o trabalho responsável da instituição, a variedade de cursos ofertados, a promoção da cultura realizada pelo centro, o ambiente acolhedor da instituição, e a excelência no desenvolvimento das ações.

No caso do grupo dos credenciados também localizamos comentários espontâneos nessa mesma vertente, com destaques para as seguintes expressões: “instituição de muita potência”, “espaço adorável, fecundo, e potente”, “local fantástico e necessário”, “O CUCA é o coração da cultura de Feira!”, “referência no Nordeste para as artes”, “O CUCA fomenta a cultura em Feira de Santana e região”. Como podemos ver, os professores demonstraram similarmente significativa admiração pela instituição. Vale observar que houve comentários positivos também entre os demais grupos seguindo uma vertente semelhante à que mostramos acima.

A fim de ilustrar as percepções de cada grupo, vejamos ainda alguns relatos completos que foram apresentados nas respostas coletadas. Com o objetivo de dar lugar aos diferentes lugares de fala, elencamos um comentário por grupo:

O CUCA é de fundamental importância para o desenvolvimento artístico dos alunos em diversas áreas e promove a cultura da cidade, facilita o acesso e trabalha com responsabilidade. Tem uma história incrível com pessoas que amam arte e querem dividir isso com a população. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

Me orgulho muito em trabalhar no Cuca, considero um espaço muito importante para a difusão e formação cultural na cidade de Feira de Santana. Desejo que suas ações alcancem ainda mais a população de modo geral, para que, além de conhecer o espaço essa população se sinta parte do Cuca e da cultura da cidade. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

O trabalho do CUCA é essencial para a cultura de Feira. (QUESTIONÁRIO GRUPO 3, 2021)

[...] a gente tem um carinho enorme pelo cuca, enorme, enorme, enorme, enorme. Entende [os artistas entendem] a importância dele assim na nossa cidade, pra cultura da nossa cidade. Uma coisa assim incrível. (ENTREVISTA GRUPO 4, 2021)

A partir da análise de dados, concluímos que inegavelmente o Cuca vem cumprido a sua missão enquanto instituição que pretende estimular, valorizar e preservar a cultura local. Com efeito se vislumbra que muitas das transformações locais no campo artístico-cultural não teriam se concretizado ou não teriam a mesma amplitude sem a implementação do centro cultural na cidade de Feira de Santana. Para melhor compreender esse aspecto na visão dos participantes da pesquisa, assinalamos ainda algumas das expressões utilizadas por eles quando perguntados se o Cuca faz diferença no cenário local. Cabe salientar que, no momento dessas respostas, os respondentes foram unanimemente enfáticos, apresentando as seguintes declarações: “Claro, claro!”, “Totalmente, totalmente”, “Ah, com certeza, faz toda diferença.”; “[...] tem total impacto, as pessoas querem estar no Cuca”, “Com certeza, o Cuca faz a diferença sim e muito né? Imagine Feira de Santana sem o

Cuca. Eu acho que seria uma outra cidade [...]”. Houve ainda uma última resposta se referindo a um impacto não só em nível local, haja vista a compreensão desse participante, de que por certo o Cuca faz diferença no cenário “local, regional, estadual e nacional”.

Vejamos ainda mais alguns elementos importantes trazidos pelos participantes acerca das suas percepções sobre a importância e o papel da instituição, passando pelo potencial que o Cuca tem de atuar como um setor de formação na sociedade, que traz inúmeros benefícios à comunidade por meio da arte e da valorização da cultura. Além disso, observamos nas respostas a percepção de que o centro cultural está voltado para o atendimento de pessoas de diferentes níveis socioeconômicos, dando espaço para muitos que de outro modo teriam grande dificuldade para vivenciar uma atividade artística em seu dia a dia, especialmente em função do orçamento, como bem descreve um dos credenciados que participou da nossa pesquisa.

A gente tem história lindíssimas dentro do Cuca, porque você sabe que o Cuca abrange vários públicos [...]. Nós temos meninas que os pais vendem verdura na Marechal [rua popular na cidade], que eles chegam lá com um saquinho de moedas né para pagar o figurino aquela coisa toda e eu já tive alunas no Cuca que o pai era jogador de futebol que morava na gringa, né? Morava na Itália, jogava em um time da Itália. A mãe ia com um super carro, a menina cada dia ia com um look diferente né. E esses públicos conseguem se encontrar dentro do Cuca e manter um diálogo saudável sabe, uma convivência de igual para igual, e eu nunca vi um tratamento diferenciado nem por parte dos professores nem pelo pessoal da limpeza, nem pelos vigilantes, era sempre todo mundo tratado de igual para igual. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Um segundo aspecto relevante observado por esse mesmo credenciado, destaca o papel de formação que o Cuca cumpre na sociedade, contemplando especialmente elementos de formação pessoal, mas não somente isso, pois agrega também no sentido da formação cultural, e da identidade, pensando o sujeito como um cidadão consciente do espaço em que vive. Segundo o entrevistado,

O Cuca foi um lugar que fez com que muita gente vivesse o seu primeiro sonho, muita gente falasse a primeira vez em público, que fez com que muita gente contasse a sua história que nunca foi contada, que fez muita gente chorar, que fez muita gente sorrir, que fez muitas amizades, que criou muitos vínculos. [...] fazer com que a gente se reconheça dentro da nossa cultura, porque é comum na nossa cidade a gente vê toda a nossa história ser destruída, a gente tem prédios lindíssimos que são derrubados e viram estacionamentos e depois mudam a arquitetura lindíssima de uma casa e faz um quadrado [...]. Então eu acho que o Cuca traz, resgata de certa forma isso, porque quando eu estou no Cuca, eu lembro que eu sou nordestino, eu lembro de Feira de Santana. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Um outro credenciado, ao refletir sobre o papel do Cuca, destaca como a arte é fundamental para a sociedade e como tal vivência se reflete de forma positiva na

vida das pessoas, sendo inclusive indicada como um tratamento complementar de saúde, notadamente em acompanhamentos psicológicos, que acabam alcançando ótimos resultados no desenvolvimento daqueles que buscam a arte com esse objetivo. Em suas palavras, vários indivíduos costumam relatar a transformação que a arte provocou em suas vidas, influenciando inclusive suas carreiras profissionais.

Além dos benefícios acima indicados, um outro relevante papel do Cuca é destacado na entrevista de um dos parceiros (Grupo 3), quando este afirma que o centro cultural e seus parceiros possuem um objetivo em comum. Segundo esse respondente, tal objetivo envolve prioritariamente o atendimento à comunidade, contribuindo com a formação pessoal dos participantes das ações e também para que a efervescência cultural se mantenha na cidade, pois assim mais pessoas podem exercer sua cidadania.

Ou seja, a sensibilização social é comumente relacionada às atividades artísticas, muito fomentadas pelas ações do Cuca, o que também corrobora a noção de importância da política cultural desenvolvida pela Uefs na esfera do desenvolvimento da sociedade. Nessa vertente, concluímos que são inúmeros os benefícios dessas ações, todavia, lamentavelmente não é possível mensurar todos eles nesse nosso trabalho. Mas este é por certo um aspecto que merece um estudo mais aprofundado.

Há ainda mais um dado objetivo a ser apresentado dentro do tema Importância e papel do Cuca, haja vista termos buscado juntos aos respondentes a percepção destes sobre a valorização do Cuca pela comunidade local. Quando perguntados sobre isso, 32% responderam que concordam totalmente que o Cuca é muito valorizado e 34% indicaram que concordam, o que resulta em 66% de concordância nesse quesito. Embora tal percentual possa ser considerado relativamente alto, observamos que esse foi um dos enunciados que mais gerou dispersão das opiniões dos participantes, pois 17% marcaram a opção “não concordo, nem discordo” e 17% discordaram do enunciado. O que revela a necessidade de um melhor entendimento da comunidade sobre o que vem a ser este relevante órgão da universidade. Esperamos ainda nessa pesquisa encontrar indícios que direcionem essa imprescindível melhoria.

Antes de finalizar a análise da temática desse tópico, compartilharemos mais uma fala de outro credenciado, que assim se manifesta:

Identifico no CUCA uma instituição de muita potência. [...] O CUCA é um espaço adorável, fecundo, e potente e merece muita vontade política, vigor e entendimento do seu papel em Feira de Santana. Merece uma visão ampliada desse papel. Cidadania passa pelo estímulo às artes e à Cultura. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

Esse comentário nos parece oportuno para concluirmos a reflexão sobre a importância e o papel que o Cuca possui, como um arremate do que vimos até aqui. Uma vez analisado esse tema com base dos dados coletados na pesquisa com os participantes, seguiremos então para o próximo tópico que apresentará a percepção sobre os projetos desenvolvidos pela instituição.

4.2.2.2 *Projetos institucionais*

Como já expusemos, o Cuca atua em diversas linhas de trabalho, por meio dos seus projetos institucionais e também em parceria com produtores e gestores culturais. Nesse tópico, veremos então qual é a percepção dos participantes das ações do Cuca sobre tais projetos. Nesse sentido, buscamos compreender o que esse público pensa sobre o conjunto dessas iniciativas, com um enunciado assim expresso: “O Cuca deveria manter todas as ações que já desenvolve”. Desse modo, identificamos que, no total, houve concordância de 97% dos respondentes com tal afirmação e nenhum registro de discordância.

Ora, estamos certos que o cenário não poderia ser mais positivo que este, dado que praticamente todos os sujeitos da pesquisa explicitaram aprovação quanto aos projetos desenvolvidos pela instituição. Portanto, em mais esse ponto, há clara demonstração dos participantes de que o centro cultural vem se mantendo em uma direção adequada, colaborando com a arte e cultura local.

Dentre as ações desenvolvidas, uma delas é considerada como o carro chefe na instituição, provavelmente devido ao seu alcance e a marcante característica de continuidade que possui, pois que funciona desde a fundação da unidade, tendo passado por ajustes e adaptações, mas sempre em notória expansão. Com efeito, há professores atuais do programa de formação artística que já foram alunos do programa, como podemos ver no relato abaixo.

[...] sempre desenhei. Desenhei desde pequena e daí antigamente não tinha cursos assim, muitos cursos. [...] tinha Veveca que dava o curso, mas era caríssimo [...] e tinha o Cuca. Apareceu o Cuca, a oficina de desenho com Galeano. Aí era mais acessível para mim e sempre morei aqui perto, fui fazer. Ah, maravilhada que era meu sonho. Aí acho que foi em [...] 99. Aí fiz oficina no Cuca, depois fiz a oficina no Amélio. [...] Aí surgiu a oportunidade de ser professora do Cuca. [...] eu fui ser professora do Cuca, feliz da vida. [...] Eu sempre digo que eu sou uma cria do Cuca. A relação é bem antiga. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Na visão desse mesmo participante, a Universidade, por meio dos cursos de extensão, foi responsável por viabilizar o acesso de diversas pessoas que não detinham recursos financeiros suficientes para arcar com cursos de artes em escolas particulares. Um segundo participante da pesquisa relatou que ao chegar na cidade de Feira de Santana no ano de 1996, ficou surpreso ao se deparar com uma propaganda na TV sobre as inscrições para as oficinas, citando que foi dessa forma que conheceu o Cuca, que estava em pleno momento de crescimento e efervescência, haja vista a sua recente inauguração. Tal surpresa se deu por certo pela baixa expectativa que se costuma ter acerca de equipamentos culturais em cidades interioranas, como já discutimos em nosso trabalho.

Acerca do programa de formação artística promovido pelo Cuca predominou nos dados coletados uma satisfação significativa em relação a esse serviço, como podemos perceber em comentários como o descrito abaixo:

Minha primeira oficina na instituição ocorreu em 2008. Desde então, sou maravilhado pelo trabalho do CUCA e já retornei a cursar outras vezes. O retorno que a instituição oferece para a comunidade é incrível, [...]. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

Observamos também que nos dados coletados surgiram algumas sugestões dos participantes para melhorias relacionadas ao programa de formação artística, as quais citaremos aqui, por compreender que apesar da ampla aprovação das ações do Cuca, aos processos de melhoria deve ser dada contínua atenção. A primeira sugestão é a de implementação de mais tipos de oficinas e cursos alcançando mais faixas etárias, notadamente na área de artes visuais e dança.

Além disso, um dos credenciados sinalizou como possibilidade de novo projeto a criação de um corpo de baile na instituição, haja vista o Cuca acabar perdendo diversos talentos pela falta de oportunidade que é dada aos alunos de prosseguirem na formação na área de dança. O relato do professor nos ajuda a compreender tal visão, pois segundo o entrevistado,

As meninas quando chegam no balé [nível] seis, elas vão para outras escolas, [...] é meio que você doar para o outro uma coisa que você poderia ter para você, para elevar o nome do Cuca. O Cuca poderia ter um corpo de baile com essas meninas, o Cuca não tem. Então muitas vezes a menina sai do Cuca, vai para uma escola privada e a menina é primeira bailarina da escola, vira solista na escola, mas no Cuca ela não foi. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Sugeriu-se ainda a oferta de cursos técnicos nas linguagens artísticas e especificamente de uma formação mais aprofundada e sistematizada em teatro que viabilize a obtenção do reconhecimento profissional por meio da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). Nesse sentido, destacamos um registro feito pelo grupo dos credenciados sobre a demanda e o interesse da comunidade em participar de cursos que favoreçam uma formação mais aprofundada, nesse caso, notadamente na área de teatro. Segundo o respondente,

[...] já há público-alvo para um curso de caráter pouco mais duradouro com carga horária de curso profissionalizante, a exemplo de um Curso Livre. Cursos de maior duração são propícios para formação de grupos e realização de espetáculos melhor elaborados. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

Um outro aspecto abordado pelos participantes da pesquisa fez menção a problemas pontuais na formação ofertada, especificamente em relação nível de conhecimento dos alunos matriculados em uma mesma turma. De acordo com a resposta coletada:

O desnivelamento dos estudantes acaba gerando um problema pois nem todos professores conseguem fazer uma aula interessante para

um grupo desnivelado, se nivelar por baixo fica maçante pra quem já tem experiência, se nivela por cima fica difícil de acompanhar pra quem não tem. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

Acerca desse mesmo assunto, na percepção de um outro aluno respondente, esse tipo de problema acarreta um aumento da evasão, provocado pela insatisfação com tal desnivelamento, salientando este que, feita a ponderação sobre as dificuldades de nivelamento dos alunos matriculados na turma, tais ocorrências não podem ser atribuídas exclusivamente ao desinteresse do aluno. Destaque-se que a observação feita se refere de modo específico às oficinas de música, às quais, de acordo com o relato, não oferecem regularmente a possibilidade de continuação da formação. O participante ressalta ainda que, assim como ele, outros colegas já experimentaram situação semelhante. Diante do exposto, deixa como sugestão, que a coordenação siga como parâmetro o padrão adotado na coordenação de teatro em relação a oficinas sequenciadas e que se pense mais cuidadosamente sobre uma proposta de caracterização adequada na formação das turmas de música.

Há também uma sinalização sobre a importância de melhorias no acompanhamento realizado pelas coordenações aos alunos das oficinas. Contudo, nesse ponto se registra um destaque positivo para a coordenação de teatro, como o setor que melhor realiza tal acompanhamento e também como o setor mais organizado. Esses comentários foram apresentados por diferentes sujeitos integrantes do grupo dos alunos.

Ainda na perspectiva das sugestões para melhorias apontadas pelos participantes, houve colaborações sobre os eventos e a promoção de ações, sobre a integração entre as linguagens artísticas e com a Uefs e sobre projetos de estímulo voltados para os alunos. No campo dos eventos e da promoção de ações, foram apontadas ideias como a realização de mais atividades da área de dança, a realização de concursos e de ações fora do prédio do Cuca, sobretudo na forma de apresentações em locais/comunidades da periferia, com o objetivo de democratizar ainda mais o acesso à arte e à cultura, alcançando um público maior do que aquele que costuma frequentar o centro cultural.

Acerca da integração entre as linguagens artísticas foi sinalizado por um dos professores que este não percebe a existência de diálogo entre as diferentes linguagens, visto que, em sua visão, os estudantes não vivenciam momentos de troca com as demais áreas, exceto durante o evento Aberto do Cuca, mas nesse momento os alunos costumam assumir um lugar de plateia. Segundo o participante da pesquisa, a articulação referida pode promover ações mais ricas e de maior alcance, por meio das vivências e dos momentos de troca que essa configuração permite.

A continuação do estímulo aos alunos que cursam as oficinas foi um outro fator levantado no grupo dos professores em relação aos projetos desenvolvidos pelo Cuca. A preocupação avultada é que estes sujeitos se afastem da prática artística, por falta de estímulo e de perspectivas de atuação, o que pode diminuir em grande medida a possibilidade de surgimento de novos grupos artísticos na cidade, sendo estes importantes agentes no desenvolvimento da arte e da cultura local. Desse modo,

pode ocorrer uma clara perda no movimento da cena cultural e conseqüentemente no consumo da arte, como bem expressa o participante da pesquisa. Essa problemática é similarmente pincelada na sugestão de mais um respondente, quando este expressa que “O CUCA poderia criar uma política de apoio ou manutenção dos artistas e grupos que de alguma forma se formaram pela instituição. Pensar em editais que contemplem projetos artísticos, via recursos estaduais.”. Em nossa compreensão, essa pode ser com efeito uma excelente estratégia de fomento à arte e à cultura, podendo ser um ponto promissor a ser contemplado nos futuros planos da instituição.

Considerando o tema, vale destacar uma outra pontuação, igualmente importante por tratar da interação do Cuca com a Universidade, fator que durante a pesquisa também tem chamado a nossa atenção, pois que, como já vimos, a tônica da atuação do Cuca está voltada para fora dos muros da Uefs, alcançando principalmente a comunidade externa, o que por certo não o isenta desse relevante papel de fomentar a arte e a cultura também no âmbito do *campus* universitário. Assim, compartilharemos aqui essa percepção que ainda retrata parcialmente as possibilidades de ações do centro cultural no ambiente universitário.

O CUCA é parte da UEFS e não há vínculo com a comunidade acadêmica. Sinto que os estudantes e docentes da Universidade pouco frequentam o espaço do CUCA, o que é uma pena. Palestras, seminários e afins, com potencial possibilidade de diálogo com as artes não costumam acontecer. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

Sobre os eventos calendarizados que são promovidos pelo Cuca, alguns deles foram citados nas respostas coletadas durante as entrevistas. Uma das menções abordou o espetáculo de dança, que é um evento de finalização das atividades das oficinas, destacando o desafio que é para o centro cultural incluir todos os alunos dessa linguagem artística em uma apresentação desse porte. Para efeito comparativo, o entrevistado citou que em outras academias da cidade o número de bailarinos que integram um espetáculo desse tipo chega, no máximo, a setenta integrantes, enquanto do Cuca, o elenco em muito supera o número de trezentos dançarinos, o que requer rigoroso planejamento e o escalonamento das turmas em diversas apresentações. Destaque-se ainda que poucos espaços existentes na cidade abarcam a quantidade de pessoas que se envolvem, tanto os bailarinos, como a equipe de suporte e ainda em número maior, os convidados, geralmente familiares e amigos dos alunos.

Outra menção registrada trouxe uma visão sobre o Bando Anunciador, que costuma ser o evento organizado pelo Cuca com maior alcance em termos de público. O entrevistado, em uma fala sobre a importância da instituição para a cidade, menciona que pessoas de diferentes localidades, inclusive de outras cidades, aguardam com grande expectativa o dia desse evento.

Um elemento que se conecta com o próximo evento citado nas respostas tem relação com a ambiência do complexo, que por si só, já promove um espaço de propagação de atividades artística na cidade. Nessa vertente, destacamos o relato de

um dos credenciados sobre o que costuma observar enquanto está presente na unidade:

Sabe o que eu vejo muito no Cuca quando eu tô dando aula? Grupos independentes, o pessoal de grupo independente, eles vão lá para o Cuca, eu não sei se eles pedem autorização ou não, mas eles vão e ficam ensaiando, ali naquele palco. Ei, ei, eu dou um grito e pergunto: vocês são de onde? É da Rua Nova. Aí eu: quem é o coreógrafo? [...] todo mundo, porque eles são independentes. Eles vão assistindo no YouTube e aí vão montando as coisas deles. Aí eu: que massa, parabéns! Se inscreve no Aberto. [...] já me inscrevi professor. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Como se vê, assim como o ambiente, eventos como o Aberto do Cuca são espaços em que grupos iniciantes e também consagrados podem se apresentar e se tornarem conhecidos na cidade. Um dos professores relata ainda que esse evento funciona de modo similar como espaço para os próprios alunos do Cuca, sendo uma oportunidade para esses alunos se apresentarem e mostrarem aquilo que é produzido na própria instituição, além das mostras finais realizadas regularmente ao final das oficinas.

Mais um assunto presente nos dados da pesquisa foi a política de uso do espaço do Cuca. Este é certamente um elemento relevante em um projeto de estímulo a arte e a cultura na cidade, pois por meio dessa política o Cuca abre o seu espaço continuamente para o desenvolvimento de ações propostas por diversos parceiros da instituição, fomentando o trabalho dos artistas, dos grupos artísticos e também de produtores culturais. Foram realizadas sugestões para desenvolvimento de uma política de ocupação do teatro, visando o fortalecimento do caráter social e do papel do CUCA na cidade, o que, no entendimento do participante, pode também colaborar com o processo de formação de plateia. Um outro sujeito, vinculado ao grupo dos artistas, também expressou que identifica dificuldades no acesso às pautas do teatro, e como exemplo de ação positiva nessa direção, destacou os editais realizados para definição das pautas da Galeria, como forma de facilitação do acesso daqueles que pretendem apresentar projetos à instituição.

Acerca da forma de solicitação de uso dos espaços, a partir dos dados coletados, identificamos a necessidade de ajustes finos nessa dinâmica, que ficam melhor compreendidos na fala do próprio entrevistado e gestor cultural acerca da modernização desse processo. Segundo o participante,

[...] é sempre muito problemático quando eu tenho que indicar para pessoa entrar em contato com o Cuca. Porque assim, às vezes um artista de outro Estado, tá querendo manter contato com o Cuca, para poder ver pauta, essas coisas assim. Aí eu digo: olha, você entra em contato com o e-mail do Cuca e você vai mandar um ofício para eles. [...] mas assim eu acho que eles deveriam, de alguma forma, ter um atendimento, tipo assim, um formulário para preencher [...], a própria internet, de repente um link, você entra lá e preenche esse formulário,

manda para o Cuca solicitando sua pauta. Acho que poderia ser uma coisa mais moderna sabe. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Ainda que comentários recomendando algumas melhorias tenham sido apresentados e registrados em nosso trabalho como pontos a serem considerados na elaboração de diretrizes de aprimoramento, com efeito, como já mencionamos, ficou essencialmente evidenciada uma visão positiva sobre os projetos institucionais implementados e desenvolvidos pelo Cuca.

4.2.2.3 Gestão e comunicação

Cinco perguntas nos questionários buscaram compreender de forma objetiva a percepção dos participantes das ações sobre o quesito gestão e comunicação, sendo também essas respostas aprofundadas com os demais elementos subjetivos coletados. Dentro do tema gestão, iniciaremos pela percepção dos grupos pesquisados sobre a valorização dos profissionais que atuam nas oficinas do Cuca e dos artistas que mantêm relação com o centro cultural. Nesse ponto, verificamos que 79% dos respondentes percebem essa relação de forma positiva, sendo esse número composto por 38% de concordância total e 41% de concordância sem tal ênfase. Apesar dessa avaliação não ser considerada ruim, esse não é um percentual tão alto como os que verificamos em outras questões. Ainda nesse quesito, 14% dos respondentes preferiram não se manifestar e 6% registraram discordância, os quais foram oriundos do grupo dos credenciados.

Tal discordância pode ser compreendida em função de possível descontentamento quanto à remuneração dos serviços de formação artística, como identificamos em um dos comentários apresentados na questão subjetiva, o que nos levou à consulta do valor que é pago a esses profissionais. Esse valor consta na Portaria que institui o processo de credenciamento de pessoas físicas para a prestação de serviços de formação artística no Cuca. De acordo com a referida portaria, tais profissionais são remunerados por carga horária, tendo por base um valor que pode variar entre R\$ 36,00 e R\$ 41,40, o que se configura como um valor médio equivalente e muitas vezes superior ao que se paga, por exemplo, a professores que atuam em instituições particulares de ensino superior no Estado (VILLAR, 2021). Insta observar, contudo, que por se tratarem de contratos de fornecedores de serviços do Estado na modalidade do credenciamento, assegura-se exclusivamente o pagamento das horas de serviço efetivamente trabalhadas, não possuindo tais profissionais os demais direitos vinculados a um contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Ainda sobre o grupo dos credenciados, ficou também entendido nas respostas o desejo de maior valorização por parte da instituição e de oportunidades de reciclagem.

Os participantes apontaram ainda algumas fragilidades, que na mesma linha do que fizemos no tópico anterior, valem ser mencionadas em função da busca do aprimoramento das ações institucionais. Nesse sentido, foram abordados pontos

como escassez de recursos financeiros e algumas rotinas dos setores, como atendimento fora do padrão de qualidade em pelo menos duas das coordenações das oficinas, dificuldade de localização de salas dentro do complexo e necessidade de melhoria do espaço de escuta do aluno junto às coordenações sobre o serviço que está sendo prestado. Ressaltamos que diferentes sujeitos da pesquisa manifestaram insatisfação com a qualidade da gestão, incluindo-se aí questões operacionais e de planejamento. Observamos ainda a sugestão de criação de uma comissão curatorial, com o objetivo de selecionar exposições e eventos no âmbito do museu.

Uma problemática relacionada indiretamente à escassez de recurso e cortes orçamentários foi apresentada por um dos artistas. Segundo o seu relato,

[...] o MRA acabou fechando as portas, o acesso. Então essa é uma coisa assim que incomoda muito aos artistas, não só a mim, que já expus lá, mas incomoda aos outros artistas também assim, que o Museu não se abra para a cidade, entendeu? Para você entrar no museu, você tem que fazer aquela lateral, aquela coisa de entrar por lá. [...]. Entendem até a situação e tudo, institucional, mas isso não é uma coisa que os artistas achem legal. [...] Por que tem aquela escadaria tão convidativa, aquela entrada tão bonita, aquilo é muito maravilhoso né? É adentrar naquele casarão histórico pela escadaria de pedra com [...] aquela estrutura neoclássica. Nooossa! É uma coisa muito maravilhosa. (ENTREVISTA GRUPO 4, 2021)

Tal relato nos remete a uma situação já mencionada em nosso trabalho sobre as ações desenvolvidas pelo Cuca por meio dos espaços expositivos, quando citamos a necessidade de fechamento das portas externas do Museu em decorrência da mencionada crise orçamentária de 2015, quando os postos de vigilância que atendiam o Cuca foram reduzidos, o que exigiu que a gestão tomasse providências alternativas no sentido de garantir maior segurança ao acervo do Museu. Todavia, vale lembrar, o acesso foi provisoriamente transferido para a porta interna do Museu, a qual somente pode ser acessada adentrando o complexo. Portanto, ainda que essa decisão tenha resultado de uma conjuntura que desconsiderou a vontade da administração do Cuca, a instituição não ficou isenta da insatisfação da classe artística, e provavelmente do público visitante em geral, por conta desse episódio, como vemos no relato acima.

Continuando a nossa análise, seguiremos para o bloco de perguntas objetivas sobre a cobrança de taxas e política de isenções. Lembramos que temos a expectativa de verificar qual é a percepção dos participantes sobre tal assunto, considerando que essa realidade se dá no âmbito de uma instituição pública e que a geração e o uso de receita própria se tornaram fundamentais para continuidade e crescimento do programa de formação artística.

Aos participantes da pesquisa dos grupos dos alunos e dos credenciados foi apresentado o seguinte enunciado: “A taxa de matrícula adotada é adequada para as oficinas artísticas do Cuca”, sendo que a soma dos 59% que concordaram totalmente com essa afirmação, com os 17% que apenas concordaram, resultou em 76% de concordância nesse quesito. Dentre os respondentes, 20% se isentaram da opinião sobre o tema e 4% discordaram sem ênfase.

Em nossa compreensão, isso demonstra certo nível de aceitação dos participantes em relação à política de cobrança de taxas nas oficinas, mesmo que este não seja considerado o cenário ideal. Nesse sentido, vejamos duas pontuações feitas pelos participantes. A primeira delas traz o relato de um dos alunos e a segunda nos apresenta a visão de um dos credenciados, com uma reflexão ponderada sobre o tema.

As oficinas do Cuca fornecem atividades incríveis para formação artística do estudante, com preço acessível e muitas opções de cursos. O Cuca é um espaço importante para quem busca atividade artística. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

[...] é claro a gente tá no espaço público da Universidade, então nesse sentido a gente fica pensando: poderia não ser cobrado esse valor, uma vez que é o espaço da universidade. E ao mesmo tempo, eu fico pensando que já passei por outros espaços, dou aula em outros espaços e são valores muito maiores que são cobrados. E não são uma única taxa, são taxas mensais, com valores bem maiores. Então eu, a gente fica nessa corda bamba [...] porque de fato às vezes um valor que parece ser irrisório para alguém, é muito, é um valor muito alto né? E a pessoa que às vezes deixa de fazer por conta desse valor. Deixa de fazer a atividade. Então é sempre muito difícil, tem esses dois lados, é sempre muito difícil ter uma resposta assertiva. Mas em termos de valores, o que se vê, pensando em prática de mercado, de fato é um valor que está muito abaixo do que é cobrado aí em muitos outros espaços. E o que tem, que o Cuca oferece para isso tudo, a gente percebe que é o valor que é muito abaixo da média do que é cobrado. (ENTREVISTA GRUPO 2, 2021)

Outros participantes, especialmente durante as entrevistas, registraram total concordância com a cobrança, sobretudo a partir da compreensão de que a taxa é fundamental para manutenção do programa de formação artística em seu desenho atual. Essa constatação foi feita ao realizarmos, durante as entrevistas, a pergunta se a taxa era adequada. Diante dessa pergunta, surgiram as seguintes falas: “Eu acho sim, eu acho que a cobrança da taxa é adequada. Inclusive eu acho o valor baixíssimo, eu acho que deveria sim ter um aumento no valor dessa taxa [...]”; “Sim, porque ele [o Cuca] precisa se manter. [...] precisa desse dinheiro para pagar os oficinairos.”; “Sim, sobre a cobrança da taxa das oficinas, eu acho sim que deve cobrar.”

Mesmo com ponderações pontuais que explicitaram alguma estranheza em relação a cobrança de taxa de valor módico no âmbito de uma instituição pública para matrícula nas oficinas artísticas, ficou claro para nós que não há uma rejeição efetiva a tal política. Somada essa constatação aos dados dos relatórios do Cuca, nos quais se vê melhora na eficiência e eficácia da gestão das ações embasadas nessa política, concluímos que esse é um relevante indicativo de que a estratégia adotada serve para aprimoramento da gestão pública no caso do Cuca, que como já vimos, vem convertendo concretamente a sua ação institucional em resultados para a comunidade.

Nessa vertente, identificamos também observações sobre a dificuldade de alguns alunos para arcarem com o custo para cursar uma oficina, compreendido aqui como o pagamento do valor da taxa de matrícula somado aos custos de transporte, manifesto exclusivamente pelo grupo dos alunos. Com efeito, o problema da dificuldade de participação nas oficinas por questões financeiras aparece na fala de outro respondente quando este chama atenção para a importância da “democratização e oportunidade de participação social financeira”, o que em nossa interpretação está conectado com a questão da taxa para participação no programa de formação artística. No entanto, como na coleta de dados por meio do questionário não temos como esclarecer detalhadamente as respostas apresentadas, não foi possível confirmar a nossa percepção junto ao respondente. O participante chega a pontuar que a instituição deve procurar o desenvolvimento de parcerias para alcançar o objetivo proposto.

Essa análise nos remete ainda à uma importante estratégia adotada pela instituição ao desenvolver uma política de isenção voltada para a comunidade carente, a qual foi abordada no tópico 3.3.1 desse trabalho, tendo sido esse um ponto destacado na fala de praticamente todos os entrevistados. Nas entrevistas, surgiu ainda uma pertinente sugestão, que ficou assim descrita:

Tentar fazer isso [conceder a isenção] de uma forma mais direcionada, porque muitas vezes fica se esperando que essa criança vá até o Cuca. [...] Então de repente tentar fazer alguma forma de chegar até uma escola pública e oferecer algumas vagas para algumas crianças que a gente sabe que tem lá e que tem [...] um potencial, mas não teria condição de fazer, entendeu? Então eu acho que pode [...] chegar até essa comunidade mais carente, para que na sua turma lá do Cuca possa existir aquele menino que realmente tem condição e tudo mais e foi buscar o Cuca naturalmente, mas ter também aqueles que nem sabiam que o Cuca existia. Que sejam lá, seus três, quatro, mas que tenha um naquela sala, mas eu acho que esse [...] cuidado deveria se ter, viu? Porque é uma coisa que eu não vejo fazer e ao longo do tempo pode ser que muitas pessoas estão sendo beneficiadas por uma taxa barata e aqueles que poderiam estar aproveitando a oportunidade de construção aí, não tá tendo. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Em nosso entendimento essa sugestão deve ser considerada para implementação pela instituição, dada sua grande valia no sentido de oportunizar o acesso de forma mais direcionada a uma população que requer maiores atenções como o público jovem da escola pública. Com efeito, esse procedimento terá certamente o poder de ampliação das potencialidades que o programa de formação artística do Cuca possui.

Visão semelhante ao pagamento da taxa nas oficinas se deu em relação à cobrança da pauta, quando os parceiros requerem o uso do espaço do Cuca e em

função disso arcam com uma taxa, também de valor módico²². É válido observar que no pequeno grupo dos parceiros que participou da pesquisa não observamos objeções sobre tal prática, sendo esta considerada também uma forma de incentivo para o desenvolvimento da arte e da cultura, como podemos ver no posicionamento abaixo quando um dos parceiros foi questionado acerca do funcionamento dessa política como uma forma de incentivo.

Acredito que sim, porque em Feira a gente tem poucos teatros, né? Não tem muito parâmetro também não, mas assim, do que a gente tem de parâmetro, que é o Municipal, que é o Margarida [Ribeiro], né? Ele também, ele está igual o Cuca. Ele fechou agora da mesma forma. Também nesse ponto, ele também é estimulador, né? A CDL é um teatro que ninguém de artista pode pensar em ir, a não ser que você tenha um projeto patrocinado. Porque a pauta lá não é para nós artistas, embora o teatro seja muito bom, né? O Amélia Amorim, o teatro deixa a desejar também e as pautas eu considero elevadas para o teatro que é. Então eu considero que o Cuca sim, é, acaba sendo um atrativo para produções que não são de grande porte, porque o teatro é pequeno. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Um dos pontos positivos que surgiu também durante as entrevistas estava relacionado a forma como foi desenvolvida a parceria com um dos grupos de teatro mais consolidados na cidade, que teve a sua origem na esfera de atuação do próprio centro cultural. Nas palavras do gestor cultural,

A parceria com o Cuca sempre existiu, nunca deixou de existir. Foi uma coisa sempre constante. A cada nova gestão que vinha era sempre uma apresentação nova que a gente fazia com o novo diretor do Cuca explicando quem éramos, que éramos um grupo independente, que tínhamos total afinidade com a instituição e que a gente tinha se conhecido naquele espaço, e que a gente estava ali como parceiro, para poder dividir coisas, um ajudar o outro e não um viver por cima do outro, mas com outro. [...] Então assim, teve sempre uma parceria muito grande ali com o Cuca, né? Para poder fazer algo que pudesse contribuir para a instituição também, porque a gente sempre quis que o Cuca né, efervescesse mesmo de cultura. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

O desenvolvimento de parcerias tem sido uma estratégia usada em muitas instituições para a implementação de ações, sendo este um importante vetor para potencialização das realizações através da união de forças em prol de um objetivo comum, que no caso em questão, contempla o desenvolvimento artístico-cultural da região onde o Cuca está instalado. Na visão desse entrevistado, muitas pessoas conheceram o Cuca por meio das temporadas de teatro implementadas pelo grupo.

²²O valor atual para uso do teatro universitário do Cuca é de R\$ 450,00 quando solicitado o uso por pessoa física ou entidade privada que não tenha relação com a promoção de ações artístico-culturais. Nos casos em que tal solicitação é feita por grupos ou empresas do ramo artístico cultural, esse valor cai para R\$ 150,00. No caso do uso das salas, a taxa varia entre R\$ 100,00 e R\$ 150,00 (CUCA, 2021g).

Nesse ínterim, mais uma pergunta do questionário nos levou à mensuração do quanto o Cuca é conhecido pela comunidade. Na percepção dos participantes da pesquisa sobressaiu determinada neutralidade de opinião quando estes foram perguntados se os habitantes de Feira de Santana conhecem bem o Cuca, pois 42% não souberam opinar com segurança sobre esse enunciado. O nível de discordância sobre o quesito ficou praticamente empatado com o nível de concordância, dado que 29% acham que o Cuca não é bem conhecido pela comunidade e 30% compartilham uma ideia distinta dessa. Essa foi, por certo, uma questão que causou dispersão e algum nível de insegurança entre os respondentes. Acerca da concordância total sobre a questão, apenas 13% demonstraram plena certeza de que a comunidade conhece bem a instituição, o que representa um índice muito abaixo daqueles encontrados nas demais questões.

Essa evidência nos leva ao segundo ponto que nos propomos a tratar nesse tópico, a saber, a questão da comunicação, sobre a qual houve muitas manifestações dos participantes na forma de críticas para melhoria desse processo. Em relação aos pontos a melhorar dentro desse tema, notamos que os comentários apontam para a necessidade de aprimoramento da divulgação realizada pela instituição. Um dos respondentes observa que somente após começar a frequentar o Cuca, passou a tomar conhecimento mais frequente sobre as ações culturais realizadas, especialmente por indicação dos professores, colegas, amigos e das coordenações. Um outro aluno observou que “a comunidade ainda se encontra distante” do centro cultural.

Por meio da entrevista, também ficou demonstrado que os participantes apontam o uso das redes sociais como uma inovação importante que foi adotada pela instituição, reconhecendo, entretanto, que ainda há um caminho longo a ser trilhado para que seja alcançado um patamar ideal de comunicação que torne as ações do Cuca mais conhecidas localmente. Quando perguntados se as estratégias de comunicação adotadas pela instituição são eficazes, em resumo, as respostas recebidas foram: “Mediano, poderia melhorar.”; “Poderia ser mais trabalhado o site”; “Isso é uma coisa muito problemática nas artes como um todo. [...] é a parte mais deficiente”. Apesar das menções às deficiências nessa área, uma última fala registrada observa que o processo de divulgação “tem melhorado bastante ao longo dos últimos anos”, sinalizando que houve significativo avanço no processo comunicativo da instituição. Destaca ainda como importante ato do centro cultural, a colaboração com a divulgação das ações dos parceiros.

Em nossa compreensão, o mencionado avanço está intrinsicamente relacionado ao uso das redes sociais, que, com efeito, de acordo com os relatórios da instituição, atribuíram uma nova característica ao desenvolvimento dessa área no Cuca. Ainda nas palavras do referido entrevistado, como proposta de melhoria, este salienta a importância da assessoria de imprensa do Cuca assumir um caráter mais moderno, pois segundo ele, é preciso evitar que essa comunicação tenha como característica o engessamento, sendo carregada de matérias que concretamente não alcançam o público, o que em sua percepção, caracterizou durante um bom tempo as divulgações feitas pela instituição. O entrevistado complementa que o excesso de

formalidade não ajuda que as informações cheguem ao público geral, fato que certamente vem sendo contornado pelo uso das citadas redes sociais, por ser esta notadamente uma característica desse ambiente virtual.

4.2.2.4 Estrutura

Iniciaremos a nossa reflexão sobre o tema estrutura com uma análise da percepção dos respondentes sobre a localização do complexo cultural. Quando aos participantes foi apresentado um enunciado sobre o Cuca possuir uma excelente localização, houve concordância total de 57% e concordância sem ênfase de 30% dos respondentes, o que resulta em uma concordância geral de 87% no quesito localização. Isso provavelmente se dá por conta da centralidade do complexo cultural, que se posiciona em uma das principais e mais antigas ruas da cidade, especialmente próximo do comércio central feirense, por exemplo, e das suas principais vias como a Avenida Getúlio Vargas e a Avenida Senhor dos Passos.

Ao contrário da análise que acabamos de apresentar sobre a localização, a estrutura atual do complexo cultural foi um ponto que contou com certa dispersão das respostas, mas ainda assim, o enunciado que afirmava que o Cuca possui uma boa estrutura contou com 58% de concordância e 17% de discordância. Nesse quesito, 25% dos participantes não se manifestaram. Esses números revelam obviamente que não há total satisfação sobre a questão da estrutura atual da instituição. Compreendemos que exatamente por isso, a temática foi a mais abordada pelos respondentes na pergunta aberta para comentários no questionário, que registrou mais de cinquenta diferentes manifestações de necessidades de melhorias vindas de todos os grupos aos quais o instrumento foi aplicado, o que muito nos diz sobre a atual situação estrutural do complexo.

O grupo que mais assinalou necessidades de ajustes foi o dos credenciados, fato que em nossa visão é reflexo da maior vivência destes participantes no centro cultural. Visto que efetivamente participam das atividades de forma continuada, o que provoca um maior conhecimento sobre o ambiente do Cuca. Desse modo, portanto, podem captar e apontar com mais detalhes as necessidades de reparos relacionadas à estrutura. Por certo, tais profissionais sentem na pele os efeitos negativos associados a esse tema.

Destacamos como ajustes sinalizados por esse grupo a necessidade de ampliação do número de salas de aula, melhorias na estrutura das salas existentes, com acréscimo de barras nas salas de dança para contemplar o número de alunos das turmas, instalação de ar condicionado e manutenção dos pisos. Foi sugerido pelos credenciados ainda a criação de um espaço para lanche na unidade, tendo em vista a carência de locais desse tipo nas proximidades do centro cultural, principalmente a noite, quando a região onde o Cuca está localizado fica notadamente erma. Nessa vertente, a resposta aborda também a questão da segurança daqueles que frequentam as ações nesse turno. Sobre isso, vejamos o registro feito por um dos credenciados:

Não há um centro de convivência. Um espaço para lanches. Na região não tem onde comprar o que comer. Principalmente a noite, onde a região fica deserta. Os frequentadores e profissionais não tem a opção de uma cantina. O CUCA poderia ser um centro de convivência, de troca social. Associado ao [ponto] anterior. O entorno. Região deserta a noite. É preciso pensar em soluções para garantir presença do público e acesso seguro de professores e estudantes. (QUESTIONÁRIO GRUPO 2, 2021)

Observamos, contudo, que mesmo com a predominância do assunto entre os credenciados, os demais grupos também sinalizaram necessidades de melhorias relacionadas ao tema. Dentre os alunos, as principais demandas assinaladas dizem respeito à estrutura das salas de aula, camarins e banheiros. Há ainda dois comentários específicos sobre as salas de música, um dos quais pontua o odor marcante em tais salas (proveniente do revestimento de madeira, usado como isolante acústico), e o outro chama atenção para a dificuldade que ocorre devido a falta de manutenção dos aparelhos de ar condicionado ali instalados. O aluno indica que por esses aparelhos não estarem funcionando, os professores, ainda antes da pandemia precisavam ministrar suas aulas com as portas e janelas abertas, o que de acordo com o relato apresentado, atrapalhava a concentração dos alunos, em função da mistura dos sons e ruídos oriundos das diferentes salas de música que estão próximas. Assim como no grupo dos credenciados, no grupo dos alunos também se registrou a sugestão para instalação de uma lanchonete no centro cultural.

No caso dos grupos dos parceiros destacamos que o anseio passa pela manutenção constante do espaço e melhorias que já se fazem necessárias em função do tempo de uso. A estrutura foi citada tanto de forma mais geral, falando das salas, banheiros, área externa e o conjunto de prédios, como de forma direcionada para o teatro. Nessa vertente, verificamos que houve reivindicação dos parceiros quanto a necessidade de manutenção e melhoria da estrutura do Teatro, sendo citados de modo específico palco, iluminação, plateia, som e camarins. Vejamos então aqui uma das respostas coletadas que tratam especificamente desse equipamento:

Naquele espaço ali nós teríamos que ter uma boa iluminação, uma boa sonorização, um bom equipamento de ar condicionado que contemple aquilo ali, né? As saídas de emergência com os equipamentos de segurança todos organizados, as cadeiras numeradas [...], o palco com as suas varas [...], de iluminação, de cenário, todas constituídas. As coxias, as bambolinas, todas funcionando. Então assim, imagine aquele espaço ali, do jeito que é, sem fazer obras, sem quebrar nada, sem, sem aumentar, sem diminuir, mas tendo a sua estrutura entendeu? A sua estrutura básica para um teatro funcionar dentro daquilo ali. Oh, isso seria um sonho, isso seria assim, um patrimônio cultural da Universidade, de grande valia né para o Brasil. Porque se o Brasil tivesse em Feira de Santana, o Cuca, com essas estruturas montadas, como eu tô dizendo, não é quebrar nada, não é mudar nada, é apenas colocar a estrutura mínima necessária para as coisas acontecerem como você vê acontecendo

em muitos teatros pequenos, onde tem [...] esse investimento. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Há, portanto, um cenário ideal em relação à estrutura do teatro do Cuca que momentaneamente não parece fácil de ser alcançado. Houve ainda sugestão da presença de alguém que entenda bem da estrutura básica do teatro, com um olhar mais técnico e produtivo no sentido das melhorias a serem executadas. Lamentavelmente, o sentimento de frustração fica evidenciado na fala de um dos entrevistados que demonstra o anseio de ver o centro cultural evoluir na melhoria da sua estrutura, especialmente do seu teatro universitário. As palavras do participante da pesquisa expressam que

[...] o meu lamentar é por isso, é por viver tanto tempo trabalhando na cultura e não ter tido ainda a oportunidade de ver avanços nesse sentido estrutural, que eu considero mínimo para cultura, mínimo. Porque não precisaria de mão de obras grandiosas, precisaria só de manutenção, de equipamentos sendo cuidados, né? E pequenas coisas, pequenas coisas. Infiltração no foyer, que você sabe, né? [...] Então assim, manutenção, o básico, né? Falta o básico. Então acho isso um descaso com o patrimônio cultural que é o Cuca, entendeu? Porque ele não é só um espaço que vai atender a comunidade, ele é um patrimônio, que vai ficar por toda uma vida. A gente vai embora, várias gerações vão embora, e ele vai ficar aí, né? E como ele vai ficar aí, é preciso pensar como, porque quem tá hoje na gestão, quem tá hoje na universidade, quem tá hoje no Cuca, tem que pensar como é que eu quero deixar esse patrimônio para próxima geração. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Os artistas que já expuseram no Museu, por sua vez, pelo maior vínculo com os espaços expositivos, direcionaram o olhar para questões ligadas ao museu e à galeria. Aspectos como o elevado ruído da central de ar condicionado das salas de exposições do Museu Regional de Arte, que enquanto está ligada, chega efetivamente a comprometer a audição em uma conversa com tom normal; a necessária reabertura da Galeria de Arte Carlo Barbosa, que como já mencionamos em capítulo anterior desse trabalho, foi fechada para manutenção da sua estrutura e o momento da reinauguração coincidiu com o início do cenário pandêmico da Covid-19; e ainda, e por certo extremamente relevante, a urgência de se pensar em um projeto de acessibilidade para o Museu. Acerca desse ponto, vejamos o que relata o respondente sobre este elemento especificamente nas instalações do espaço expositivo: “O MRA precisa de reparos e principalmente de acessibilidade. Na exposição que realizei em 2019 algumas pessoas idosas não puderam comparecer em razão das dificuldades de acesso.”

Uma outra pontuação se destacou nas falas dos participantes, a saber, a questão da dificuldade que se tem com o transporte na região do Cuca. Acerca disso, notadamente pelos participantes do grupo dos alunos, foi pontuado que “há uma dificuldade para o acesso a transportes coletivos principalmente no turno da noite”. De acordo com esse participante, tal dificuldade afeta a frequência de alunos das

oficinas e nas apresentações que ocorrem no noturno. Um segundo aluno concorda que

O transporte parece ser um tópico muito impactante para promover o acesso às oficinas. Durante o dia é difícil achar vagas de estacionamento para quem vai de carro, devido à quantidade de carros. Já a noite é perigoso para quem vai a pé para o terminal central. Poderia ter uma linha para levar o pessoal para o transbordo. (QUESTIONÁRIO GRUPO 1, 2021)

Com efeito, percebemos que a estrutura é o tema com mais problemas a serem resolvidos. Essa solução, contudo, encontra-se limitada atualmente por questões orçamentárias e por elementos burocráticos da esfera estadual que vêm inviabilizando as manutenções e os reparos necessários. Não sabemos ao certo até que ponto a estrutura seguirá dando conta das atuais demandas desenvolvidas no complexo cultural. Entretanto, esperamos que o mais breve possível, as pontuações aqui apresentadas deixem de ser objeto de insatisfação, pois tão precioso bem precisa ser devidamente cuidado, a fim de propagar o seu potencial transformador ainda por muitas gerações.

4.2.2.5 Política cultural

Para começar esse tópico, é importante lembrar dois aspectos sobre política cultural que vimos no capítulo inicial do nosso trabalho, e que são significativamente relevantes para a nossa reflexão. O primeiro deles é a noção abrangente que uma política cultural possui, e o segundo, a amplitude que um sistema cultural pode assumir. Isto posto, ponderamos que tais aspectos justificam em grande medida uma constatação que tivemos no processo de análise dos dados, haja vista termos percebido entre os participantes da pesquisa uma noção um tanto difusa sobre o tema política cultural.

A nossa observação é que o público não detinha uma percepção clara sobre como uma política de cultura deve ser desenvolvida, embora reconheçamos grande expectativa em relação aos elementos que a compõe. Dessa forma, esse público consegue apreender facilmente partes que compõem tal iniciativa, mas na maior parte dos casos, a partir de suas próprias vivências, ou seja, de forma relativamente limitada. Em nossa compreensão, isso se deve certamente ao próprio conceito alargado de cultura, que impulsiona os sujeitos nesse sentido.

Com efeito, o que percebemos é que as pessoas não dominam com destreza a elaboração desse conceito, e, portanto, da sua prática cotidiana, o que também implica na dificuldade para se chegar a uma ideia formatada e definitiva sobre como deve ser uma política cultural. Os lugares de fala estavam muito mais associados às expectativas pessoais em relação à cultura na cidade e obviamente, em como o Cuca pode estar presente nesses processos. Assim sendo, é preciso lembrar que os dados coletados externaram as mais diversas percepções e essas, por sua vez, estavam

sempre baseadas nas próprias expectativas do sujeito acerca das iniciativas artístico-culturais. A exceção nesse caso pode ser atribuída notadamente aos grupos dos parceiros e dos artistas, em função da maior vivência e experiência que esses sujeitos possuem com os assuntos que integram uma política cultural, tanto que praticamente todas as ponderações subjetivas registradas nesse tópico na forma dos dados coletados na pesquisa foram oriundas de falas desses dois grupos.

Contudo, independente da clareza que o conceito possua entre os participantes da pesquisa, o fato é que a Universidade Estadual de Feira de Santana possui uma política cultural, pois se assim não fosse, sequer existiria o Cuca, e provavelmente não se teria diretriz alguma do que fazer nesse campo. Porquanto, é a partir desse entendimento que apresentaremos os dados coletados que exploram a temática em questão. Cumpre observar em primeiro lugar que 100% dos participantes da pesquisa sabem que o Cuca é parte integrante da Uefs e que 86% têm ciência de que o órgão é responsável pelo desenvolvimento da política cultural da Universidade. Ou seja, há ainda um percentual dos participantes das ações do Cuca, ainda que em número pequeno, que desconhece essa informação.

Interessante notar que durante as entrevistas, quando perguntados sobre o papel da universidade no campo da arte e da cultura, os participantes afirmaram que esta possui um papel fundamental, considerando a instituição como um ponto de união, caracterizando-a como um eixo norteador e mencionando ainda que o espaço universitário inspira cultura em todo o tempo. Portanto, não houve dúvida entre os participantes em relação ao papel que a universidade tem nesse campo, e na fala destes, isso parece não depender exclusivamente da existência de cursos de graduação ou pós-graduação ligados à área artística, não estando limitados, portanto, pela visão de que a única forma de atuação da universidade na arte e na cultura deve ocorrer em função de tais iniciativas exclusivamente.

Assim sendo, o que se contempla, é a atuação da instituição em um campo considerado carente de iniciativas e que costuma via de regra ser facilmente secundarizado. Os participantes expressaram também as suas percepções sobre a importância de interação entre educação e cultura, posicionando especialmente a cultura como um fator propulsor para o desenvolvimento social quando em um casamento sólido com a educação. Um dos parceiros assim descreve a sua percepção:

[...] eu não consigo ver uma instituição de educação que não tenha junto a sua instituição um trabalho na área da cultura efervescente, né? E ainda digo não só na cultura como no social também, porque a gente, quando une Educação e Cultura, a gente acaba atingindo o que a gente busca nesse país, que é atender ao social. E atender o social só com educação não gera tantos, não gera frutos transformadores. Pode, e pode até gerar, mas gera muito mais quando você associa os seus projetos da educação com a cultura. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Apesar da compreensão manifesta acima, verificamos que quando os respondentes foram perguntados se conheciam outras universidades com ações

semelhantes às que são desenvolvidas pela Uefs, por meio do Cuca, 77% afirmaram que não conheciam e apenas 23% declararam ter tal conhecimento. É importante considerar aqui que já tínhamos reconhecido antecipadamente a singularidade e em certa medida, a raridade de equipamentos como o Cuca, mantidos exclusivamente por universidades e voltados prioritariamente para a comunidade externa.

Considerando o aspecto da experiência do público participante da pesquisa, a estes foi apresentada a seguinte pergunta: “Nos últimos 5 anos, você vivenciou experiências na área de arte e cultura, na cidade de Feira de Santana, em iniciativas promovidas por quais outras instituições abaixo?”. Foram dadas diversas opções de instituições locais e uma opção para que o respondente indicasse livremente o nome de qualquer outra instituição que correspondesse à sua vivência nesse quesito e também uma opção para aqueles que não tiveram experiência em nenhuma outra instituição.

Como respostas mais indicadas, identificamos uma maior participação dos sujeitos em ações de quatro das instituições listadas em nosso questionário, sendo que: 55% dos respondentes vivenciaram ações promovidas pela Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura, 53% no Centro de Cultura Amélio Amorim²³, 51% na Fundação Egberto Costa (vinculada à Prefeitura Municipal) e 47% em ações promovidas no Centro Cultural Maestro Miro, no qual as atividades artísticas possuem vínculo com a citada Fundação Egberto Costa. Todas as outras opções contaram com percentuais bem menores, na faixa de 13% a 26%, estando compreendidas por escolas das redes municipal, estadual e particular, instituição federal de ensino técnico ou superior, escolas particulares de música, dança, teatro ou artes visuais, Centro de Esportes e Artes Unificados (CEU) e ainda a opção “Outros”, na qual foram apontadas como iniciativas o projeto Neojiba, ações de artistas e coletivos independentes, Sesc, Museu de Arte Contemporânea-Mac, Sesi, Museu Parque do Saber, Observatório Antares, Fenatifs.

No eixo das ações de outras instituições no campo cultural na cidade de Feira de Santana, durante a entrevista, identificamos um relato de ação promovida por uma empresa privada que parece ter sido inspirada, em alguma medida, na forma de atuação do Cuca. Observamos ainda que tal iniciativa é digna de inspiração também por parte do centro cultural, visto que pretende promover a cultura local e incentivar a criação artística, fomentando, portanto, a atividade dos artistas individuais e dos grupos. De acordo com um dos participantes, no desenvolvimento de um projeto artístico-cultural para a cidade, quando os organizadores foram apresentados ao objeto do nosso estudo,

[...] eles ficaram encantados com o Cuca e logo na sequência eles criaram um projeto para eles fazerem, porque eles viram que o Cuca era aquela miscelânea, então acho que eles ah... tiveram a ideia de fazer. E hoje eles estão fazendo essa mostra de diversidade cultural em Feira de Santana. Que é fazendo o que? Eu sempre digo, é quase

²³Os relatórios mostram que entre os anos 2000 e 2010, o Centro de Cultura Amélio Amorim foi gerenciado pela Uefs, por meio do Cuca, com o desenvolvimento de diversas oficinas naquele espaço e de outros projetos culturais e de pesquisa.

que uma caminhada do folclore online. É todo mundo que faz cultura manda para projeto para eles lá e eles estão incentivando, fomentando essa cultura. Aí você vê uma empresa, uma empresa privada de Belo Horizonte, está movimentando a cultura local. [...] É tão pouco o recurso que se é dado, mas é um pouquinho que vem ajuda o outro. Dignifica aquilo que tá parado né? Motiva aquele que não sabe mais o que ia fazer, dá uma ideia nova, traz umas coisas novas, que você não sabia que existia, populariza o negócio, faz você conhecer a cultura de Feira de Santana. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Essa experiência mostra por certo como a existência do Cuca inspira a realização de outras iniciativas, mas não somente isso, o que ocorre com efeito, é uma retroalimentação do sistema cultural com novas ideias e identificação de potencialidades. O valor dessa movimentação está justamente no estímulo que se dá à inovação, no espaço que se abre para aqueles que ainda não são conhecidos e também na valorização daqueles que já alcançaram um patamar de maior sucesso. Esses são apenas alguns exemplos dos benefícios de uma política cultural estruturada e consistente.

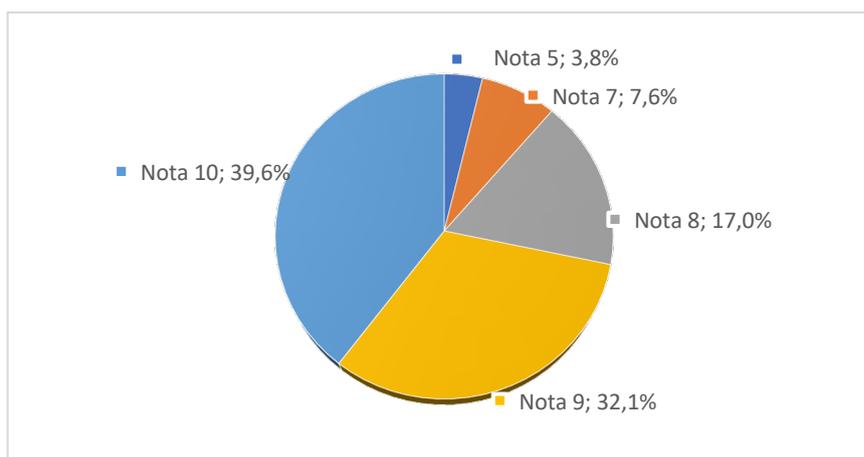
Entre os respondentes, verificamos considerável reconhecimento do papel que a universidade vem cumprindo em relação a implementação da sua política cultural. Na visão de um dos participantes, com ampla experiência na área de gestão e produção cultural, há um grande respeito da comunidade para com a Uefs, salientando-se principalmente a representatividade da Universidade. A avaliação do referido participante é concluída com a afirmação de que o campo artístico-cultural precisa do amparo que a Uefs provém, porque, nas palavras do entrevistado, sem tal suporte, “eu acho que a gente fica sempre órfão”. Ora, em nossa interpretação, essa expressão em muito representa o papel propulsor e fundamental da Uefs, notadamente na percepção de importantes atores no movimento cultural. Visão semelhante pode ser facilmente percebida em outras falas coletadas nas entrevistas.

Um dos artistas chegou a destacar como percebe uma significativa carência de políticas públicas voltadas para as artes, especialmente nos processos de arte-educação, complementando que houve grande melhora na cidade com a chegada do Cuca. Esse participante reconhece que atualmente Feira de Santana se caracteriza como uma cidade com muitos talentos em várias linguagens artísticas, que desempenham suas atividades com alto grau de profissionalismo. Entretanto, em meio a esse comentário, mais uma vez, a necessidade de maior investimento nos campos da educação e cultura é identificada.

A avaliação nesse caso é concluída com a lembrança de que a arte “salva vidas”, e, portanto, salva as pessoas, traz melhorias consideráveis para o desenvolvimento em um sentido mais amplo, como já abordamos em nosso trabalho. Porém, os benefícios não ficam restritos a uma única esfera. Com efeito, reconhecemos toda uma cadeia produtiva ligada às artes e à cultura que merecem o devido estímulo. Inclusive dentre os dados coletados, há também relatos de pessoas que se habilitaram profissionalmente em função do trabalho de educação desenvolvido pelo Cuca. Como vemos mais uma vez, inegavelmente os benefícios da institucionalização de uma política cultural são inúmeros.

Na busca por uma avaliação mais objetiva sobre a atuação do Cuca na cidade, solicitamos aos respondentes do questionário que atribuíssem uma nota para esse quesito. Como resultado, ressaltamos que o maior percentual das notas ficou concentrado na escala de 7 a 10, e que na maior parte das notas atribuídas a nota máxima esteve presente. No gráfico 1 podemos verificar com detalhes os percentuais dessa avaliação.

GRÁFICO 1 – Notas de avaliação para a atuação do Cuca entre os participantes das ações



Se consideradas as notas atribuídas pelos participantes, verificamos significativa aprovação das ações do Cuca. Com efeito, 88,7% dos respondentes atribuíram nota igual ou superior a 8, o que pode ser interpretado, de acordo com os parâmetros regulares, como uma nota excelente. Vejamos que, com tão boa avaliação, convém considerar todos os cuidados possíveis para assegurar a continuidade dessa política. Como já vimos, a institucionalização por meio de resoluções tem sido o caminho adotado por diversas universidades visando tal objetivo. Nessa perspectiva, destacamos ainda a visão de um gestor cultural, que vivencia as atividades do Cuca, quando este pontua sobre o risco de não se possuir políticas culturais bem estabelecidas e regulamentadas. O entrevistado cita uma pertinente preocupação ao considerar a conjuntura vivida atualmente em nosso país, assinalando que “Se entra um louco aí no poder e resolve acabar com tudo que tem, né?”.

Assim, não se pode ignorar que determinadas ações podem colocar fim a projetos valiosos e que esse é um risco que tem estado sempre presente no cotidiano brasileiro. A conclusão da fala do citado participante indica ainda que a institucionalização da política cultural garante o direito de continuidade das ações previamente estabelecidas, independentemente da vontade do gestor que assuma a direção no transcurso do tempo. Ademais, em função da conjuntura vivida atualmente, notadamente no cenário político somado ao cenário pandêmico, fica premente mais um desafio a ser assumido pela Uefs, e, portanto, pelo Cuca, em função do ansiado desenvolvimento da sociedade. Esse desafio ficou descrito na preocupação de um dos participantes da pesquisa, quando este assim se expressou:

A gente sabe, para que para os jovens [tenham] ideais, tem que ter cultura, tem que ter educação, tem que ter muita formação, senão os jovens ficam como estamos vendo os jovens hoje, perdidos. Porque nessa pandemia nós temos um monte de jovens perdidos, que estão ali com o equipamento de celular na mão, fazendo TikTok [nome de aplicativo] e tendo isso como a única fonte de transformação para vida dele, enquanto ele está se constituindo enquanto ser humano, né? Então assim é muito preocupante isso que a gente tá vivendo hoje. A gente vai ter que se preocupar muito a partir de agora e os esforços pra tentar resgatar essa juventude, essas crianças que estão nesse momento sem nenhuma cultura realmente de formação, porque a gente não soube ainda fazer na internet, fechar todos os pontinhos, para que a gente possa dizer que a gente consegue fazer formação também pela internet. Eu acho que o que a gente consegue hoje fazer é dar conta do recado, mas a gente não consegue ainda dizer que a gente consegue resultados, porque a gente nunca viveu isso, então a gente tá tentando [...]. (ENTREVISTA GRUPO 3, 2021)

Antecipadamente vale apontar que, ao analisar esse destaque da entrevista, percebemos uma concepção de cultura pouco alinhada ao conceito apresentado no capítulo inicial do nosso trabalho, principalmente ao considerarmos a importância da cultura digital na atualidade. Mas, a despeito disso, insta observar que a preocupação apresentada pelo entrevistado se torna, com efeito, deveras importante, haja vista o saldo negativo gerado pela pandemia em um momento em que as circunstâncias já são notavelmente desfavoráveis para o campo artístico-cultural. Mais do que nunca, se faz necessária a presença e a atuação das universidades com a implementação e o desenvolvimento de políticas culturais que alcancem a comunidade, que avancem para além dos muros universitários. A sociedade reconhece a importância desse tipo de ação e deseja que essa atuação (do objeto em estudo e possivelmente de iniciativas semelhantes) continue se expandindo e alcançando sempre um maior número de pessoas.

Nesse sentido, compreendemos que possuir um espaço como o Cuca, por si só não assegura prontamente a amplitude que uma política cultural precisa ter, contemplando todas as possibilidades de ação da universidade, sobretudo com uma atuação com foco maior na comunidade externa como é a do centro cultural. No entanto, é impossível ignorar o fulgor que tal empreendimento traz efetivamente para o campo em que atua, ainda mais quando a interação do órgão com a comunidade costuma acontecer de forma intensa e diversa, como é o caso do objeto do nosso estudo.

4.3 PERCEPÇÕES DOS GESTORES DAS AÇÕES DO CUCA

Realizaremos nessa etapa uma análise dos dados resultantes das percepções dos gestores que estiveram ou estão envolvidos com o centro cultural. Trata-se do olhar dos sujeitos que possuem uma perspectiva diferente daqueles grupos que

discutimos no tópico anterior. E ao considerá-lo, buscamos elementos complementares à análise feita até aqui. Desse modo, a sistematização dos dados coletados foi estruturada em três categorias, a saber, trajetória, missão e perspectivas futuras.

Reconhecemos que nessa visão complementar, alguns aspectos coincidiram com os elementos abordados pelos participantes das ações, no entanto, o nosso anseio foi explorar essencialmente aquilo que pôde ser somado, enriquecendo a nossa compreensão sobre o fenômeno. Esperamos então que a conjunção dessas análises colabore com proposta de formulação das diretrizes de aprimoramento que pretendemos traçar como um dos resultados do nosso trabalho de investigação.

4.3.1 Cuca: trajetória sob a ótica dos gestores

Preliminarmente, insta observar que, de forma similar ao que ocorre entre os participantes, prepondera entre os gestores uma visão essencialmente positiva sobre as suas experiências pessoais no Cuca. Um deles caracteriza tal vivência como um privilégio e ao mesmo tempo como um desafio, devido à singularidade da instituição. O reconhecimento da importância do centro cultural fica igualmente evidenciado na fala dos gestores, que manifestam grande satisfação com a existência do complexo. Destacamos que, nesse grupo, observamos a sensação de cumprimento de uma relevante missão, em função da estimada contribuição da Universidade ao município, ao implementar e manter o centro cultural em funcionamento há 26 anos.

Acerca da trajetória da instituição, cumpre demonstrar os elementos mencionados pelos gestores durante as entrevistas, que trazem informações relevantes sobre o caminho trilhado pelo centro cultural. Partindo da ocasião de sua fundação, percebemos que a criação do Cuca pareceu resultar de um contexto em que a universidade buscava maior interação com a sociedade. Desse modo, as entrevistas mostraram que esse propósito estava bem claro entre os dirigentes da instituição que tiveram participação no desenvolvimento da política cultural da Uefs, com falas que demonstraram como a universidade vinha assumindo como princípio norteador a função primordial de servir a cidade de Feira de Santana.

Foi, portanto, nesse cenário, que a universidade iniciou a sua atuação no campo da extensão cultural, como pontuado por um dos entrevistados. Nessa vertente, é importante lembrar que em tempos de consolidação da instituição universitária, a extensão foi uma estratégia de fortalecimento e proteção daquilo que estava sendo construído, visto que era mais que imperativo evidenciar os valores e os benefícios que poderiam ser gerados por meio do investimento no setor educacional em nível superior.

Esse mesmo entrevistado, profundo conhecedor da gênese do Cuca e reconhecidamente indivíduo com ampla experiência acadêmica, ao ser perguntado sobre a relação entre as atividades de cultura e extensão, na contextura que estava sendo analisada, ou seja, o nosso objeto de estudo, e acerca das divergências em

torno do conceito e do fazer da extensão universitária, afirmou: “Isso é bom. Isso faz parte da universidade, a questão dialética.”, e ainda que

[...] o forte da Universidade no seu início foi a extensão. Nós precisávamos porque a universidade foi criada, mas teve muita dificuldade para se manter, houve muita ameaça à sua sobrevivência. [...] Então a extensão ocupou um espaço muito grande e foi a salvadora [risos], o instrumento que resgatou a importância dessas Universidades do Estado da Bahia. Por que o governante passou a perceber a importância que as Universidades têm para o desenvolvimento do Estado da Bahia. [...] o Cuca é resultado dessa preocupação com extensão né, no caso extensão cultural. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

De acordo com os dados coletados, o Cuca foi pensado como um projeto de desenvolvimento da cultura e das artes na região. Tratava-se, com efeito, de um projeto inovador, como nos relatou um dos entrevistados e, portanto, singular. O referido participante observa que o projeto foi todo desenvolvido do zero e ressalta que “[...] tudo no Cuca foi criado [...]”, não existindo um ponto de partida como modelo básico a ser aprimorado. Todavia, definiu-se em uma visão inicial, que o Cuca deveria ser

[...] um espaço não para servir a Uefs, mas um espaço que seja gerenciado pela Uefs para a comunidade, para desenvolver os talentos, para descoberta de novos talentos, e enfim para fomentar a cultura em Feira, em Feira de Santana. Então será um centro de cultura, mas não só de cultura, também de arte. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Ressalte-se que na fala dos gestores fica descrita a beleza e a agradabilidade do espaço, sendo esses aspectos considerados grandes atrativos. Todavia, os atrativos iam certamente além dos mencionados atributos, visto que o Cuca se tornou especial também em função da sua localização central e do acesso facilitado. Na visão de um gestor que vivenciou esse momento inicial, o primeiro impacto da implementação do complexo aparece logo no início dessa jornada, quando o Cuca passou a funcionar como um fator de integração, aproximando e reunindo os muitos artistas que residiam na cidade. O entrevistado complementou que se verificou “[...] um despertar cultural muito grande [...]”.

Embora esse primeiro impacto seja um marco e um importante passo no processo de desenvolvimento artístico-cultural local, esse ainda pode ser considerado um momento embrionário no movimento cultural promovido pelo Cuca. Nesse sentido, notamos que um dos entrevistados assinalou que no início das atividades do centro cultural, os eventos ainda não contavam com número suficiente de pessoas na composição da plateia do teatro, por exemplo, e que muitas vezes os próprios colaboradores da unidade eram chamados para fazer tal composição. De acordo com os gestores, muitas iniciativas promovidas no complexo serviram como um estímulo

no processo de formação de plateia, e integraram um trabalho sistemático que traria melhores resultados em um futuro não muito distante.

Esse cenário de melhorias é bem contemplado na fala de um dos gestores, ao pontuar que

[...] ao longo dos nossos 26 anos de história nós fizemos sim, fizemos e fazemos diferença [...]. Quando o Cuca nasce em 1995, [...] os espaços culturais em Feira de Santana eram muito mais limitados, né? Então num cenário de maior carência desses espaços, de espaços que promovam as artes, [...] qualquer nova instância, ela tem um impacto maior. Mas é claro que o Cuca chega não como, [...] qualquer uma instância, mas chega como uma instância, com uma [...] estrutura, um potencial e um conjunto de ações muito consistentes e isso explica muito do papel central que o Cuca passou a ter na cultura feirense [...] (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Do ponto de vista administrativo, um dos entrevistados destacou que na proposta inicial da Reitoria da Uefs, era tido como um melhor cenário que a administração do Cuca fosse feita por um gestor com visão mais ampla possível, que assumisse o compromisso com o conjunto das atividades ali desenvolvidas, evitando que se priorizasse especificamente uma ou outra linguagem artística. Vê-se assim que o objetivo desde esse momento foi o desenvolvimento de um mosaico de ações, que deviam ter, portanto, o mesmo espaço e destaque no centro cultural.

Acerca da interação com a universidade, verificamos o relato de que, inicialmente, o maior envolvimento com o Cuca ocorria nas áreas de Letras e Artes e de Estudos Sociais, especialmente com o curso de História. Mas ainda assim, a aproximação com a comunidade acadêmica sempre foi um ponto visto como algo a ser trabalhado e estimulado, como também se vê nos dias atuais. Entendemos que isso ocorre sobretudo pelo já mencionado foco que as atividades do Cuca tiveram desde a sua criação, pois sempre se pensou em uma proposta que estivesse prioritariamente voltada para a cidade como um todo, e não para um público seletivo e exclusivo, o que obviamente não isenta a instituição de promover atividades integradas no *campus* universitário.

Na visão dos gestores, o Cuca se abriu principalmente para a comunidade externa promovendo a arte, pretendendo alcançar especialmente a população com um perfil econômico menos favorecido, o que promoveu um novo cenário, que oportunizou com efeito novas vivências para a população. Foi assinalado também pelos entrevistados que alguns visitantes do espaço pensavam que o prédio histórico era uma antiga igreja, mas foram surpreendidos pelas exposições que ali ficavam instaladas, ou pelo movimento artístico que se tornara constante em suas dependências. Ainda de acordo com o gestor, muitos tiveram, no ambiente do Cuca, o primeiro contato com um museu e também com instrumentos musicais e nesse espaço também outros tantos aprenderam o que era uma partitura, conheceram o canto coral, praticaram desenho, pintura e tantas outras linguagens das artes. Ou seja, a implantação do complexo foi uma importante estratégia de democratização cultural, estimulando o acesso da sociedade a consagrados bens culturais, notadamente se

pensarmos no já mencionado importante acervo do MRA. Na ótica dos gestores, muitos artistas nasceram a partir do Cuca, especialmente por conta do trabalho de formação nas oficinas. A essa percepção se soma a avaliação de que o complexo é considerado um marco na cultura local.

Como já sinalizamos, fica perceptível o grande respaldo que o Cuca possui na cidade, e pelo que verificamos nos dados coletados, essa característica o acompanha desde o princípio, notadamente por conta da sua ligação com a Universidade. Contudo, em nossa análise surgiu ainda mais um elemento que possivelmente colaborou com o prestígio da instituição, sobretudo no início das suas atividades. Referimo-nos a vinculação do Museu Regional de Arte ao complexo cultural. Nesse prisma, observamos que um dos gestores destaca que “o Museu e o Cuca como um todo, eram suficientemente fortes para impressionar as autoridades”.

Assim sendo, compreendemos a citação do Museu como um sinal da pujança que circundava essa organização, o que se deve provavelmente ao seu acervo, cujo valor, por certo, era algo a que muito se apegavam os gestores, que dedicavam ao assunto especial atenção, como pudemos perceber em algumas falas durante as entrevistas. Ora, não é de se estranhar esse comportamento, porquanto o MRA possuía (e ainda possui) obras de grande valor simbólico e material.

De acordo com o entrevistado, a conjunção e a força dessas importantes instituições, em muito facilitava que portas diversas se abrissem para os projetos culturais planejados no âmbito do Cuca, cuja atuação inicial contou com o apoio bem próximo da então Secretaria Estadual da Cultura e Turismo, especialmente por meio da figura de Paulo Galdenzi, que assinou a apresentação do catálogo das obras que compõem o acervo do Museu Regional de Arte, publicado no ano 2000, como resultado de um trabalho em parceria da Universidade com a referida Secretaria.

Observamos também que, no decurso da sua trajetória, o Cuca expandiu a sua atuação direta também para outras cidades do Estado da Bahia, vide relato obtido nas entrevistas sobre a criação da Galeria Caetano Veloso no ano de 1998, no município de Santo Amaro, que contou em sua inauguração com a presença desse renomado artista. No ano seguinte, a Galeria foi transformada em um Museu Galeria, e o Cuca contou mais uma vez com o apoio do então secretário estadual da cultura e turismo, que foi responsável pela apresentação do catálogo-documento²⁴ desse Museu, publicado no ano 2000 (MENEZES, 2000). Ainda de acordo com os dados coletados na entrevista, além da iniciativa de inauguração de um espaço expositivo, também foram implementadas no novo município de ação do Cuca, as suas oficinas artísticas.

Um outro dado relevante referido entre os gestores, foi a profícua relação entre o Cuca e a Universidade Aberta da Terceira Idade (Uati). Nas palavras de um dos entrevistados,

Um outro setor, que funcionava no Cuca, e que não era do Cuca, mas isso foi muito bom, porque permitiu a integração muito grande, que é

²⁴No contato para realização da entrevista, um dos gestores cedeu esse e outros dois catálogos para serem usados como referência em nossa pesquisa, visando o enriquecimento do trabalho de investigação.

a extensão [...], a terceira idade, não é? Funcionou lá durante muito tempo e então isso ajudou muito inclusive a aumentar o interesse do povo de Feira de Santana pela cultura. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Esse relato demonstra uma relação simbiótica entre essas duas iniciativas vinculadas a extensão. Assim sendo, compreendemos que sobre as ações da Uati, desenvolvidas no espaço do Cuca, prevaleceu uma visão positiva da gestão, sobretudo pela afinidade dos objetivos desses projetos, cujos focos sempre estiveram prioritariamente voltados para a comunidade externa. Vale lembrar que a Uati figurava como uma iniciativa intrinsecamente relacionada ao Cuca na já citada portaria publicada no ano de 1995, quando da criação do complexo. Ressaltamos que ainda hoje, o Cuca mantém produtiva relação com a Uati, mas esta não figura mais entre as principais atividades ali desenvolvidas, pois outros projetos tomaram dimensões ainda maiores no âmbito do centro cultural, como constatamos nos relatórios de atividades da instituição.

Vale mencionar também um episódio relevante na trajetória institucional do Cuca, citado por um dos entrevistados. Segundo o gestor, entre os anos de 2007 e 2010 (o participante não se recordou o ano exato), o centro cultural chegou a ser considerado o principal ente promotor de cultura na cidade em pesquisa realizada pelo Itaú Cultural. Não é difícil identificar os motivos para tal reconhecimento, pois diversos são os relatos coletados durante as entrevistas que trazem tais indicativos. Nesse sentido, salientamos a concordância entre os gestores sobre o potencial e a amplitude de alcance das ações do Cuca, haja vista a sua capacidade de atendimento de um volume expressivo de pessoas. Um outro indicativo que merece destaque é a qualidade que marca a atuação do órgão. Na visão de um dos gestores, a instituição aplica determinados critérios no desenvolvimento das suas atividades, que a levaram a se tornar um padrão de referência na cidade.

Para complementar os aspectos explicitados acima, ressaltamos a visão de um outro gestor que avalia que a política cultural desenvolvida pela Uefs, por meio do Cuca, é uma potente forma de garantia dos direitos básicos dos indivíduos. Desse modo, o entrevistado destaca os direitos fundamentais, ponderando que aí são incluídos “[...]o direito à educação, o direito à saúde, [o direito] à liberdade de expressão, porque não o direito à cultura incluído como direito fundamental?”. Percebemos, portanto, que é nessa perspectiva que a universidade vem trabalhando continuamente.

Verificamos que no transcurso da implementação da política cultural da Uefs, uma forma de olhar para o Cuca marcou de modo peculiar a visão dos gestores sobre o centro cultural, pois a percepção sobre a singularidade das suas características e do seu modo de administração se fez presente entre esses participantes. Em uma das avaliações, foi citado que a dinâmica do Cuca não pode ser considerada uma regra quando falamos da atuação das universidades, visto que no entendimento desse gestor “Estamos muito mais como para exceção, uma rara e importante exceção, [...] é assim que vejo”. Em uma fala complementar, esse gestor reconhece que,

Sabemos que existem instituições que se assemelham ao Cuca em outros estados brasileiros, digo instituições ligadas à universidade, que promovem ações culturais, mas o formato adotado pelo Cuca, até onde sabemos, é de fato único, né? Este órgão que centraliza num espaço físico essas diferentes, esses diferentes aparelhos culturais, que trabalha simultaneamente com diferentes linguagens artísticas, que atende um volume expressivo de pessoas e faz isso com caráter essencialmente extensionista, ou seja, voltado para a comunidade externa [...]. Esse é um formato de fato muito raro [...]. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Acerca dos elementos identificados nos dados coletados nas entrevistas que marcam a trajetória do objeto em estudo, traremos ainda um aspecto que coincide com um tema já abordado no tópico anterior. No entanto, lembramos que aqui, esse elemento será discutido com base em uma visão diferente da anterior, considerando que os gestores possuem necessariamente uma outra perspectiva, por serem aqueles diretamente responsáveis por definir as estratégias de administração e superação das dificuldades que se apresentam no percurso da instituição. O elemento aqui referido é a política de cobrança de taxas de matrícula, que sempre foi praticada pela instituição.

A menção a essa prática aparece na fala de um dos gestores, segundo o qual a administração do centro cultural, logo no início das atividades das oficinas, viu-se diante de uma situação complexa de gerenciar, pois necessitava remunerar professores que não eram do quadro da universidade para ministrarem as atividades de formação artística. Segundo o entrevistado, se não houvesse a cobrança da taxa de matrícula, a instituição não teria como fazer tal remuneração. Esse foi sem dúvida, um primeiro momento de impasse e que foi solucionado com a adoção da referida taxa de valor módico. Vemos assim, que a origem dessa política se deu em função de uma demanda que continua presente ainda hoje na realidade institucional, a saber, a necessidade de arcar financeiramente com os custos diretos associados à manutenção do programa de formação artística.

Apesar desse planejamento, verificamos que novamente, no ano de 2015, o impasse sobre o pagamento dos referidos prestadores de serviço voltou a ocorrer na administração do centro cultural. Dessa vez, no entanto, o cenário já estava definido com a cobrança da taxa de matrícula, mas ainda assim, naquele momento, as despesas associadas ao custeio das oficinas em muito já ultrapassavam o valor arrecadado com as mencionadas taxas. Com o cenário marcado por um momento de crise orçamentária no Estado, a Universidade teve impactante redução dos seus recursos, o que veio a provocar tal impasse nesse segundo momento.

A forma como essa situação foi gerenciada ficou bem explicada nas palavras de um dos gestores, quando este afirmou que a equipe de gestão foi impelida a implementar uma dinâmica de ajustes diante da situação de austeridade orçamentária que afligia a instituição e que, assim como observamos no relato do primeiro momento, mais uma vez o objetivo maior era a continuidade do atendimento à comunidade. Nessa vertente, ele aduz o seguinte:

[...] Num cenário ideal, essas atividades, [...] o ideal é que elas fossem francas, franqueadas ao público sem qualquer tipo [...], de taxa de custeio. Entretanto, objetivamente nós constatamos que hoje, o nosso potencial de atendimento à comunidade ele é amplificado por essas taxas de matrícula, sem que nós tenhamos, sem que nós deixemos de atender também a parcela da comunidade que não pode efetivamente pagar.

[...] em síntese, não é um cenário ideal, mas é um cenário em que, digamos assim, em que um elemento que não era ideal, foi convertido num potencializador das nossas ações junto ao público, trazendo, portanto, benefício a este próprio público, [...]. E como é um valor extremamente acessível, [...], nossa taxa de matrícula varia entre 20-25% do que se paga em qualquer outra instituição de ensino de artes na cidade. Nós acreditamos que é um custo que tem valido a pena. É melhor portanto, para a sociedade, [...] que através da universidade ela pague uma taxa irrisória, mas que garanta uma atividade que ela não teria acesso, [...] do que não ter [...] esta atividade a título de um purismo, digamos assim, conceitual, que é desejável, mas que não é realista em muitos casos. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Um segundo entrevistado concorda que em um cenário ideal, no qual a universidade contaria com seu financiamento pleno, a taxa não deveria ser cobrada. Todavia, em função da realidade enfrentada, este avalia como justificável, contanto que esse valor não seja discrepante em relação ao poder aquisitivo do público atendido pelo complexo cultural. Outros gestores consideraram que, com efeito, trata-se de um valor simbólico, que não configura uma relação meramente mercadológica.

Ademais, os gestores também citaram a política de isenção que foi adotada pelo Cuca visando o atendimento da comunidade carente, que pode realizar a matrícula sem arcar com o custo da taxa, correspondendo a um percentual de 10% das vagas. Um dos gestores observa que regularmente, a instituição não chega a preencher todas as vagas disponíveis nessa configuração de isenção total. O que, em nossa visão, pode ser melhor articulado no processo de matrícula a fim de otimizar os resultados dessa iniciativa, vide sugestão apresentada na análise dos dados coletados entre os participantes envolvidos com as ações do Cuca.

Concluindo a análise dessa categoria, examinamos que sob a ótica dos gestores, o centro cultural definiu a sua trajetória de forma essencialmente positiva, mantendo-se como um espaço que viabiliza o acesso a diversas formas de expressão artística a um público que não acessaria facilmente essa formação em escolas particulares de artes e, de modo lamentável, muito menos na escola pública. Nesse ponto, um dos gestores destaca que apesar de contar com projetos pontuais, o ensino regular nas instituições mantidas pelo Estado, não possui “um trabalho consistente no campo das artes”, como o é o do Cuca. Ou seja, tal compreensão revela o entendimento sobre a importância dessa política. Finalizamos então esse tópico salientando que há grande satisfação dos gestores associada à instalação e à manutenção do centro cultural e de suas ações, sobretudo quando se observa que a instituição se manteve firme no seu propósito de servir notadamente à comunidade local, seguindo os princípios pensados desde a sua origem.

4.3.2 Percepção sobre a missão

Durante as entrevistas, os sujeitos abordaram diferentes aspectos sobre a missão do Cuca. Portanto, caberá a nós nesse tópico, o papel de sintetizar as percepções sinalizadas a fim de identificar os seus elementos constitutivos. Nesse sentido, verificamos que entre os gestores, há claro entendimento sobre o papel da Uefs e do Cuca, que é caracterizado por esses sujeitos como um marco na cidade. A avaliação geral é que o Cuca, até aqui, vem cumprindo com louvor a sua atual missão. Quando perguntados se o Cuca faz diferença no cenário cultural local, não houve dúvida alguma entre esses participantes acerca disso. Como resposta, um deles avaliou que

Sim, o Cuca ele faz, ele não só faz a diferença, ele é um divisor de águas, [...] o Cuca é um portal [...], a importância dele ultrapassa inclusive Feira de Santana [...]

[...] é um orgulho pra universidade. [...] Eu acho que o próprio Cuca não tem até uma visão de tão quão ele é importante, ele é importantíssimo. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

O que ficou claro em nossa análise é que, em função da já mencionada amplitude de uma política cultural, existe um gradiente de possibilidades que podem representar a missão do Cuca. Desse modo, observamos que não há uma visão única sobre esse ponto, mas aspectos mais relevantes que foram observados pelos entrevistados, recorrendo ao papel e as ações já executadas no complexo, de forma especial no fomento do campo artístico. Nessa perspectiva, vemos que o modo de operação da atual política cultural da universidade encontra-se de certo modo em consonância com o que se espera da sua atuação enquanto agente de valorização e estímulo da arte e da cultura.

Acerca do papel específico da universidade na cultura, um dos gestores pontou que

[...] primeiro fomentar, estimular, mostrar a importância da cultura para o desenvolvimento humano e para o desenvolvimento sócio-econômico da própria sociedade. É descobrir talentos, [...] ajudar a desenvolver esses talentos culturais para a transformação da vida e a transformação da sociedade. O papel da universidade está nisso aí [...] descobrir talentos, fomentar a cultura através dos seus projetos e programas sociais. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Além dessa visão, um segundo gestor pontuou que é uma vocação natural da universidade contribuir efetivamente com a cultura, reconhecendo que são diversas as possibilidades de atuação. Os exemplos pontuados pelo entrevistado foram a manutenção de orquestras, a implementação e manutenção de teatros cujos espaços sirvam à comunidade, e também a existência de cinematecas. O participante afirma que o caminho para que essa contribuição aconteça é a extensão e que na Uefs de modo particular existe um órgão que funciona como um “guarda-chuva para as

diferentes linguagens da arte e da cultura”. Em sua concepção, a existência do Cuca torna a universidade uma instituição plena e humanista, o que considera algo fenomenal. Alerta ainda que a Uefs deve estar atenta para dar sempre as condições para que o Cuca desenvolva a sua política cultural e conte com liberdade para que o centro cultural possa inovar e “trazer novas contribuições para sociedade no campo da cultura e da arte”. Tudo isso traduz igualmente o papel significativo que a universidade tem a desenvolver na sociedade.

Pensar sobre qual seria a melhor maneira de se alcançar esse objetivo, visto que são realmente diversas as formas que as universidades podem contribuir com a cultura é, com efeito, um desafio a ser considerado por essas instituições, vislumbrando as realidades dos seus locais de atuação. Nessa vertente, um outro gestor lembra da atuação da Universidade da Bahia, atual Universidade Federal da Bahia, com um ambiente que estimulou o surgimento de importantes nomes da arte no Brasil. Na visão desse gestor, figuras como Gilberto Gil, Tom Zé, Caetano Veloso e Glauber Rocha vivenciaram por meio da mencionada universidade, “um ambiente que reconhecia na arte um potencial de aprimoramento da sociedade, [...], experienciando esse ambiente fértil”. Lembra ainda que esses sujeitos, considerando os seus talentos e vivências, “[...] foram capazes de dar início ou de integrar movimentos que transformaram, apenas para ficar nesses exemplos [...], a música e o cinema no Brasil”. O participante nos convida ainda a pensar “nos desdobramentos, sociais, econômicos, políticos desses movimentos”.

Como já vimos, via de regra, as instituições de ensino superior designam as ações de cultura no campo da extensão universitária, cuja atual compreensão do conceito requer a indissociabilidade entre as esferas do ensino e da pesquisa em um cenário tido como ideal. Mas como já explicitamos, acerca da prática extensionista vigoram diferentes propostas e modos de fazer, implementadas devido aos momentos distintos vividos na evolução da extensão no país. Nesse ponto, um dos gestores assim observa:

[...] acho que nossa atual concepção sobre a extensão universitária no ambiente das universidades de um modo geral, ela precisa retomar algo que já esteve muito presente no passado, que é esse entendimento do papel central das artes na formação do indivíduo como um ser pleno e de como isso é capaz de promover o desenvolvimento, o aprimoramento da sociedade como um todo, também. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Esse mesmo entrevistado, adverte que o pragmatismo que define as ações da extensão e a restringe à determinadas práticas, “menospreza essencialmente o papel da arte na sociedade”, especialmente se considerada a realidade do Cuca, na qual ainda ocorrem apenas interações pontuais com as atividades de ensino e pesquisa. Acerca dessa reflexão, lembremos que alguns autores refletem sobre a evolução do conceito e ponderam sobre as diferentes faces que a extensão pode efetivamente assumir.

Um dos participantes da pesquisa sugere que, uma maior articulação extensionista no domínio das ações do Cuca pode ocorrer caso “os nossos cursos na Uefs, que são da área de arte, procurem estar em parceria com o Cuca para que haja essa indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.”, destacando o curso de Letras como uma interessante possibilidade de interação. Salientamos, no entanto, que uma outra grande possibilidade se faz presente em relação à licenciatura em música, que na visão desse mesmo gestor, teve como seu embrião, o Seminário de Música, que é um dos setores do complexo.

Mais uma questão que surge nos dados e que convém refletirmos é sobre a proposta pensada para o Cuca em sua concepção, cujo desenvolvimento se deu em torno da ideia de uma unidade voltada prioritariamente para a comunidade externa. Vale salientar que tal característica, na visão os gestores, permanece inalterada desde então, definindo fundamentalmente a identidade do Cuca. Um dos entrevistados chega a aludir que mesmo sendo uma unidade extra *campus*, o centro cultural poderia atender “ao público universitário exclusivamente”, mas não é esse o caso. Esse mesmo participante assinala que

O público essencial do Cuca é de fato a comunidade feirense em seu sentido mais amplo. Costumo pontuar inclusive, que o Cuca, em muitos casos é a primeira e muitas vezes a única experiência de contato que [...] muitas pessoas da comunidade feirense têm com a Universidade Estadual de Feira de Santana e, portanto, dentro [...] desse perfil do público, a atuação do Cuca, eu acho que ela é muito significativa porque ela aproxima, portanto, a universidade da comunidade. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Ficou evidenciada também, entre os gestores, a visão de que a instituição desenvolve um trabalho com implicação direta na vida das pessoas, melhorando significativamente a “saúde física, psicológica, emocional, de inúmeras, de um número incomensurável de pessoas”. Caracterizando-o como um espaço excepcional, um dos entrevistados afirma que isto se deve especialmente ao seu potencial “de assimilar, abrigar e promover diferentes atividades, [...] e linguagens artísticas”. Ou seja, os aparelhos que o Cuca reúne o torna um importante vetor da arte na cidade. Mas essa influência não se restringe ao âmbito local, pois na visão dos gestores, o significativo papel que o centro cultural cumpre é reconhecido “na cidade e alhures”. Um deles assinala que o centro cultural atua “como se fosse uma grande Universidade aberta”, possibilitando “o acesso de uma quantidade significativa de pessoas a bens culturais”.

Um elemento identificado nos dados que está diretamente relacionado à questão do público, é o foco do centro cultural em democratizar e ampliar o acesso a arte para um número cada vez maior de pessoas, sem deixar de lado uma preocupação com os níveis de formação. Todavia, isso não significa um foco específico na atuação sistematizada para a profissionalização, mesmo que, na perspectiva do gestor entrevistado, tais aspectos não sejam excludentes. Em seu entendimento, direcionar o foco de ação para uma área não deve necessariamente excluir outras possibilidades, como a promoção de níveis de formação mais

aprofundados. Nesse caso, o mesmo observa que em algumas linguagens artísticas, é sim possibilitado ao aluno uma formação de duração maior, com oficinas independentes, mas interligadas, com a perspectiva de formação por meio de trilhas de conhecimento, como ainda veremos no próximo tópico.

Considerando a temática da missão, mais um elemento apontado na análise dos dados coletados é a potencialidade do Cuca para colaborar com a demanda da formação de plateia, assunto relativamente comum no eixo das políticas culturais e já mencionado em nosso trabalho. Tal abordagem foi apresentada nesse tópico pois, segundo o gestor, esse foi um dos objetivos estabelecidos na gestão do Cuca, sobre o qual se registrou a expectativa de atuação como significante “vetor de formação de plateia”, trabalho que se encontra em contínuo andamento, sendo um relevante componente na sua missão.

Um elemento que também merece destaque na análise da percepção dos gestores sobre a missão é a atuação do Cuca junto a escolas públicas de nível fundamental e médio. Obviamente essa atuação pode ocorrer de diversas formas, todavia o foco do comentário presente nos dados das entrevistas se voltou especificamente para as atividades desenvolvidas pelo Museu Regional de Arte, por meio de seus projetos, os quais foram usados como exemplo pelo gestor, ao pontuar que

Temos também um outro exemplo que posso dar, da atuação do Museu Regional de Arte, que tem desenvolvido já algum tempo um programa, de um projeto concebido como o Museu Vai à Escola, e o seu anverso, a Escola Vai ao Museu, que são diferentes lados de uma mesma moeda, digamos assim, e que buscam aproximar o Museu enquanto espaço complementar, educacional, do ambiente escolar. Isso tem se mostrado bastante profícuo nos últimos anos, [...]. Temos hoje, pode-se dizer, uma parceria, ainda que informal, com o Núcleo Regional de Educação, que tem, em diferentes ocasiões, desenvolvido um trabalho de, junto ao museu, de desenvolvimento das, do papel das artes na educação na escola básica. É, digamos assim, uma semente, é um ensaio para retomarmos aquilo que eu falei que seria um cenário desejável, que a gente ainda, ainda não tem hoje, que é a escola regular atuando com a arte para promover o desenvolvimento da criança. Mas essa aproximação já é, obviamente, sinaliza para uma, um germen, uma potencialidade de um diálogo nessa linha, que pode vir a dar bons frutos. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Como vemos, fica claro para os gestores que o campo de atuação do complexo é amplo e vasto, pois são muitas as possibilidades de ações, algumas que já se encontram em funcionamento, outras que necessitam ainda de implementação, mas a constatação é de que o Cuca tem um espaço enorme para atuação na comunidade local e em regiões vizinhas, podendo portanto, continuar expandindo o seu raio de atuação para outras cidades, mas também se voltar para espaços que merecem especial atenção em nossa cidade, como o exemplo que acabamos de ver, voltando-se para uma ação consistente entre os alunos das escolas públicas, reconhecendo o

que apresenta um outro gestor quando assinala que “a arte é o veículo que move de certa forma tudo”. Ora, com efeito, tamanho potencial de ação não pode ser ignorado.

Por isso, vale ainda citar mais uma reflexão que verificamos nos dados da pesquisa de campo, pois um dos gestores nos convida a pensar a arte além de uma relação diletante, ao advertir que

[...] pensar a arte de uma forma com, como um mero diletantismo, reduzir a arte apenas a isso, é uma visão que ainda marca lamentavelmente a universidade e conseqüentemente que tem definido muito da, quando eu digo da nossa, da cultura universitária de um modo geral, né? [...] por estar marcada por esta leitura, que menospreza ou que não reconhece um papel significativo das ações artísticas, na promoção das artes, faz isso de forma muito marginal, de forma muito acessória, é... cosmética muitas vezes, [...]. Então, muito frequentemente, nas universidades, temos momentos culturais para marcar eventos, [...] como momentos de descontração em eventos científicos. É claro que eu tô fazendo uma generalização aqui, uma muito superficial, é claro que você pode ter experiências pontuais, mas diferenciadas, mas o que eu tô pontuando é a questão do que é a regra, do que é a tendência daquilo que a gente observa como sendo uma prática mais difundida. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Portanto, não podemos ignorar que o papel das ações artístico-culturais vai muito além dos momentos de descontração. Há um potencial transformador que deve ser considerado sob diversos aspectos, desde as experiências pessoais, que não podem certamente descartar a experiência do diletantismo, mas incluindo também as questões sociais, o potencial econômico da indústria criativa, da produção artística. Esses elementos ampliam ainda mais o sistema que embasa a elaboração e implementação de políticas culturais, porquanto a ideia desse trabalho seja exatamente identificar como pode ser aprimorada essa política no âmbito da Uefs, e nesse tópico convém pontuar tais possibilidades, como forma de reflexão sobre os caminhos que podem ser construídos e trilhados por tão importante organização a fim de contribuir com suas ações para o relevante alvo de desenvolvimento e aprimoramento da sociedade.

Por fim, concluiremos esse tópico sobre a missão, com a reflexão de um dos participantes sobre o significativo papel do Cuca e como este pode servir de exemplo para que mais iniciativas semelhantes sejam implementadas em nosso país. Em sua visão, é desejável que essa referência de ação seja considerada para que as instituições de ensino superior atuem mais concretamente e colaborem com a formação artística, enriquecendo o repertório cultural daqueles que estão no seu raio de ação. Nesse ponto, a implementação do centro cultural é com efeito um exemplo, e demonstra existir considerável potencial nessa área.

4.3.3 Perspectivas futuras

Nesse tópico do trabalho pretendemos analisar os dados coletados entre os gestores que possuem relação com as perspectivas futuras de atuação do Cuca e, em grande medida, com os desafios que circundam tais percepções. Esperamos assim que essa análise seja um componente relevante na construção das diretrizes de aprimoramento que pretendemos elaborar. Nessa construção, insta considerar o panorama nacional configurado enquanto esse trabalho esteve em desenvolvimento, por ser um elemento fundamental para análise das observações e propostas mencionadas pelos participantes e também para definição de planos. Nessa vertente, voltemos primeiramente o nosso olhar para a cultura e os impactos do cenário atual sobre a atuação das universidades nesse campo. O relato de um dos gestores traduz com clareza esse momento, pois segundo o participante,

[...] a percepção das universidades de um modo geral sobre o seu papel na promoção da cultura na sociedade, [...] está muito fragilizada. É claro que isso tem a ver também com o contexto social e político que a gente vive nesse momento. É um contexto de ataques sistemáticos à universidade pública, de fragilização deliberada das universidades, em muitos casos, né? Principalmente no âmbito federal, de um, uma dinâmica de praticamente de sangria dessas universidades, reduzindo-as ao mínimo, do mínimo, do mínimo. E é claro que quando você tem uma situação como essa, é... a tendência é de ir reduzindo as ações àquilo que se considera ser o essencial, do essencial, do essencial e conseqüentemente como a arte predomina, ou melhor dizendo, como acerca da arte predomina uma visão como coisa supérflua, as expressões artísticas normalmente são as primeiras coisas a serem cortadas nessa dinâmica, nesse cenário de escassez e de penúria. [Ainda acerca da arte] predomina uma visão de secundaridade, [...] de ser coisa secundária a arte no ambiente universitário. Fazem-se esses cortes sem maiores é, entendendo-se que não há maiores problemas em relação a isso. Então, o papel da universidade na promoção da das artes hoje, eu acho que está muito aquém do que deveria e do que poderia ser. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Pensando especificamente na realidade do Cuca, aos desafios do cenário político relatados acima, soma-se ainda uma leitura limitada dos órgãos e setores no âmbito estadual sobre a função do complexo cultural ligado à universidade. A singularidade do centro cultural, é inegavelmente um outro elemento que em certa medida obsta a aplicação de determinadas soluções para os desafios enfrentados. Desse modo, o que se constata é que existem implicações administrativas que decorrem de algum modo da particularidade da instituição. Na ótica do mesmo gestor que citamos acima, tais implicações se dão porque não é natural para as instâncias governamentais e também para as instâncias internas da Uefs distinguirem como as atividades desenvolvidas no Cuca estão articuladas à dinâmica universitária, pois, ainda na visão do gestor, embora essa seja, “uma expressão central e vigorosa da

extensão universitária”, ainda prevalece uma visão sobre a extensão “que nos parece um tanto mais limitada”.

Considerando a realidade acima descrita, podemos afirmar que não são poucos os desafios ao tentarmos vislumbrar o futuro da política cultural da Universidade, todavia, um aspecto que certamente não pode ser pedido de vista, é o fator inovação, a ser contemplado em qualquer que seja o plano elaborado, sobretudo quando tratamos especificamente do Cuca. Tal expectativa fica evidenciada na fala de um dos gestores, que entende a unidade

[...] como um ambiente de fomento à inovação, como um espaço [...], uma espécie de ambiente incubador de novos grupos, de novas ideias e de novas propostas, de novas experiências, [...]. Acho que o Cuca ele reúne esse [...] potencial hoje e sobretudo nesta dimensão de ser um ambiente possível de experienciar novas vivências artísticas, que é uma coisa que tem marcado a sua existência ao longo dos últimos anos. Eventos, atividades que foram iniciadas no Cuca, hoje fazem parte do calendário cultural da universidade, foram calendarizadas, se tornaram eventos públicos, de toda a Feira de Santana e eu acho que essa é uma experiência que resulta desta iniciativa de produzir coisas novas. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

No bojo das ideias de futuro, considerando aquilo que já se encontra bem constituído entre as ações do complexo, cabe destacar alguns aspectos mencionados pelos gestores que podem intervir de forma positiva nas proposições e projetos desenvolvidos pelo Cuca, dado que nas falas, esses participantes apontaram requisitos essenciais para que as atividades sigam em desenvolvimento e também contem com a possibilidade de ampliação. Nessa vertente, os gestores destacaram a questão da estrutura física, da comunicação e do aprofundamento da formação.

No eixo da questão da estrutura, em relação às perspectivas futuras, foi destacado que a correção dos problemas atuais, decorrentes do desgaste natural resultantes dos 26 anos de funcionamento da instituição, pode certamente ampliar a capacidade de ação do centro cultural. Saliente-se que atualmente, na visão de um dos gestores, “nenhuma das condições efetivamente existentes hoje compromete, digamos assim, ou limita efetivamente as ações do Cuca, embora a manutenção necessária possa retomar dinâmicas e potencializar novos projetos [...]”. Assim sendo, as expectativas apontam densamente para a realização de manutenções e reparações.

Em relação à comunicação e divulgação das ações, há o reconhecimento de que o Cuca ainda está longe de ter uma estrutura comunicativa que corresponda ao que se realiza no centro cultural, ou seja, uma dinâmica “capaz de dar a adequada visibilidade” ao que é produzido no âmbito da instituição. Lamentavelmente, tal realidade ainda é um grande empecilho para um melhor alcance das ações do centro cultural, no entanto, compreendemos que tal reconhecimento possa exercer um efeito propulsor para efetivas mudanças em uma área tão fundamental.

No terceiro eixo citado por nós acerca do que já está atualmente contemplado pela instituição, na avaliação dos gestores, vale citar as questões relacionadas à

formação artística, especialmente duas demandas a serem melhor pensadas no desenvolvimento da política cultural da Uefs. A primeira delas passa pela identificação e avaliação dos benefícios da principal linha de ação do Cuca, que é o seu programa de formação artística. Empiricamente, já se conhece um pouco do alcance dessas ações, notadamente sobre as diferentes faixas etárias atendidas pelo programa, sendo também citadas pelos gestores, que entre as pessoas atendidas, constata-se melhorias das habilidades de interação social, de comunicação, de aprendizado em outros campos da formação educacional, da linguagem, e, portanto, do desenvolvimento das potencialidades pessoais.

Contudo, um deles alerta para o fato de que essas dimensões ainda não estão devidamente mensuradas, cabendo ainda a concepção de pesquisas com esse foco para conhecimento desses dados. Isso viabilizaria a identificação de casos e também a quantificação dessas experiências, tornando mais claro o impacto que se estima ter a arte na vida das pessoas que a vivenciam. Lembramos que o gestor observa que tais situações são frequentemente vivenciadas e vistas pelos integrantes da equipe do Cuca no cotidiano por meio de relatos de diversos alunos, mas ainda não estão devidamente sistematizadas. Compreendemos, desse modo, que essa é uma das vertentes que a instituição deve ter em vista no aprimoramento das suas ações.

A segunda das demandas mencionadas que também envolve a questão da formação, trata da possibilidade de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos por meio das oficinas artísticas. Nesse sentido, um dos entrevistados pontua que

[...] tivemos um curso de formação básica em música, o antigo Curso Básico de Musicalização, que foi extinto em 2018, entre 2017 e 2018, com a proposta de implementação de uma outra dinâmica de formação, essa um pouco mais livre, um pouco mais diversificada, mas que, eram as chamadas trilhas de formação, né? Formadas por diferentes oficinas independentes, mas que poderiam ser cursadas de forma articulada, de modo a formar esta trilha de formação em música, que se percorrida, garantiria, asseguraria um conhecimento, um know-how na área de música [...]. As trilhas de formação pretendem, [...] ser mais versáteis, mais fluidas, ainda que sem deixar de ofertar esses, os mesmos elementos de formação.

É, ocorre que essas trilhas elas não tiveram uma aceitação tão grande, ou não tiveram essa aceitação esperada, pela própria comunidade, que não percebeu a trilha, as trilhas, como um curso, como uma unidade e isso dificultou, tem dificultado a preservação daquele mesmo processo ou de um processo equivalente de formação em música, ao que nós tínhamos com o Curso Básico de Musicalização. Mas isso também é um elemento que pode ir, seguramente será revisto nos próximos, no curto prazo, no curto e médio prazo. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Vejamos que o exemplo dado pelo participante se restringe à linguagem musical, no entanto a demanda para maior aprofundamento na formação foi apontada também em outras linguagens. Desse modo, a partir do que vemos na citação acima, é possível concluir que, mesmo reconhecendo que a estratégia necessita de avaliação e ajustes, o que deve certamente ser visto pela instituição, essa seria uma

possibilidade a ser pensada de modo similar para as demais linguagens, e que poderia assegurar e também estimular um maior envolvimento daqueles que se interessam em compreender e praticar determinada área artística com maior desenvoltura.

Outras considerações foram similarmente pontuadas pelos gestores como perspectivas futuras para o Cuca. Ressalvamos, entretanto que, em nossa compreensão, algumas dessas últimas considerações, embora já reconhecidas, não se encontram contempladas de modo pleno nas ações institucionais, podendo receber, portanto, maior atenção na administração do centro. Desse modo, discutiremos aspectos sobre a relação da instituição com os artistas, sobre a ampliação das ações, sobre a expansão da política cultural para o *campus* universitário, e por fim, sobre as potencialidades relacionadas ao fomento da economia.

O primeiro aspecto desse grupo de considerações trata do Cuca como um espaço de visibilidade para os artistas. Nesse sentido, destacamos a fala de um dos gestores que compreende o Cuca como um órgão de referência “para que novos talentos sejam revelados e também para que os talentos que existem na nossa cidade sejam de fato sempre lembrados e sempre vistos no cenário cultural”. Com efeito, o complexo cultural é um espaço que os artistas podem contar para mostrarem o seu trabalho, seja por meio de seus eventos ou de apoios diversos, embora tal iniciativa conte atualmente com certas limitações se compararmos com os momentos que antecederam as já mencionadas crises orçamentárias no Estado.

Observamos ainda, uma ressalva feita por esse mesmo gestor acerca da relação do Cuca com a classe artística, que nos leva a uma reflexão sobre a demanda por ele apresentada, visto que essa classe é um dos grupos que integram as partes interessadas na política cultural da universidade. Desse modo, vale atentar para o que sugere o participante, ao refletir acerca do Cuca que

[...] no aspecto das políticas e das ações executadas, eu acho que tem um enorme acerto. Nada teria a reparar nesse aspecto, mas na questão relacional com um determinado público de Feira de Santana, que é público intelectual, artístico, acho que o Cuca poderia estabelecer um diálogo para tentar entender como ele é visto por esse público e o que esse ainda aguarda, ainda espera do Cuca. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Essa sugestão, por certo, contempla uma demanda a ser considerada na gestão do centro cultural, que é a sua aproximação dos artistas em um processo de escuta e alinhamento de estratégias, com o objetivo de melhor estimular e promover a arte e a cultura na cidade. Obviamente, no cenário de dificuldades orçamentárias e financeiras que a Uefs vem experimentando, o atendimento de muitas das necessidades apontadas pelos artistas tende a não se concretizar, entretanto, compreendemos que o diálogo se configura comumente como o melhor caminho para o encontro de soluções para problemas que afligem não somente um grupo específico, mas todo um campo.

Nessa vertente, pontuamos também mais um aspecto destacado nas entrevistas sobre as potencialidades das ações do Cuca, pois na visão de um outro gestor, ao centro cultural cabe o papel de investir “na inovação artística, na inovação cultural [...], na abertura de novos flancos de atuação da experiência e de sujeitos artísticos e culturais na cidade”. O gestor assinala que esse seria, no tempo atual, o principal propósito do centro cultural, sem abrir mão, contudo, dos projetos que já estão consolidados. Unindo a demanda apontada anteriormente à fala que acabamos de citar, compreendemos que uma possibilidade de ação seria a criação de editais de apoio aos artistas individuais e aos grupos artísticos, seja com incentivos financeiros ou ainda com a oportunidade de maior uso dos equipamentos que o complexo cultural dispõe.

O próximo aspecto passa por uma maior interação do Cuca com a comunidade acadêmica, notadamente com uma atuação mais vigorosa no *campus* universitário. O gestor reconhece que o centro cultural atua com louvor fora dos muros da Uefs, mas ressalta que a unidade ainda possui “uma dívida de fomentar espaços de cultura, socialização dessas linguagens artísticas e culturais dentro das dependências do *campus*”. Segundo o entrevistado, lamentavelmente esse fator é uma marca histórica da trajetória da instituição e vem sendo observado pelos membros da comunidade universitária. O gestor conclui a sua ponderação com a seguinte análise: “se tivesse que inovar e acrescentar alguma coisa nas ações do Cuca, isso mereceria um peso e ser bastante considerado”.

Concluindo o tópico sobre as perspectivas futuras, vamos abordar o último aspecto daqueles que apontamos como demandas que ainda necessitam ser melhor contempladas, a saber, o potencial de fomento à economia vinculado às atividades artísticas e culturais, que ainda é pouco mensurado e também pouco conjecturado pela política cultural da Universidade. Interessante notar que esse assunto foi mais discutido em âmbito nacional em um período recente, no qual o Brasil ainda contava com um Ministério da Cultura, visto que as potencialidades desse campo tiveram nesse momento melhor visibilidade nas ações governamentais, sendo tratado dentro da perspectiva da indústria criativa.

No caso do nosso objeto de estudo, entre os gestores, destacamos uma fala sobre o fator econômico de forma direcionada para um dos eventos promovidos pelo Cuca, no qual conseguimos ver com maior clareza tal efeito, embora esse potencial não esteja restrito a um momento único e específico. Referimo-nos aqui ao já citado Bando Anunciador, que na visão do gestor tem impactado a sociedade em muitos níveis, estimulando de modo particular o consumo e o mercado de serviços na cidade, dada a quantidade de pessoas que participam do evento. Apenas como um exemplo, ele cita que em função do Bando, há registros de picos de movimentação em lojas de fantasias, em bares e restaurantes, no mercado de produção de camisas, além de uma grande dinamização que ocorre na dimensão da informalidade, com o envolvimento de significativo número de ambulantes durante o desfile. Com efeito, nas palavras do gestor, nota-se o potencial desse evento “de movimentar, de fomentar, de potencializar a economia da cidade”, com estímulo à circulação econômica. O gestor conclui a sua observação ressaltando que

A arte, ela tem um potencial que não se encerra na mera apreciação subjetiva, diletante da beleza artística, ela não se encerra na mera fruição, ainda que esses elementos sejam extremamente significativos, a fruição da obra de arte pode salvar uma vida, literalmente pode curar [...] um espírito doente, digamos assim, adoecido, mas há também esta dimensão pragmática, tudo isso faz parte da atuação de uma instituição como o Cuca. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Por fim, consideramos válido ainda apresentar a afirmação expressa por um dos gestores que reflete as expectativas em torno da implementação de políticas culturais atreladas à educação, notadamente por meio de universidades:

[...] não há desenvolvimento econômico social, não há desenvolvimento da sociedade, nenhuma transformação da sociedade existe sem a cultura, sem a educação e a cultura. Então o trabalho da universidade é esse, é fomentar o desenvolvimento da cultura para que através da cultura as pessoas sejam, se tornem mais gente, mais felizes, descubram a si própria, cresçam como ser humano e crescendo como ser humano sejam capazes de fazer com que outros cresçam e que a sociedade floresça em desenvolvimento. (ENTREVISTA GRUPO 5, 2021)

Em síntese, em nossa compreensão, o anseio de modo geral passa pela atuação consistente da universidade, por meio de uma política cultural que considere as diferentes demandas da sociedade e que continue a contribuir efetivamente com o sistema cultural, ampliando ainda mais o raio de ação da Uefs, pois não resta dúvida sobre o potencial que a instituição possui. Como conclusão, ressaltamos que o objetivo final da implementação e desenvolvimento de uma política pública possui foco na geração de benefícios para a sociedade, haja vista o propósito principal de colaborar com a resolução de problemas que se configuram e afetam a coletividade, que no caso em questão se volta de modo específico para os planejamentos e as ações na área de arte e cultura.

4.4 O QUE APRIMORAR? IDENTIFICAÇÃO DE PRIORIDADES

Esse último tópico do capítulo de análise dos dados será um pouco mais objetivo que os demais, pois tem como proposta uma análise sintética, na forma de um quadro resumo, dos aspectos que foram considerados mais importantes na visão dos entrevistados acerca das necessidades de aprimoramento da política cultural da Universidade, desenvolvida por meio do Cuca.

Para isso, ao final das entrevistas, tanto os participantes das ações, como os gestores da política cultural da Uefs, foram perguntados especificamente sobre o que na atuação do Cuca poderia ser aprimorado hoje. Essa pergunta pretendeu captar tal percepção entre os participantes, com o objetivo principal de identificar as prioridades

de ação para definição de diretrizes. Tratam-se, portanto, de elementos que, na visão dos sujeitos da pesquisa, necessitam de maior atenção por parte da Universidade no desenvolvimento da sua política cultural.

QUADRO 9 – Síntese das prioridades de ação na visão dos sujeitos da pesquisa

Assunto abordado	Trecho da entrevista	Grupo
Acessibilidade	[...] estávamos falando sobre acessibilidade e é uma questão muito importante que a gente precisa falar mais sobre isso [...]. Já tive uma aluna [...] dentro do Cuca [...], dessa dificuldade de mobilidade dela [...]. Claro, nós tivemos, tem rampa de acesso ali na região térrea, mas [...] pensando no acesso para parte superior, é mais difícil. [...] Acessibilidade é importantíssimo.	Credenciados
Ações no campus universitário	Há sempre uma fala representação social, vou chamar assim de representação social, de que o Cuca faz muita coisa para fora dos muros da UEFS, mas que o Cuca ainda deve muito, ainda tem uma dívida de fomentar espaços de cultura, socialização dessas linguagens artísticas e culturais dentro das dependências do campus. isso é uma coisa histórica que é comentada e acho que se tivesse que inovar e acrescentar alguma coisa nas ações do Cuca, isso mereceria um peso e ser bastante considerado.	Gestores
Comunicação	Divulgação maior dos eventos no MRA, na galeria ou do teatro assim, na grande mídia.	Artistas
Comunicação	Eu acho que a questão da divulgação [...]	Credenciados
Comunicação	[...] nossos meios, nossa dinâmica de comunicação podem melhorar.	Gestores
Comunicação	A divulgação poderia ser aprimorada [...]. A demanda é muito grande e quando a gente melhorar essa divulgação eu acho que a demanda vai crescer mais ainda [...].	Gestores
Estrutura	[...] eu acho que o Cuca poderia, pode tentar resolver de alguma forma, abrir as portas do MRA para a comunidade, para que a comunidade abrace o Cuca e o Cuca abrace o MRA.	Artistas
Estrutura	[...] oferecer um melhor local para se trabalhar. [...] a sala que eu dou aula [...] não tem janelas, então ela é fechada, totalmente fechada, e eu trabalho com dois ventiladores, mas não dá conta. [...] e as barras [...]. [...] nós professores não temos um banheiro. [...] [o banheiro geral do Cuca] é aquele banheiro que já é gasto né, muito uso, muitos anos de uso, então tem aspecto de banheiro de posto de gasolina [...].	Credenciados
Estrutura	Transporte na porta do Cuca. [...] será que não pode pedir que o ônibus pare aqui na porta? Passar o roteiro depois de determinado horário, passe o roteiro por ali ao invés de ser fora, [...] porque ele passa na Matriz. Eles acham perigoso, de sair dali para Matriz ou para o Sesc pegar o ônibus.	Credenciados
Estrutura	O teatro já cabe renovação de aparelhos, de concepção, de instrumentalização. O Museu já admite também, mesmo porque, como em todas as áreas, esse, esses campos são dinâmicos né. Os aparelhos, os recursos técnicos operacionais que existem hoje, inexistiam há 26 anos [...]. Ou aqueles que existiram já têm versões muito mais modernas, muita mais, com muito mais potencialidades. Isso precisa também de ser trabalhado, dentro do que o Estado e a sua dinâmica nos permitem, no ritmo que isso é possível, mas é um campo também a ser, digamos assim, aprimorado constantemente, não só agora, constantemente aprimorado.	Gestores
Estrutura	O espaço físico poderia ser aprimorado. [...] Por que a demanda é muito grande, certo e nós não podemos contemplar esta demanda porque não temos salas suficientes. [...] a questão do espaço físico	Gestores

	é porque nós temos uma demanda muito grande e essa demanda não é contemplada, porque nós não temos salas suficientes para colocar os alunos.	
Estrutura	Eu acho que o Cuca tá muito abandonadinho nessa questão estrutural. Eu passo pelo Cuca nesse momento [...] dá uma vontade de fazer uma coisa, de fazer outra. [...] pela profunda admiração, respeito e vontade que o Cuca seja sempre lembrado por todos, a vida inteira, [...] e que eu quero que daqui a 20 anos ele seja lembrado da mesma forma e com mais vigor ainda. [...] Feira de Santana, ter um centro universitário de cultura e arte, é algo fundamental. É exemplo pro Brasil entendeu? Isso eu posso te garantir, é exemplo pra o Brasil. [...].	Parceiros
Inovação	[...] focar na inovação das experiências artísticas na cidade, sermos um palco e um ambiente propício a esta inovação.	Gestores
Novos projetos	Eu acho que a gente poderia sim dar uma mudada na dança do Cuca, oferecer outras coisas.	Credenciados
Política de uso do espaço	Favorecer, talvez mais, não sei se por cotas, uma participação maior dos grupos de teatro nas pautas, no acesso ao espaço do Cuca. [...] Formas que democratizassem mais o acesso ao, ao teatro mesmo, assim, acho que seria bom.	Artistas
Política de uso do espaço	Tentar desenvolver mais aquele teatro, aquele espaço, dinamizar mais, colocar cada vez mais a serviço da comunidade de Feira, comunidade regional. Espaço bom, bem centralizado.	Gestores
Programa de formação artística	Isenção [...] das taxas para oficinas.	Artistas
Programa de formação artística	O pessoal me pedia muito aulas noturnas, aulas de desenho, aulas de pintura noturna, as pessoas queriam, as pessoas que trabalham né, e gostariam.	Credenciados
Programa de formação artística	Eu noto que ainda existe uma população mais distante, uma população periférica, [...] ainda precisa muito movimento, especialmente com os estudantes e com a comunidade de um modo geral. Não só os estudantes da Uefs, mas também com os estudantes das escolas de 1º e 2º grau, que precisam estar integrados e isso eu noto que tá falho. Isso não está acontecendo ou se está, ainda tá muito, de uma forma muito incipiente, precisa melhorar. Porque são essas raízes que fazem com que a comunidade valorize a cultura, produza cultura e entenda de cultura.	Gestores
Programa de formação artística	Eu acho que já estaria também na hora de se criar uma escola de teatro partindo daquela inspiração toda, porque não avançar um pouco mais e partir para escola de teatro, tem tantos artistas em Feira, é uma classe grande, temos bons artistas nessa cidade [...].	Gestores
Relação com artistas	Eu tenho impressão que já passou algum tempo em que acho que não temos uma avaliação das ações do Cuca talvez pela própria classe artística, a gente, eu lembro de ouvir algum tempo atrás de ter relatos de artista dizendo que o Cuca se distanciou dos artistas. Eu até que acredito que um pouco da razão disso tem a ver com a fase em que [...] estar inserido nas oficinas do Cuca e etc representava uma segurança financeira inclusive. E houve uma mudança nessa relação né, ela foi colocada por questões burocráticas, administrativas, auditorias, órgãos de controle e as regras tiveram que mudar. Então assim me parecia que tinha pessoas que estavam muito tempo numa relação com o Cuca, dentro da estrutura de funcionamento do Cuca e aí eu estou falando de intelectuais, de artistas, de personalidades que estão nesse meio cultural e me parece que ter mudado essa forma de funcionamento fez com que algumas pessoas perdessem o acesso a essa estrutura, a esse espaço, e toda vez que a gente tem perda de espaço, perda de influência, de prestígio, etc, isso gera	Gestores

	descontentamento. Por outro lado, eu acho que tem uma geração de artistas que mesmo, que não tiveram essa relação anterior com o Cuca, então é preciso se perguntar essa nova geração como vê o Cuca e que relação ela deseja ter com o Cuca. Acho que a minha resposta vai nesse sentido de buscar reflexões e avaliação de fora.	
Relação com artistas	[...] criar uma política dentro do próprio cuca de aproximação com os artistas e produtores culturais e a comunidade, [...] segmentos sociais, para [...] tentar resolver essas questões que o Cuca em si não está conseguindo resolver. [...] de manutenção, de própria estruturação física. [...] o Cuca atuar um pouco mais junto a um grupo de pessoas, que representem a sociedade, tanto da parte de artistas, como na parte setores [...].	Parceiros

5 APRIMORAMENTO DA POLÍTICA INSTITUCIONAL DE CULTURA NA UNIVERSIDADE

Nesse capítulo, temos como proposta apresentar as diretrizes de aprimoramento da política institucional de cultura da Uefs, na forma de uma minuta de resolução de política de arte e cultura. O ponto de partida para elaboração dessa proposta foi o presente trabalho de pesquisa, modelos de política elaborados por outras universidades e a sistematização de informações que constavam nos dois últimos Planos de Desenvolvimento Institucional da Uefs, relativas à área de arte e cultura (UEFS, 2013a; 2019). Isto posto, lembramos que, embora tenhamos verificado que há ainda diversas outras ações implementadas por diferentes setores da Uefs na área de arte e cultura, o nosso objetivo se manteve delimitado e guiado pela realidade do Cuca, por ser este o nosso objeto de estudo e pela expressividade desse órgão na gestão do campo em discussão.

Desse modo, sinalizamos preliminarmente a necessidade de investigações futuras com novos focos que possam enriquecer e complementar o processo de construção e concretização da institucionalização dessa política, porquanto a minuta ora apresentada pretende ser uma proposição inicial a ser analisada e pensada junto com representantes da comunidade acadêmica, a fim de contemplar as muitas possibilidades de intervenções da universidade no campo artístico-cultural, incluindo as atividades desenvolvidas por outros setores da instituição.

Voltando o olhar para o caso do Cuca, cumpre observar que, conquanto conte com relevantes iniciativas que contemplam a perspectiva antropológica e, portanto, vislumbram o conceito mais amplo de cultura, a atuação primária do centro cultural ocorre dentro da dimensão sociológica de cultura, com foco principal nas ações artísticas. Desse modo, verificamos a possibilidade de manutenção desse formato de atuação na política que apresentaremos, visto que há o entendimento de que tais dimensões não são excludentes e podem ser desenvolvidas de forma complementar.

Por fim, considerando as análises e explicitações apresentadas nos capítulos anteriores, insta destacar o entendimento de Brizuela e Teixeira (2019) sobre a efetividade de uma política cultural universitária, haja vista que no entendimento dos autores, um caminho para o alcance de tal efetividade deve necessariamente se constituir de cinco diferentes elementos, a saber: a existência de um equipamento

cultural; a oferta da formação na área de arte e cultura por meio da graduação e da pós-graduação; a formalização de um órgão responsável pela gestão cultural hierarquicamente instituído e ainda a institucionalização de um plano de cultura na universidade. Ora, tal desenho converge de forma significativa para a realidade do fenômeno em estudo, pois podemos afirmar que a Uefs atualmente conta com os quatro primeiros elementos mencionados pelos autores, sendo o quinto elemento justamente a proposta que trazemos em nosso trabalho.

Ante o exposto, salientamos que, em um cenário ideal, a minuta por nós apresentada no próximo tópico deve ser encaminhada para discussão da comunidade acadêmica, na forma de uma consulta pública, para que sejam somadas à essa proposta inicial as contribuições de gestores da universidade, docentes, discentes e técnicos que estejam envolvidos com as ações de arte e cultura. Após tais contribuições, a minuta então deve ser submetida à apreciação do Conselho Superior da Uefs, para possível implementação institucional.

5.1 MINUTA DE RESOLUÇÃO DA POLÍTICA CULTURAL DA UEFS

RESOLUÇÃO N.º ____/____

Estabelece a Política de Arte e Cultura da Universidade Estadual de Feira de Santana e dá outras providências.

A Reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana, no uso de suas atribuições e considerando a necessidade de definir as diretrizes para ações de arte e cultura na universidade;

CONSIDERANDO o que determina o artigo 215 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988,

CONSIDERANDO os princípios estabelecidos no Art. 6º, do Capítulo III do Estatuto Geral da Uefs.

RESOLVE:

Art.1º Aprovar a Política de Arte e Cultura da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), na forma do Anexo I.

Art.2º Esta resolução entra em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Feira de Santana, ____ de _____ de _____

Nome do Reitor
Reitor

ANEXO I

CAPÍTULO I – DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º A Universidade Estadual de Feira de Santana tem como alvo atuar, por meio de diferentes estratégias, na promoção dos direitos culturais. Além disso, se propõe a fomentar a atividade artística e cultural com fins à consolidação de programas, projetos e ações que favoreçam o florescimento desse campo tanto no âmbito interno, como na comunidade local. Nesse sentido, a instituição reconhece o papel fundamental das experiências artístico-culturais para o desenvolvimento local e social, contribuindo com uma maior harmonia nas relações que se estabelecem na sociedade.

Art. 2º A noção de cultura adotada na elaboração da política de arte e cultura da Uefs abrange as dimensões antropológica e sociológica de cultura, a partir do entendimento de que essas dimensões não são excludentes. A primeira contempla a concepção ampla do termo, se concentrando nos modos de fazer da população, em como as relações se desenvolvem, nas construções sociais, nos hábitos e costumes de um grupo, nas práticas e experiências determinadas pelos locais de vivência. A segunda se concentra no universo das artes, e no caso da Uefs, mantém foco no estímulo, no fomento, na difusão, na fruição e no acesso, visando promover efetivamente o desenvolvimento artístico, que envolve a produção de bens simbólicos.

Art. 3º O Plano de Arte e Cultura será o instrumento de implementação da Política de Arte e Cultura da Uefs e terá vigência de dois anos.

CAPÍTULO II - DOS PRINCÍPIOS

Art. 4º A Política de Arte e Cultura da Uefs tem como base os seguintes princípios:

- I. A cultura é um direito fundamental.
- II. Reconhecimento e valorização da diversidade cultural.
- III. Estímulo à experimentação e inovação.
- IV. Liberdade de expressão e criação.
- V. Promoção da cidadania.
- VI. Inclusão social.
- VII. Foco na relação universidade e sociedade.
- VIII. Valorização da cultura local.
- IX. Preservação do patrimônio material e imaterial.
- X. Compromisso com a comunidade interna e externa.
- XI. Atuação em rede.
- XII. Gestão e desenvolvimento sustentável.

CAPÍTULO III - DOS ELEMENTOS NORTEADORES E OBJETIVOS

Art. 5º A Política de Arte e Cultura da Uefs tem por base os seguintes elementos norteadores, com seus respectivos objetivos:

I - O reconhecimento da multiplicidade de dimensões da produção cultural:

Tendo como foco a valorização da diversidade das experiências, práticas e expressões culturais (inclusive do patrimônio imaterial), em suas mais diferentes linguagens e por diferentes agentes sociais.

Objetivos:

- Estimular a prática e a produção da arte e da cultura;
- Disseminar e motivar a produção científica no campo da arte e da cultura;
- Promover a integração entre o ensino, a pesquisa e a extensão nas atividades culturais;
- Valorizar e assegurar espaço para difusão da diversidade cultural;
- Desenvolver e fortalecer parcerias para aprimoramento do campo artístico-cultural na cidade;
- Desenvolver ações direcionadas tanto pelo paradigma da democratização, como pelo paradigma da democracia cultural;
- Organizar e promover eventos que contemplem diferentes linguagens artísticas;
- Realizar mostras e exposições nos diversos equipamentos culturais da universidade;
- Consolidar o apoio à divulgação de lançamentos de livros e de projetos literários;
- Realizar eventos acadêmicos, abertos à comunidade, que tenham a cultura como objeto de estudos e discussões, oportunizando a reflexão crítica de tais temáticas pelos mais diferentes segmentos sociais de modo tanto a evidenciar demandas específicas como a promover o diálogo e a troca de experiências.

II - A promoção do exercício da cidadania por meio da cultura:

Com objetivo de alcançar a universalização e democratização do acesso aos produtos culturais, assegurando assim a plenitude dos processos de inclusão social.

Objetivos:

- Assegurar o exercício dos direitos culturais à comunidade da região de abrangência da Universidade;
- Potencializar a cultura enquanto instrumento de inserção social e de promoção da cidadania;
- Manter a gratuidade dos eventos promovidos pela instituição;
- Consolidar e aprimorar a política de isenção total e parcial de taxas nas atividades regulares que possuem a cobrança de taxa módica;
- Assegurar o acesso de portadores de necessidades especiais aos espaços e equipamentos culturais, garantindo assim o pleno usufruto de suas potencialidades por tal público.

III - O desenvolvimento do potencial econômico da cultura:

Tendo por foco a ampliação das oportunidades de geração de emprego e de renda, para segmentos sociais menos privilegiados, a partir do exercício de suas vivências artísticas e culturais, considerando as especificidades e valores simbólicos dos bens culturais produzidos.

Objetivos:

- Incentivar a formação e capacitação da área de gestão e produção cultural;
- Adotar estratégias para conferir visibilidade aos grupos culturais oriundos da região, oportunizando o seu acesso à mídia (por meio das parcerias com os meios de comunicação locais), despertando assim o interesse por seus produtos culturais;
- Assegurar, sempre que compatível com a linguagem artística, um caráter profissionalizante ao tipo de capacitação desenvolvido, notadamente nas oficinas promovidas pelo CUCA;
- Assegurar a valorização dos profissionais que prestam serviço de formação artística na universidade, verificando critérios e prazos de pagamentos, favorecendo o interesse dos profissionais qualificados por tais atividades e consolidando a excelência nas atividades desenvolvidas;
- Consolidar o caráter público dos processos de seleção de prestadores de serviço de formação artística, com divulgação de editais na mídia.

IV - A integração com a comunidade:

Partindo do entendimento de que as ações desenvolvidas no Plano de Arte e Cultura devem ser planejadas a partir da comunidade e não para a comunidade como ente passivo, de modo a assegurar a eficácia e pertinência dos projetos propostos. Considerando que o foco do Plano deve se manter nas comunidades interna e externa.

Objetivos:

- Desenvolver atividades voltadas para a comunidade interna e externa;
- Enriquecer os laços entre a Uefs e a sociedade;
- Estabelecer uma relação com a comunidade artística local e regional, enquanto agentes relevantes no desenvolvimento de planos no campo da arte e da cultura;
- Estimular a participação da comunidade nas ações de arte e cultura desenvolvidas;
- Estimular a participação dos discentes em atividades de formação artístico-cultural promovidas pela universidade, incluindo a articulação com os colegiados para atribuição de horas de atividade complementar pela participação em tais ações;
- Promover ações de arte e cultura no *campus* universitário;
- Estimular o desenvolvimento de ações culturais oriundas de proponentes da comunidade interna e externa nos espaços específicos para esse fim;
- Oportunizar um campo de experiências profissionais e acadêmicas na área cultural para o público discente acadêmico através dos programas de bolsa.

V - Interação educação e cultura:

Considerando a relevância do processo de arte-educação, da educação patrimonial e o potencial existente em iniciativas que integram cultura e educação no desenvolvimento social.

Objetivos:

- Preservar, valorizar e difundir o patrimônio material e imaterial;
- Fomentar o desenvolvimento de atividades de formação artística;
- Estruturar ações que articulam arte, cultura e educação, a fim de potencializar os resultados das atividades nesses campos;
- Fornecer apoio didático à educação convencional, por meio de projetos em parceria com escolas;
- Estimular o uso dos equipamentos culturais da universidade como espaços de educação informais, complementares às experiências educativas da escola formal.

VI - Administração e gestão das ações de arte e cultura:

O planejamento de ações artístico-culturais deve contemplar a sustentabilidade dessas ações, com atenção à manutenção da estrutura e à organização necessária a essas atividades, a fim de favorecer a continuidade e também o fomento às inovações.

Objetivos:

- Desenvolver programas, projetos e ações com a finalidade de promover, estimular, fomentar e difundir a arte e a cultura na região de Feira de Santana e localidades próximas;
- Assegurar a gestão sustentável das ações artístico-culturais, garantindo a manutenção das ações já desenvolvidas e promovendo novas atividades e inovações;
- Melhorar a estrutura física dos equipamentos culturais e o suporte organizacional às ações de arte e cultura;
- Preservar e manter os equipamentos culturais sob responsabilidade da Universidade;
- Atuar de forma conjunta com outras instituições de ensino superior no desenvolvimento de ações de arte e cultura;
- Assegurar a acessibilidade nos equipamentos culturais da universidade.

CAPÍTULO IV - DAS COMPETÊNCIAS

Art. 6º A execução da Política de Arte e Cultura da Uefs será de responsabilidade do Comitê Interno de Arte e Cultura, cabendo ao mesmo:

- I. Coordenar a elaboração bianual do Plano de Cultura
- II. Monitorar e acompanhar a implementação do Plano de Cultura
- III. Elaborar estratégias para ampliação das ações de arte e cultura pela universidade

- IV. Integrar a comunidade universitária e a comunidade externa no desenvolvimento das atividades artístico-culturais
- V. Mapear as ações artísticas e culturais desenvolvidas no âmbito da universidade
- VI. Promover editais de fomento à atividade de arte e cultura para a comunidade interna e externa
- VII. Aprimorar o processo de comunicação e divulgação das ações de arte e cultura desenvolvidas pela Universidade
- VIII. Elaborar o cadastro de artistas, grupos e agentes culturais locais internos e externos
- IX. Acompanhar as melhorias estruturais e organizacionais dos equipamentos culturais mantidos pela universidade
- X. Elaborar ferramentas de monitoramento e avaliação das atividades constantes no Plano
- XI. Articular o envolvimento da comunidade universitária nas ações de arte e cultura promovidas pela Universidade
- XII. Organizar seminários, debates, fóruns e outros eventos voltados para a discussões sobre o campo cultural.

Art. 7º O Comitê Interno de Arte e Cultura será composto por representantes dos seguintes setores e/ou organizações da Universidade:

- I. Centro Universitário de Cultura e Arte
- II. Pró-Reitoria de Extensão
- III. Pró-Reitoria de Administração
- IV. Assessoria de Comunicação
- V. Assessoria de Planejamento
- VI. Rede de Museus
- VII. Sistema de Bibliotecas
- VIII. Editora Uefs
- IX. Livraria Uefs
- X. TV Olhos D`Água
- XI. Campus Chapada Diamantina
- XII. Departamento de Letras e Artes
- XIII. Colegiado de Letras
- XIV. Colegiado de Música
- XV. Diretório Central dos Estudantes
- XVI. Cerimonial Universitário

Art. 8º O Comitê poderá ser presidido de forma alternada por representantes dos setores integrantes, sendo priorizados aqueles que possuem maior proximidade com o campo artístico-cultural.

Art. 9º O representante será eleito pelos membros do Comitê e assumirá a condução deste por até dois anos, cabendo reeleição.

CAPÍTULO V - DO FINANCIAMENTO

Art. 10 O financiamento das atividades de arte e cultura ocorrerá por meio dos seguintes recursos:

- I – Recursos do tesouro do orçamento da Universidade;
- II – Recursos de arrecadação própria, por meio das taxas;
- III – Recursos oriundos de editais, termos de cooperação mútua, convênios, parcerias, leis de incentivo, acordos, entre outras fontes possíveis;

Art. 11 A gestão financeira das atividades de arte e cultura poderá ser gerenciada por fundação de apoio, de acordo com legislação específica.

Art. 12 O financiamento das atividades de arte e cultura promovidas por iniciativas da comunidade interna ou externa, com recursos da universidade, será feito por meio de edital amplamente divulgado.

CAPÍTULO VI – DO PLANO DE ARTE E CULTURA

Art. 13 O Plano de Arte e Cultura será elaborado considerando os princípios estabelecidos na presente Política, tendo por base estruturante os elementos norteadores e seus respectivos objetivos, na forma de programas, projetos e ações.

Art. 14 O Plano de Arte e Cultura terá a sua elaboração iniciada nos setores da Uefs que desenvolvem ações no campo da arte e da cultura, com base na estrutura estabelecida na presente política, sendo tais informações remetidas ao presidente do Comitê Interno de Arte e Cultura.

Art. 15 Os setores estabelecerão no Plano de Arte e Cultura as metas, os prazos e o nível de prioridade para cada uma das ações elencadas, sendo tais informações revisadas pelo Comitê Interno de Arte e Cultura.

Art. 16 Será de responsabilidade do Comitê Interno de Arte e Cultura a integração das informações fornecidas pelos diferentes setores, conforme descrito nos Art. 14 e 15.

Art. 17 Será de responsabilidade do Comitê Interno de Arte e Cultura a consolidação, a divulgação e o acompanhamento do Plano de Arte e Cultura.

Art. 18 O Comitê Interno de Arte e Cultura deverá ser atualizar semestralmente os dados de monitoramento do Plano, com o registro das informações acerca da sua execução.

CAPÍTULO VII – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 19 Os casos omissos nessa resolução serão resolvidos pelo Conselho Universitário.

Art. 20 Este documento entrará em vigor da data da sua publicação.

Feira de Santana, _____ de _____ de _____

Nome do Reitor
Reitor da Uefs

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propomo-nos nesse trabalho de pesquisa à realização de uma investigação a respeito de um fenômeno ainda pouco explorado nos trabalhos científicos, por entendermos que o resultado desse trabalho pode certamente colaborar com o melhor conhecimento do objeto e provocar reflexões que, em nossa compreensão, evidenciam as potencialidades e os desafios de empreendimentos dessa natureza. Nesse sentido, contamos que esse estudo e a melhor compreensão sobre o objeto possam, inclusive, servir como uma referência para iniciativas voltadas para o campo da arte e da cultura desenvolvidas por instituições do ensino superior.

Tendo como objeto a política cultural promovida pela Universidade Estadual de Feira de Santana, especialmente por meio das ações desenvolvidas pelo Cuca, a pergunta que direcionou este projeto de pesquisa foi: qual a percepção dos participantes das ações ofertadas pelo Cuca e de seus gestores em relação a política cultural promovida pela Uefs? Assim, com o objetivo geral de analisar tal política cultural na percepção dos gestores e participantes das ações promovidas pelo Cuca, nos dedicamos ao nosso primeiro objetivo específico de buscar identificar a percepção desses sujeitos acerca da efetividade da política da Uefs no campo da arte e da cultura local.

Partindo desse ponto, verificamos entre os participantes da pesquisa que muitos avanços ocorridos na área cultural localmente são atribuídos à atuação do Cuca, enquanto órgão que implementa a política cultural da universidade. Esses participantes demonstraram alto nível de satisfação com o que vem sendo implementado e reconheceram a qualidade dos serviços prestados pelo centro cultural.

Observamos ainda que os sujeitos identificaram impactos em suas experiências sociais a partir de suas vivências formativas em termos de ganhos educacionais, culturais, artísticos, econômicos e de lazer, o que por certo amplia a dimensão de sua cidadania efetiva. Desse modo, verificamos que as atividades desenvolvidas pelo Cuca/Uefs já impactam positivamente a sociedade regional com a formação tanto de um público consumidor de arte como de profissionais das artes.

Entretanto, como é comum nos processos de avaliação, obviamente constatamos que o contentamento referido não significa a ausência de necessidades de ajustes e demandas para aprimoramento das ações, as quais foram, em sua maioria, sinalizadas no capítulo de análise dos dados do nosso trabalho.

Em uma análise conclusiva sobre as percepções identificadas, não há dúvida de que as ações implementadas pela Uefs, por meio do Cuca, na forma da sua atual política cultural, vêm conseguindo contemplar diferentes demandas da sociedade no campo em questão, e que com efeito, o Cuca se destaca como um modelo de estruturação de ações de arte e cultura. Em nossa compreensão a partir da análise do conjunto dos dados coletados na pesquisa, os sujeitos avaliaram que as ações do centro cultural têm sido efetivas na promoção artístico-cultural na cidade. Alguns chegaram a assinalar que não conseguem imaginar o município de Feira de Santana sem a atuação da instituição.

Um outro elemento que se tornou relevante no estudo foi a análise da percepção dos participantes sobre o pagamento de taxa de valor módico para matrícula nas oficinas. Esse dado trouxe significativa colaboração para uma melhor compreensão sobre o processo de geração e uso de receita própria em universidade pública especificamente a partir do modelo adotado no centro cultural. Haja vista termos observado que uma das hipóteses, levantadas inicialmente na construção desse trabalho, se confirmou quando constatamos que, entre os sujeitos da pesquisa, há o entendimento de que o pagamento de taxas com valor acentuadamente mais baixo em relação a empreendimentos de educação artística privados não só não afeta negativamente a forma como os usuários compreendem a condição de instituição pública do Cuca, como reforça junto a esses usuários o papel da instituição pública como instância viabilizadora de acesso a políticas sociais. No caso em estudo, contamos com uma análise de caso concreto que alcança, com efeito, um expressivo conjunto de usuários. Destarte, existe a possibilidade do modelo de gestão financeira adotado pela instituição, em seu programa de formação artística, ser considerado uma tecnologia viável para expansão das ações de extensão universitária, em especial no campo artístico-cultural.

Vale destacar ainda que, entre os sujeitos da pesquisa, especialmente os participantes das ações, percebemos um reduzido nível de clareza quanto ao que esperam de uma política cultural formulada pela universidade de forma exata, tendo exposto as percepções de forma geral a partir de suas próprias vivências no centro cultural. Por outro lado, no caso do grupo dos gestores, reconhecemos haver maior clareza e uma visão mais ampla acerca da temática, tendo sido possível, a partir desse grupo ir além de questões pontuais como manutenção de estrutura e formulação de projetos de modo específico. Mesmo com tais particularidades, contar com a participação de todos os grupos nos assegurou uma amplitude de visão que permitiu a identificação de relevantes elementos para a formulação de diretrizes que resultaram no desenho da minuta de resolução da Política de Arte e Cultura que apresentamos no capítulo 5.

Avançando para o segundo objetivo específico, que pretendeu avaliar, a partir da análise documental, a base da política cultural da Uefs nos aspectos legais e de

sua execução, consideramos que há certa fragilidade na questão normativa, que é o elemento básico para assegurar e garantir a continuidade das ações de arte e cultura da universidade, não deixando-a à mercê de vontades políticas transitórias, que podem ser alteradas com uma mudança de gestão executiva, por exemplo. Nesse ponto, verificamos que há um movimento das instituições públicas de ensino superior na direção de formalização das suas políticas culturais na forma de resoluções aprovadas por seus conselhos superiores, como uma estratégia para garantia de continuidade de tais políticas.

O que nos leva ao nosso terceiro objetivo específico que foi a elaboração de uma proposta de minuta de resolução para a política cultural da Uefs. Essa construção se deu especialmente com base na análise dos dados coletados em nossa pesquisa, mas também unimos para nossa melhor compreensão, o exame de diferentes propostas de políticas culturais de outras instituições e também o que já constava formalizado nos últimos dois Planos de Desenvolvimento Institucional da Uefs. Tal conjunção nos levou à proposta apresentada nesse trabalho, mas que ainda carece de reflexão e possível inclusão de outros fatores não contemplados por nós, dado que as possibilidades de ação no campo da arte e da cultura da universidade não estão restritas ao nosso objeto de estudo (o Cuca), expandindo-se e sendo concretizada também por outros setores da instituição. O ponto importante nesse quesito é a atenção ao aspecto da institucionalidade, que foi também discutido no trabalho ora apresentado.

Insta observar que no desenvolvimento da pesquisa, ficou claro em nosso entendimento a influência e colaboração da política desenvolvida pela Universidade Estadual de Feira de Santana para significantes melhorias no cenário artístico-cultural local desde a sua implantação. Essas observações reforçam, em alguma medida, a nossa expectativa de contribuição para o aprimoramento de políticas públicas desenvolvidas por universidades nesse campo, considerando notadamente o exemplo, a representatividade e a especialidade do caso do Cuca.

Visualizamos assim, um vasto potencial de dinamização do desenvolvimento artístico-cultural das regiões beneficiadas com a presença de universidades, o que pode trazer grande avanço para a qualidade de vida dos seus habitantes. Ademais, é importante pontuar que o fomento de ações nessa área, favorece uma esfera de desenvolvimento econômico, na medida em que proporciona aos profissionais da área diversas possibilidades de atuação. Tem-se aí, em diferentes aspectos, oportunidades concretas para melhoria da condição social da população.

Além disso, o estudo trouxe elementos e subsídios para a geração de conhecimento no campo teórico acerca da extensão universitária e, portanto, para o enriquecimento desse conceito, levando em conta não só a amplitude de compreensões acerca do tema, como também as diversas formas de concretizações de ações possíveis nessa esfera. Nesse sentido, insta considerar a noção de responsabilidade social, como uma quarta via de atuação da universidade. Além disso, destacamos também a possibilidade de visualização da cultura enquanto dimensão complementar do tripé de atuação da instituição universitária.

Cumpra ainda observar que há um grande potencial na atuação estatal no campo da cultura e que a política cultural é o instrumento que norteia a ação pública para o desenvolvimento de programas, projetos e ações, com a consequente implementação de políticas sólidas e consistentes. Desse modo, compreendemos que investimento estatal é fundamental. Haja vista o dever do Estado de garantir a vivência dos direitos culturais, de oportunizar o espaço para criação e inovação, assegurando assim, as bases para o desejado progresso da sociedade. Nesse panorama, não podemos ignorar, o relevante papel das universidades, que podem ser consideradas instituições-chave nesse processo, sobretudo pela sua proximidade e conhecimento da região sob sua abrangência.

Tais instituições podem efetivamente estruturar políticas culturais para atender às necessidades do seu local de instalação, auxiliando na solução de problemas que de outra forma, poderiam restar ignorados e apenas se avolumarem, sem que estratégias fossem adotadas para melhorias do seu entorno. Nesse prisma, o que verificamos no caso da Uefs é que a instituição vem se preocupando com a solução desses problemas e trazendo contribuições valiosas no fomento do campo artístico-cultural, “na cidade e alhures”, como já vimos na construção do nosso trabalho.

Pensando a partir da composição de um sistema cultural, constatamos que a Uefs vem atuando concretamente no fomento à criação, na difusão, na circulação, no desenvolvimento de estudos e pesquisas, no estímulo à fruição, na conservação e preservação e também na área de organização e gestão cultural. Mesmo considerando essa significativa realidade, convém ponderar que ainda há o que refletir sobre o lugar da cultura no planejamento da universidade, tendo em vista o potencial de transversalidade do tema, que, como constatamos, tanto pode ser integrado ao tripé ensino-pesquisa-extensão de diferentes maneiras, como pode ser assumido enquanto dimensão complementar do tradicional tripé, como se observa na experiência da Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF), uma das instituições de ensino superior no Brasil que possui uma Pró-Reitoria de Cultura, e integra um limitado número de universidades pelo país que possuem tal configuração em seus organogramas.

Ante o exposto, cabe reconhecer a arte e a cultura como elementos estratégicos no aspecto formativo, o que deve por certo ser considerado pelas universidades, sobretudo por conta do potencial de interação que esses campos possuem com a área de educação. Com efeito, a aderência entre essas áreas é um fator que pode promover significantes avanços sociais. Na perspectiva da relevância dessa interação, compreendemos ser importante a ampliação e aprofundamento dessa relação, assim como o reconhecimento de que há muitos formatos possíveis para o desenvolvimento de políticas culturais e que um deles inegavelmente passa pelo modelo adotado no caso do nosso objeto de estudo, o qual, como já apontamos, possui alto nível de aceitação entre os usuários e os gestores.

Nesse sentido, salientamos que o centro cultural abrange diversas atividades e iniciativas (delineadas no capítulo três desse trabalho), a partir das quais conseguimos vislumbrar o raio de alcance dessa face da política de cultura da Uefs. Conta-se então, em pleno interior da Bahia, com uma universidade engajada na

produção e difusão artística e cultural, no impulsionamento da arte e a da cultura, que promove de modo contínuo o estímulo à arte e à criação humana. Em suma, em nossa visão, uma política de cultura se configura como um importante retorno da universidade à sociedade.

As possibilidades são diversas, as dimensões de atuação também, bem como os paradigmas que podem ser seguidos no desenvolvimento desse tipo de política. Essa realidade na Uefs ocorre de forma igualmente diversificada, pois a universidade busca assegurar a vivência cultural tanto por meio da democratização cultural, como pelo paradigma da democracia cultural. Assim como implementa atividades que contemplam tanto a dimensão sociológica como a dimensão antropológica de cultura. Mas sempre com o foco de que o impacto das suas ações e o conseqüente aumento do consumo cultural seguramente podem influenciar a formação de cidadãos com melhor consciência da realidade social e com novas habilidades e capacidades.

O exercício de olhar para o futuro, feito pelo professor Josué Mello em discurso proferido no ano de 1984, merece ser repetido no momento atual para que pensemos: O que será desse projeto daqui a 20 ou 30 anos? O que se pode alcançar? É certo que nesse trabalho, há indicativos que apontam para uma direção possível, por meio dos quais logramos trazer elementos correspondentes na forma do produto apresentado.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Gestão ou gestação pública da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007, p. 61-86.

ANDRIETTA, Gabriela. **Políticas para a exibição cinematográfica: a experiência internacional**. 70 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARAGÃO, Rita de Cássia. Itinerários da universidade no Brasil. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016a. p. 13-44.

_____. O contexto de gestação da Universidade da Bahia. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016b. p. 45-78.

ARAÚJO, Alcione. Esquizofrenia na educação e cultura. In: **Z Cultural – Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, ano IV, n. 3, s/p, 2009. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/ponto-de-vista-esquizofrenia-na-educacao-e-cultura-de-alcione-araujo-2/>. Acesso em: 22 ago. 2021.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Políticas Públicas de Cultura e Extensão Universitária. In: **Revista Cultura e Extensão**. Universidade de São Paulo (Usp). Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. São Paulo, v. 4, out. 2010.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA BAHIA. **Títulos e condecorações** – Cidadão Baiano: Josué da Silva Mello. Salvador: ALBA, 2011. Disponível em: <https://www.al.ba.gov.br/historia-do-legislativo/titulos-e-condecoracoes/homenageados/310>. Acesso em: 09 ago. 2021

ATLAS Brasil. In. **Plataforma Atlas Brasil**. 2021. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/acervo/atlas>. Acesso em: 20 set. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. **A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 272 p.

BONFIM, Eduardo. Políticas públicas culturais. **Revista Princípios**. Edição 70, p. 78-79, Ago/Set/Out, 2003.

BORGES, Renata Pletsch. **Política cultural na educação superior: os casos das universidades federal e do estado do Amapá – UNIFAP e UEAP**. 135 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento e Políticas Públicas) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**. v. 15, n. 2, 2001, p. 73-83

BOTELHO, Isaura. A política cultural & o plano das idéias. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007a, p. 109-132.

BOTELHO, Isaura. Políticas culturais: discutindo pressupostos. In: NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.), **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007b, p. 171-180.

BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 09 set. 2019.

BRASIL, Emenda Constitucional nº 48, de 10 de agosto de 2005. Acrescenta o § 3º ao art. 215 da Constituição Federal, instituindo o Plano Nacional de Cultura. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 ago. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc48.htm>. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL, Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 03 dez. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12343.htm>. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL, Emenda Constitucional nº 71, de 29 de novembro de 2012. Acrescenta o art. 216-A na Constituição Federal, instituindo o Sistema Nacional de Cultura. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 29 nov. 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc71.htm>. Acesso em: 22 jan. 2022.

BRASIL, Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Ministério da Saúde / Conselho Nacional de Saúde. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 24 mai. 2016. Disponível em: <http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581>. Acesso em: 17 out. 2019.

BRIZUELA, Juan Ignacio; TEIXEIRA, Simonne. Que política cultural é essa? Reflexões sobre a gestão pública da cultura nas universidades estaduais do Brasil. In: **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade – RELACult**, Foz do Iguaçu, v. 05, ed. especial, artigo n. 1543, mai. 2019.

CALABRE, Lia. Políticas culturais no Brasil: balanço & perspectivas. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007, p. 87-107.

CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no Brasil: dos anos 1930 ao século XXI**. (Coleção FGV de bolso. Série Sociedade e Cultura) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

CALABRE, Lia. Participação social na construção de planos setoriais de políticas públicas: Um estudo do Plano Nacional de Cultura. In: **Congresso de Gestão Pública** – Consad, Brasília, Painel 18/066 - Conferências, planos e conselhos: análise de processos participativos no campo da política pública de cultura, abr. 2013.

CARVALHO, Cristina Amélia; GUIMARÃES, Rodrigo Gameiro; GOULART, Sueli. As políticas públicas da cultura e a participação de novo tipo no Brasil. In: **VI Congresso Português de Sociologia** – Mundos Sociais: saberes e práticas, 2008, Lisboa. Anais. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia / Universidade Nova de Lisboa, 2008.

CAVALCANTE, Hermano Barreira. A implementação de políticas públicas culturais: fomento da cultura como forma de combate à exclusão social. In: **I Encontro Internacional de Direitos Culturais**, 2012, Ceará. Anais. Fortaleza: CNPQ/Unifor, 2012. Disponível em: <www.direitosculturais.com.br/download.php?id=124>. Acesso em: 05 set. 2021

CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 983-998. Out./dez. 2014.

CERQUEIRA, Amanda Patrícia Coutinho de. Política cultural e trabalho nas artes: o percurso e o lugar do Estado no campo da cultura In: **Estudos Avançados**. São Paulo, vol. 32, n.92, p. 119-139, jan./abr. 2018.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo, 2012. Disponível em: <<http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/rafaela.ribeiro/identidade-e-cultura-no-brasil-2018.2/dez-licoes-sobre-os-estudos-culturais/view>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**: uma visão abrangente da moderna administração das organizações. 7. ed. rev. atualiz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

COELHO, Teixeira. Apresentação para **Cultura e educação**, de Teixeira Coelho (org.). São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011a.

COELHO, Teixeira. Invasão pelos outros e como contê-la. In: COELHO, Teixeira (org.). **Cultura e educação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011b. p. 11-27.

COSTA, Patrícia Maneschy Duarte da; SANTOS, Sonia Regina Mendes dos; GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. Extensão Universitária e o Campo da Política Cultural. In: **Revista Meta: Avaliação**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p.352-368, set./dez. 2009.

COSTA, Fernanda da. **21% das federais possuem uma política cultural. Jornal da Universidade UFRGS** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 02 de julho de 2019. Cultura. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/mapa-das-politicas-culturais/>>. Acesso em 08 out. 2021

CORTES, Soraya Vargas; LIMA, Luciana Leite. **A contribuição da sociologia para a análise de políticas públicas**. São Paulo: Lua Nova, 2012.

CUCA. **Relatório Anual de Atividades 1996**. 1996. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório Anual de Atividades 1997**. 1997. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório Quadriênio 1995-1998**. 1999. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatórios do Cuca 2001**. 2001. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório 2005**. 2005. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório 2008**. 2008. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório Geral de Atividades 2016**. 2016. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório Geral de Atividades 2017**. 2017. Feira de Santana – BA.

_____. **Relatório Geral de Atividades 2018-2020**. 2020. Feira de Santana – BA.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021a. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=32>. Acesso em: 20 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021b. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=52>. Acesso em: 25 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021c. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=66>. Acesso em: 25 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021d. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=64>. Acesso em: 25 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021e. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=268>. Acesso em: 25 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021f. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=270>. Acesso em: 25 set. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2021g. Disponível em: <http://www.cuca.uefs.br/?page_id=58>. Acesso em: 24 out. 2021.

_____. In: **Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca)**. 2022. Disponível em: <<http://www.cuca.uefs.br/?p=8281>>. Acesso em: 23 mar. 2022.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. Políticas Públicas como Instrumental de Efetivação de Direitos Culturais. In: **Sequência** (UFSC). Florianópolis, vol. 38, n. 77, p. 177-196, 2017.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Cultura e Democracia na Constituição Federal de 1988**: Representação de Interesses e sua Aplicação ao Programa Nacional de Apoio à Cultura. 233 f. Tese (Doutorado em Direito Público) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

DONDERS, Yvone; LAAKSONEN, Annamari. Encontrando maneiras de medir a dimensão cultural nos direitos humanos e no desenvolvimento. In: **Revista Observatório Itaú Cultural / OIC**, São Paulo, n. 11, p. 90-110, jan./abr. 2011.

DURAND, José Carlos Garcia. Política e gestão cultural: Brasil, EUA e Europa. **Relatório de Pesquisa NPP no 13**. São Paulo: FGV-EAESP, 2000.

DURAND, José Carlos Garcia. Cultura como objeto de política pública. In: **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n.2, p. 66-72, 2001.

ENSP/Fiocruz. **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais**. Versão 1.0. Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca. Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2021.

FORPROEX. **VI Encontro de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras**. 1992. Santa Maria – RS. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/cartas-e-memoria>>. Acesso em: 07 nov 2018.

FORPROEX. **Política nacional de extensão**. 2012. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>>. Acesso em: 07 nov 2018.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU (FURB). In: **Furb Universidade de Blumenau**. 2018. Disponível em: <<https://www.furb.br/web/1704/noticias/classificacao/5/duas-chapas-concorrem-ao-diretorio-central-dos-estudantes/consuni-aprova-politica-de-cultura-da-furb/7514>>. Acesso em: 09 out. 2021.

GAUDENZI, Paulo. Apresentação para **Acervo Museológico**: Catálogo histórico Museu Galeria de Arte Caetano Veloso, de Gil Mário de Oliveira Menezes (org.). Feira de Santana: UEFS, Salvador: SCT, 2000.

GAUDENZI, Paulo. Apresentação para **Museu Regional de Arte de Feira de Santana**: acervo, de Gil Mário de Oliveira Menezes (org.). Feira de Santana: UEFS, Salvador: SCT/IGBA, 2000.

GIL, Gilberto. **Discursos do Ministro da Cultura Gilberto Gil**. Brasília, Ministério da Cultura, 2003. Disponível em: <<http://www.rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/6222>>. Acesso em: 21 ago. 2021

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200p.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184p.

GIMENEZ, Ana Maria Nunes. **As multifaces da relação universidade-sociedade e a construção do conceito de terceira missão**. 328 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOOGLE. In: Avaliação do Cuca no Google Negócios. 2021. Disponível em <https://www.google.com.br/travel/entity/key/ChclzpDahsCip_FjGgsvZy8xMjFuOXZudhAE?sa=X&ved=0CAAQ5JsGahcKEwiQ-73pzKXzAhUAAAAAHQAAAAAQAw&utm_campaign=sharing&utm_medium=link&utm_source=htls&ts=CAESABoGCqIaABIAGkQKABoA>. Acesso em: 25 set. 2021

HÉLIO Oiticica. In. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural**. 2021. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>>. Acesso em: 4 set. 2021.

IPHAN. In: **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**. 2021. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

JANNUZZI, Paulo de Martino et al. Estruturação de sistemas de monitoramento e especificação de pesquisas de avaliação, os problemas dos programas públicos no Brasil são. In: ROCHA, Marcia Cristina Gomes da (Org.). **Reflexões para Ibero-América**: avaliação de programas sociais. Brasília: ENAP, 2009.

LAMY, Marcelo. Uma nova definição de extensão universitária. In: Conpedi/Unicuriuba; RODRIGUES, Horácio Wanderlei; MEZZARROBA, Orides; MOTTA, Ivan Dias da (Org.). **Direito, educação, ensino e metodologias jurídicas**, v.1. Florianópolis: FUNJAB, 2013.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999; Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999. 340 p.

LEITE, Ana Flávia Cabral Souza. **Políticas públicas para cultura**: concepção, monitoramento e avaliação. 119 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEONÍDIO, Luciano Flávio da Silva. **História do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação superior brasileiras – Forproex (1987-2012)**. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

LIMA, Wagner Gonçalves. Política pública: discussão de conceitos. **Revista Interface** (Porto Nacional). Núcleo de Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento – NEMAD, n. 5, p. 49-54, out. 2012.

LIMA, Luciana Piazzon Barbosa; ORTELLADO, Pablo; SOUZA Valmir de. O que são as políticas culturais? Uma revisão crítica das modalidades de atuação do Estado no campo da cultura. **IV Seminário Internacional Políticas Culturais**. Anais. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

MACHADO, Mario Brockmann. Notas sobre Política Cultural no Brasil. In: MICELI, Sergio. **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: DIFEL, 1984. Disponível em: <<https://bityli.com/bWrlC>>. Acesso em: 05 jul. 2021

MARQUES, Marcelo de Souza. Democracia Cultural, Estado e políticas públicas culturais: uma reflexão a partir da Democracia Radical e Plural. **Revista de Estudos Sociais**, v. 53, pp. 43-51, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/revestudsoc/9240>>. Acesso em: 26 ago. 2021

MATOS, Daniel Abud Seabra; JARDILINO, José Rubens Lima. Os conceitos de concepção, percepção, representação e crença no campo educacional: similaridades, diferenças e implicações para a pesquisa. **Revista Educação & Formação**, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza. V. 1, n. 3, p. 20-31, set./dez., 2016

MEC: Ministério da Educação. Versão em português. [S./], **Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) ou Qualificação Profissional**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cursos-da-epf/formacao-inicial-e-continuada-ou-qualificacao-profissional>>. Acesso em: 09 set. 2019.

MELLO, Josué da Silva. Feira de Santana: cidade do futuro. **Sitientibus**, Feira de Santana. Ano. 2, n. 4, p. 77-84, jan./jun., 1984.

MENEZES, Gil Mário de Oliveira. **Acervo Museológico**: Catálogo histórico Museu Galeria de Arte Caetano Veloso. Feira de Santana: UEFS, Salvador: SCT, 2000.

MENEZES, Gil Mário de Oliveira. **Museu Regional de Arte de Feira de Santana**:

acervo, de Gil Mário de Oliveira Menezes (org.). Feira de Santana: UEFS, Salvador: SCT/IGBA, 2000.

MEYER-BISCH, Patrice. A centralidade dos direitos culturais, pontos de contato entre diversidade e direitos humanos. In: **Revista Observatório Itaú Cultural / OIC**, São Paulo, n. 11, p. 27-42, jan./abr. 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, ASSIS, Simone Gonçalves de, SOUZA, Ednilsa Ramos de. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Programa Cultural para o Desenvolvimento do Brasil**. Brasília: Distrito Federal. Novembro, 2006.

MOLINA, Alexandre José. Gestão de Cultura em Instituições de Ensino Superior: perspectivas e desafios na implementação de uma política cultural no contexto das IES brasileiras. In: **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, ed. Especial, p. 87-99, 2019.

MORAIS, Regis de. **A universidade desafiada**. Campinas, SP: UNICAMP, 1995.

NASCIMENTO, José Leonardo do. **Arte como cultura**: concepções e problematizações - Unesp/Redefor. 2 ed. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2012.

NASSER, Glaucia. **Qual a diferença em arte e cultura?** Youtube Glaucia Nasser Oficial, 19 dez. 2019. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=86NmGcD7hyc>>

OCDE. **Higher education and regions**: globally competitive, locally engaged. Paris: OECD Publishing, 2007. Disponível em:
<<https://www.oecd.org/education/imhe/39378517.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2019.

OLINDA (Município). In: **Prefeitura Municipal de Olinda**: A cidade/Títulos. 2021. Disponível em: <<https://www.olinda.pe.gov.br/a-cidade/titulos/>>. Acesso em: 03 out. 2021.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo Cardoso; ROCHA, Saulo José dos Santos. Estado, Políticas Públicas e Extensão Universitária. In: **Revista de Desenvolvimento Econômico**. Universidade Salvador, Salvador, Ano XIII, n. 22 pp. 121-129, dez. 2010.

OLIVEIRA, Fernanda; GOULART, Patrícia Martins. Fases e faces da extensão universitária: rotas e concepções. In: **Revista Ciência em Extensão**. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, vol. 11, n. 3, pp. 8-27, 2015.

OLIVEIRA, Gleise Cristiane Ferreira de. **Institucionalidade cultural**: o Programa Cultura Viva da criação até a lei nº13018/2014. 236 p. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OLIVEIRA, Gleise Cristiane Ferreira de. **Breve reflexão sobre a institucionalidade da cultura no Brasil contemporâneo**. Texto apresentado no XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2019.

OLIVEIRA, Natália Santos Matos. A Contramão de uma Política Pública Neoliberal de Incentivo a Cultura: Um Estudo sobre a Lei Rouanet. **Revista Direito UNIFACS**, Salvador, n. 211, 2018. Disponível em: <<https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/5224/3340>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

ORTEGA, Rodrigo. **K-pop é poder**: Como Coreia do Sul investiu em cultura e colhe lucro e prestígio de ídolos como BTS. G1. 23 maio 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>>. Acesso em: 31 ago. 2021.

PALUDO, Augustinho Vicente; PROCOPIUCK, Mario. **Planejamento governamental**: referencial teórico, conceitual e prático. São Paulo: Atlas, 2011.

PESSOTI, Fernanda Calasans C. L.; PESSOTI, Gustavo Casseb. Panorama da economia baiana no século XXI. In: **BNB Conjuntura Econômica**. Fortaleza, vol. 1, p. 393-417, 2019.

PETRELLI, Cristina Melim; COLOSSI, Nelson. A quarta via das instituições de ensino superior: a responsabilidade social. In: **Revista Catarinense da Ciência Contábil**. Florianópolis, vol. 5, n. 13, p. 71- 83, dez./mar. 2005.

PIMENTEL, Nelson Crespo Pinto; ROCHA, Elisabeth Soares. A arte como visão crítica, cultura e políticas públicas: Uma grande “ausência” nas perspectivas de desenvolvimento regional para o Norte Fluminense. In: **Revista Brasileira de Planejamento e Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 111-130, jan./abr. 2017.

PORTAL CULTURA PERNAMBUCO. In: **Governo do Estado de Pernambuco – Espaços Culturais**. 2021. Disponível em: <<http://www.cultura.pe.gov.br/pagina/espacosculturais/museu-de-arte-contemporanea-mac/>>. Acesso em: 03 out. 2021.

PORTO, Marta. Cultura para a política cultural. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007, p. 157-179.

REIS, Renata Pletsch. **Um olhar sobre o processo de desenvolvimento da Política de Cultura da UFPR Litoral**. 119 p. Dissertação (Mestrado em Administração Universitária) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. In: **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. Brasília, v.15, n.1, jul, 2011.

RIBUGENT, Gemma Carbó. Áreas de interseção entre cultura e educação: a formação de formadores. In: COELHO, Teixeira (org.); Ana Goldberger (trad.). **Cultura e educação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011. p. 43-56.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4 ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, Marilúcia de Menezes. Revisitando a história - 1980-1995: a extensão universitária na perspectiva do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. In: **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho, Braga-Portugal, vol. 16, n. 2, pp. 135-175, 2003.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais: entre o possível e o impossível**. Texto apresentado no II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2006.

_____. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim; BARBALHO, Alexandre. **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007, p. 11-36.

_____. Políticas culturais e novos desafios. **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 2, n.2, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1240>>. Acesso em: 23 mai. 2021

_____. Entrevista. In: COHN, Sergio; MALERONKA, Fabio. **Produção cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Azougue, 2010. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-27112017-103623/publico/ProducaoCulturalnoBrasilLivro2.pdf>> Acesso em: 06 jun. 2021

_____. Políticas culturais no brasil: passado e presente. In: RUBIM, Antônio Albino C. ROCHA, Renata. (Org.). **Políticas culturais**. 1. ed., v. 1. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2012. p. 29-48.

_____. Políticas culturais no Brasil: desafios contemporâneos. In: CALABRE, Lia. CARBALLAL, Carmen. (Org.). **Políticas culturais: olhares e contextos**. 1. ed. São Paulo: Itaú Cultural, 2015. p. 11-21

_____. Introdução para **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016a.

_____. Fragmentos da cultura na Bahia nos anos 1950/1960. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016b. p. 79-88.

_____. Os primórdios da Universidade e a cultura na Bahia. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016c. p. 135-146.

_____. Dilemas culturais da universidade na atualidade. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016d. p. 147-163.

_____. Desafios e dilemas da institucionalidade cultural no Brasil. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 11, n.2, mai/ago. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim; BARBALHO, Alexandre. Apresentação para **Políticas Culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007

RUBIM, Antônio Albino C; RUBIM, Lindinalva. Organizadores da cultura: delimitação e formação. In: **Comunicacao e Educacao** (USP), São Paulo, Ano XIV, n. 2, p. 15-22, Mai./Ago. 2009.

SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho; MARCONDES, Guilherme; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. Arte e política: A consolidação da arte como agente na esfera pública. In: **Revista Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro, vol. 07, n.03, p. 825-829, set./dez. 2017.

SANTOS, Fernando Burgos Pimentel dos. Política cultural no Brasil: histórico de retrocessos e avanços institucionais. In: **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, Salvador, n. 5, 2009.

SARCOVAS, Yacoff. O incentivo fiscal no Brasil. In: **Teoria & Debate**. São Paulo, n.62, p. 58–62, abr./maio 2005. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2005/05/18/o-incentivo-fiscal-no-brasil/>. Acesso em: 21 ago. 2021

SECCHI, Leonardo. **Políticas públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

SEMPERE, Alfons Martinell. As relações entre políticas culturais e políticas educacionais: para uma agenda comum. In: COELHO, Teixeira (org.); Ana Goldberger (trad.). **Cultura e educação**. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2011. p. 113-137.

SHAHEED, Farida. O novo papel dos direitos culturais. Itaú Cultural. In: **Revista Observatório Itaú Cultural / OIC**, São Paulo, n. 11, p. 15-26, jan./abr. 2011.

SILVA, Aldo José Moraes. Educação musical como projeto: 50 anos do Seminário de Música de Feira de Santana. In: **Revista Metáfora Educacional**. Feira de Santana, n. 15. p. 48-76, jul./ dez. 2013.

_____. O Hino à Feira: Entre a resignificação e a identidade. In: **Projeto História**. São Paulo, v. 61, p. 115-147, Jan./Abr. 2018.

SILVA, Evandro do Nascimento; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. Apresentação para **Plano de Desenvolvimento Institucional** – PDI 2017-2021, de Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Feira de Santana, 2019.

SILVÉRIO, Renata Costa. **Política cultural universitária e o projeto 12:30: a visão dos gestores**. 103 p. Dissertação (Mestrado em Administração Universitária) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

SIMIS, Anita. A política cultural como política pública. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). **Políticas culturais no Brasil**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2007, p. 133-155.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão de literatura. In: **Sociologias**. Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 20-45, jul./dez. 2006.

TEIXEIRA, Tattiana. Modernismo e modernidade na Universidade da Bahia. In: RUBIM, Albino Canelas Rubim (coord.). **A ousadia da criação** - Universidade e cultura. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 89-106.

TRIPADVISOR. In: **Avaliação do Cuca no Tripadvisor**. 2021. Disponível em <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g1747465-d4327615-Reviews-Centro_Universitario_de_Cultura_e_Artes_Theater-Feira_de_Santana_State_of_Bahia.html>. Acesso em: 25 set. 2021

VALAREZO, Max. **Jurassic Park foi mais revolucionário do que você imagina**. Entre Planos. Ago. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qt4XsNKuvek>>. Acesso em: 27 ago. 2021.

VILLAR, Marcela. **Quanto vale um professor?** Faculdades pagam R\$ 6,19 por orientação de TCC. Correio. 28 jul. 2021. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/quanto-vale-um-professor-faculdades-pagam-r-619-por-orientacao-de-tcc/>. Acesso em: 18 out. 2021

UNESCO. **Declaração universal da UNESCO sobre a diversidade cultural**. 2001. Disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000115.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (UEFS). **Portaria 1096/1995 – Estabelece as normas de funcionamento do Cuca**. Publicada no DOE de 14/11/1995. Feira de Santana.: UEFS, 1995.

_____. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.; MORAIS, Maria da Conceição Carneiro Santos; CERQUEIRA, Sonia Maria Freitas de. **A extensão na UEFS**: 1996. Feira de Santana, BA: UEFS, 1996.

_____. **Relatório Anual de Atividades 2003**. 2003. Feira de Santana – BA.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2011-2015.** Feira de Santana, 2013a.

_____. **Estatuto da Universidade Estadual de Feira de Santana.** 2013b. Feira de Santana – BA.

_____. **Resolução Consepe 147/2013 – Aprova as alterações no Estatuto da Universidade Estadual de Feira de Santana.** Publicada no DOE de 20/11/2013. Feira de Santana.: UEFS, 2013c.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2017-2021.** Feira de Santana, 2019.

_____. **Resolução CONSAD 032/2016 - Normas de utilização do teatro e demais espaços do Cuca.** Publicada no DOE de 22/11/2016. Feira de Santana.: UEFS, 2016. Disponível em: <<http://www.cuca.uefs.br/wp-content/uploads/2017/01/NORMAS-PARA-UTILIZAÇÃO-DO-TEATRO-E-DEMAIS-ESPAÇOS-DO-CUCA.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE (UERN). In: **Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.** 2018. Disponível em: <<http://portal.uern.br/blog/consepe-aprova-o-plano-institucional-de-cultura-da-uern/>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Deliberação Consu A-019/2016 - Dispõe sobre a implantação de uma Política de Desenvolvimento Cultural para a Unicamp.** Publicada no Doe do dia 12/10/2016. Campinas: Unicamp, 2016 Disponível em: <<https://www.pg.unicamp.br/norma/5037/0>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). **Deliberação Consu A-030/2019 - Altera os artigos 12, 13 e 14 da Deliberação CONSU-A-019/2016, que dispõe sobre a implantação de uma Política de Desenvolvimento Cultural para a Unicamp.** Publicada no Doe do dia 28/09/2019. Campinas: Unicamp, 2019 Disponível em: <<https://www.pg.unicamp.br/norma/5037/0>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). In: **Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.** 2014. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/portal#!/noticia/15231/politica-de-artes-e-cultura-da-unesp/>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL (UFFS). **Resolução Nº 2/CONSUNI CPPGEC/UFFS/2016 - Aprova a Política de Cultura da Universidade Federal da Fronteira Sul.** Publicada no dia 19/09/2019. Chapecó: UFFS, 2016. Disponível em: <<https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/resolucao/consunicppgec/2016-0002>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO (UFOP). **Resolução CUNI Nº 2404 (NORMAL) - Estabelece a Política de Cultura da Universidade Federal de Ouro**

Preto. Publicada no dia 29/03/2021. Ouro Preto: UFOP, 2021. Disponível em: <http://www.soc.ufop.br/public/files/RESOLUCAO_CUNI_2404.pdf>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE). In: **Universidade Federal de Pernambuco**: IAC - Instituto de Arte Contemporânea. 2021. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/proexc/iac>>. Acesso em: 03 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM). **Resolução UFSM N. 043/2021 - Aprova a Política Cultural de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)**. Publicada no dia 17/02/2021. Santa Maria: UFSM, 2021. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/pro-reitorias/proplan/resolucao-ufsm-n-043-2021/>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS). In: **Universidade Federal de Sergipe**: Centro de Cultura e Arte – Cultart. 2021. Disponível em: <<https://cultart.ufs.br/pagina/416>>. Acesso em: 03 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU). **Resolução UFU N. 13/2019, do Conselho Universitário – Estabelece a Política de Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)**. Publicada no dia 01/10/2019. Uberlândia: UFU, 2019. Disponível em: <<http://www.reitoria.ufu.br/Resolucoes/resolucaoCONSUN-2019-13.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI (UFCA). **Resolução UFCA N. 059/2019 - Aprova o Plano de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA)**. Publicada no dia 09/07/2019. Juazeiro do Norte: UFCA, 2019. Disponível em: <<https://documentos.ufca.edu.br/wp-folder/wp-content/uploads/2019/12/CONSUNI-UFCA-Resolucao-59-2019-Plano-de-Cultura-09.07.19.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARANÁ (UFOPA). **Resolução Ufopa N. 81/2015 – Institui a Política de Cultura da Universidade Federal do Oeste do Paraná – UFOPA**. Publicada no dia 12 de janeiro de 2015. Santarém: UFOPA, 2015. Disponível em: <<http://www2.ufopa.edu.br/ufopa/arquivo/consun/resolucoes/Resoluon8112.01.15InstituiPoliticadeCulturadaUfopaRed.pdf/view>>. Acesso em: 09 out. 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). In: **Universidade Federal do Paraná**. 2020. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/pic/links/construcao.html>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ). **Parece Conselho Universitário UFRJ Processo n. 23079.007772/2013-80 – Aprova a Política de Cultura da UFRJ**. Emitido no dia 27 de agosto de 2014. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014. Disponível em: <https://forum.ufrj.br/images/_forumcc/pdf_e_odt/Voce_faz_cultura_Aprovado_Consuni.pdf>. Acesso em: 09 out. 2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TRIÂNGULO MINEIRO (UFTM). In: **Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM): Políticas Institucionais**. 2018. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/proplan/regulamentacao-e-normatizacao/politicas-institucionais>>. Acesso em: 09 out. 2021.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ (UTFPR). **Deliberação UTFPR N. 02/2017 – Aprova o Plano de Cultura da Universidade Tecnológica Federal Paraná – UTFPR**. Publicada no dia 10 de fevereiro de 2017. Curitiba: UTFPR, 2017. Disponível em: <<https://nuvem.utfpr.edu.br/index.php/s/b4eVBVPkhDXyF65>>. Acesso em: 09 out. 2021

**APÊNDICE A – MODELOS DOS TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E
ESCLARECIDO (TCLE)**

APÊNDICE A.1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA QUESTIONÁRIO

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS**, desenvolvida por Valéria da Silva Oliveira e Oliveira, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Américo Almássy Júnior, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Segurança Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O objetivo do presente estudo é analisar a política cultural desenvolvida pela Uefs na percepção dos gestores e participantes das ações promovidas pelo Cuca. O motivo que nos leva a estudar é a necessidade de se observar a efetividade da política existente e propor diretrizes para o aprimoramento de política institucional de cultura desenvolvida pela Uefs.

O (a) Sr. (a) está recebendo este convite porque possui as qualificações necessárias para participar da pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, o (a) senhor (a) poderá aceitar ou não contribuir com o estudo. Caso aceite participar, poderá ainda desistir em qualquer fase da pesquisa, sendo a participação voluntária com plena liberdade de recusar-se ou retirar seu consentimento, sem penalização alguma.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Não está previsto nenhum gasto de sua parte em decorrência de sua participação no estudo, mas, caso o(a) Sr(a) tenha alguma despesa em função de sua participação nessa pesquisa, pedimos que entre em contato com a pesquisadora para ser ressarcido(a), como previsto na Resolução CNS 510/2016. Informamos que, de acordo com a Resolução CNS 466/12, o(a) Sr(a) também tem direito a buscar indenização em decorrência de dano causado pela pesquisa. Em caso de danos decorrentes da pesquisa, o(a) Sr(a) receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário. Não hesite em manter contato caso seja necessário, pois a pesquisadora estará a disposição para quaisquer esclarecimentos. O contato deve ser feito diretamente com: Valéria da Silva Oliveira e Oliveira, endereço profissional: Cuca - Rua Conselheiro Franco, 66, sala da direção – Centro, Feira de Santana, Bahia, Cep: 44002-128, telefone 75 3221-9611 ou através do e-mail vso@uefs.br.

Informamos que sua participação na pesquisa envolverá responder um questionário eletrônico com perguntas sobre a sua experiência no Cuca e uma breve análise sobre as ações da instituição. Sob seu consentimento, tais informações serão destinadas para fins acadêmicos e científicos; e o seu nome não aparecerá em nenhum registro. O tempo previsto para o preenchimento do questionário é de 20 minutos. Destacamos que suas respostas são totalmente confidenciais e sigilosas, e dessa forma, em hipótese alguma serão entregues a qualquer pessoa que possa identificá-las como suas, como previsto na legislação brasileira (Resoluções no 466/12 e no 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde).

Os dados coletados para a pesquisa, ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por 5 anos nos arquivos do Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca/Uefs) e depois deste período serão destruídos.

A participação do (a) Sr. (a) nesta pesquisa poderá ocasionar os seguintes riscos: desconforto por responder questões relacionadas à sua experiência no Cuca, a possibilidade de atrapalhar a realização de suas atividades de rotina e a necessidade de disponibilização do seu tempo. Ressalta-se que no que se refere aos riscos associados ao desconforto, caso isso ocorra, será possível solicitar uma pausa para que haja a decisão de continuar ou não com o processo da pesquisa. Considerando o risco inerente a qualquer acesso à internet, asseguramos que as informações não fornecidas pelo Sr. (a) (por exemplo, IP) não serão acessadas de forma alguma e que os dados ficarão gravados em computador que o pesquisador possui controle sobre o banco de dados. Em caso de problemas técnicos como falta de luz ou instabilidade na internet, o (a) Sr. (a) poderá realizar o acesso ao formulário em momento posterior. Para garantia da privacidade, a mensagem de e-mail com o link de acesso ao formulário será enviada

exclusivamente para o (a) Sr. (a), de forma que os demais participantes não visualizem o seu endereço eletrônico.

Considerando que existem poucas pesquisas acerca desta temática, em especial em universidades públicas, como benefício, acredita-se que este estudo possa contribuir com o aprimoramento de políticas públicas desenvolvidas por universidades especificamente no campo da arte e da cultura, considerando o caso do Centro Universitário de Cultura e Arte. À comunidade em geral, os resultados deste trabalho poderão contribuir com proposições que dinamizem o desenvolvimento artístico-cultural das regiões beneficiadas com a presença de universidades, o que pode trazer considerável melhoria da qualidade de vida para seus habitantes. Para a universidade, espera-se viabilizar a construção das diretrizes de aprimoramento da política atual, a fim de assegurar os efeitos positivos advindos dessa política. Além disso, esse trabalho poderá gerar maior sensibilização no sentido de valorizar a existência de uma política institucional de cultura. O resultado final da pesquisa será disponibilizado para os participantes através de um link, como também estará disponível no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Segurança Social da UFRB. Além disso, a pesquisadora convidará os participantes para uma conferência virtual, na qual os resultados serão apresentados e discutidos.

Caso o(a) Sr(a) tenha alguma consideração, dúvida ou denúncia sobre questões éticas relacionadas a essa pesquisa, por favor, sintá-se à vontade para entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Rua Ruy Barbosa, no 719, Centro (Prédio da Reitoria) Cruz das Almas – BA. CEP: 44380-000 Telefone: (75) 3621-6850 ou Celular: (75) 9 9969-0502 / E-mail: eticaempesquisa@comissao.ufrb.edu.br, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/Uefs), da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Avenida Transnordestina, S/N, Módulo 1, MA 17, Novo Horizonte, Feira de Santana – BA, CEP: 44036-900 Telefone: (75) 3161-8124 / E-mail: cep@uefs.br – Horário de funcionamento 13h30 às 17h30. A função do Cep é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas dentro de padrões éticos.

Esta pesquisa foi aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

Aprovação pelo Cep UFRB em 10 de dezembro de 2020 - CAAE: 39247420.6.0000.0056 - Número do Parecer: 4.452.849

Aprovação pelo Cep Uefs em 17 de abril de 2021 CAAE: 39247420.6.3001.0053 - Número do Parecer: 4.655.988.

Caso o(a) Sr(a) concorde em participar do estudo, pedimos que selecione a opção “concordo em participar voluntariamente desta pesquisa” no campo abaixo. O(a) Sr(a) receberá uma via online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por e-mail, no qual constará a sua indicação de aceite e a assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa. Caso não deseje participar desse estudo, basta marcar a opção “não concordo” e o formulário será fechado. Lembramos que não haverá penalização alguma nesse caso.

Concordo em participar voluntariamente desta pesquisa

Não concordo

APÊNDICE A.2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) PARA ENTREVISTA

O (A) Sr. (a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa POLÍTICA CULTURAL NA UNIVERSIDADE: O CASO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE CULTURA E ARTE DA UEFS, desenvolvida por Valéria da Silva Oliveira e Oliveira, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Américo Almássy Júnior, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Segurança Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O objetivo do presente estudo é analisar a política cultural desenvolvida pela Uefs na percepção dos gestores e participantes das ações promovidas pelo Cuca. O motivo que nos leva a estudar é a necessidade de se observar a efetividade da política existente e propor diretrizes para o aprimoramento de política institucional de cultura desenvolvida pela Uefs.

O (a) Sr. (a) está recebendo este convite porque possui as qualificações necessárias para participar da pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, o (a) senhor (a) poderá aceitar ou não contribuir com o estudo. Caso aceite participar, poderá ainda desistir em qualquer fase da pesquisa, sendo a participação voluntária com plena liberdade de recusar-se ou retirar seu consentimento, sem penalização alguma.

Para participar deste estudo o (a) Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Não está previsto nenhum gasto de sua parte em decorrência de sua participação no estudo, mas, caso o(a) Sr(a) tenha alguma despesa em função de sua participação nessa pesquisa, pedimos que entre em contato com a pesquisadora para ser ressarcido(a), como previsto na Resolução CNS 510/2016. Informamos que, de acordo com a Resolução CNS 466/12, o(a) Sr(a) também tem direito a buscar indenização em decorrência de dano causado pela pesquisa. Em caso de danos decorrentes da pesquisa, o(a) Sr(a) receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário. Não hesite em manter contato caso seja necessário, pois a pesquisadora estará a disposição para quaisquer esclarecimentos. O contato deve ser feito diretamente com: Valéria da Silva Oliveira e Oliveira, endereço profissional: Cuca - Rua Conselheiro Franco, 66, sala da direção – Centro, Feira de Santana, Bahia, Cep: 44002-128, telefone 75 3221-9611 ou através do e-mail vso@uefs.br.

A participação do (a) Sr. (a) se dará através de entrevista cujas informações serão gravadas, sob seu consentimento, e transcritas. A entrevista contará com perguntas sobre a sua experiência com o Cuca, uma breve avaliação da instituição e sua percepção sobre a política cultural da Uefs. Após o término da entrevista, será permitida a escuta para dar-lhe maior segurança sobre o que foi dito, se assim desejar. Tais informações serão destinadas para fins acadêmicos e científicos; e o seu nome não aparecerá em nenhum registro. O tempo previsto para a realização da entrevista é de 50 minutos. Destacamos que suas respostas são totalmente confidenciais e sigilosas, e dessa forma, em hipótese alguma serão entregues a qualquer pessoa que possa identificá-las como suas, como previsto na legislação brasileira (Resoluções no 466/12 e no 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde).

Os dados coletados para a pesquisa, ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por 5 anos nos arquivos do Centro Universitário de Cultura e Arte (Cuca/Uefs) e depois deste período serão destruídos.

A participação do (a) Sr. (a) nesta pesquisa poderá ocasionar os seguintes riscos: desconforto por responder questões relacionadas à sua experiência no Cuca, a possibilidade de atrapalhar a realização de suas atividades de rotina e a necessidade de disponibilização do seu tempo. Ressalta-se que no que se refere aos riscos associados ao desconforto, caso isso ocorra, será possível solicitar uma pausa para que haja a decisão de continuar ou não com o processo da pesquisa. Considerando o risco inerente a qualquer acesso à internet, asseguramos que as informações não fornecidas pelo (a) Sr. (a) (por exemplo, IP) não serão acessadas de forma alguma e que os dados ficarão gravados em computador que o pesquisador possui controle sobre o banco de dados. Em caso de problemas técnicos como falta de luz

ou instabilidade na internet, o (a) Sr. (a) poderá solicitar o agendamento da entrevista para o momento que considerar mais adequado. Para garantia da privacidade, será gerado um código de acesso à videoconferência, o qual será conhecido exclusivamente pelo (a) Sr. (a) e pelo pesquisador.

Considerando que existem poucas pesquisas acerca desta temática, em especial em universidades públicas, como benefício, acredita-se que este estudo possa contribuir com o aprimoramento de políticas públicas desenvolvidas por universidades especificamente no campo da arte e da cultura, considerando o caso do Centro Universitário de Cultura e Arte. À comunidade em geral, os resultados deste trabalho poderão contribuir com proposições que dinamizem o desenvolvimento artístico-cultural das regiões beneficiadas com a presença de universidades, o que pode trazer considerável melhoria da qualidade de vida para seus habitantes. Para a universidade, espera-se viabilizar a construção das diretrizes de aprimoramento da política atual, a fim de assegurar os efeitos positivos advindos dessa política. Além disso, esse trabalho poderá gerar maior sensibilização no sentido de valorizar a existência de uma política institucional de cultura. O resultado final da pesquisa será disponibilizado para os participantes através de um link, como também estará disponível no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Segurança Social da UFRB. Além disso, a pesquisadora convidará os participantes para uma conferência virtual, na qual os resultados serão apresentados e discutidos.

Caso o(a) Sr(a) tenha alguma consideração, dúvida ou denúncia sobre questões éticas relacionadas a essa pesquisa, por favor, sinta-se à vontade para entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Rua Ruy Barbosa, no 719, Centro (Prédio da Reitoria) Cruz das Almas – BA. CEP: 44380-000 Telefone: (75) 3621-6850 ou Celular: (75) 9 9969-0502 / E-mail: eticaempesquisa@comissao.ufrb.edu.br, ou com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/Uefs), da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs), Avenida Transnordestina, S/N, Módulo 1, MA 17, Novo Horizonte, Feira de Santana – BA, CEP: 44036-900 Telefone: (75) 3161-8124 / E-mail: cep@uefs.br – Horário de funcionamento 13h30 às 17h30. A função do Cep é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas dentro de padrões éticos.

Esta pesquisa foi aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

Aprovação pelo Cep UFRB em 10 de dezembro de 2020 - CAAE: 39247420.6.0000.0056 - Número do Parecer: 4.452.849

Aprovação pelo Cep Uefs em 17 de abril de 2021 CAAE: 39247420.6.3001.0053 - Número do Parecer: 4.655.988.

Caso o(a) Sr(a) concorde em participar do estudo, pedimos que selecione a opção “concordo em participar voluntariamente desta pesquisa” no campo abaixo. O(a) Sr(a) receberá uma via online do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por e-mail, no qual constará a sua indicação de aceite e a assinatura do pesquisador responsável pela pesquisa. Caso não deseje participar desse estudo, basta marcar a opção “não concordo” e o formulário será fechado. Lembramos que não haverá penalização alguma nesse caso.

Concordo em participar voluntariamente desta pesquisa

Não concordo

APÊNDICE B – MODELOS DOS QUESTIONÁRIOS

APÊNDICE B.1 – QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA (GRUPO 1)

Sobre a sua experiência no Cuca

- 1) Você fez oficina(s) ligada(s) a qual(is) áreas artísticas?
 Música Artes visuais Teatro Dança e atividades corporais
- 2) Estou muito satisfeito com a minha experiência como aluno no Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 3) Indicaria as oficinas do Cuca para algum parente ou amigo.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 4) Cursaria novamente uma oficina no Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 5) A taxa de matrícula adotada é adequada para as oficinas artísticas do Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 6) Fiquei satisfeito com o atendimento no dia de realizar a minha matrícula.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 7) Fiquei satisfeito com o profissional que deu aula na oficina que cursei.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 8) Fiquei satisfeito com o atendimento dos setores administrativos do Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 9) O Cuca possui uma boa estrutura para a oferta das oficinas.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 10) O Cuca possui uma excelente localização.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente
- 11) Qual foi a sua principal motivação para procurar o Cuca?
 Localização
 Valor acessível
 O atendimento da equipe
 Um amigo ou conhecido me indicou
 Representatividade da instituição
 Importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade
 Não conheço outros locais com estrutura e proposta semelhante a do Cuca
 Outro motivo: _____

Uma análise sobre o Cuca

- 12) Você sabe que o Cuca é uma parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs)?
 Sim Não
- 13) Conhece outras universidades com ações semelhantes?
 Sim Não

14) Como você conheceu o Cuca e suas ações?

- TV
 Redes sociais
 Através de amigos
 Através da família
 Colegas de trabalho
 Professores
 Outro: _____

15) Em quais dessas ações você teve o seu primeiro contato com o Cuca?

- Exposição no Museu Regional de Arte (MRA)
 Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 Aberto do Cuca
 Festival de Sanfoneiros
 Bando Anunciador
 Caminhada do Folclore
 Oficinas artísticas
 Outros eventos artísticos: _____

16) Marque as ações do Cuca que já frequentou ou teve contato:

- Exposição no Museu Regional de Arte (MRA)
 Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 Aberto do Cuca
 Festival de Sanfoneiros
 Bando Anunciador
 Oficinas artísticas
 Outros eventos artísticos: _____

17) O Cuca deveria manter todas as ações que já desenvolve.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

18) Os habitantes de Feira de Santana conhecem muito bem o Cuca e suas atividades.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

19) O Cuca é muito valorizado pela comunidade.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

20) O Cuca tem um importante papel na cultural feirense.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

21) Quais outras instituições promotoras de cultura você conhece na cidade de Feira de Santana?

- Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura
 Escola da rede municipal
 Escola da rede estadual
 Instituição federal de ensino técnico ou superior
 Instituição particular de educação
 Escolas particulares de música, dança, teatro ou artes visuais
 Fundação Egberto Costa
 Centro de Cultura Amélio Amorim
 Centro Cultural Maestro Miro
 Centro de Esportes e Artes Unificados (CeU)
 Não vivenciei experiência em nenhuma das instituições mencionadas
 Outro: _____

22) Atribua uma nota para a atuação do Cuca.

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

23) Deseja fazer alguma observação sobre o trabalho desenvolvido pelo Cuca?

APÊNDICE B.2 – QUESTIONÁRIO AOS PROFISSIONAIS CREDENCIADOS NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA (GRUPO 2)

Sobre a sua experiência no Cuca

- 1) Você ministra oficina(s) ligada(s) a qual área artística?
 Música Artes visuais Teatro Dança e atividades corporais

- 2) Estou muito satisfeito com a minha experiência como credenciado no Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 3) Indicaria o credenciamento como prestador de serviço do Cuca para algum parente ou amigo.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 4) Pretendo continuar atuando no Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 5) Avalio positivamente a coordenação da linguagem artística que estou ligado(a).
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 6) O Cuca valoriza os profissionais que atuam em suas oficinas.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 7) Fiquei satisfeito com o atendimento dos setores administrativos do Cuca com que tive contato.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 8) O Cuca possui uma boa estrutura para a oferta das oficinas.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 9) O Cuca possui uma excelente localização.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

- 10) Qual foi a sua principal motivação para atuar no Cuca?
 Localização
 O atendimento da equipe
 Um amigo ou conhecido me indicou
 Representatividade da instituição
 Importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade
 Não conheço outros locais com estrutura e proposta semelhante a do Cuca
 Outro motivo: _____

Uma análise sobre o Cuca

- 11) Você sabia que o Cuca é uma parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)?
 Sim Não

- 12) Você sabia que o Cuca é responsável pela política cultural da UEFS?
 Sim Não

- 13) Conhece outras universidades com ações semelhantes?
 Sim Não

- 14) Como você conheceu o Cuca e suas ações?
 TV
 Redes sociais
 Através de amigos
 Através da família

- () Através de colegas de trabalho
 () Através de professores
 () Outro: _____

15) Em quais dessas ações você teve o seu primeiro contato com o Cuca?

- () Exposição no Museu Regional de Arte (MRA)
 () Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 () Aberto do Cuca
 () Festival de Sanfoneiros
 () Bando Anunciador
 () Caminhada do Folclore
 () Oficinas artísticas
 () Outros eventos artísticos: _____

16) Marque as ações do Cuca que já frequentou ou teve contato:

- () Exposição no Museu Regional de Arte MRA
 () Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 () Aberto do Cuca
 () Festival de Sanfoneiros
 () Bando Anunciador
 () Oficinas artísticas
 () Outros eventos artísticos: _____

17) O Cuca deveria manter todas as ações que já desenvolve.

- () Discordo totalmente () Discordo () Não concordo, nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

18) A taxa de matrícula adotada é adequada para as oficinas artísticas do Cuca.

- () Discordo totalmente () Discordo () Não concordo, nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

19) Os habitantes de Feira de Santana conhecem muito bem o Cuca e suas atividades.

- () Discordo totalmente () Discordo () Não concordo, nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

20) O Cuca é muito valorizado pela comunidade.

- () Discordo totalmente () Discordo () Não concordo, nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

21) O Cuca tem um importante papel na cultural feirense.

- () Discordo totalmente () Discordo () Não concordo, nem concordo () Concordo () Concordo totalmente

22) Quais outras instituições promotoras de cultura você conhece na cidade de Feira de Santana?

- () Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura
 () Escola da rede municipal
 () Escola da rede estadual
 () Instituição federal de ensino técnico ou superior
 () Instituição particular de educação
 () Escolas particulares de música, dança, teatro ou artes visuais
 () Fundação Egberto Costa
 () Centro de Cultura Amélio Amorim
 () Centro Cultural Maestro Miro
 () Centro de Esportes e Artes Unificados (CeU)
 () Não vivenciei experiência em nenhuma das instituições mencionadas
 () Outro: _____

23) Atribua uma nota para a atuação do Cuca.

- () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10

24) Deseja fazer alguma observação sobre o trabalho desenvolvido no Cuca?

APÊNDICE B.3 – QUESTIONÁRIO AOS DEMANDANTES DA PAUTA E PARCEIROS NA REALIZAÇÃO DE PROJETOS E AÇÕES CULTURAIS (GRUPO 3)

Sobre a sua experiência no Cuca

- 1) Você realiza eventos artísticos ligados a qual(is) linguagem(s) artística(s)?
 Música Artes visuais Teatro Dança e atividades corporais Outra: _____
- 2) Estou muito satisfeito com a minha experiência no uso do espaço do Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 3) Indicaria o Cuca para outros colegas do campo artístico.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 4) Pretendo continuar atuando em parceria com o Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 5) A valor cobrado pela pauta é adequado para o uso dos espaços que o Cuca possui.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 6) O valor da pauta no Cuca é um incentivo para a arte na cidade.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 7) A política de cessão de espaços do Cuca não deve ser alterada.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 8) Avalio positivamente a forma de solicitação de uso dos espaços do Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 9) O Cuca valoriza os artistas que atuam em seu espaço.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 10) Fiquei satisfeito com o atendimento dos setores administrativos do Cuca com que tive contato.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 11) Considero a estrutura do Cuca:
 Excelente Boa Regular Ruim Péssima
- 12) Considero a localização do Cuca:
 Excelente Boa Regular Ruim Péssima
- 13) Qual foi a sua principal motivação para utilizar o espaço do Cuca?
 Localização
 Valor acessível
 O atendimento da equipe
 Um amigo ou conhecido me indicou
 Representatividade da instituição
 Importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade
 Não conheço outros locais com estrutura e proposta semelhante a do Cuca
 Outro motivo: _____

Uma análise sobre o Cuca

- 14) Você sabe que o Cuca é uma parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)?
 Sim Não
- 15) Você sabe que o Cuca é responsável pela política cultural da UEFS?
 Sim Não

16) Conhece outras universidades com ações semelhantes?

Sim Não

17) Como você conheceu o Cuca e suas ações?

- TV
 Redes sociais
 Através de amigos
 Através da família
 Através de colegas de trabalho
 Através de professores
 Outro: _____

18) Em quais dessas ações você teve o seu primeiro contato com o Cuca?

- Exposição no Museu Regional de Arte (MRA)
 Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 Aberto do Cuca
 Festival de Sanfoneiros
 Bando Anunciador
 Caminhada do Folclore
 Oficinas artísticas
 Outros eventos artísticos: _____

19) Marque as ações do Cuca que já frequentou ou teve contato:

- Exposição no Museu Regional de Arte (MRA)
 Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
 Aberto do Cuca
 Festival de Sanfoneiros
 Bando Anunciador
 Oficinas artísticas
 Outros eventos artísticos: _____

20) O Cuca deveria manter todas as ações que já desenvolve.

Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente

21) Os habitantes de Feira de Santana conhecem muito bem o Cuca e suas atividades.

Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente

22) O Cuca é muito valorizado pela comunidade.

Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente

23) O Cuca tem um importante papel na cultural feirense.

Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem concordo Concordo Concordo totalmente

24) Quais outras instituições promotoras de cultura você conhece na cidade de Feira de Santana?

- Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura
 Escola da rede municipal
 Escola da rede estadual
 Instituição federal de ensino técnico ou superior
 Instituição particular de educação
 Escolas particulares de música, dança, teatro ou artes visuais
 Fundação Egberto Costa
 Centro de Cultura Amélio Amorim
 Centro Cultural Maestro Miro
 Centro de Esportes e Artes Unificados (CeU)
 Não vivenciei experiência em nenhuma das instituições mencionadas
 Outro: _____

25) Atribua uma nota para a atuação do Cuca.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

26) Deseja fazer alguma observação sobre o trabalho desenvolvido pelo Cuca?

APÊNDICE B.4 – QUESTIONÁRIO AOS ARTISTAS QUE EXPUSERAM NO MUSEU REGIONAL DE ARTE (MRA) DO CUCA (GRUPO 4)

Sobre a sua experiência no Cuca

- 1) Estou muito satisfeito com a minha experiência no Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 2) Indicaria uma visita ao Cuca para pessoas próximas.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 3) Indicaria o Cuca para que um colega artista trouxesse uma exposição.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 4) Quero ter uma relação duradoura com o Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 5) Avalio positivamente o meu contato com a coordenação dos espaços expositivos do Cuca.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 6) Fiquei satisfeito com o atendimento dos setores administrativos do Cuca com que tive contato.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 7) O Cuca valoriza os artistas e a cultura.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 8) Todo o complexo do Cuca possui uma excelente estrutura.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 9) O Cuca possui uma excelente localização.
 Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente
- 10) Qual foi a sua principal motivação para expor o seu trabalho no Cuca?
 Localização
 O atendimento da equipe
 Um amigo ou conhecido me indicou
 Representatividade da instituição
 Importância da instituição como promotora de arte e cultura na cidade
 Não conheço outros locais com estrutura e proposta semelhante a do Cuca
 Outro motivo: _____

Uma análise sobre o Cuca

- 11) Você sabe que o Cuca é uma parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)?
 Sim Não
- 12) Você sabe que o Cuca é responsável pela política cultural da UEFS?
 Sim Não
- 13) Conhece outras universidades com ações semelhantes?
 Sim Não

14) Através de quem ou como foi o seu primeiro contato com o Cuca?

- Artistas
- Direção do Museu ou Galeria
- TV
- Redes sociais
- Através de amigos
- Através da família
- Professores
- Outro: _____

15) Marque as ações do Cuca que já frequentou ou teve contato:

- Exposição no Museu Regional de Artes (MRA)
- Exposição na Galeria de Arte Carlo Barbosa
- Aberto do Cuca
- Festival de Sanfoneiros
- Bando Anunciador
- Oficinas artísticas
- Outros eventos artísticos: _____

16) O Cuca deveria manter todas as ações que já desenvolve.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

17) Os habitantes de Feira de Santana conhecem muito bem o Cuca e suas atividades.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

18) O Cuca é muito valorizado pela comunidade.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

19) O Cuca tem um importante papel na cultura feirense.

- Discordo totalmente Discordo Não concordo, nem discordo Concordo Concordo totalmente

20) Quais outras instituições promotoras de cultura você conhece na cidade de Feira de Santana?

- Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Cultura
- Escola da rede municipal
- Escola da rede estadual
- Instituição federal de ensino técnico ou superior
- Instituição particular de educação
- Escolas particulares de música, dança, teatro ou artes visuais
- Fundação Egberto Costa
- Centro de Cultura Amélio Amorim
- Centro Cultural Maestro Miro
- Centro de Esportes e Artes Unificados (CeU)
- Não vivenciei experiência em nenhuma das instituições mencionadas
- Outro: _____

21) Atribua uma nota para a atuação do Cuca.

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

22) Deseja fazer alguma observação sobre o trabalho desenvolvido pelo Cuca?

APÊNDICE C – MODELOS DOS ROTEIROS DAS ENTREVISTAS

APÊNDICE C.1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS DO PROGRAMA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA (GRUPO 1)

PARTE 1 - Com o objetivo de delinear o perfil do entrevistado

Oficinas que já cursou
Formação e experiência profissional

PARTE 2 - Com o objetivo de analisar a experiência do entrevistado no Cuca

Avaliação da(s) oficina(s)
Avaliação do atendimento recebido
Avaliação da qualidade do serviço prestado
Avaliação do pagamento da taxa de matrícula
Avaliação da estrutura e organização do Cuca
Avaliação dos eventos que participou
Motivação para participar

PARTE 3 - Com o objetivo de analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade

Entendimento sobre o papel da universidade.
Visão sobre o papel do Cuca.
O que conhece das atividades e projetos que o Cuca realiza?
Análise sobre a divulgação do que o Cuca realiza.
Que diferença o Cuca faz na cultura local?
Como o Cuca estimula, valoriza e preserva a cultura local?
O que pode ser melhor?

APÊNDICE C.2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS PROFISSIONAIS
CREDENCIADOS NO PROGRAMA DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA (GRUPO 2)

PARTE 1- Com o objetivo de delinear o perfil do entrevistado

Oficinas que ministra
Formação e experiência

PARTE 2- Com o objetivo de analisar a experiência do entrevistado no Cuca

Avaliação dos processos de contratação
Avaliação do suporte que tem em suas atividades no Cuca
Expectativa de continuar atuando no programa
Análise do espaço físico
Avaliação da estrutura e organização do Cuca
Experiência nos eventos promovidos pelo Cuca

PARTE 3- Com o objetivo de analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade

Entendimento sobre o papel da universidade
Expectativa de atuação do Cuca
O que conhece das atividades e projetos que o Cuca realiza
Uso dos espaços do Cuca
Análise sobre a divulgação do que o Cuca realiza
Que diferença o Cuca faz na cultura local?
Como o Cuca estimula, valoriza e preserva a cultura local?
O que pode ser melhor?

APÊNDICE C.3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS DEMANDANTES DA PAUTA E PARCEIROS NA REALIZAÇÃO DE PROJETOS E AÇÕES CULTURAIS (GRUPO 3)

PARTE 1- Com o objetivo de delinear o perfil do entrevistado

Eventos e projetos que desenvolveu no Cuca
Formação e experiência

PARTE 2- Com o objetivo de analisar a experiência do entrevistado no Cuca

Avaliação do uso dos espaços
Análise do espaço físico
Receptividade do Cuca às propostas apresentadas
Avaliação sobre a política de taxas de uso do espaço
Política de uso do espaço
Valorização dos artistas e da cultura
Expectativa de continuação da parceria
Organização do Cuca
Atendimento
Eventos que participou
Motivação para continuar

PARTE 3- Com o objetivo de analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade

Entendimento sobre o papel da universidade
Visão sobre o papel do Cuca
O que conhece das atividades e projetos que o Cuca realiza
Análise sobre a divulgação do que o Cuca realiza
Que diferença o Cuca faz na cultura local?
Visão sobre o uso dos espaços do Cuca
Como o Cuca estimula, valoriza e preserva a cultura local?
O que pode ser melhor?

APÊNDICE C.4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS ARTISTAS QUE EXPUSERAM NO MUSEU REGIONAL DE ARTE (MRA) DO CUCA (GRUPO 4)

PARTE 1 - Com o objetivo de delinear o perfil do entrevistado

Atuação artística
Formação e experiência

PARTE 2 - Com o objetivo de analisar a experiência do entrevistado no Cuca

Análise do espaço físico
Avaliação do uso do espaço
Receptividade do Cuca às propostas apresentadas
Avaliação do suporte que recebeu / Atendimento
Valorização dos artistas e da cultura
Expectativa de continuação da parceria
Organização do Cuca
Eventos que participou
Motivação para expor no Cuca

PARTE 3 - Com o objetivo de analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade

Entendimento sobre o papel da universidade
Visão sobre o papel do Cuca
O que conhece das atividades e projetos que o Cuca realiza
Análise sobre a divulgação do que o Cuca realiza
Que diferença o Cuca faz na cultura local?
Visão sobre o uso dos espaços do Cuca
Como o Cuca estimula, valoriza e preserva a cultura local?
O que pode ser melhor?

APÊNDICE C.5 – ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS GESTORES VINCULADOS À POLÍTICA CULTURAL DA UEFS (GRUPO 5)

PARTE 1- Com o objetivo de delinear o perfil do entrevistado

Atuação na universidade
Formação e experiência

PARTE 2- Com o objetivo de analisar a experiência do entrevistado no Cuca

Avaliação do conjunto de atividades desenvolvidas no Cuca
Análise do espaço físico
Análise sobre a organização do Cuca
Experiência como gestor em um centro de cultura vinculado a uma universidade

PARTE 3- Com o objetivo de analisar a percepção do entrevistado sobre a política cultural da Universidade

Entendimento sobre o papel da universidade
Visão sobre o papel do Cuca
Visão sobre os benefícios, para a comunidade, das atividades e projetos que o Cuca realiza
Visão sobre a divulgação do que o Cuca realiza acerca das suas ações
Visão sobre a cobrança da taxa de matrícula nas oficinas
Que diferença o Cuca faz na cultura local?
Como o Cuca estimula, valoriza e preserva a cultura local?
O que pode ser melhor?

**APÊNDICE D – SELEÇÃO DOS DADOS COLETADOS NOS QUESTIONÁRIOS E
NAS ENTREVISTAS**

APÊNDICE D.1 - RESPOSTAS CATEGORIZADAS À PERGUNTA SUBJETIVA DO QUESTIONÁRIO, NA QUAL OS PARTICIPANTES REALIZARAM O REGISTRO DE FORMA LIVRE.

FEEDBACKS POSITIVOS SOBRE A INSTITUIÇÃO

GRUPO	TRECHO DO COMENTÁRIO NO QUESTIONÁRIO
Alunos	As oficinas do Cuca fornecem atividades incríveis para formação artística do estudante, com preço acessível e muitas opções de cursos. O Cuca é um espaço importante para quem busca atividade artística.
Alunos	O CUCA é de fundamental importância para o desenvolvimento artístico dos alunos em diversas áreas e promove a cultura da cidade, facilita o acesso e trabalha com responsabilidade. Tem uma história incrível com pessoas que amam arte e querem dividir isso com a população.
Alunos	É de grande relevância as oficinas que são nos oferecidas pelo CUCA, pois desenvolvemos nossas habilidades artísticas, quer seja na arte visual, ou no áudio visual, teatro, pintura, no canto, técnica vocal, e instrumental, de forma prazerosa ao caminhar com às artes, lidando com todas essas atividades, e aprimorando cada vez mais, nossos conhecimentos e aperfeiçoamento na trajetória do mundo artístico.
Alunos	Minha filha faz atividades no Cuca desde 3 anos de idade, ela tem hoje 15 anos e costuma dizer que o Cuca é a segunda casa dela, visto que passava muito tempo no Cuca pois foi a melhor ocupação que encontrei para se envolver com a arte.
Alunos	Só elogios!
Alunos	Boas oficinas
Alunos	Minha primeira oficina na instituição ocorreu em 2008. Desde então, sou maravilhado pelo trabalho do CUCA e já retornei a cursar outras vezes. O retorno que a instituição oferece para a comunidade é incrível, [...] reconheço os seus esforços para se aproximar do público em geral.
Alunos	Excelência
Alunos	O trabalho desenvolvido pelo CUCA é maravilhoso e muito inclusivo, a equipe (funcionários e professores) faz milagres com os recursos que recebe, [...]. O CUCA presta um serviço de extrema importância e deveria receber mais suporte de todos os seus parceiros
Alunos	O CUCA é a minha segunda casa e carrego um grande orgulho em dizer que sou aluno do cuca, [...] Fiz diversos outros cursos em outras instituições de respeito como: Teatro Maestro Miro da Fundação Egberto Costa, SESC Centro, Grupo Teatral Renascer dentre outras oficinas e workshops. Mas o coração está no CUCA.
Alunos	O Cuca é maravilhoso! Uma luz cultural na cidade.
Alunos	Muito importante para nossa cidade.
Alunos	Apesar de todas dificuldades o cuca é muito querido por toda comunidade e só desejamos que melhore cada vez mais.
Alunos	O ambiente é excelente e acolhedor
Credenciados	Amo o CUCA, acho um local fantástico e necessário. [...] O CUCA é o coração da cultura de Feira!
Credenciados	Sim! o Cuca é um local que conta belíssimas histórias de pessoas que ali passaram!
Credenciados	Satisfatório

Credenciados	Necessário
Credenciados	Identifico no CUCA uma instituição de muita potência. [...] O CUCA é um espaço adorável, fecundo, e potente e merece muita vontade política, vigor e entendimento do seu papel em Feira de Santana. Merece uma visão ampliada desse papel. Cidadania passa pelo estímulo às artes e à Cultura.
Credenciados	Que continue a promover ações no sentido de valorizar sempre nossa arte e cultura
Credenciados	O CUCA fomenta a cultura em Feira de Santana e região. É referência no Nordeste para as artes e eu tenho orgulho de ter estudado no CUCA em 2000 e ser oficinaira do CUCA de 2005 até hoje.
Credenciados	Me orgulho muito em trabalhar no Cuca, considero um espaço muito importante para a difusão e formação cultural na cidade de Feira de Santana. Desejo que suas ações alcancem ainda mais a população de modo geral, para que, além de conhecer o espaço essa população se sinta parte do Cuca e da cultura da cidade.
Parceiros	O trabalho do CUCA é essencial para a cultura de Feira
Parceiros	Que o CUCA possa se fortalecer junto a universidade pela sua importância
Artistas	A equipe é toda prestativa e simpática

FEEDBACKS PARA MELHORIA – PROJETOS INSTITUCIONAIS

GRUPO	TRECHO DO COMENTÁRIO NO QUESTIONÁRIO
Alunos	Alguns colegas deixaram de fazer oficina alegando dificuldade financeiras para se manter pagando as oficinas e transporte.
Alunos	Pela democratização e oportunidade de participação social financeira, e ter parcerias em prol da mesma
Alunos	Gostaria que tivesse mais modalidades de dança
Alunos	Mais diversificado em tipos de oficinas principalmente nas oficinas de artes visuais e em oficinas para diferentes idades principalmente nas oficinas de dança.
Alunos	Gostaria que tivesse um curso de teatro profissionalizante com a possibilidade de tirar o DRT, se possível, ou um certificado que possa facilitar a aquisição.
Alunos	O desnivelamento dos estudantes acaba gerando um problema pois nem todos professores conseguem fazer uma aula interessante para um grupo desnivelado, se nivelar por baixo fica maçante pra quem já tem experiência, se nivela por cima fica difícil de acompanhar pra quem não tem.
Alunos	A coordenação de música é a que mais sofre do problema de falta de nivelamento. Não tem continuidade nos cursos, não acho que seja falta de interesse das pessoas, mas sim o que abordei no tópico 3, acaba gerando evasão, já tive colegas que passaram por isso e também já passei. Na minha opinião tinha que nivelar melhor e oferecer mais cursos. Dividir de repente por estilo musical, acho que a coordenação de musica poderia aprender mais com a de teatro, que pra mim é a melhor coordenação mais organizada.
Alunos	Apenas a oficina de teatro faz o acompanhamento. E o acompanhamento deve ser tanto para os alunos que concluem e os que abandonam, a coord. de teatro faz.
Credenciados	Precisa ofertar cursos técnicos nas linguagens artísticas já desenvolvidas

Credenciados	[...] já há público alvo para um curso de caráter pouco mais duradouro com carga horária de curso profissionalizante, a exemplo de um Curso Livre. Cursos de maior duração são propícios para formação de grupos e realização de espetáculos melhor elaborados.
Credenciados	Acredito que a instituição deveria promover mais eventos na área da dança. Uma sugestão é a realização de concursos e workshop gratuitos.
Credenciados	O CUCA é parte da UEFS e não há vínculo com a comunidade acadêmica. Sinto que os estudantes e docentes da Universidade pouco frequentam o espaço do CUCA, o que é uma pena. Palestras, seminários e afins, com potencial possibilidade de diálogo com as artes não costumam acontecer.
Credenciados	As linguagens artísticas não dialogam. Os e as estudantes de cada área não vivenciam momentos de troca com os vizinhos. Esse encontro só acontece no Aberto, por exemplo, e mesmo assim, da plateia. Essa articulação poderia ser responsável por ações mais ricas e de maior amplitude.
Credenciados	O Teatro do CUCA não possui uma Política Cultural de ocupação com ações consistentes de formação de público. Mostras semestrais de oficinas e aluguel de pauta sem critério definido enfraquecem o caráter social e o papel do CUCA na cidade. Não há um programa continuado de temporadas contínuas. As iniciativas recentes nesse sentido foram feitas por artistas, com apoios pontuais da instituição.
Credenciados	O CUCA poderia criar um política de apoio ou manutenção dos artistas e grupos que de alguma forma se formaram pela instituição. Pensar em editais que contemplem projetos artísticos, via recursos estaduais. Só sugestões, mas entendo a dificuldade e demandas que já existem para a equipe.
Credenciados	Os estudantes passam pelas oficinas e o impacto no cenário cultural da cidade depois é pouco estimulado. Grupos artísticos com trabalho continuado dão respaldo ao trabalho de atores e movimentam a cena da cidade e o consumo de arte. Muitos(as) alunos(as), depois de passarem por diversas oficinas, afastam-se da prática artística, quando não encontram qualquer estímulo ou perspectiva.
Credenciados	Ações fora do prédio do CUCA, como apresentações em comunidades não centrais, poderiam estimular e democratizar o acesso à arte e à cultura e trazer mais alunos(as).
Artistas	Oferecesse cursos e oficinas regulares e com professores de reconhecida competência;

FEEDBACKS PARA MELHORIA – GESTÃO E COMUNICAÇÃO

GRUPO	TRECHO DO COMENTÁRIO NO QUESTIONÁRIO
Alunos	Existe uma diferença forte de tratamento entre as diferentes coordenações. Eu felizmente tive oportunidade de fazer oficina em todas coordenações e sei que não é algo da instituição como um todo, mas sim algo individual / setorial. Existe também uma grande diferença de acolhimento entre diferentes professores.
Alunos	Já fui destrutado por professor [...] no primeiro dia de aula pq me atrasei e já tinha sido mal atendido na coordenação quando tentei descobrir onde era a sala de aula que não estava achando, aí abandonei a oficina.
Alunos	A maioria das coordenações não fazem acompanhamento das opiniões dos alunos, de sugestões e reclamações, se gostaram da oficina, etc.
Alunos	O atendimento da coordenação de dança é terrível, não tenho vontade de voltar lá. A de música também tem que dar uma melhorada.

Alunos	Sinalizo o fato de que a comunidade ainda se encontra distante, em alguns aspectos. Embora quase a totalidade da população feirense já deva ter ouvido falar na instituição, uma participação popular só é notada mais no festejo do Bando Anunciador. Mas talvez esse problema não seja unicamente do CUCA e eu reconheço os seus esforços para se aproximar do público em geral.
Alunos	O trabalho da instituição precisa ser melhor/mais divulgado
Alunos	Falta um pouco de dispersão das atividades do cuca para a comunidade, como se a cultura fosse uma bolha. Depois que entrei no cuca fui conhecendo cada vez mais eventos culturais na cidade, por indicação de professores, colegas, amigos e até as coordenações. Mas para as pessoas que não são alunos ou familiares/amigos de estudantes os eventos não são tão conhecidas. Talvez se houvesse mais divulgação, mais publicidade os eventos do cuca que já são bem movimentados seriam ainda mais importantes para a cidade e seria bom para todos. Poderia ver como melhorar essas divulgações.
Credenciados	Queria vê-lo sendo mais valorizado pela própria UEFS. Em materiais, em oportunidades de crescimento, em reformas, em respeito pelos profissionais da arte...
Credenciados	Falta reciclagem para os oficinairos, que são cobrados, às vezes, por detalhes desnecessários.
Credenciados	Valorize mais os professores.
Credenciados	Acho também que a divulgação referente a dança é fraca. Poderiam movimentar o Instagram com dicas sobre dança, falar sobre as personalidades nacionais e internacionais que contribuíram para a dança.
Artistas	Os gestores fossem comprometidos com arte e cultura, inclusive tendo formação na área, para compreender as especificidades das linguagens artísticas e as reais necessidades para o seu aprimoramento e difusão, bem como os resultados poderiam atingir excelência na oferta à comunidade;
Artistas	A instituição contasse com verba destinada ao fomento da arte e cultura;
Artistas	O MRA tivesse uma comissão curatorial que selecionasse as exposições e eventos. Por desconhecimento, são apresentados trabalhos de baixa qualidade, motivo pelo qual resulta na baixa frequência;

FEEDBACKS PARA MELHORIA – ESTRUTURA

GRUPO	TRECHO DO COMENTÁRIO NO QUESTIONÁRIO
Alunos	Precisa um investimento em infraestrutura: banheiros, camarins, nas atividades da coordenação de teatro e ao que parece na de artes visuais também.
Alunos	Só as salas de aula de música que incomodam pelo cheiro :(
Alunos	SE POSSIVEL , as salas de música são acústicas mas os ar condicionados não funcionam, (pelo menos até a PANDEMIA), obrigando os professores a lecionarem com portas e janelas abertas, atrapalhando a concentração de outros colegas da área da música por mistura os barulhos, causando grande desconcentração.
Alunos	Podia também se cogitar uma lanchonete lá no cuca porque às vezes quando a gente passa muito tempo por lá não tem muita opção de comer ali pela região.
Alunos	O transporte parece ser um tópico muito impactante para promover o acesso as oficinas. Durante o dia é difícil achar vagas de estacionamento para quem vai de carro, devido a quantidade de carros. Já a noite é perigoso para quem vai a pé para o terminal central, poderia ter uma linha para levar o pessoal para o transbordo.

Alunos	Fazer parceria com a prefeitura para ter transporte nos dias de eventos no cuca e organizados pelo cuca, poderia aumentar ainda mais o público.
Alunos	A única problemática em torno do CUCA está no que tange a sua localização. Apesar de ser um ponto central, há uma dificuldade para o acesso a transportes coletivos principalmente no turno da noite, o que é um desafio mais relacionado ao sistema de transportes da cidade do que ao CUCA em si, mas que afeta a frequência de algumas pessoas nas oficinas noturnas e nas apresentações que ocorrem no local nesses horários
Credenciados	Se possível gostaria também de mais salas para atender melhor ao público!
Credenciados	Compreendo que o alcance do Cuca muitas vezes se esbarra na falta de valorização e investimento por parte dos governos, e que nós profissionais da cultura ainda temos muita luta para travar em relação a isso. Inclusive, uma valorização que deveria se refletir em melhorias estruturais do espaço/equipamentos e também nos salários dos professores, que está bastante defasado.
Credenciados	As instalações do CUCA precisam receber maior atenção. A estrutura física requer cuidados.
Credenciados	Que melhore a estrutura
Credenciados	Melhorias estruturais do espaço/equipamentos
Credenciados	As salas podem melhorar, Precisamos de barras , Ar condicionado e piso em bom estado.
Credenciados	Não há um centro de convivência. Um espaço para lanches. Na região não tem onde comprar o que comer. Principalmente a noite, onde a região fica deserta. Os frequentadores e profissionais não tem a opção de uma cantina. O CUCA poderia ser um centro de convivência, de troca social. 10. Associado ao anterior. O entorno. Região deserta a noite. É preciso pensar em soluções para garantir presença do público e acesso seguro de professores e estudantes.
Parceiros	Que a sua estrutura física do espaço, salas, galerias, banheiros, área externa, teatro e prédio possam ter manutenção constantes e melhorias necessárias para o atendimento a comunidade.
Parceiros	Na área de Teatro a instituição poderia procurar parcerias privadas, editais ou alternativas para melhorarem a estrutura do Teatro (palco, iluminação, plateia, som, camarins etc). O Teatro precisa de alguém que entenda dessa estrutura para cuidar melhor dele, as vezes sinto esse espaço sem os cuidados que merecia.
Parceiros	Melhorarem a estrutura do Teatro (palco, iluminação, plateia, som, camarins etc).
Artistas	O MRA precisa de reparos e principalmente de acessibilidade. Na exposição que realizei em 2019 algumas pessoas idosas não puderam comparecer em razão das dificuldades de acesso.
Artistas	Pena não terem verbas para algumas melhorias de estrutura, exemplo os ar condicionados das salas de exposição, fazem muito barulho e as salas de aulas também com fraca estrutura
Artistas	A destinação de recursos para o Cuca deveria ser otimizada pelo Uefs. Também é necessário reabrir a Galeria Carlo Barbosa.

APÊNDICE D.2 – TRECHOS CATEGORIZADOS DAS ENTREVISTAS COM OS PARTICIPANTES DAS AÇÕES

SOBRE A EXPERIÊNCIA DO PARTICIPANTE DA PESQUISA NO CUCA

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Artistas	No Cuca, assim a minha participação lá com trabalhos começou com o teatro, com um festival que nós fizemos nos anos 90, um festival nacional de teatro, que foi lá no Cuca, com o Cuca assim recém-inaugurado [...] me aproximei do Cuca com as oficinas da oca também, cheguei a fazer né algumas oficinas lá. A expor lá também no cuca desde o começo
Artistas	[...] o Mac é um luxo, é uma coisa assim linda, aquela construção. Expor naquele lugar é uma coisa maravilhosa. Oh desculpe, o MRA. É que eu confundi. O Mac não, o MRA, desculpe. Confundi as duas siglas, o MRA. é muito bom, é um espaço muito bonito, mas muito mesmo né, com uma carga histórica muito grande e que passou né, tem uma história assim dentro da arte, funcionava antes de ter essa forma do Cuca, o seminário de música lá com aquela antiga estrutura né e depois foi virou esse complexo, o cuca, o museu e a galeria, ganhou esse formato assim, mas é um espaço assim muito maravilhoso e muito bem localizado. Um espaço assim muito querido que não só eu como os artistas tem um carinho muito grande eu tenho certeza. Numa cidade assim com uma realidade cultural como a nossa né então isso é uma coisa assim que é muito importante mesmo viu pra cidade pra arte da cidade, pra cultura da cidade. Pois assim muito muito muito mesmo importante.
Credenciados	[...] sempre desenhei né, desenhei desde pequena e daí antigamente não tinha cursos assim né, muitos cursos. [...] tinha Veveca que dava o curso, mas era caríssimo [...] e tinha o Cuca né, apareceu o Cuca, a oficina de desenho com Galeano. Aí era mais acessível para mim e Sempre morei aqui perto, fui fazer. Ah maravilhada que era meu sonho né. aí acho que foi em, acho que foi em 99, aí fiz oficina no Cuca depois fiz a oficina no Amélio. [...] Aí surgiu a oportunidade de ser professora do Cuca. [...] eu fui ser professora do Cuca, feliz da vida.[...] Eu sempre digo que eu sou uma cria do Cuca. A relação é bem antiga.
Credenciados	Nossa, eu acho que é só isso, falar do meu amor sobre o Cuca, minha relação maravilhosa com ele
Credenciados	Concluída a graduação em dança agora em 2021 já ingresso no mestrado em 2022 com essa relação da pesquisa dança teatro e um dos objetos de estudo é justamente o cuca, que é a minha casa, tem sido a minha casa uma das minhas casa nos últimos 3 anos, desde 2017 né, eu sou natural de Salvador hoje eu resido em Lauro de Freitas, mas eu digo que o cuca desde 2017 tem sido a minha casa assim eu tenho transitado muito em feira de Santana, em outros espaços, mas sobretudo com o cuca. [...] já são algumas turmas que eu ministro no cuca, desde 2017, agora por conta da pandemia trabalhamos de forma remota, esse semestre infelizmente eu não fui sorteado, eu não pude estar, fiquei muito triste, mas ano passado foi incrível. [...] Eu sou muito feliz de poder falar sobre o cuca. [...] Eu sou muito suspeito para falar da minha relação com o cuca por que de fato eu morando em salvador durante muito tempo e agora em Lauro de Freitas, e até agora eu não encontrei uma estrutura na área de arte educação como tem em Feira de Santana, no Centro Universitário de Cultura e Arte. Quem diz isso não é somente eu, eu conversei com vários colegas de salvador e às vezes até fora do estado e até de fora do Estado que conhecem o Cuca muitas vezes através do Fenatifs que é um evento muito importante que acontece em feira de Santana e o cuca tá muito relacionado com o Fenatifs também por conta do grupo de teatro, então assim as

	<p>peessoas falam quando eu falo do cuca, sempre cito o cuca e as pessoas, sempre aparece alguém dizendo, conheço, já estive lá ou conheço pela internet, porque é uma estrutura, uma arquitetura física e um trabalho, [...] muito importante né e pensar na nossa estrutura social esse país o quanto é difícil o trabalho com arte, encontrar numa cidade que é interior da Bahia e tá como uma referência, um trabalho de ponta mesmo na área de arte educação. [...]e eu entendi muito do que as pessoas me falavam do Cuca. E eu falei: não, esse lugar me interessa e aí eu vou fazer o processo seletivo.</p> <p>[...]</p> <p>Desde a época da graduação, tinha uma colega que falava do Cuca, em 2009-2010 [...] eu tive em feira de Santana só pra conhecer o espaço e aí quando eu vi aquele espaço, eu quero ir pra lá [...]</p>
Credenciados	<p>o Fenatifs que eu falei que é no inicio é foi um dos eventos que eu participei e com um trabalho chamado Lemdanças, é um trabalho também que me traz ótimas recordações e nos participamos do fenatifs como convidados, a partir desse trabalho, um trabalho que tinha acabado de estreiar, e aí receber esse convite. É eu lembro que foi uma comoção da equipe toda, de todos os alunos. Nós estávamos em um Festival que tinha referência no país todo, com alunos que estavam iniciando suas pesquisas e com um trabalho que de fato a gente se dedicou muito, foram horas e horas de ensaio. Eu lembro que a gente saia tarde da noite no Cuca ensaiando esse trabalho e a gente participou desse festival. E nós fizemos apresentação no Museu Regional e também no Museu de Arte Contemporânea, foram duas apresentações incríveis nesse festival.</p>
Credenciados	<p>Eu amo trabalhar no Cuca sabe, com todas as problemáticas, com todas as questões que tem, eu acho que o salário poderia ser um pouco melhor né, eu acho não, eu tenho certeza que o salário poderia ser melhor porque nós não temos direitos né, nós recebemos o que trabalhamos, chega um período que a gente não recebe mais</p> <p>[...]</p> <p>muitas vezes eu eu trato o Cuca como se fosse minha casa, eu gosto de ir para aquele lugar, eu gosto de dar risada no Cuca, eu gosto de chegar no Cuca, eu gosto de ver as pessoas no Cuca. [...] eu entendo que ali é um lugar de passagem né, que nossos nossos trabalhos são única e exclusivamente nossos lugar, lugares de passagem, mas é um lugar que eu quero estar, é um lugar que eu gosto de estar sabe, é um lugar que eu gosto de construir sabe. Eu amo aquele lugar amo amo amo amo.</p>
Parceiros	<p>[...] quando cheguei em feira eu me lembro como se fosse hoje, eu sempre digo isso, que a primeira coisa que eu vi na televisão, foi uma propaganda do Cuca, do Centro Universitário de cultura e arte, que tava passando lá, oficinas abertas. [...] conheci o Cuca, tava numa efervescência, onde quem era o diretor era o Josué, tava começando o Cuca.</p>
Parceiros	<p>Pra você ter uma ideia, ninguém conhecia o Cuca. Eu perguntava: vocês conhecem o Cuca, o Centro Universitário de Cultura e Arte? Ninguém. Todo mundo: não. Você já foi ao teatro? Não. É uma coisa, é uma pesquisa que se você for ver naquela época, é uma coisa sabe, que parece que Feira não tinha cultura para absolutamente nada. E a gente quando chega em Feira, a gente, naquela época né, em 1996 quando eu cheguei, aqui as pessoas não sabiam o que era cultura, todas as pessoas que eu, que me conhecia dos ambientes sociais, que me apresentavam, eu era um peixe fora d'água quando eu falava que eu estava fazendo uma oficina de teatro. [...] a gente começou a ser conhecido como um grupo que chamava então companhia de teatro do Cuca. Não era companhia Cuca de teatro, era companhia de teatro do cuca.</p>
Parceiros	<p>Professora Ivone chamava que ela era madrinha nossa, da companhia de teatro do Cuca, porque ela assim, foi uma grande incentivadora também, porque ela via aqueles jovens né, surgindo ali, com aquela vontade de fazer coisas então ela foi a</p>

	primeira pessoa na verdade a abrir as portas do Cuca para que a gente pudesse fazer teatro para infância e juventude né. Isso ela já era 1999/2000.
--	---

PERCEPÇÃO SOBRE O RECONHECIMENTO DO CUCA

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Artistas	A gente tem um carinho enorme pelo cuca, enorme, enorme, enorme, enorme. Entende a importância dele assim na nossa cidade, pra cultura da nossa cidade. Uma coisa assim incrível.
Artistas	Ah com certeza, faz toda diferença. Então hoje é uma coisa assim muito importante, fez muita diferença mesmo, muita, é muito importante a presença do Cuca [...] É uma coisa assim muito muito muito importante realmente, é muito importante. É isso.
Credenciados	Talvez se não fosse a universidade, o Cuca ou lá na UFBA, que tem os cursos de extensões, várias pessoas que, como eu, não tinha muito acesso na adolescência, pôde ter essa abertura com a faculdade, com esses cursos de extensão, essas oficinas. Leva o público a poder ter acesso a esse, a arte enfim, a cultura em geral. eu acho bastante importante.
Credenciados	as pessoas se sentem importantes estando no Cuca sabe, quando fala do Cuca, as pessoas: ah você é artista né, porque associa o Cuca a arte, e isso é riquíssimo sabe.
Credenciados	É uma vivência muito boa, você tem alunos de diversas localidades. O Cuca atrai essas pessoas né de, de, esse fomento de arte. O clima do Cuca é muito bom, o clima do Cuca você não vai encontrar em nenhuma outra instituição. Eu trabalho em várias outras e nenhuma outra tem esse esse gostinho, esse respirar arte que o Cuca tem.
Credenciados	Nós utilizamos a arquitetura externa do Cuca, era um trabalho itinerante, o público seguia com a gente acompanhando todo o processo das performances, nós iniciamos dizendo que isso não é um espetáculo, é uma provocação muito forte assim, que não é um espetáculo, é um lugar de informa-los das atrocidades [...]a gente transformou isso em cena, então assim isso é um momento muito especial pra mim enquanto educador dentro do Cuca.
Credenciados	É de extrema importância. [...] de levar a arte pras pessoas, de levar a cultura pro povo.
Credenciados	O cuca é o lugar de afeto e de ser afetado, de afetar muitas pessoas. Me afetou, me afeta e é de fato um lugar de acolhida, de possibilidades de um mundo, não é que vai mudar todo mundo, mas que vai mudar micromundos, então o cuca tá nesse lugar de mudança, de potências para artistas locais e também artista de fora do da localidade de Feira de Santana então realmente é um local, um lugar de transformação [...] Então ter um espaço como o cuca, de formação profissional tá totalmente ligado a formação pessoal.

Credenciados	A gente tem história lindíssimas dentro do Cuca, porque você sabe que o Cuca abrange vários públicos [...] Nós temos meninas que os pais vendem verdura na Marechal, que eles chegam lá com um saquinho de moedas né para pagar o figurino aquela coisa toda e eu já tive alunas no Cuca que o pai era jogador de futebol que morava na gringa né, morava na Itália, jogava em um time da Itália, a mãe ia com um super carro, a menina cada dia ia com um look diferente né, e esses públicos conseguem se encontrar dentro do Cuca e manter um diálogo saudável sabe, uma convivência de igual para igual, e eu nunca vi um tratamento diferenciado nem por parte dos professores nem pelo pessoal da limpeza, nem pelos vigilantes, era sempre todo mundo tratado de igual para igual.
Credenciados	O Cuca funciona para mim como se fosse uma grande instituição que vai perpetuar a nossa história, a nossa questão cultural,
Credenciados	O Cuca foi um lugar que fez com que muita gente vivesse o seu primeiro sonho, muita gente falasse a primeira vez em público, que fez com que muita gente contasse a sua história que nunca foi contada né, que fez muita gente chorar, que fez muita gente sorrir né, que fez muitas amizades, que criou muitos vínculos. [...] fazer com que a gente se reconheça dentro da nossa cultura, porque é comum na nossa cidade a gente vê toda a nossa história ser destruída né, a gente tem prédios lindíssimos que são derrubados e vira estacionamentos e depois mudam a arquitetura lindíssima de uma casa e faz um quadrado [...]. Então eu acho que o Cuca traz, resgata de certa forma isso, porque quando eu estou no Cuca, eu lembro que eu sou nordestino, eu lembro de Feira de Santana.
Credenciados	Totalmente, totalmente. E aí eu vou estender essa minha fala não somente a dança né, como eu te falei, o teatro tem um super trabalho, as artes plásticas, tudo o que é ofertado no Cuca é riquíssimo né. As pessoas falam para mim? você é professor do Cuca? Outra coisa que deixou meu currículo super é... desejado né pelos locais que eu trabalho, tem lá que eu sou professor do Cuca. Então quando as pessoas leem meu currículo as pessoas: Nossa ele foi, ele é professor do Cuca sabe. Dá esse respaldo assim sabe, porque a sociedade enxerga o Cuca como uma grande potência né, sabe que ali existe esse foco né.
Credenciados	Então tem total impacto, as pessoas querem estar no Cuca né, as pessoas querem fazer parte daquilo ali porque entendem o trabalho. E comparando o trabalho do Cuca com o de outros centros culturais da cidade as... O Cuca leva a melhor, porque as pessoas falam ah eu queria ir para o Cuca porque é mais organizado, eu queria ir para o Cuca porque trabalho lá é melhor né, então assim, isso não sou eu que tô falando, são as pessoas que fazem, que consomem esse produto do Cuca. [...] Eu só acho que ele tá engessadinho.
Parceiros	Então assim gente observa ao longo dos anos o quanto o Cuca, ele vem sendo bem quisto ao longo do Brasil, inclusive, tenho testemunhos de pessoas que falam que dão exemplos do Cuca, que querem conhecer as outras atividades que acontecem além do teatro. Quer dizer que não é só teatro, também é outra coisa. Então assim, eu percebo que o Cuca, ele vem se desenvolvendo ao longo do tempo, essa forma que ele encontrou de parceria com artistas que possam gerar algo de bom para ele, acho que foi muito importante, é um ajudando o outro é o Cuca ajudando o artista e o produtor, e o produtor e artista ajudando o Cuca. Porque na verdade somos todos pertencentes, acredito, a cultura desse lugar, dessa cidade.
Parceiros	Eu acredito que o Cuca, pela representatividade que tem na sociedade, culturalmente em Feira de Santana, ele era um espaço para unir forças, como o poder municipal, com os artistas, com outros veículos aqui de feira.

Parceiros	a comunidade respeita a universidade, a comunidade entende a representatividade que tem a UEFS para Feira de Santana, [...] a gente precisa desse amparo na verdade porque sem o amparo da universidade para cultura eu acho que a gente fica sempre órfão
Parceiros	Quando a gente teve a ideia de fazer um uma ação contínua de teatro para criança em feira e escolhemos o Cuca como local né, porque a gente sempre escolheu o Cuca como local, é porque a gente acreditava que o Cuca, e que a gente acredita, tem um espaço, tem um museu, tem as outras atividades que convergem para a cultura, então seria o local ideal pra acontecer um projeto de continuidade [...]
Parceiros	Com certeza, o cuca faz a diferença sim e muito né. Imagine a Feira de Santana sem o cuca. Eu acho que seria uma outra cidade para mim né. Então o Cuca faz total diferença. Desde a sua localização, no centro da cidade, se impondo ali, oh eu sou um Centro Universitário de cultura e arte, tô aqui no centro da cidade, centro histórico. Já acho isso o máximo. É uma reverência. E desde a sua ação que ele já desenvolve que é comunitária, as suas oficinas e parcerias que ele realiza com projetos né e atividades que vem para o Cuca, seja para o museu, seja para o Teatro, seja para as outras áreas né. Então eu acho que o Cuca é esse órgão de fomento importantíssimo. Representatividade dele não tem nem o que dizer, é de suma importância.

PERCEPÇÃO SOBRE INICIATIVAS E PROJETOS INSTITUCIONAIS

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Artistas	Eu acho estranho, porque...por ser um espaço público assim do Estado né, então seria ideal que realmente não fossem cobradas né, já são, são procuradas assim né com essa taxa, se não fosse eu acho que seria mais né, teria assim...oportunizaria mais pessoas não é. [...] O Maestro Miro não cobra, as oficinas são gratuitas, certo. Não é? Patrocinada pela prefeitura entendeu. E no caso da Universidade né, tem uma taxa que realmente é um preço bom, que você paga por semestre né. [...] Não é um preço assim caro né, mas por ser umas uma coisa do espaço público se fosse realmente gratuito né, seria melhor, eu acho, oportunizaria mais.
Artistas	Isso. Tá aí uma coisa boa. Essa é uma coisa boa. Que tivesse então uma cota né, de uma turma de oficina por exemplo, que um percentual fosse assim para pessoas assim, que não tivessem condição de pagar, pra oportunizar o acesso sim né, entendeu? Às vezes o moleque tem um corpo, dança que só, ou a menininha desde pequena tem um molejo, uma coisa, você percebe um dom natural para dança, mas não tem o dinheiro, por mais simbólico que seja né. Entendeu? Então oportunizaria assim mais né, mas não é, graças a Deus, não é um valor assim exorbitante, [...]. Mas foi a forma que se, que a instituição encontrou de manter as oficinas né. Então tá valendo. E as vacinas têm que continuar.
Artistas	E o Gema também né [...] Maristela enquanto teve aí no Cuca, ela desenvolveu um trabalho com um coletivo de artistas. Então tinha um dia da semana que ela desenvolvia essa atividade lá, lá dentro do Cuca, que foi uma coisa muito interessante também, muito bom
Artistas	Nesse sentido, existe um certo limite né, do que a instituição pode fazer né, mas sim, sempre chamam os artistas, convidam os artistas, abrem os editais. Eu mesmo já participei de banca de seleção aí de oficinas, chamado várias vezes né, pra selecionar as oficinas aí da Oca, ou pra selecionar as exposições aí do, da

	<p>galeria de arte Carlos Barbosa, participei de várias seleções [...]</p> <p>O Cuca não viveria sem os artistas [risos], não é? Sem as exposições estarem acontecendo, [...] O Cuca não teria a função. Qual seria a função né, de um Centro Universitário de cultura e arte se não tivesse as artes acontecendo, se os artistas não estivessem ali fazendo acontecer essas, essas atividades né, entendeu. Então, o Cuca tem que valorizar por uma questão mesmo de sobrevivência também né.</p>
Artistas	<p>[...] com relação assim ao teatro, é uma coisa difícil o acesso as pautas né, porquê vinculado, é mais fácil, quer dizer, no museu não tem problema de conseguir pauta, tem os editais né assim, que abrem, as pessoas enviam projetos para participar das exposições, essa coisa toda. Mas o teatro é mais difícil de conseguir. [...] Então o acesso as pautas né aí, são mais problemáticos.</p>
Credenciados	<p>Sim, porque ele precisa se manter. O Cuca ele precisa né desse dinheiro para pagar os oficineiros. Não é muito, se você dividir pelos meses que você tem, não não é muito, é acessível.</p>
Credenciados	<p>É sempre uma reflexão que nós temos também com as alunas e com os alunos e o que eu digo sempre é o seguinte, tem outros espaços, é claro a gente tá no espaço público da Universidade Então nesse sentido a gente fica pensando poderia não ser cobrado esse valor, uma vez que o espaço da universidade. E ao mesmo tempo, eu fico pensando que já passei por outros espaços, dou aula em outros espaços e são valores muito maiores que são cobrados. E não são uma única taxa, são taxas mensais, com valores bem maiores, então eu, agente fica nessa corda bamba, claro, pensando que é um espaço da universidade [...]. Porque de fato às vezes um valor que parece ser irrisório para alguém, é muito, é um valor muito alto né? E a pessoa que às vezes deixa de fazer por conta desse valor. Deixa de fazer a atividade. Então é sempre muito difícil, tem esses dois lados, é sempre muito difícil ter uma resposta assertiva, mas em termos de valores o que se vê, pensando em prática de mercado, de fato é um valor que está muito abaixo do que é cobrado aí em muitos outros espaços e o que tem, que o cuca oferece para isso tudo, a gente percebe que é o valor que é muito abaixo da média do que é cobrado.</p>
Credenciados	<p>Eu acho sim, eu acho que a cobrança da taxa é adequada. Inclusive eu acho o valor baixíssimo, eu acho que deveria sim ter um aumento no valor dessa taxa e eu acho que também deveria ser ofertado isenções [...] de você estudar o histórico daquela pessoa que está pedindo aquela isenção e vê se ela está apta ou não, e você fazer realmente um plano individual sabe, de atendimento, então quem é essa menina que recebeu essa bolsa. Ela merece essa isenção? Merece. Tá, mas ela precisa, ela também tem as obrigações dentro da instituição, como é que é o desenvolvimento dessa menina, né? Essa menina frequenta todas as aulas e como é que tá a escola né, como é que tá essas questões todas?</p>
Credenciados	<p>Eu já tive alunos que não tinham o dinheiro do transporte, [...] que não tinha dinheiro do material. [...] o aluno precisa do transporte, às vezes o aluno precisa, até de um lanche, não sei e é meio complicado isso.</p>
Credenciados	<p>o que eu acho também que poderia ter uma mudança dentro do Cuca, é ofertar outros tipos de evento, de trabalhar de uma forma multidisciplinar sabe, de chamar o teatro para dança, de chamar música, de interligar de alguma forma todas essas [...] atividades artísticas que nós temos ali e criar uma coisa grandiosa. Óbvio que não vai dar para montar um espetáculo de encerramento com todo mundo porque só a dança né, para você ter noção o único espaço que comporta o público da dança do Cuca é a UEFS. Quando não é a Uefs, você tem que ir para uma quadra, para um ginásio né, porque teatro não suporta, nenhum na cidade suporta</p>

	a quantidade de bailarinos. Isso eu tô falando só de bailarinos né, fora os professores, aí vem a equipe de produção né.
Credenciados	As meninas quando chegam no balé seis elas vão para outras escolas, que eu acho interessante, mas ao mesmo tempo eu acho meio que... como eu posso colocar isso? Meio que, aí não sei que palavra usar, mas é meio que você doar para o outro uma coisa que você poderia ter para você né, para elevar o nome do Cuca, o Cuca poderia ter um corpo de baile com essas meninas, o Cuca não tem né. Então muitas vezes a menina sai do Cuca, vai para uma escola privada e a menina é primeira bailarina da escola, vira solista na escola né, mas no Cuca ela não foi
Credenciados	Então a estrutura do Cuca para mim é isso, o que falta é espaço físico sabe, porque a partir desse espaço físico a gente consegue ofertar mais atividades, a gente consegue criar um corpo de baile né, talvez a carência desse corpo de baile seja o espaço físico né. Eu nunca, eu já falei, mas eu nunca formalizei sobre criar um corpo de baile no Cuca, porque quando a gente tava tentando falar sobre isso, começou pandemia, e aí a gente acabou deixando meio de lado [...]
Credenciados	Marco Caribé realizava um evento lindíssimo da dança, que era um concurso que ele fazia de dança, e, esqueci... encontro coreográfico, o nome. Eu nem era bailarino na época, eu era dançarina de quadrilha junina né, dança popular e eu já ouvia falar do encontro coreográfico e eu ficava enlouquecido. Eu lembro de uma vez que eu fui no Cuca assistir o encontro coreográfico, eu fiquei três noites sem dormir. Porque eu achava aquilo fantástico né, os bailarinos no palco e tal. E infelizmente parou esse concurso né. Então eu acho que a dança no Cuca ela ficou muito nesse lugar somente do espetáculo de dança sabe. De espetáculo de final de ano, sabe? Mas a gente poderia ofertar várias outras coisas.
Credenciados	[...] a dança meio que se resumiu ao espetáculo de dança, as aulas regulares, o espetáculo de dança, o aberto do Cuca né, que o pessoal fazia de vez em quando, esses últimos anos a gente veio fazendo sempre, e só né. Tipo... Então eu acho que poderia dar uma mexida nesse negócio, uma movimentada. Vamos promover concurso gente, vamos promover um show de talentos né. Vamos fazer um mostre o seu talento, vamos fazer um domingo da dança né. [...] a cidade é cheia de foco de dança.
Credenciados	eu acho que poderia promover sim rodas de conversas, encontros, óbvio que tudo no início é ruim gente e assim você não precisa promover um evento e querer que seja como espetáculo final de ano. Gente tal dia a gente vai fazer uma roda de conversa falando sobre tais, tais e tais assuntos. Se forem só 5, beleza, porque no próximo vão 10, no próximo não vai ninguém, depois vão 30 né. E vai chegar uma hora que, ih gente já deu isso aí, vamos fazer outra coisa, mas a gente fez, a gente ofertou sabe.
Credenciados	Tem uma outra problemática no Cuca. O Cuca é um lugar que não oferece exame de balé né.[...] Mas traria um respaldo bem maior para dança se a gente trouxesse, oficializasse isso sabe, mas aí para fazer isso precisa o que? O Cuca precisa se cadastrar enquanto instituição, o Cuca precisa pagar uma taxa para essa instituição para que seja credenciado, entende.
Credenciados	Eu acho que a gente poderia sim dar uma mudada na dança do Cuca, oferecer outras coisas, porque muitas meninas ali Valéria, não querem a dança né como profissão, elas querem a dança somente como uma atividade física, como um passatempo, como um lazer.
Credenciados	a nossa maior dificuldade mesmo [...]é a montagem de Espetáculo, porque é um elenco muito grande, muito grande, você não tem noção.

	<p>E é o espetáculo para gente que, para mim no caso, que é a nossa maior dificuldade porque você tá lidando com sonhos né porque muitas meninas ali, elas se preparam mesmo para o espetáculo né. Se você perguntar para muitas meninas ali o objetivo delas é dançar o espetáculo, é a conclusão sabe, é como se fosse o Oscar para elas, então elas prezam muito por isso e elas sofreram bastante nesse contexto de pandemia que a gente não teve espetáculo.</p>
Credenciados	<p>Em termos numéricos, o espetáculo de dança promovido pelo Cuca, ele tem mais alunos do que de todas as outras academias de dança de feira?</p> <p>Disparadamente, disparadamente. [...] é muita gente. Só para você ter ideia, a gente já fez cinco sessões, era uma sexta, duas sábado... não, era uma quinta, uma sexta, duas sábados e duas domingo. Para conseguir fazer todo o elenco participar, só funcionava assim.</p> <p>Geralmente tem escola que tem um elenco reduzido de trinta, tem escola que tem um elenco de no máximo setente né, mas chegar no Cuca, ninguém viu, nem perto.</p>
Credenciados	<p>O banda anunciador gente é uma coisa de louco, as pessoas em Cachoeira, em Santo Amaro falam sobre o bando anunciador, de vim para o bando anunciador né, então é... tem total impacto. [...]</p>
Parceiros	<p>Sim, sobre a cobrança da taxa das oficinas, eu acho sim que deve cobrar, porque o Cuca hoje atende não só pessoas que é da comunidade assim, que não tem condições de pagar né, mas tem pessoas que tem condição de pagar uma taxa e a gente sabe que culturalmente é importante que as pessoas paguem uma taxa pela cultura sempre, porque a cultura tem seu valor e eu sou totalmente de desacordo de não ter um valor, [...] Eu acho que a cobrança da taxa não deve ser alta porque é uma... a cobrança eu entendo que a cobrança da taxa é mais uma questão de valorizar o que você tá fazendo né, mas a gente sabe também que a taxa para algumas pessoas que não tem nem o que comer em casa né, às vezes pode se tornar algo inviável, para vocês receberem aí no Cuca o meninos e meninas né, jovens que teriam uma vontade imensa de tá fazendo uma oficina e por causa daquela taxa não vão conseguir. Então eu acho que tem que funcionar bem aquela questão das bolsas né, de poder ofertar bolsas para essas pessoas que não, não tem realmente a condição nem de comer em casa muitas vezes né. E que tem talento e que tem vontade né.</p>
Parceiros	<p>Com relação a pauta, da mesma forma, eu acho que tem que ser paga sim, porque não se tem, não se tem como não fazer pago. É um... você tá usando o espaço né. Aí claro, devido às condições também que é ofertadas no espaço, então eu acredito que não pode ser mais do que o que já é cobrado hoje, porque senão fica inviável também para o produtor. E sempre negociado também né, porque em algum momento que houver algum tipo de parceria, que possa permitir a isenção da pauta por algum benefício que é aquele projeto possa estar oferecendo para comunidade.</p>
Parceiros	<p>Acredito que sim, porque em Feira a gente tem poucos teatros, né? Não tem muito parâmetro também não né, mas assim, do que a gente tem de parâmetro, que é o Municipal, que é o Margarida né, ele também ele está igual o Cuca. Ele fechou agora da mesma forma. Também nesse ponto, ele também é estimulador né. A CDL é um teatro que ninguém de artista pode pensar em ir, a não ser que você tenha um projeto patrocinado. Por que a pauta lá não é para nós artistas, embora o teatro seja muito bom né. O Amélia Amorim, o teatro deixa, deixa a desejar também e as pautas eu considero elevadas para o teatro que é. Então eu considero que o Cuca sim, é, acaba sendo um atrativo né, para produções que não são de grande porte né, porque o teatro é pequeno né.</p>

Parceiros	<p>Tentar fazer isso de uma forma mais direcionada, porque muitas vezes fica se esperando que essa criança vá até o Cuca. Ela nem sabe que o Cuca existe. Então de repente tentar fazer alguma forma de chegar até uma escola pública e oferecer algumas vagas para algumas crianças que a gente sabe que tem lá e que tem um potencial, mas não teria condição de fazer, entendeu. Então eu acho que pode chegar até essa comunidade mais carente para que na sua turma lá do Cuca possa existir aquele menino que realmente tem condição e tudo mais e foi buscar o Cuca naturalmente, mas ter também aqueles que nem sabiam que o Cuca existia. Que sejam lá, seus três, quatro, mas que tenha um naquela sala, mas eu acho que esse cuidado deveria se ter viú, porque é uma coisa que eu não vejo fazer e ao longo do tempo pode ser que muitas pessoas estão sendo beneficiadas por uma taxa barata e aqueles que poderiam estar aproveitando a oportunidade de construção aí, não tá tendo.</p>
Parceiros	<p>[...] a gente tem uma proximidade muito grande com o Cuca, mas a gente não tem com a universidade. Tá certo que o Cuca representa a gente e pode ir até na universidade, mas eu acho, eu acredito que a universidade né, o próprio reitor que eu considero a pessoa que é uma pessoa que tá ali para poder ver o que está acontecendo ao seu redor né, a gente já teve momentos em que nós artistas tivemos contatos com Reitoria da Universidade, reuniões que eram formadas para poder conversar sobre projetos, sobre o que poderia ser feito, já tivemos esses momentos, eu já participei, Henrique participou muito de reuniões, quando tinha a Amuefs por exemplo, era um momento que se tinha muito esses encontros com a Universidade, com a cultura, com a universidade. Depois tudo foi se perdendo, e até estarmos como estamos hoje assim.</p>
Parceiros	<p>Em 2006, Henrique começou a tentar institucionalizar a companhia Cuca de Teatro, que o nosso grupo né, deixar de ser companhia de teatro do Cuca e passar a ser Cia Cuca de Teatro e uma cooperativa, onde a gente pudesse trabalhar com editais essas coisas assim e assim, ser mais, crescer né, vamos dizer assim. E se institucionalizar, coisa que a gente não era, a gente era um grupo amador. Antes da gente ser companhia cuca de teatro e como a gente não tinha CNPJ nem nada né, a gente trabalhava muito em parceria, não sei se você conheceu a Amuefs, que é associação de amigos da Universidade né. Junto com Cesar Orrico lá. Então a gente fez muitos projetos em parceria, Henrique fez muitos projetos em parceria com a Amuefs né. Inclusive Maria Minhoca, que foi em 2004, o primeiro projeto nosso pelo Fazcultura aprovado foi com a Amuefs, a gente mandou pela Amuefs.</p>
Parceiros	<p>A parceria com o Cuca sempre existiu, nunca deixou de existir. Foi uma coisa sempre constante. A cada novo gestão que vinha era sempre uma apresentação nova que a gente fazia com o novo diretor do Cuca explicando quem eramos, que eramos um grupo independente, que tínhamos total afinidade com a instituição e que a gente tinha se conhecido naquele espaço e que a gente tava ali como parceiro né, para poder dividir coisas né, um ajudar o outro e não um viver por cima do outro né, mas com outro, então assim Henrique, na gestão que foi acontecendo no Cuca, ele foi fazendo muitos projetos também para o Cuca né, de iluminação do Cuca, a primeira iluminação que o Cuca teve foi Henrique que fez, Caminhada do folclore, Henrique fez durante vários anos né pra Tânia, o projeto do Procultura. Então assim, teve sempre uma parceria muito grande ali com o Cuca né, para poder fazer algo de, que pudesse contribuir para a instituição também por que a gente sempre quis que o Cuca né, efervescesse mesmo de cultura né.</p>
Parceiros	<p>Então o Domingo Tem Teatro em 2006, eu acho que já alcança no Cuca um conhecimento muito grande com a comunidade, porque quando a gente fala em desenvolver alguma atividade para criança, a gente acaba atraindo também o pai, a mãe, o irmão, o tio, a tia, a vó, o vô. Então você atrai todo mundo. Fez com que o Cuca ficasse muito conhecido. Inclusive muita gente da Universidade passou a frequentar o Cuca, levando seus filhos, aquela coisa e tal né, o comércio, O Cuca passou a ser muito conhecido, com uma atividade constante que está</p>

	<p>acontecendo, você acaba o ano inteiro tendo convivência com pessoas que passam a conhecer o Cuca, então o Cuca deixou de ser um local para quem faz as suas oficinas né, que seria conhecido só por aquelas pessoas, mas passou a ser conhecido por pessoas que nunca talvez fizeram uma oficina no Cuca, e nunca vão fazer, mas que acabam conhecendo a instituição como um todo através dos projetos que acontecem. Eu tô destacando o Domingo Tem Teatro, mas logo na sequência veio o Fenatifs, que o Fenatifs também foi um projeto que também deixou o Cuca não só conhecido aqui em Feira de Santana bastante, mas também no Brasil inteiro. Porque são treze edições de Fenatifs, a última sendo online, 12 edições onde a gente teve total parceria do Cuca, que abre o seu espaço mesmo para que possa se realizar as atividades paralelas, são as oficinas, debates, como também os espetáculos de grupos do Brasil inteiro, que ficam encantados todos os anos quando eles vêem que Feira de Santana tem um centro de cultura e arte da Universidade de Feira de Santana. Isso causa no artista, que também é um educador, uma sensação de dever cumprido daquela cidade.</p>
Parceiros	<p>[...] temos o Fantasia - O Caminho da Educação, que é um projeto que a gente fez milhões de apresentações no Cuca para escola públicas, crianças da rede pública, também sempre foi uma coisa muito bacana do Cuca, todas as apresentações que a gente direcionou a rede pública de ensino, O Cuca nunca cobrou pauta. Porque ele entendia que a gente tava dando gratuitamente a apresentação para os estudantes da rede pública de ensino, então não tinha condições da gente pagar pauta também. Então é um contribuindo com o outro, a gente cuida da apresentação e o Cuca podia ceder a pauta.</p>
Parceiros	<p>É uma experiência bem diferente de tempos em tempos né. Nós já tivemos momentos no cuca de uma parceria mais difícil como era essa que eu te falei, que foi exatamente no início do Domingo Tem Teatro, mas você vê, foi difícil mas acabou acarretando num projeto que deu certo inclusive. Mas independente disso, até mesmo nesse ano né, que foi um pouco difícil, a gente nunca teve problemas de manter a parceria por conta de que, como eu te falei, numa relação onde se existe um conjunto né de pessoas que querem trabalhar juntos, eu acho que sempre dá certo. Então a parceria com Cuca e a companhia Cuca de teatro e eu [...], enquanto produtora, sou parceira de outras também instituições como o Amélia Amorim, a gente faz parceria com a prefeitura e tal, mas claro, com o Cuca sempre foi uma parceria muito mais equilibrada em todos os sentidos, de entendimento das propostas, de sempre tentar atender aquilo que está sendo colocado, acho que essa essa coisa do ouvir né, o artista, o produtor cultural, pra tentar ver como atender aquela solicitação, aquela nova parceria é também uma um exercício que o Cuca vem praticando ao longo desses anos muito bacana.</p>
Parceiros	<p>[...] eu me lembro que eram envolvidas muitas pessoas, segmentos da sociedade para caminhada do folclore acontecer, então aquele, era uma união muito bonita porque tava tava trazendo à luz, vamos dizer assim né, um patrimônio perdido que era o folclore né, unir todo mundo e era uma coisa muito bonita assim, muito bonita. E durante muito deu certo por isso, porque eu acho que tinha muitos segmentos da sociedade envolvidos. E assim eu fico pensando, a universidade é uma potência né. Eu acho que se a Universidade, ela convoca né setores da sociedade né, para um algo assim, eu não acredito que não vai ter adesão entendeu? Eu acho que teria uma adesão total.</p>
Parceiros	<p>[...] é sempre muito problemático quando eu tenho que indicar para pessoa entrar em contato com o Cuca. Porque assim, às vezes um artista de outro estado né, tá querendo manter contato com o Cuca, para poder ver né pauta, essas coisas assim, aí eu digo, olha, você entra em contato com o e-mail do Cuca e você vai mandar um ofício para eles. [...] mas assim eu acho que eles deveriam de alguma forma, ter um atendimento, tipo assim, um formulário para preencher já entendeu, a própria internet, de repente um link, você entra lá e preenche esse formulário, manda para o Cuca solicitando sua pauta. Acho que poderia ser uma coisa mais</p>

moderna sabe, eu vejo essa questão de ofício. [...] eu acho que para pelo menos as pessoas de fora né, que são de fora, que pudesse ter um link com um ofício, com um formulário lá, que a pessoa pudesse solicitar né aquela pauta ali. Não sei... acho que talvez fosse melhor do que a pessoa ter que entrar em contato por e-mail para depois não sei o que tal.[...] como uma forma talvez mais mais moderna mesmo né, da pessoa entrar em contato.

PERCEPÇÃO SOBRE PAPEL DA UNIVERSIDADE NA ARTE E CULTURA

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Artistas	<p>Eu acho que a UEFS tem esse débito ainda com a comunidade de, comunidade feirense. De ter um curso de artes, teve de música, que foi muito bom, porque realmente já tinha o seminário de música, que funcionava né, desde os anos aí 70, 80, 90 né, até quando foi modificada a estrutura e se fez o complexo aí, lá no Cuca né. Então o curso de música, mas eu acho que merecia já o curso de artes na nossa cidade, pela própria história que a cidade tem com artes plásticas</p> <p>Embora haja a especialização e mestrado, mas não tem a graduação né, também das artes plásticas. Já se discutiu muito isso, se pensou em criar um curso de artes, que tivesse as habilitações, a pessoa escolheria se queria habilitação em música, ou em dança, ou em artes visuais né, mas nunca funcionou, acho que é uma carência isso aí, seria muito bem-vindo viu. Mas a Uneb jogou duro, colocou teatro em Jequié e colocou dança em Vitória da Conquista. Colocou artes cênicas em Jequié, tem lá o curso e colocou dança em Jequié, e a ufrb colocou cinema né. Então melhorou muito isso. Melhorou muito essa difusão das artes, principalmente assim fora do eixo Salvador assim. A Uefs ficou na música porque já tinha o seminário né, aí ficou, que é maravilhoso também. Ainda bem que temos a música.</p>
Artistas	<p>Nossa, é fundamental</p> <p>Eu acho que isso assim é fundamental realmente, é fundamental, porque é o que propicia pesquisas, que faz descobrir né novos conhecimentos dentro da área de artes, como em qualquer outra área do conhecimento né.</p>
Artistas	<p>[...] os projetos ficavam muito centralizados em Salvador, ali região metropolitana e o interior muito isolado</p>
Artistas	<p>[...] hoje em dia feira é uma cidade que tem talentos assim em várias áreas assim, várias áreas da arte. Pessoas que trabalham assim como nível profissional incrível, que não devem nada a lugar nenhum mesmo, profissionais das artes, das artes plásticas, seja da dança, seja né, seja do teatro, da música também né. Entendeu.</p> <p>Agora é difícil a situação das artes assim num país como o Brasil, por conta da educação mesmo, dos investimentos em educação e cultura, entendeu. Então uma coisa assim macro né, e que reflete né nas cidades também assim. Uma ausência assim de políticas públicas mais voltadas para a arte educação por exemplo, que eu acho que é o caminho, não é, entendeu. É uma coisa maravilhosa. Eu acho que salva vidas, resgata vidas, isso né. Entendeu. Uma coisa muito atrativa, as artes são muito atrativas, então eu acho que vinculadas assim a educação.</p>
Artistas	<p>Faltam políticas públicas assim mais voltadas para essa coisa assim das artes. É difícil viu, os artistas sofrem, mas não deixam de fazer muitas vezes porque, porque eles sabem fazer o que escolheram assim como profissão. Mas é duro, e é arduo né, isso assim, entendeu. Mas melhorou muito muito muito muito assim né, no caso assim da nossa cidade, essa coisa assim do acesso a arte e tudo. O Cuca ajudou muito nisso também.</p>

Artistas	[...] professor Dival Pitombo era um homem assim muito culto e tinha um gosto assim maravilhoso para as artes. Então nesse período dele na DVU, houveram assim diversos eventos maravilhosos de artes aí na Uefs. Eu digo porque sou testemunha entendeu, fui ver várias vezes a Orquestra Sinfônica da UFBA, não foi uma nem duas vezes né, artistas de música, ou artistas assim vinculados a cultura Negra, diversas manifestações, exposições de arte que muitas aconteciam aí nos auditórios da própria Uefs, fui em várias
Artistas	[...] foi uma época muito maravilhosa da Uefs, esse momento do professor Dival Pitombo, sabe. Ele realmente favoreceu assim acontecimento de vários espetáculos e oficinas também de arte, de conferências. Cheguei a fazer algumas, inclusive aí no museu né, foi uma fase assim boa né, essa fase aí do professor Dival Pitombo. Agitou bastante a vida cultural da Uefs
Artistas	Já na literatura, que também é forma de arte né, aí nesse nesse sentido a uefs sempre foi muito maravilhosa assim, tem pessoas assim da literatura, incríveis né
Artistas	É uma coisa muito importante o curso de letras na Uefs, foi uma coisa muito importante para a cultura da cidade, mas muito mesmo, muito mesmo [...] não existia um curso mesmo de arte, como agora tem o de música, então o que existia de arte na universidade era vinculado ao curso de letras. Então diversos eventos, então isso foi uma coisa muito importante, o curso de letras, para essa coisa da política cultural da Uefs.
Credenciados	Fundamental. [...] entender que o artista como esse profissional que está diretamente ligado à a sociedade e que é fundamental no processo educacional [...] [...] a academia tem Total importância pra formação artística [...] eu também sou professor de um projeto da extensão da UFBA e isso é interessantíssimo como isso ocorre da de alunas que alunos que inicialmente não podem estar dentro da Universidade diretamente como na graduação mas estão envolvidos nos projetos de extensão, estão fazendo oficinas Livres né. Isso ocorre com o Cuca, isso ocorre com outros espaços mas a ufba pra mim, junto com a uefs vinculado ao cuca são minhas referências [...] [...] é muito bacana, muito bom saber que a Uefs está aí assim junto com Cuca com todas as dificuldades que a gente sabe financeiras e estruturais[...]
Credenciados	no meu entendimento, a universidade tem total obrigação de ofertar sabe, e quando eu falo ofertar, é ofertar das mais diversas maneiras, porque não só dentro da graduação né, a gente sabe que o espaço da universidade é um espaço que inspira cultura o tempo inteiro
Credenciados	Quando a gente fala de cuca, a gente lembra de UEFS né e vice-versa, fala de Uefs, a gente lembra de Cuca. Mas eu não vejo essa comunicação sabe, é como se fossem coisas separadíssimas né. Eu não sei nem se a universidade entende que aquele pessoal do Cuca pode ser solicitado para um evento. É como se fosse um mundo paralelo. Mas o que eu acho mesmo de verdade é que falta comunicação.
Parceiros	eu acredito que a Universidade de Feira de Santana, ela é o ponto de união para tudo né, se a Universidade ela estiver à frente de um segmento, todos vão estar indo com a universidade. Como eu disse para você, projetos que a universidade esteve à frente sempre deram bons resultados e assim para política aqui de Feira de Santana eu sinto uma ausência muito grande da universidade estar mais inserida
Parceiros	Na universidade tem tantas pessoas né, pensantes, poderia fazer parte alguém do Conselho Municipal de Feira de Santana por exemplo, de cultura. Eu não, pelo menos não conheço assim nenhum representante da Universidade que esteve lá. Eu acho que falta a Universidade, além de desenvolver mais políticas internas de encontros

	mesmo, para tentar encontrar, conversar com a essa sociedade, conversar com o poder público, dialogar né, com o setor de produtores culturais e artistas também para entender como é que a gente pode fazer uma política cultural integrada. [...]
Parceiros	[...] a universidade para mim ela é um eixo, ela é ela é o ponto de partida pra tudo isso acontecer.
Parceiros	A cultura ela está para ser respeitada, ela está para ser incentivada, valorizada, porque senão a gente não vai ter pessoas pensadores, idealizadores, que vão poder continuar esse legado não. Vai ficar uma feira de Santana caótica, sem nenhuma transformação social, política, econômica e nem nada. E a gente não pode reverter o processo de feira. Feira já foi uma cidade que não tinha elementos da cultura, hoje feira tem. Então não podemos deixar isso ir embora, antes que seja tarde temos que tomar alguma providência e eu acredito que a universidade é o ponto de partida para isso.
Parceiros	[...]eu não consigo ver uma instituição de educação que não tenha junto a sua instituição um trabalho na área da cultura efervescente né e ainda digo não só na cultura como no social também né porque a gente quando une Educação e Cultura, a gente acaba atingindo o que a gente busca nesse país, que é atender ao social né. E atender o social só com educação não gera tantos, não gera frutos transformadores. Pode, e pode até gerar, mas gera muito mais quando você associa os seus projetos da educação com a cultura, porque aí você ativa aquilo que é o segmento cultural que eu considero de maior relevância para o ser humano pensar e se a gente quer pensadores a gente quer mudar esse esse mundo que a gente tá para melhor a gente precisa cada vez mais pensar que a nossa cultura é o nosso patrimônio.

PERCEPÇÃO SOBRE POTENCIALIDADES E BENEFÍCIOS DA POLÍTICA CULTURAL

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Credenciados	Tem trabalhos muito importantes e que devem ir pra o mundo e tá acontecendo isso. Um aluno outro dia mandou pra mim, [...], um dos alunos, das pessoas que é muito interessante, ele veio do Cuca e passou num festival e aí super feliz falando de um trabalho que desenvolveu comigo dentro do Cuca e tá ai no mundo sabe, essas coisas são gratificantes como educador.
Credenciados	[...] vem pessoas que nunca teve nenhum contato com a arte, como advogados, como médicas, como tinha policial também dentro da..., é muito interessante ver que pessoas de outras áreas procuram esse lugar [...]
Credenciados	[...] uma área que é tão difícil ainda dentro do nosso país. Nesse momento a cultura tá vivendo um momento mais difícil ainda e você encontrar essas alunas e esses alunos é uma força como educador e o Cuca é pra mim esse lugar, um lugar afetivo muito importante e um trabalho profissional muito grande, assim a estrutura, a parte burocrática do sistema, que é muito tranquila de desenvolver, tipo a coordenação pedagógica, com a equipe da direção, a equipe administrativa, tem sempre esse apoio, essa proximidade para realizar as ações e eu que gosto de utilizar os outros espaços da arquitetura física, eu fui pro museu, tive um apoio incrível da equipe do museu, de toda parte administrativa, usei a área externa ali com um trabalho com os alunos, a área externa do cuca [...]
Credenciados	O Aberto do Cuca por exemplo ficou muitos anos sem as meninas do Cuca apresentarem no aberto do Cuca, que é um evento oficial do Cuca e eu não entendia isso de forma alguma né.

	<p>[...] Então as bailarinas do Cuca são sim as anfitriãs da festa né, [...] quando elas dançaram chegou alguns funcionários do Cuca e falaram: nossa, esse grupo foi perfeito, que grupo perfeito viu Professor. Essas suas alunas são maravilhosas, de onde elas são? Aí eu falei são do Cuca e aí eles olharam para mim assim: Do Cuca? Sabe? E aí isso mexeu muito comigo [...], porque assim, nesse momento eu falei: nossa, como assim? Eles perguntaram: do Cuca, desse jeito. Para mim foi como se eles não acreditassem né no trabalho que era feito dentro da instituição. E aí eu falei: é do Cuca, e eles falaram: eu achei que era da [outra academia feirense] né, porque a [outra academia feirense] é uma academia famosa aqui de Feira [...]. [...] Será que realmente acreditam no trabalho que é desenvolvido né? Será que realmente entende que aquela menina ali é uma prata da casa ou acha que é só uma qualquer ou vai cair naquele lugar novamente de só valorizar o que é de fora?</p>
Credenciados	<p>[...] é uma aluna que a gente tem no Cuca, lindíssima. [...] foi solista da nossa apresentação do nosso último balé, [...] dançou na ponta emocionadíssima né, [...], meu marido deu o figurino, a mãe de [...] não tinha dinheiro mais, porque ela já tinha pago os figurinos e tal. Ela falou, professor, [nome da aluna] não vai dançar, eu falei com [...] né. [...],[nome da aluna] não vai ser a solista, [...]: não acredito, por quê? Porque não tem dinheiro para o figurino. [...], eu vou dar o figurino para ela, aí fez o figurino, deu o figurino para ela, mas aí as amigas, as coleguinhas da turma babavam [...]assim sabe, [...], abraçavam, oh professor, [...] é perfeita, [...]é melhor, meu objetivo de vida é ser igual a [...] e aí nossa coordenação não postou uma foto de [...] no Instagram, entendeu. Tipo: Parabéns [...], conseguiu seu primeiro solo. O primeiro solo é como você, se você fosse reconhecida sabe, porque geralmente todo mundo é corpo de baile, porque quando você dança em grupo dá para disfarçar os seus erros e tal mas quando você é escolhido para ser solista é porque você está preparado para assumir aquele posto, você vai conseguir sustentar aquilo ali do início ao fim, você vai conseguir falar com a plateia né, e [...] conseguiu isso [...]. Eu lembro quando eu ganhei meu primeiro solo, a minha professora me chamou no palco, eu tomei um susto na hora assim, aí todo mundo no palco, olha eu quero chamar aqui na frente [...], que vai ganhar uma medalha, porque se destacou muito e ganhou seu primeiro solo, que sejam muito solos nas suas... Aquilo para mim foi eu ganhar o Oscar lá em Hollywood sabe e a gente não fez isso com as meninas sabe. Eu fiz uma seleção para ser solista né, eu não escolhi [...]. Eu falei: Gente eu vou abrir uma seleção, vou chamar uma professora [...], contei a história de [...] (da professora) e 6 meninas se inscreveram, a turma com 30, só 6 se inscreveram e foram, fizeram o teste. Das 6 que fizeram teste, [...] foi a escolhida para ser solista do clássico do espetáculo todo, [...] a solista do contemporâneo, [...] segunda solista junto com [...], da dança da paz entre os povos. E aí pronto, morreu nisso. Eu que fiz uma postagem no meu Instagram parabenizando as meninas, [...], mas acabou, sabe. Então eu acho que falta.</p>
Credenciados	<p>[...] aquele movimento faz com que ela, enquanto criança, enquanto adolescente, enquanto adulto, se renove né, faz com que ela entre naquela sala de dança com aquele professor que está sempre ali cobrando e ela saia renovada né. O que eu escuto muito das minhas alunas, principalmente as adolescentes e as adultas é que elas vão para aula muito carregadas né, das cobranças, da sistematização toda que a gente tem hoje na vida e que elas saem de lá leve, porque é como se elas deixassem aquela carga diária toda né, esqueci, pronto, tô carregando minhas baterias para o outro dia.</p>
Credenciados	<p>a dança é uma profissão né, a dança passa por vários lugares, mas a dança é uma profissão, mas essa mesma dança pode ser uma terapia, essa mesma dança pode ser entretenimento, essa mesma dança pode ser a atividade física, né. Então é o lugar que você escolhe nessa dança</p>

Credenciados	[...] dança fala sobre psicomotricidade, dança é isso, dança faz você entender quem é você, fala sobre sentimento e emoção, pega o cognitivo né.
Credenciados	[...] tinha um aluno que disse assim, eu vou pra Cabuçu porque arrumei um emprego lá com essas pinturas que a senhora me ensinou, tô fazendo as pinturas na parede do povo.
Credenciados	O Cuca nunca promoveu um workshop de dança popular, que é uma coisa nossa né. Então xote, xaxado, baião, forró, é nossa maior riqueza né. [...] tá restrito, se restringindo somente ao espetáculo de final de ano.
Credenciados	Total, [a arte] transformou a minha vida, transforma hoje meu dia a dia [...] Transforma os homens e as mulheres que transformam o mundo
Credenciados	Eu venho de uma comunidade do Engenho Velho da Federação preciso falar isso que é um lugar de uma violência absurda mas que tem muita coisa boa também, muitos artista né, a cidade ou o bairro Engenho Velho da Federação em Salvador e digo que sou cria de um projeto social artístico chamado Umbutum na Federação que é vinculado a casa via magia que é na no Engenho Velho e a partir daí dessas oficinas eu virei ator do grupo, produtor do grupo, então assim transformou minha vida, conheci várias cidades, a gente foi até para fora do Estado com festivais. Então assim, a arte de fato me trouxe muita coisa, eu fui lá e agarrei, e estamos nessa nesse casamento há muitos anos.
Credenciados	[...] aquele teatro de arena é tão aconchegante né, tão gostoso para fazer uma coisa final de tarde, o sol fraco sabe. Eu adoro. Sabe o que eu vejo muito no Cuca quando eu tô dando aula? Grupos independentes, o pessoal de grupo independente, eles vão lá para o Cuca, eu não sei se eles pedem autorização ou não, mas eles vão e ficam ensaiando, ali naquele palco, né. Ei, ei, eu dou um grito e pergunto: vocês são de onde? É da Rua Nova. Aí eu: quem é o coreógrafo? Aí eles falam: todo mundo, porque eles são independentes né, aí eles vão assistindo no YouTube e aí vou montando as coisas deles, aí eu: que massa, parabéns! Se inscreve no Aberto. Aí eles: já me inscrevi professor.
Credenciados	[...] pessoas que falam da transformação que houve mesmo não seguindo uma carreira profissional na área de arte mas o quanto isso influenciou na sua carreira profissional seja em outra área. [...] eu tive alunos que foi indicação de psicólogos dentro desse processo de terapia e conseguem se desenvolver muito bem
Parceiros	[...] foi levando o público pra essa novidade do teatro do Cuca, que sempre, sempre começou com público. Nós não tivemos um domingo tem teatro que não tivesse público, assim porque um projeto que vai começar, você pensa, não vai dar ninguém né. Nós já tivemos desde o início e uma outra parceria muito grande que a gente fez também foi porque a gente não tinha espetáculo naquela época o suficiente para poder cumprir uma programação, foi a parceria que a gente fez com alguns artistas de Salvador que a gente já conhecia e aceitaram vir pra Feira de Santana sem cachê, só com bilheteria. Então assim, nós passamos um ano inteiro, parceria artistas de Salvador. Cia Cuca de Teatro juntos nas escolas divulgando o Domingo Tem Teatro e alguns apoiadores não acreditando no que ia acontecer [...]. Mas graças a Deus deu tudo certo no primeiro ano, no segundo ano a gente já conseguiu o primeiro patrocínio pelo Faz Cultura, e daí em diante a gente vem conseguindo. Então assim eu considero que o domingo tem teatro que foi realmente um pioneiro no Estado da Bahia, em Feira de Santana, foi assim um momento muito importante para essa junção com todas as outras atividades que também iam acontecendo junto no Cuca, que era o crescimento das oficinas né. você vê que tudo foi crescendo no Cuca né. O

	como começou, acho, o número de pessoas que fazem oficinas no Cuca, o que começou e o que é hoje né, a procura né.
Parceiros	[...] nessa mostra de diversidade cultural de Feira de Santana [promovido por uma empresa privada] [...] nós apresentamos a eles o Cuca e eles ficaram encantados com o Cuca e logo na sequência eles criaram um projeto para eles fazerem, porque eles viram que o Cuca era aquela miscelânea, então acho que eles ah... tiveram a ideia de fazer. E hoje eles estão fazendo essa mostra de diversidade cultural em Feira de Santana. Que é fazendo o que? Eu sempre digo, é quase que uma caminhada do folclore online. É todo mundo que faz cultura manda para projeto para eles lá e eles estão incentivando, fomentando essa cultura. Aí você vê uma empresa, uma empresa privada de Belo Horizonte, está movimentando a cultura local. [...] É tão pouco o recurso que se é dado, mas é um pouquinho que vem ajuda o outro. Dignifica aquilo que tá parado né, motiva aquele que não sabe mais o que ia fazer, dá uma ideia nova, traz umas coisas novas, que você não sabia que existia, populariza o negócio, faz você conhecer a cultura de Feira de Santana.
Parceiros	[...] no final todos nós queremos a mesma coisa, atender essa comunidade, formar esses jovens, formar essas crianças, contribuir para a efervescência da cultura, para que mais pessoas possam ser transformadas e daí criarem suas opiniões e poder fazer o mundo melhor pra gente né.
Parceiros	A gente sabe para que para os jovens terem ideais, tem que ter cultura, tem que ter educação, tem que ter muita formação, senão os jovens ficam como estamos vendo os jovem hoje, perdido, porque essa pandemia nós temos um monte de jovens perdidos, que estão ali com o equipamento de celular na mão, fazendo Tik Tok e tendo isso como a única fonte de transformação para vida dele enquanto ele está se constituindo enquanto ser humano né. Então assim é muito preocupante isso que a gente tá vivendo hoje. A gente vai ter que se preocupar muito a partir de agora e os esforço pra tentar resgatar essa juventude essas crianças que estão nesse momento sem nenhuma cultura realmente de formação, porque a gente não soube ainda fazer na internet, fechar todos os pontinhos, para que a gente possa dizer que a gente consegue fazer formação também pela internet. Eu acho que o que a gente consegue hoje fazer é dar conta do recado, mas a gente não consegue ainda dizer que a gente consegue resultados, porque a gente nunca viveu isso, então a gente tá tentando, mas a gente não viveu.

PERCEPÇÃO SOBRE DESAFIOS DA POLÍTICA DE CULTURA NA UEFS

GRUPO	TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Artistas	Por questões assim institucionais né, o MRA acabou fechando as portas, o acesso. Então esse é uma coisa assim que incomoda muito aos artistas, não só a mim, que já expus lá, mas incomoda aos outros artistas também assim que o Museu não se abra para a cidade entendeu, para você entrar no museu você tem que fazer aquela lateral, aquela coisa de entrar por lá, isso é uma coisa assim que não os artistas não entenderam, entendem até a situação e tudo institucional, mas isso não é uma coisa que os artistas achem legal. Eu não acho e os artistas assim, das artes plásticas, e outros também não acham uma coisa boa, entendeu. Porque tem aquela escadaria tão convidativa, aquela entrada tão bonita, aquilo é muito maravilhoso né, é adentrar naquele casarão histórico pela escadaria de pedra com aquele aquela estrutura neoclássica. Noooossa! É uma coisa muito maravilhosa
Artistas	Então os monitores têm que realmente, tem que ter um comprometimento com isso mesmo, de acompanhar as pessoas e tal, entendeu, normal em todos os museus

	mesmo né, já que não tem segurança, assim câmeras, essas coisas né, por uma questão institucional também, que os monitores né deem conta disso assim.
Artistas	[...] o Cuca na verdade não tem profundidade o palco, o palco é muito raso. Aquilo ali com um pouco de mais profundidade ficaria um teatro maravilhoso.
Artistas	[Comunicação] Isso aí é uma coisa muito problemática, nas artes como um todo. [...] é a parte mais problemática, e a parte mais deficiente. A divulgação que às vezes fica apenas no meio acadêmico, dos eventos culturais entendeu, sem atingir muitas vezes a grande o grande a grande massa, grande público né. [...] acho que falta investimentos também nessa área, entendeu, por parte do Estado Mas uma exposição assim por exemplo no Cuca, no MRA, entendeu, uma peça no teatro do Cuca, aí já é muito mais complicado para você conseguir esse esse apoio entendeu. Então esse essa é uma questão assim delicada entendeu, dessas mídias assim
Artistas	[...] esses anos do PT foram bons, assim pras artes. Não defendo política nenhuma não, mas houve uma abertura muito grande entendeu, assim, criou-se o, o PT fez isso, criou os territórios de identidade cultural da Bahia.
Credenciados	São salas amplas, mas são muitas meninas na sala e nós temos um problema que vem se arrastando há anos que é a questão das barras né, porque o balé em certa idade exige que as meninas tenham o apoio da barra para depois ir para o centro, só que eu já cheguei a dar aula no Cuca para turma com 30 meninas, a barra só cabia 18 né. Então imagina essa aula ser toda reestruturada porque um grupo ficava no centro fazendo movimento mais leve, mais tranquilo, que não tinha tanto esforço e um grupo ficava na barra, depois eu fazia troca e aí acaba que na aula muitas vezes eu só conseguia dar cinco exercícios no máximo, quatro exercícios, uma aula que era pra eu consegui fazer 10, 11 movimentos né. Então essa foi minha maior dificuldade no início e que a gente ainda enfrenta esse problema que são turmas muito cheias, nós ainda não temos essa estrutura de barra, a nossa coordenação já fez várias solicitações com barra móvel mas nunca chegou enfim.
Credenciados	Outra questão no Cuca é que eu gostaria que tivesse também mais espaço para o jazz Já tivemos várias propostas de montar outras turmas, só que também tem o problema do espaço né, mais uma vez a gente cai na questão do espaço, porque são muitas oficinas ofertadas e pouco espaço físico. Já também tentei dar aula de sapateado no Cuca, mas também não funcionou porque não tem sala, porque o sapateado precisa de madeira, o chão é de madeira né, e só tinha as salas que ficam ocupadas né.
Credenciados	Mediano, poderia melhorar. As redes sociais hoje, elas são muito dinâmicas e mudam o tempo todo né. E às vezes acho que o Cuca precisaria ter assim um estagiário, não sei, alguém que, com essa, os mais novos né, com essa, com esse insigth para poder tá levando, tá fazendo publicações enfim no Instagram e em outras redes, mostrando e levando o povo. Acho que precisa mais dessa essa pimentinha sabe, tá faltando ainda.
Credenciados	Tem utilizado muito as redes sociais né e isso tem sido interessante sim. [...] eu penso que o site poderia... em termos de..., poderia ser mais trabalhado o site. Eu vejo que tem agora, com a questão do YouTube, que é também um local que tem sido interessante, inclusive tem trabalhos meus lá com as alunas e tal, e é um espaço bem interessante. Talvez isso talvez o site poderia ser, não sei qual é o termo técnico para isso, mas poderia ser um pouco mais trabalhado nesse sentido das pessoas conhecerem esse espaço né, mas assim, as redes sociais eu tenho percebido,

	principalmente nesse nesse período de pandemia que tem sido um lugar para nós trabalharmos né
Credenciados	Para ser bem sincero, não. Principalmente da coordenação de dança. A coordenação de dança veio criar um Instagram recentemente, né. É um Instagram pouquíssimo seguido né, porque também não é muito divulgado, não tem muitas postagens é... não se cria um conteúdo específico para dança, assim como é criado para o teatro. [...] Eu me referi única e exclusivamente a coordenação. O da instituição, eu acho que é um Instagram bom. Eu acho que ele é movimentado
Parceiros	Eu acho que a única assim que para mim que já trabalha há mais 20 anos né, com essa parceria com o Cuca, a única coisa que eu sinto mesmo, mas não é só do Cuca não, aí eu parto já acho que para terceira sua pergunta aí sobre as políticas culturais que eu acho que em feira existe o uma ausência, ausência de políticas culturais que propiciem que os espaços de cultura possam inclusive ter as suas estruturas melhor qualificadas né.
Parceiros	[...] um pouco frustrante né, nesse, ao longo desses anos de parceria com Cuca e que é um órgão vinculado à universidade Feira de Santana é não ver o Cuca evoluindo na sua estrutura física sabe, no sentido de que ele é tão potente, ele tem o principal para mim, ele tem gente que faz né, ele tem efervescência cultural, ele tem o ser humano, mas falta no Cuca a estrutura pra esse ser humano trabalhar, em todas as instâncias.
Parceiros	Em todas as instancias você observa que, a estrutura, ela é complicada. E no meu caso, que é a parte do teatro, ainda acho pior ainda. Porque assim as poucas experiências que a gente teve a nível de estrutura do Cuca, veio sempre porque nós trouxemos alguma coisa ou o projeto que foi para beneficiar o Cuca e tudo mais, mas a universidade em si, para o Teatro, nunca houve uma, um investimento na verdade, um investimento né.
Parceiros	Naquele espaço ali nós teríamos que ter uma boa iluminação, uma boa sonorização, um bom equipamento de ar condicionado que contemple aquilo ali né, as saídas de emergência com os equipamento de segurança todo organizado, as cadeiras numeradas né, o palco com as suas varas né, de iluminação, de cenário, todas constituídas né. As coxias, as bambolinas, todas funcionando. Então assim, imagine aquele espaço ali, do jeito que é, sem fazer obras, sem quebrar nada, sem sem aumentar, sem diminuir, mas tendo a sua estrutura entendeu? A sua estrutura básica para um teatro funcionar dentro daquilo ali. Oh isso seria um sonho, isso seria assim, um patrimônio cultural da Universidade, de grande valia né para o Brasil. Porque se o Brasil tivesse em Feira de Santana, o Cuca, com essas estruturas montadas, como eu tô dizendo, não é quebrar nada, não é mudar nada, é apenas colocar a estrutura mínima necessária para as coisas acontecerem como você vê acontecendo em muitos teatros pequenos né, onde tem essa essa esse investimento.
Parceiros	o meu lamentar é por isso, é por viver tanto tempo trabalhando na cultura e não ter tido ainda a oportunidade de ver avanços nesse sentido estrutural, que eu considero mínimo para cultura, mínimo. Porque não precisaria de mão de obras grandiosas, precisaria só de manutenção, de equipamentos sendo cuidados né e pequenas coisas, pequenas coisas. Infiltração no foyer, que você sabe né, água que. Então assim, manutenção, o básico né, falta o básico. Então acho isso um descaso com o patrimônio cultural que é o Cuca, entendeu? Porque ele não é só um espaço que vai atender a comunidade, ele é um patrimônio, que vai ficar por toda uma na vida. A gente vai embora, várias gerações vão embora, e ele vai ficar aí né, e como ele vai ficar aí, é preciso pensar como, porque quem tá hoje na gestão, quem tá hoje na universidade, quem tá hoje no Cuca, tem que pensar como é que eu quero deixar esse patrimônio para próxima geração.

Parceiros	<p>Eu acho que tem melhorado bastante ao longo dos últimos anos para cá, melhorou bastante a comunicação do Cuca, [...] vocês tem um, uma galera que divulga nas redes sociais muito efetiva, eu acho que é esse contato do Cuca nas redes sociais evoluiu bastante, trazendo uma coisa mais humana, mais próxima sabe. Eu gosto disso, eu acho isso muito legal. Tirando um pouco esse peso que muitas vezes a universidade até dá às suas divulgações, uma coisa muito técnica, muito né... que não chega até as pessoas. [...] proponho que a assessoria de imprensa seja uma coisa mais moderna também, para não ficar igual já ficou muitas vezes, muito engessado, com muitas matérias, cheio de não sei o quê, que não chega até a pessoa entendeu. Aí eu não sei como é que é isso, é só, eu não sei como é que tá essa questão de assessoria. O Cuca tinha uma coisa de assessoria de imprensa muito muito formal, que não chegava muitas vezes as pessoas sabe, eu achava meio estranho. E acho, acho que é isso, eu acho que o Cuca evoluiu bastante. Uma coisa também bacana que o Cuca faz né, que ajudar a gente na divulgação das coisas que a gente faz, então também isso ajuda muito.</p>
Parceiros	<p>[...] principalmente nós hoje que vivemos num país que tá acabando com as nossas leis, que está destruindo tudo que a gente tem, imagine que vulnerável todos nós aqui em Feira de Santana não somos por não existirem leis bem regulamentadas para nossa cultura. Se entra um louco aí no poder e resolve acabar com tudo que tem né? Então assim a importância das políticas culturais estarem bem estabelecidas, entendidas, não é só para para elas acontecerem, mas é para garantir os direitos delas acontecerem, porque se não tiver no papel, se não tiver estruturado.</p>

APÊNDICE D.3 – TRECHOS CATEGORIZADOS DAS ENTREVISTAS COM OS GESTORES

EXPERIÊNCIA DOS GESTORES NO CUCA

TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Olha, é um desafio, é um desafio em muitos sentidos e é também um privilégio, né. É um privilégio porque o Cuca tem um papel muito significativo na cultura feirense [...] é desafiador também porque o Cuca ainda é uma instituição marcada pela singularidade
Uma obra realmente que nos trouxe muita alegria muita satisfação consciência também do dever cumprido e da contribuição à Feira de Santana.
Um dos períodos mais gratificantes da minha vida, foi o período em que eu estive no Cuca, porque eu trabalhava de manhã, de tarde e à noite. Eu participava de todos os eventos que aconteciam lá. Então isso foi gratificante demais pra mim. Não sei se servi à altura e se foi compensador para a instituição e para o Cuca, o meu serviço. Mas pra mim foi demais. Eu agradeço muito.
Foi uma coisa super agradável. Eu sempre gostei muito de cultura, não sou artista. Eu gosto, eu até pinto, mas não sou artista consagrada. Então, o que é que acontece? Me encontrei num espaço que eu adoro.

PERCEPÇÃO DOS GESTORES SOBRE A TRAJETÓRIA DO CUCA

TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
Então eu pensei sempre numa universidade que estivesse a serviço de Feira de Santana e de sua região através da pesquisa através das ações de extensão e através da própria graduação fosse sempre uma graduação comprometida os seus cursos o seu ensino fosse sempre comprometido com o desenvolvimento Regional,
[...] o forte da Universidade no seu início foi a extensão. Nós precisávamos porque a universidade foi criada, mas teve muita dificuldade para se manter, houve muita ameaça à sua sobrevivência. [...] Então a extensão ocupou um espaço muito grande e foi a salvadora [risos], o instrumento que resgatou a importância dessas Universidades do Estado da Bahia. Por que o governante passou a perceber a importância que as Universidades têm para o desenvolvimento do Estado da Bahia. [...] o Cuca é resultado dessa preocupação com extensão né, no caso extensão cultural.
Nós queremos é ali fazer dali um espaço não para servir a UEFS mas um espaço que seja gerenciado pela UEFS para a comunidade para desenvolver os talentos para descoberta de novos talentos e enfim para fomentar a cultura em feira em Feira de Santana então será um centro de cultura mas não só de Cultura também de arte
[...] eu acreditava muito naquele Cuca e naquela... nesse projeto né de desenvolvimento cultural para Feira de Santana
era um projeto inovador e a cultura sempre me atraiu a arte sempre me atraiu, eu sempre gostei, então eu resolvi ir trabalhar no Cuca estava lá no dia da inauguração eu sempre participei de tudo do Cuca, de todos os eventos, de todos os projetos, assim na construção de tudo que tem no Cuca eu sempre participei

eu tô cuca desde quando o cuca não tinha plateia e que todos os funcionários, a gente tinha que chamar correndo para poder compor a plateia, porque não tinha

Feira de Santana sempre teve inúmeros artistas. Havia um movimento cultural de vez em quando, uma exposição, isso acontecia. Na área da música, muitos né, famosos. Porém o Cuca foi um fator de integração, porque aproximou, reuniu, eles se conheceram, interagiram, faziam promoções conjuntas né. E isso deu uma visão muito mais ampla aos habitantes de Feira de Santana que não eram os artistas. Então eu acho que houve um despertar cultural muito grande pra essas pessoas que não eram ligadas a arte.

[...] tudo no Cuca foi criado. Porque nada existia, [...] eu acho excepcional isso, porque nós criamos tudo e tudo deu certo. É muito maravilhoso isso. Tudo foi criado, não tinha, a gente não partiu de um ponto.

Um artista, quando chegasse lá, muito dificilmente, ele ia ter uma visão mais ampla, mas ele ia administrar muito voltado para sua área e mesmo que não fosse, ia haver ciúmes e competições. Então ela queria uma pessoa que gostasse de arte, mas que fosse administradora independente de qualquer linguagem artística. Por isso que eu fui pra lá. Senão eu não teria tido a coragem de me meter no meio de tanto artista.

Porque o Cuca nasceu do zero né, então todos esses planejamentos eu estava lá e fizemos, e movimentamos e arrumamos pra poder a coisa crescer. Então nasceu e cresceu durante esse tempo e daí pra frente continua caminhando. Pelo menos está vivo né. [risos]

Ah, sem dúvida. Nós, ao longo dos nossos 26 anos de história nós fizemos sim, fizemos e fazemos diferença[...] quando o Cuca nasce em 1995, é... os espaços culturais em Feira de Santana eram muito mais limitados né, então num cenário de maior carência desses espaços, de espaços que promovam as artes, qualquer novo, qualquer nova instância, ela tem um impacto maior, mas é claro que o Cuca chega não como, como um qualquer uma instância, mas chega como uma instância com uma estrutura, um potencial e um conjunto de ações muito consistentes e isso explica muito do papel central que o Cuca passou a ter na cultura feirense [...]

Nós tínhamos inúmeros professores de artes, que eram artistas da cidade, alguns professores da Uefs, outros não, que ministravam essas oficinas de arte. As oficinas de teatro e assim movimentávamos de forma geral toda arte.

E com professor Josué, na gestão dele, quando ele pensou em incorporar o Cuca a universidade para desenvolver a, justamente a cultura e as artes, então isso aí passou a ter uma... dar uma outra visão entendeu? Com outra visão muito grande porque era um lugar muito bonito, era um lugar muito agradável, que atraía todos, inclusive central e facilitava o acesso. Então havia uma influência muito grande. Principalmente em duas áreas que seria normal que isso acontecesse. Na área de artes, ou da área de Letras, porque o curso é de Letras e Artes. Então havia uma efervescência nessa área e uma outra área também que muito demandava os trabalhos do Cuca e que tinha um pessoal muito presente lá, era a área de Estudos Sociais, História né, Estudos Sociais de um modo geral.

Havia um apoio muito grande e o Museu em si já era suficientemente forte, o Museu e o Cuca como um todo, era suficientemente forte para impressionar as autoridades no sentido de liberar recurso. Bastava que se produzisse projetos e apresentasse né. Porém, o nome da Universidade teve um peso muito grande nisso né.

Então a presença da universidade só fez facilitar as coisas para o Cuca. Lógico, embora o Cuca fosse muito importante, porém a Universidade tem uma abrangência muito maior. E ela estando ligada, o Cuca sendo, pertencendo a Universidade, o que é que acontecia? Dava uma força muito grande, uma credibilidade muito grande, que fazia com que as grandes empresas e organizações não tivessem muito cuidado e muita preocupação com as, os apoios financeiros que davam.

Os alunos participavam das oficinas, eram convidados pra todas as atividades e participavam muito. Agora, mesmo assim, eu acho que ainda era muito pequena a integração. Ainda hoje precisa ser maior.

Feira sempre foi um celeiro de artistas

Um outro setor, que funcionava no Cuca, e que não era do Cuca, mas isso foi muito bom, porque permitiu a integração muito grande, que é a extensão né, que era o curso de... a terceira idade não é. Funcionou lá durante muito tempo e então isso ajudou muito inclusive a aumentar o interesse do povo de Feira de Santana pela cultura. Então havia um cenário cultural muito grande. Não havia teatros aqui

E a gente observa também, completando, que o nascimento de muitos artistas tanto no teatro, a partir do Cuca. Porque o incentivo das oficinas, especialmente nas três áreas: artes plásticas, teatro e música.

[...] abriu as portas para aqueles menos favorecidos terem acesso à cultura a saber o que é um violão, a saber o que é uma partitura, a saber o que é o canto coral, a saber desenhar, pintar, a saber o que são quadros, porque tem pessoas lá que entravam no museu e pensava que era uma igreja. [...] esse público era menos privilegiado, teve acesso a isso. [...] a universidade foi muita assertiva em manter o cuca. E até hoje o cuca cumpre o seu papel muito bem, apesar de tantos entraves que nós temos, muitos obstáculos

Criamos a Galeria Caetano Veloso, em Santo Amaro. Não tinha nada, e desde a escolha da casa, do prédio, o aluguel do prédio em nome da Universidade, a instalação da galeria Caetano Veloso, inclusive com a presença de Caetano na inauguração da galeria. E além da Galeria de Arte, instauramos lá em Santo Amaro, quase todas as oficinas de teatro e artes, que tinha no Cuca, também foram dadas lá. Implementou em Santo Amaro, que já tinha uma vocação cultural muito grande, implementou muita arte lá, com o olhar voltado não para os artistas que já eram pessoas importantes na época, mas com olhar voltado para a própria comunidade, para entender o que era uma galeria, para entender o que, as diferentes linguagens artísticas, todas essas coisas que aconteceram ali.

[...] o Cuca tem um papel muito significativo na cultura feirense, poderíamos nos alongar bastante sobre essa reflexão, mas é um fato reconhecido na cidade, na cidade e alhures na verdade né, e para além dela, porque houve um levantamento das instituições promotoras de cultura, se não me falha a memória, um levantamento feito pelo Banco do Nordeste. Itaú Cultural, perdão. Pelo Itaú Cultural. Ahhh, em, entre 2007-2010, também não me lembro muito bem a data dessa publicação, mas que reconhecia a partir de uma pesquisa feita pelo Itaú Cultural, portanto por uma instituição independente, reconhecia, é foi... o Cuca, como principal ente promotor de cultura na cidade, [...] é um elemento muito positivo e que reconhece esse papel do cuca na sociedade feirense. [...] é um órgão que garante o acesso a arte a uma parcela que não, da população que não teria acesso em outras, se em outras circunstâncias, cujo trabalho né tem implicação direta na vida das pessoas e implicações muito significativas né sobre a saúde física, psicológica, emocional de inúmeras, de um número incomensurável de pessoas. Então isso é de fato muito estimulante e revigorante. Por outro lado, é desafiador também porque o Cuca ainda é uma instituição marcada pela singularidade né. Sabemos que existem instituições que se assemelham ao Cuca em outros estados brasileiros, digo instituições ligadas à universidade, que promovem ações culturais, mas o formato adotado pelo Cuca, até onde sabemos, é de fato único, né. Este órgão que centraliza num espaço físico essas diferentes, esses diferentes aparelhos culturais, que trabalha simultaneamente com diferentes linguagens artísticas, que atende um volume expressivo de pessoas e faz isso com caráter essencialmente extensionista, ou seja, voltado para a comunidade externa né, esse é um formato de fato muito raro, na Bahia

[...] fomos compelidos a implementar essa dinâmica a fim de continuar atendendo a própria comunidade. Num cenário ideal, essas atividades, elas, o ideal é que elas fossem francas, franqueadas ao público sem qualquer tipo de de de custeio, de taxa de custeio, entretanto, objetivamente nós constatamos que hoje, o nosso potencial de atendimento à comunidade ele é amplificado por essas taxas de matrícula, sem que nós tenhamos, sem que nós deixemos de

<p>atender também a parcela da comunidade que não pode efetivamente pagar. [...] não é um cenário ideal, em síntese, não é um cenário ideal, mas é um cenário em que, digamos assim, em que um elemento que não era ideal, foi convertido num potencializador das nossas ações junto ao público, trazendo, portanto, benefício a este próprio público, não é. E como é um valor extremamente acessível, é ao fim, ao cabo, nós, nossa taxa de matrícula varia entre 20-25% do que se paga em qualquer outra instituição de ensino de artes na cidade. Nós acreditamos que é um custo que tem valido a pena, é melhor portanto, para a sociedade, é melhor que através da universidade ela paga uma taxa irrisória, mas que garanta uma atividade que ela não teria acesso do que em outra, em outra, de outra forma, do que não ter essa, esta atividade a título de um purismo, digamos assim, conceitual, que é desejável, mas que não é realista em muitos casos.</p>
<p>Eu penso que se a universidade tivesse o seu financiamento pleno como nós gostaríamos de ter e já tem alguns anos que nós não temos esse financiamento pleno, a universidade deveria possibilitar a gratuidade de todos os serviços o Cuca, se nós estamos falando de direitos fundamentais para o ser humano, o direito à educação, o direito à saúde, à liberdade de expressão, porque não o direito à cultura incluído como direito fundamental então se nós tivéssemos uma universidade plenamente financiada eu defenderia tranquilamente que pudéssemos ter ao máximo a gratuidade nas ações do Cuca. porém se nós não estamos em um cenário caracterizado por essa possibilidade a cobrança das taxas me parece justificável, no entanto ela não pode ser discrepante com a realidade do poder aquisitivo desse público que recorre ao Cuca para a realização das atividades.</p>
<p>Eu acredito assim, nesse contexto que a gente vive, [...] não tem outra forma do Cuca sobreviver sem a cobrança da verba [taxa de matrícula].</p> <p>Então eu acredito que essa verba [taxa de matrícula] ela tem que ser cobrada.</p> <p>Sempre estive por conta disso, por conta da falta de verba mesmo.</p>
<p>[...] eles [os alunos] dizem até assim oh que bom a taxa é realmente a gente pode pagar por que as escolas cobram tão caro.</p>
<p>É simbólico [o valor] né.</p> <p>nós nos vimos diante da seguinte situação: ou cobrar uma taxa para remunerar o professor ou não fazia.</p>
<p>Não, acho que não era adequada no sentido de ser uma instituição pública, mas no momento efervescente de crescimento, pelo menos naquele primeiro momento inicial, foi necessário. [...] até tentamos, mas não foi possível encontrar uma instituição que assumisse, por exemplo, pelo menos por um semestre, ou um ano, muito difícil isso.</p>
<p>[...] temos uma taxa de 10% das nossas matrículas, que hoje variam em torno de 200, mais de 200, 200-210 matrículas a cada semestre, franqueadas exclusivamente ao público carente, que não... que pode se matricular sem qualquer custo. [...] a demanda não foi suficiente para que preenchêssemos todas essas vagas gratuitas.</p>
<p>[...] pensamos em criar a isenção, então ninguém deixa de ser contemplado nem de fazer oficina por conta da taxa matrícula. além disso, a taxa de matrícula, ela é uma taxa, ela não é um valor exorbitante de forma que a pessoa não possa pagar.</p>
<p>[...] momentos em que o Cuca passou por ser fechado por conta de não ter verba [...] criamos maneiras de burlar esses obstáculos de forma muito boa, de forma ótima, de forma competente.</p>
<p>E fico feliz porque o Cuca tem tido diretores dedicados preocupados com a cultura e que tem desenvolvido bem sua missão né por isso que ele está até hoje aí com essa projeção que tem como essa relevância que tem para cidade para região [...] a gente fica satisfeito não só com a</p>

instalação com a criação do Cuca mas satisfeito com a sua história com a sua manutenção a forma como ele está sendo conduzido para a comunidade, fiel aos princípios diante dos quais ele foi criado.

[...] permite acessar ou melhor dizendo, dar acesso a estas formas de expressão artística, essas experiências de formação artística a um público que não teria acesso a escolas de arte particulares, que não tem essa formação lamentavelmente no âmbito da escola, da escola pública, como regra podem até haver projetos pontuais, mas lamentavelmente não é um traço comum da nossa formação né, nas escolas públicas, um trabalho consistente no campo das artes, então é, boa parte dessa desse público não teria acesso a formação em artes sem o Cuca em Feira Santana e nós fazemos isso não apenas garantindo o acesso a um volume significativo de pessoas, mas nós fazemos isso também com um critério e um padrão que se tornou referência em feira de Santana.

a feira tem correspondido nesse sentido, ela valorizou muito o cuca, a importância que ela dá ao Cuca

a cidade tem essa sede de cultura, a gente percebe.

a dinâmica implementada pelo Cuca, não se pode dizer ser ela, de forma alguma, de forma alguma, a regra do que se vê em termos de atuação de universidade, das universidades. Estamos muito mais como pra exceção, uma rara e importante exceção, mas é assim que vejo.

[...] o cuca é único, não tem nenhum outro, em nenhuma outra instituição não se tem notícia de um setor como o cuca, uma unidade como o Cuca. [...] enquanto responsável pela política Cultural da Universidade ele traz essa grande responsabilidade.

[...] os reitores compreendem porque são sábios em manter o Cuca aberto [...]

PERCEPÇÃO DOS GESTORES SOBRE A MISSÃO DO CUCA

TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA
acho que o papel do Cuca tem uma relevância muito significativa por conta desta interação com a sociedade, por esta aproximação da sociedade à universidade
[...] como órgão público poder oferecer o acesso a arte e a cultura em uma relação que não é meramente mercadológica.
Então o Cuca tem esse papel muito importante na comunidade feirense porque é um centro do qual ele leva cultura [...]
O Cuca é um espaço, sem dúvida nenhuma, privilegiado em Feira de Santana, não é? Um espaço excepcional. Pela, pelo potencial que apresenta de assimilar, abrigar e promover diferentes atividades, diferentes ramos das atividades e linguagens artísticas né. [...] num espaço privilegiado, no centro de Feira de Santana. Então isso é muito significativo pelo pela acessibilidade que o Cuca tem e pelos próprios aparelhos que ele reúne.
As universidades são instituições que têm essa vocação de contribuir para a cultura. as Universidades via de regra podem ter uma orquestra sinfônica, elas podem ter um teatro com acesso ao público, cinematecas. As universidades sempre tem através da extensão uma forma de contribuir com a cultura nas localidades onde as Universidades estão inseridas. Na uefs particularmente então nós temos um órgão que é o Cuca, que tem um papel de ser um guarda-chuva para as diferentes linguagens da arte e da Cultura né as artes cênicas, as artes plásticas, as artes visuais, a música e a universidade ela acaba realmente sendo uma universidade plena e

humanista exatamente por ter esse órgão que é capaz de trabalhar e oferecer para a sociedade serviços e um bem cultural que abarca todas as linguagens da arte e da cultura eu acho que isso é algo fenomenal e a Universidade precisa sempre estar atenta para quê nas suas políticas sempre dê as condições para esse órgão desenvolver a sua política cultural e inclusive também uma liberdade para esse órgão Inovar e trazer sempre novos desafios que possam trazer novas contribuições para sociedade no campo da cultura e da arte

o papel de primeiro fomentar né estimular mostrar a importância da cultura para o desenvolvimento humano e para o desenvolvimento sócio-econômico da própria sociedade é descobrir talentos desenvolverem ajudar a desenvolver esses talentos culturais para a transformação da vida e a transformação da sociedade o papel da universidade está nisso aí ela é... descobrir talentos fomentar a cultura através dos seus projetos e programas sociais

Por essas ações relacionadas as artes empreendidas, implementadas pela então jovem e nascente Universidade da Bahia, passaram nomes como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Glauber Rocha né, alguns em cursos formais, outros em atividades ditas de extensão, nos chamados cursos livres. O fato é que estas figuras que vivenciaram um ambiente que reconhecia na arte um potencial de aprimoramento da sociedade, estas figuras, experienciando esse ambiente fértil, elas foram capazes, claro, a partir das dos seus talentos e das suas vivências também, mas elas foram capazes de dar início ou de integrar movimentos que transformaram, apenas para ficar nesses exemplos que dei, a música e o cinema no Brasil. E esses movimentos, pensemos nos desdobramentos, sociais, econômicos, políticos desses movimentos.

É neste pragmatismo, digamos assim, é... da ação extensionista e se sua associação estrita às ações da graduação, às práticas e aos campos de atuação da graduação. Isso parte de um entendimento que menospreza essencialmente o papel da arte na sociedade

Eu acredito que o Cuca está mais numa vertente da extensão Universitária e para que a gente tenha uma integração maior com a questão do ensino é necessário que os nossos cursos na Uefs que são da área de arte procurem estar em parceria com o Cuca para que haja essa indissociabilidade entre o ensino a pesquisa e a extensão nós temos os cursos de letras né que de alguma forma tem uma interface com a cultura sobretudo a literatura a poesia ou quem sabe até uma ligação com o cinema e o teatro é porque o nosso curso de letras tem linhas de pesquisa que fazem uma relação entre Literatura e cinema então eu acho que são possibilidades de interação e com o advento do curso de música e tendo o seminário de música no Cuca que foi o embrião do curso de música e muitos professores do seminário de música atuando no curso de licenciatura em música né acho que eu vejo a interface desses cursos de letras e de música no ensino como uma possibilidade concreta de troca com a extensão com a pesquisa.

Então eu acho que nossa percepção, pra fechar esse raciocínio, acho que nossa atual concepção sobre a extensão universitária no ambiente das universidades de um modo geral, ela precisa retomar algo que já esteve muito presente no passado, que é esse entendimento do papel central das artes na formação do indivíduo como um ser pleno e de como isso é capaz de promover o desenvolvimento, o aprimoramento da sociedade como um todo, também.

Sim. O Cuca ele faz, ele não só faz a diferença, ele é um divisor de águas, [...] o Cuca é um portal e realmente o Cuca é um portal. O Cuca, ele, a importância dele ultrapassa inclusive Feira de Santana [...]

[...] é um orgulho pra universidade. [...] Eu acho que o próprio Cuca não tem até uma visão de tão quão ele é importante, ele é importantíssimo.

Sim, sim. Tem sido, é claro que, como eu disse, ao longo de 26 anos de existência é... diferentes dimensões desse eixo ganham maior ou menor ênfase em um momento ou em outro

Eu acredito que sim né. Nós temos ações que são muito importantes com as atividades que o Cuca realiza. [...] Eu acredito sim que o Cuca está cumprindo bem esse papel esperado.

Tem sido alcançada sim

eu acho que o Cuca tem um papel muito significativo de ser um exemplo [...] uma dimensão de de ser esta referência também para outras instituições né. [...] pensando nesta dimensão da institucionalidade da cultura nas universidades, eu acho que o Cuca tem um papel significativo pelo exemplo que ele é, né. Pelo que ele demonstra existir de potencial nessa área.

Temos também é um outro exemplo que posso dar, da atuação do Museu regional de Arte, que tem desenvolvido já algum tempo um programa de, um projeto concebido como o museu vai à escola, e o seu anverso, a escola vai ao museu, que são diferente lados de uma mesma moeda, digamos assim, e que buscam aproximar o museu enquanto espaço complementar, educacional, do ambiente escolar. Isso tem se mostrado bastante profícuo nos últimos anos, [...]. Temos hoje pode-se dizer uma parceria, ainda que informal, com o Núcleo Regional de Educação, que tem, em diferentes ocasiões, desenvolvido um trabalho de, junto ao museu, de desenvolvimento das, do papel das artes na educação na escola básica. É, digamos assim, uma semente, é um ensaio para retomarmos aquilo que eu falei que seria um cenário desejável, que a gente ainda, ainda não tem hoje, que é a escola regular atuando com a arte para promover o desenvolvimento da criança, mas essa aproximação já é, obviamente sinaliza para uma, um gérmen, uma potencialidade de um diálogo nessa linha, que pode vir a dar bons frutos.

nós já tivemos um curso de teatro, um curso livre de teatro, que infelizmente, contudo, foi abandonado, sem que tenhamos deixado de ter durante todo esse período oficinas de teatro. Essas oficinas hoje elas têm diferentes graus, então há oficinas iniciantes, intermediárias, avançadas para crianças, adolescentes, adultos, em todos esses seguimentos e obviamente a articulação [...]. O Cuca tem uma preocupação muito mais focada na democratização do acesso a arte do que profissionalização pela arte, ainda que coisas não se excluam, né.

As atividades que o Cuca desenvolve hoje na sociedade feirense, em primeiro lugar, elas têm esse, eu acho que elas têm essa particularidade de estarem muito voltadas para o público externo a universidade, então assim, isso eu acho que é uma é uma marca e define muito da identidade do Cuca, é ser uma instância da Universidade voltada para a comunidade, voltada para a comunidade extra muros da Universidade, até porque o Cuca é em si mesmo também uma unidade extra campus. Mas ele poderia ser uma unidade extra campus, atendendo ao público Universitário exclusivamente e isso é que é importante assinalar, mas não é. O público essencial do Cuca é de fato a comunidade feirense em seu sentido mais amplo. Costumo pontuar inclusive, que o Cuca, em muitos casos é a primeira e muitas vezes a única experiência de contato que muito muitas pessoas da comunidade feirense têm com a Universidade Estadual de Feira de Santana e portanto, dentro desta desse perfil do público, a atuação do Cuca, eu acho que ela é muito significativa porque ela aproxima portanto a universidade da comunidade.

[...] consegue traduzir como se fosse uma grande Universidade Aberta o acesso de uma quantidade significativa de pessoas a bens culturais a política de ter as oficinas do Cuca e o número de pessoas que são matriculadas, atendidas nas oficinas em dois semestres faz com que um número considerável de pessoas da cidade de Feira de Santana tenha essa oportunidade de vivenciar essas diferentes linguagens culturais então é um aspecto quantitativo também

[...] a possibilidade que as ações do Cuca têm de formação de plateia. Eu lembro que desde a gestão da professora Selma Oliveira, na gestão do reitorado do Professor José Carlos Barreto, em 2007 até 2011, essa era uma discussão, o Cuca como um vetor de formação de plateia.

É imensa. Eu acho que não se pode fazer pesquisa e ensino independente da arte. Porque a arte é o veículo que move de certa forma tudo né. Se eu disser que move a cultura, ainda fica parecendo que é só cultura. Mas eu tô me referindo a cultura em relação a todo conhecimento do ser humano e a todo avanço intelectual, porque o ensino é cultura, a pesquisa é cultura né. Não é cultura artística, mas não deixa de ser cultura. Então, tudo tem que tá muito integrado, muito, muito, muito. [...] Não pode haver pesquisa e ensino, se a cultura não estiver presente, porque o como fazer isso né.

A arte está presente em tudo.

É por isso que contamina a gente. Eu nunca fui, não sou artista, nunca fui ligada a cultura, mas sempre me interessei

Então pensar a arte de uma forma com, como um mero diletantismo, reduzir a arte apenas a isso, é uma visão que ainda marca lamentavelmente é a universidade e conseqüentemente que tem definido muito da, quando eu digo da nossa, da cultura universitária de um modo geral, né. Então cultura sobre a extensão universitária e que por estar marcada por esta leitura, né, que menospreza ou que não reconhece um papel significativo as ações artísticas, a promoção das artes, faz isso de forma muito marginal, de forma muito acessória né, é... cosmética muitas vezes né, apenas como, então muito frequentemente nas universidades temos momentos culturais para marcar eventos, como, como digamos como momentos de descontração em eventos científicos. É claro que eu tô fazendo uma generalização aqui, uma muito superficial, é claro que você pode ter experiências pontuais, mas diferenciadas, mas o que eu tô pontuando é a questão do que é a regra, do que é a tendência daquilo que a gente observa como sendo uma prática mais difundida, né.

Eu acho que a universidade ela tem, em tese, um papel muito, muito grande, muito significativo a desenvolver.

PERCEPÇÃO DOS GESTORES SOBRE PERSPECTIVAS FUTURAS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

TRECHO DESTACADO DA ENTREVISTA

[...] a referência que um órgão como o Cuca pode ter para que novos talentos sejam revelados e também para que os talentos que existem na nossa cidade sejam de fato sempre lembrados e sempre vistos no cenário cultural. [...] Tenham sempre um espaço para expor a sua arte.

até onde sabemos ele é único, ele é singular. E isso traz implicações administrativas também, porque ainda é difícil para o próprio Governo do Estado, e em algumas algumas, em alguma dimensão até pra própria, para as próprias instâncias da universidade reconhecerem como essas atividades se articulam à dinâmica da universidade, embora entendamos que isso é uma expressão central e vigorosa da extensão universitária, mas ainda vigora uma leitura acerca da própria extensão universitária que nos parece um tanto mais limitada.

não só os nossos professores, os nossos processos de seleção, ele é referência, mas o produto dessas oficinas, a forma como nós organizamos os produtos, os resultados dessas oficinas de formação artística, que são os espetáculos de dança, de música, eles também são referências para outras instituições né, na cidade.

[...] como um ambiente de fomento à inovação, como um espaço de, como um espaço, uma espécie de ambiente incubador de novos grupos, de novas ideias e de novas propostas, de novas experiências, né. Acho que o Cuca ele reúne esse, esse potencial hoje e sobretudo nesta dimensão de ser um ambiente possível de experienciar novas vivências artísticas, que é uma coisa que tem marcado a sua existência ao longo dos últimos anos, eventos, atividades que foram iniciadas no Cuca, hoje fazem parte do calendário cultural da universidade, foram calendarizadas, se tornaram eventos públicos, de toda a Feira de Santana e eu acho que essa é uma experiência que resulta desta iniciativa de produzir coisas novas.

Os benefícios que a formação artística oportuniza para criança, jovens, então nós temos inúmeros relatos por exemplo de crianças que são tímidas e que ao fazerem oficinas de teatro por exemplo desenvolvem habilidades de interação social, de comunicação, que antes não possuíam. No campo da música isso também é muito significativo, com inúmeros relatos de como essas, a formação musical contribui, aprimora, estimula outros campos da formação educacional da Criança, repercute em outras áreas, na matemática, na linguagem, na escola regular. Crianças que tem problemas de sociabilidade socialização também em outros níveis encontram no Cuca um espaço de desenvolvimento de suas potencialidades e ainda também crianças portadoras de

necessidades especiais, em alguns casos, também têm no Cuca um espaço de desenvolvimento de suas potencialidades. Então tudo isso, e como eu disse, essa segunda, essa segunda dimensão ela nem ainda está devidamente mensurada, a gente vivencia isso, a gente experiencia isso, vê os relatos, mas não não, não temos ainda uma sistematização desses casos, uma quantificação desses desses, do alcance desse tipo de atividade, ou de perfil de público, mas ela existe também

a percepção das universidades de um modo geral sobre o seu papel na promoção da cultura na sociedade, ela está muito fragilizada. É claro que isso tem a ver também com o contexto social e político que a gente vive nesse momento. É um contexto de ataques sistemáticos à universidade pública, de fragilização deliberada das universidades, em muitos casos né, principalmente no âmbito federal, de um, uma dinâmica de praticamente sangria dessas universidades, reduzindo-as ao mínimo do mínimo do mínimo. E é claro que quando você tem uma situação como essa, é... a tendência é de ir reduzindo as ações àquilo que se considera ser o essencial do essencial do essencial e conseqüentemente como a arte predomina, ou melhor dizendo, como acerca da arte predomina uma visão como coisa supérflua, as expressões artísticas normalmente são as primeiras coisas a serem cortadas nessa dinâmica, nesse cenário de escassez e de penúria. [...] predomina uma visão de secundaridade, digamos assim né, de ser coisa secundária a arte no ambiente universitário, fazem-se esses cortes sem maiores é, entendendo-se que não há maiores problemas em relação a isso. Então, o papel da universidade na promoção da das artes hoje, eu acho que está muito aquém do que deveria e do que poderia ser.

Porque no aspecto das políticas e das ações executadas eu acho que tem um enorme acerto. Nada teria a reparar nesse aspecto, mas na questão relacional com um determinado público de Feira de Santana, que é público intelectual, artístico, acho que o Cuca poderia estabelecer um diálogo para tentar entender como ele é visto por esse público e o que esse ainda aguarda, ainda espera do Cuca e também para não esquecer,

Também já tivemos um curso de formação básica em música, o antigo Curso Básico de Formalização, que foi extinto em 2018, entre 2017 e 2018, com a proposta de implementação de uma outra dinâmica de formação, essa um pouco mais livre, um pouco mais diversificada, mas que, eram as chamadas trilhas de formação, né. Formadas por diferentes oficinas independentes, mas que poderiam ser cursadas de forma articulada, de modo a formar esta trilha de formação em música, que se percorrida, garantiria, asseguraria um conhecimento, um know-how na área de música [...]. As trilhas de formação pretendem, pretendiam ser mais versáteis, mais fluidas, né, ainda que sem deixar de ofertar esses, os mesmos elementos de formação. É, ocorre que essas trilhas elas não tiveram uma aceitação tão grande, ou não tiveram essa aceitação esperada, pela própria comunidade, que não percebeu a trilha, as trilhas, como um curso, como uma unidade e isso dificultou, tem dificultado a preservação daquele mesmo processo ou de um processo equivalente de formação em música, ao que nós tínhamos com o curso básico de musicalização. Mas isso também é um elemento que pode ir, seguramente será revisto nos próximos, no curto prazo né, no curto e médio prazo.

O Cuca faz muita coisa para fora dos muros da UEFS, mas que o cuca ainda deve muito, ainda tem uma dívida de fomentar espaços de cultura, socialização dessas linguagens artísticas e culturais dentro das dependências do campus. isso é uma coisa histórica que é comentada e acho que se tivesse que inovar e acrescentar alguma coisa nas ações do Cuca, isso mereceria um peso e ser bastante considerado.

essa diferença numérica, ela é muito mais do que um número, ela expressa um fenômeno que impacta a sociedade feirense em muitos níveis, né. A comunicação, a propaganda, o consumo, o mercado de serviços na cidade [...] muitas pessoas, muitos participantes se fantasiam pra participar do desfile, então esgotaram-se os estoques de fantasias na lojas da cidade, soubemos de combos feitos por bares e restaurantes, com promoções para os participantes do bando, inúmeros bando se organizaram para sair dos bairros com camisas padronizadas, ensejando assim todo um mercado de produção dessas camisas, de vendas das camisas, a economia também é muito dinamizada na dimensão da informalidade, com a participação dos ambulantes, literalmente centenas e centenas de ambulantes que participam do Bando, então um único, estamos falando de um único evento que é capaz, e esse número também ainda não foi ainda estudado né, mas que é capaz de movimentar, de fomentar, de potencializar a economia da

cidade de uma forma extraordinária, de uma forma incomum num período em que nós não temos outras grandes festas, não temos outros grandes motes de de fomento à circulação econômica, e isso é muito significativo, então é disso que eu tô falando, né. A arte ela tem um potencial que não se encerra na mera apreciação subjetiva, diletante da beleza artística, ela não se encerra na mera fruição, ainda que esses elementos sejam extremamente significativos, a fruição da obra de arte pode salvar uma vida, literalmente pode curar né um espírito doente, digamos assim, adoecido, mas há também esta dimensão pragmática, tudo isso faz parte da atuação de uma instituição como o Cuca.

Temos como principal dimensão da potência, da potencialidade do Cuca, o investimento, digamos assim, na inovação artística, na inovação cultural né, na abertura de novos flancos de atuação da experiência e de sujeitos artísticos e culturais na cidade, eu acho que esse é o principal, o nosso principal propósito, eu diria hoje, e repito também, sem deixar de abrir mão, ou sem abrir mão, melhor dizendo, sem abrir mão daqueles campos, daquelas ações que já são consolidadas, como o nosso programa de oficinas

Passados 26 anos de inauguração do Cuca, alguns dos aparelhos ali existentes, como o teatro, temos dois teatros, um teatro italiano, um teatro de arena, alguns desses aparelhos, eles já apresentam os desgastes natural de 26 anos de utilização, de uso né, então medidas de manutenção, de reparação já se fazem sentir em algumas áreas, mas nenhuma das condições efetivamente existentes hoje compromete, digamos assim, ou limita efetivamente as ações do Cuca, embora a manutenção necessária possa retomar dinâmicas e potencializar novos projetos, o que é sempre o que a gente busca como gestor da unidade, a gente tá sempre atento a essas, a esses ajustes né, e a essas medidas de conservação.

nós temos um cenário marcado por uma certa deficiência de comunicação da universidade como um todo na divulgação de suas ações e o Cuca não é uma exceção a esta regra, entretanto, e quando eu digo, eu estou dizendo que na minha percepção, nós ainda estamos longe de termos uma dinâmica, ou uma estrutura de divulgação que corresponda àquilo que nós fazemos né, ou que seja capaz de dar a adequada visibilidade aquilo que nós fazemos, isso não significa dizer que nós não tenhamos avançado bastante neste campo né, nós já tivemos, nós já estivemos em uma condição de muito maior fragilidade, nossa comunicação já foi ainda mais frágil do que ela é hoje, mas é necessário reconhecer que ainda temos é...muito a trabalhar nesse sentido

Eu realmente não sei dizer isso como um veredito de efetividade, mas eu lembro que sempre nós temos divulgação dos eventos em chamadas por exemplo da TV Subaé, aquelas chamadas de intervalo, nós temos divulgação através do site da UEFS, nós temos a divulgação dos grandes eventos então eu penso que há sim uma certa comunicação. [...] Agora o que talvez seja necessário né é que se possa pensar, é o novo momento que nós vivemos, as possibilidades de comunicação que nós temos hoje com as redes sociais, com as mídias sociais, elas são muito distintas e também os meios de comunicação tradicionais, os meios de comunicação impressos, o rádio, jornalismo também passaram por uma mudança e essa mudança talvez ela tenha trazido no bojo né uma restrição a transmissão de informações que dariam mais visibilidade ao Cuca e acredito que talvez seja o momento de pensar como as redes sociais e outros meios de comunicação podem divulgar mais as ações do Cuca na cidade.

[...] é necessário que haja um maior investimento da universidade em equipamentos, em formas de melhorar essa comunicação.

É necessário que as novas gerações saibam de novo, a gente torne a repetir o que o cuca, o que o cuca tá produzindo, é necessário essa, publicizar o cuca, melhorar.

Isso sempre foi um gargalo no cuca, essa divulgação. E eu acho que a universidade, ela tem que atentar pra isso.

a cultura, ela tem um potencial de contribuição e de desenvolvimento para a sociedade. Eu acho que o Cuca mostra isso né.

não há desenvolvimento econômico social não há desenvolvimento da sociedade nenhuma transformação da sociedade existe sem a cultura sem a educação e a cultura então o trabalho da

universidade é esse é fomentar o desenvolvimento da cultura para que através da cultura as pessoas sejam se tornem mais gente mais felizes descubram a si própria cresçam como ser humano e crescendo como ser humano sejam capazes de fazer com que outros cresçam e que a sociedade floresça em desenvolvimento

[...] o cuca, ela faz um indivíduo pensar certo, faz um indivíduo pensar o que que ele é como pessoa e no seu papel dentro da sociedade e faz com que ele transforme essa sociedade em algo melhor.

ANEXO A – DOCUMENTO DO VI ENCONTRO FORPROEX 1992

VI ENCONTRO DO FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE
EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS

Universidade e cultura

UFSM — Santa Maria, 21 a 25 de abril de 1992

O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das universidades públicas brasileiras, reunido em seu VI encontro nacional, tendo por base os trabalhos desenvolvidos por nove grupos temáticos, a saber:

Patrimônio Cultural (Museus/Memória)

Música

Artes Plásticas

Editoração - Difusão Cultural

Artes Cênicas

Práticas Esportivas, Recreativas e Lazer

Cinema, Vídeo, TV

Criação Literária

Questões institucionais, políticas e administrativas atinentes à gestão do setor artístico-cultural,

deliberou em assembleia plenária as seguintes recomendações e *proposições*, que passam a se constituir *conclusões do evento* e, ao mesmo tempo, *orientações às IES* e programa de trabalho às coordenações futuras do Fórum quanto às área artístico-cultural.

PATRIMÔNIO CULTURAL

O QUE SE DISCUTIU

- a) Conceituação de patrimônio *natural e cultural*; utilidade; uso dos conceitos.
- b) Priorização do museu no contexto das pesquisas institucionais (universidades).
- c) Os museus como hipótese de trabalho no âmbito da universidade/comunidade (a natureza dos museus).

- d) Universidade e diretrizes com relação ao patrimônio cultural que ela cria (seu patrimônio, conhecimento gerado) e o que ela recebe (patrimônio da comunidade).
- e) Guarda e preservação do museu.
- f) Museu como gerador de cultura. Dicotomia: peça/exposição e peça/pesquisa. Público participante.
- g) Política dos museus: condizente com os interesses da comunidade,
- h) Museu e interdisciplinariedade.
- i) Museu como patrimônio cultural, natural e memorial. Museu e ambiente.
- j) Museu como referência da universidade/comunidade - sistematização do saber.
- k) Museu e vontade política; sua vinculação com a política cultural da universidade e a atenção à política nacional e internacional de museus.
- l) O museu universitário como centro de pesquisa interdisciplinar e regional (o estudo do homem e seu modo de vida), m) Museu x "statuta" cultural. Valor do acervo como meio para a reflexão e reinterpretação cultural. Peça e mensagem/peça-símbolo.
- n) Visão dinâmica do museu.
- o) Experiência: foram citadas várias delas... Paranaguá (Goiânia); Piratini; Sudoeste da Bahia, Federal da Bahia; UFSM... O Plano Diretor da Chapada do Araripe (Cariri/Ceará) e da comunidade de Silveira (RS). Pelotas (UFPEL).

MÚSICA

RECOMENDAÇÕES

1. Que as Coordenações regionais do Fórum de Extensão incentivem a formação de *corredores culturais regionais* para fazer circular a produção cultural, recomendando também à Coordenação Nacional, a formação de *corredores* em nível nacional que possibilitem o intercâmbio entre as Instituições. Esse corredor compreende as 3 áreas de atuação das universidades: ensino, pesquisa e extensão;

2. Que a coordenação nacional crie um banco de dados que contenha a produção cultural específica de cada universidade, docentes e suas respectivas especializações e projetos desenvolvidos na área.
3. A publicação anual de um calendário de eventos na área de Música, que seja divulgado em todas as universidades;
4. Urgência na reformulação curricular dos cursos de licenciatura, com vistas à formação do profissional capacitado para atuar na linguagem específica de música, em nível de 1º e 2º graus, bem como gestor junto às Secretarias de Educação dos Estados a retomada do ensino da disciplina sobre educação ambiental;
5. Incentivar a criação de programas de bolsa arte, nacionalmente padronizados com valores e quantidades compatíveis com as necessidades, reajustando-as de acordo com os níveis de inflação de forma a garantir a manutenção de orquestras, corais, conjuntos instrumentais, etc. Às universidades que já possuem estes programas recomenda-se adaptá-los ao padrão nacional a ser criado, com a maior brevidade possível.
6. Que as universidades que possuem orquestras, corais e outros grupos congêneres, e uma vez que a maioria se utiliza da relação informal de participação com seus componentes, criem mecanismos capazes de realizar concursos para a profissionalização dos seus músicos, instrumentistas e cantores.
7. Que seja priorizada a melhoria da infra-estrutura básica para a área musical através da destinação de recursos humanos e materiais sob a forma de rubricas específicas, que possam prover e manter convenientemente espaços, grupos, instrumentos musicais e equipamentos.

ARTES PLÁSTICAS

CONSIDERAÇÕES

- Considerando que as artes plásticas, e de modo mais amplo, as artes visuais são fator preponderante da estética e da visualidade na estruturação da cultura.
- Considerando que a universidade e massificação dos seus processos são a grande fonte da leitura do mundo, do qual o patrimônio cultural, na sua maior parte, é dela oriunda.

- Considerando que é a visualidade, ou seja, a visão, o mais importante dos sentidos pelo seu processo bio-psíquico de associação, onde a imagem sempre se coloca como memória e projeção.
- Considerando que a sua importância se afirma no contexto das expressões, por não ser efêmera e, cujo processo se dá quando e se materializa através da forma física, recomenda-se:

RECOMENDAÇÕES

- Como as outras expressões artísticas, seja considerada como atividade sociabilizadora de grande importância para a complementação cultural do alunado.
- Por se materializar em objeto concreto, seja considerada como instrumento importante na circulação de idéias e de expressões culturais.
- Sendo, por esta razão, objeto patrimonial fundamental na formação de memória museológica.
- Por se expressar em várias e diferenciadas técnicas, sejam estimuladas como suporte para outras práticas técnico-científicas e culturais.
- Que seu ensino e difusão objetivem as constantes tendências da contemporaneidade, inclusive no uso dos modernos instrumentos e novas tecnologias materiais, para atender não só a demanda do mercado profissional, mas assegurar sua perenidade.
- Que se processem também através das gestões problematizadoras, teóricas e filosóficas, objetivando, a crítica e a historiografia.
- Que atendam os objetivos da arte-educação, nos diferentes níveis sociais e econômicos neles inseridos, sem, contudo, perder de vista sua instrumentação cultural elevada.
- Que arte-cultural seja considerada efetivamente como elemento fundamental na formação do cidadão.
- Que as artes plásticas sejam consideradas como catalisadoras ente as várias faces da atividade acadêmica.
- Que se criem nas universidades sistemas de crédito obrigatório para as artes, e optativa nas suas várias expressões, a ser cumprido pelo estudante ao longo de sua formação profissional, objetivando uma complementação humanística.

- E por isso se reavaliem os cursos de educação artística e de arte, e que se implante estruturas para atender esta proposta nas universidades que não tem áreas artísticas no seu currículo.
- Que se enfatize a pesquisa teórica e prática das artes plásticas, envolvendo docentes e discentes, e que se promova intercâmbio entre universidades através da troca de exposição e experiência, objetivando sua difusão e teses acadêmicas.
- Que os currículos e as ações privilegiem o contexto sócio-histórico local e latino-americano, geralmente pouco ou nunca estudados.

PROPOSIÇÕES

- As universidades devem, através da arte - expressão comum e interdisciplinar -, extrapolar seus muros e se consorciar com a sociedade, numa permanente troca de experiências artístico-culturais.
- Que nos Fóruns de Pró-Reitores, cada universidade apresente sua avaliação sobre as atividades programadas em cada período.
- Que se cobre da Secretaria de Cultura da Presidência da República a liberação das taxas alfandegárias e a desburocratização na implantação de material artístico.
- Que se considere o texto das recomendações do VII Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades do Nordeste, realizado em Salvador, e reafirmado no VIII promovido em Recife, no que se refere à cultura, como contribuição importante a este encontro em Santa Maria.

EDITORAÇÃO

PROPOSIÇÕES

1. O Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das IES públicas, deve celebrar um convênio com a EULAC (Associação das Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe), através da Vice-Presidência para Área Atlântica, para viabilizar um programa de aperfeiçoamento de RH para Editoras Universitárias Brasileiras.
2. O Fórum deve promover um convênio com a ABEU (Associação Brasileira de Editoras Universitárias), a fim de participar da

Organização de programas de assessoramento e apoio para desenvolvimento de editoras universitárias de IES públicas.

3. Que as coordenações regionais viabilizem mostras itinerantes de capas de livro de editoras universitárias de IES públicas.

ARTES CÊNICAS

RECOMENDAÇÕES

1. Definição da Política Cultural em cada IES.
2. Apoio às iniciativas culturais já existentes no âmbito de cada IES (grupos de teatro, dança, música, etc.).
3. Alocação de recursos no orçamento de cada IES para a área cultural.
4. Criação de mecanismos para captação de recursos para projetos culturais das IES.
5. Que seja questionado junto à Secretaria da Cultura da Presidência da República para que as IES tenham um representante junto Conselho do Fundo Nacional de Cultura.

PROPOSIÇÕES

1. Que se crie através do Fórum o calendário cultural nacional, visando o conhecimento e intercâmbio das ações culturais.
2. Que sejam levantados os espaços culturais e seus respectivos equipamentos, em cada IES (teatros, auditórios, galerias, etc.), para fins de intercâmbio.
3. Que o Fórum de Pró-Reitores de Extensão gestione junto à Secretaria de Cultura da Presidência da República a realização de Concursos Nacionais de Dramaturgia;
4. Que as IES promovam a criação de "Banco de Textos Teatrais", através de intercâmbio com instituições que já possuam esse organismo.
5. Que as IES, em suas políticas de ação cultural, estimule o apoio às manifestações locais e regionais como forma de resgate dessas culturas.
6. Que as IES possibilitem o uso de suas instalações físicas (auditórios, teatros, galerias, laboratórios, etc.) à comunidade em geral, como forma de democratização desses espaços.

7. Que as IES democratizem o produto de suas pesquisas e produções na área cultural, colocando-as à disposição da comunidade e contribuindo, assim, para a criação de público através de estratégias próprias.

8. Que se estimule a criação de um "Serviço de Produção e Extensão" em cada IES, com o objetivo de captar recursos para as produções próprias.

9. Que as IES possam criar e terem garantidas unidades acadêmicas específicas na área artística e cultural para trabalhos com ensino, pesquisa e extensão.

10. Que as IES intervenham enquanto produtoras nas áreas culturais que não sejam passíveis de produção comercial.

11. Que todas as IES criem o mecanismo da bolsa *trabalho/arte* em seu âmbito, como forma de incentivo aos pesquisadores e trabalhadores da área.

PRÁTICAS ESPORTIVAS, RECREATIVAS E DE LAZER

CONSIDERAÇÕES

Considerando que estas atividades devem:

- desencadear um processo permanente de investigação socialização do conhecimento e feed-back para o ensino da graduação e pós-graduação;
 - atender necessidades e interesses da comunidade previamente estudada como base populacional;
- recomenda-se:

RECOMENDAÇÕES

- Deva ser analisado e discutidos o papel das práticas esportivas, recreativas e de lazer, na universidade e fora dela, enquanto atividades que se incorporem no dia a dia das pessoas, como instrumentos de melhoria da qualidade de vida, seja em termos de bem estar social ou de organização social.

- As práticas esportivas, recreativas e de lazer precisam ser entendidas e desenvolvidas como atividades efetivamente incorporadas na educação escolar.

- As instituições de ensino superior públicas devem elaborar projetos nesta área, objetivando o desenvolvimento de ações voltadas para realidade da região em que se inserem, no sentido de construir novas metodologias.

PROPOSIÇÕES

Transformar a universidade num espaço cultural onde tecnologias, experimentos, embates filosóficos e sociológicos, produções e apresentações artísticas, espetáculos, seminários e conferências, oportunidades de lazer diversificadas e vivência com a natureza, possam fazer parte permanentemente da vida da população interna e externa. Significa dizer que há necessidade de se começar a gostar do lugar em que se trabalha, quebrando-se a rotina de se suprir simplesmente o "carnet".

Nesse caso, a obrigatoriedade de cumprir créditos em educação física pode ser substituída pela prática permanente, como opção de lazer de interesse pessoal e coletivo.

Para que isto se efetive, é necessário que a proposta curricular dos cursos de graduação contemple a discussão e a prática de uma cultura de movimento, que se construa na vivência e na reelaboração dos conhecimentos existentes e na apropriação do repertório popular do fenômeno corpo-movimento.

Finalmente, a tarefa de investigação que a universidade possui, deve ser incrementada, e os seus resultados socializados com os diferentes grupos sociais, informais ou organizados.

Que seja dispensado da prática desportiva quem participa regularmente de atividades como: dança, coral, formação musical, artes plásticas ou outra da área de formação artístico-cultural;

A organização multidisciplinar, no sentido de desenvolver atividades ou projetos ligados a:

- saúde individual
- saúde coletiva
- educação para a saúde
- preservação e recuperação do meio ambiente.

CINEMA, VÍDEO E TV

CONSIDERAÇÕES

- Considerando que as questões que envolvem o processo imagético eletrônico, assim como as abordagens radiofônicas, é cada vez mais evidente a importância dos meios de comunicação nas sociedades modernas.
- Considerando que estes são utilizados como forma de transmissão de conhecimento e tecnológico, oportunizando assim a divulgação da cultura e fundamentalmente como estabelecimento e consolidação de poder.
- Considerando ainda o fato de que a televisão penetrou de tal forma na política, que mais nada se permite acontecer exterior a ela, ou seja, tudo acontece para a TV, e mais dentro da TV, elevando-a a postura de forma cultural do nosso tempo.

Atentas a essa realidade, as IES brasileiras há algum tempo, vem destinando recursos humanos e materiais em projetos e atividades na área de comunicação. Algumas já possuem rádios, televisões e periódicos, mantidos com dificuldades, embora com resultados satisfatórios.

Faz-se necessário observar a atuação desarticulada e descontínua das IES no que se refere à comunicação, e assumir o compromisso de romper com este processo avaliado como inicial e, partir para propostas mais arrojadas.

PROPOSIÇÕES

- Propõe-se uma comunicação mais interativa e conseqüentemente menos reativa, capaz de lidar com a defesa da universidade pública e com sua legitimação diante a sociedade civil.
- É chegada a hora de, conjuntamente, as IES encaminharem aos poderes públicos a reivindicação de *concessões de rádios* (AM e FM) e *televisões* (VHF e UHF) em todos os estados brasileiros. Partindo de Núcleos Regionais de Produção, sediados em diferentes regiões do País e de um Núcleo Central, a programação de rede de uma rádio e teve possa se tornar realidade.
- Percebe-se que os meios de comunicação de massa seriam um veículo de defesa da universidade pública e de sua legitimação enquanto instituição pública, assumindo assim um papel estratégico e prioritário para as IES brasileiras.

- O grupo temático ressalva que, por entender que a produção de cinema nas IES encontra-se impossibilitada de qualquer encaminhamento prático, posto que — mesmo dentro da área da cultura — não encontrava respaldo financeiro, sugerimos que a continuidade da produção em cinema nas IES, a questão laboratorial, bem como, a aquisição e manutenção de equipamentos para uso didático, deverá ser objeto de acurada reflexão por parte do Fórum de Pró-Reitores, que viabilizara *soluções a curto prazo e específicas para o enfrentamento da problemática do cinema*.

OBJETIVOS GERAIS

- Estabelecer um Sistema Nacional de Comunicação de prioridade das universidades públicas, com emissoras de rádio e tevê em todos os estados.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Divulgar o produto universitário institucional e público;
- Evidenciar o trabalho tecno-científico e cultural desenvolvidos dentro das universidades públicas.
- Intercambiar conhecimento entre as várias áreas das universidades.
- Criar uma banco de dados dos produtores ideográficos e dos acervos culturais acumulados nas instituições.
- Efetivar prioritariamente produtoras de vídeo e tevê como apoio didático pedagógico.
- Intensificar a articulação das universidades públicas com o meio social.
- Estabelecer mecanismos de integração entre as universidades públicas através do banco de dados.

METAS

- Estabelecimento de um Sistema Nacional de Comunicação de propriedade das Universidades Públicas, com pelo menos uma emissora de rádio e tevê por estado.

OPERACIONALIZAÇÃO NO FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO

- Realização de inventário de recursos humanos e materiais disponíveis nas universidades.
- Indicação dos Núcleos Regionais de Produção e do Núcleo Central, com base no inventário.
- Elaboração do projeto de viabilidade técnico-econômico.

OPERACIONALIZAÇÃO NO CRUB

- Negociação do projeto junto ao MEC e Secretaria Nacional de Comunicação.
- Consignação de recursos orçamentários e extra-orçamentários, já em 1992 para viabilizar o projeto.
- Coordenação de Encontro Nacional para levantar, debater e eleger as estratégias de marketing institucional das IES.

OUTRAS SUGESTÕES

- Todas universidade pública deverá ter uma produtora, visando instrumentalizar-se para uma futura tevê universitária;
- Criação de um prêmio regional e nacional de vídeo em suas diferentes categorias, como forma de incentivar as produções.

CRIAÇÃO LITERÁRIA

CONSIDERAÇÃO

- Entende-se que o processo de criação literária, como atividade extensionista no âmbito da Universidade, deve ser desenvolvido através do método conhecido como *oficina literária*. Nesse sentido, as Pró-Reitorias de Extensão devem organizar os esforços institucionais próprios, estaduais e municipais, bem como comunitários, no sentido da difusão do método, até que se torne programa permanente.
- Uma *oficina literária* tem por objetivo acelerar o processo de maturação da consciência artística, dando prosseguimento à disposição inicial e individual do aspirante à condição de escritor. Através de exercícios que se reiteram e se completam ao longo dos encontros, a técnica da escrita literária vai sendo assimilada, num processo que abrevia a aquisição intuitiva de esquemas

textuais naturalmente desenvolvidos por aqueles que, sem frequentarem qualquer curso de produção textual, formam-se escritores ao longo dos anos de ofício. Além de ser um núcleo motivador de realização artística, a *oficina literária* fornece a ferramenta ao escritor, que dispõe, assim pelo conhecimento da técnica, de uma gama maior de expedientes da Língua que enriquecem o texto e o tornam objeto de arte.

• A *oficina literária* se justifica pela ausência, nos programas curriculares, tanto do ensino fundamental, quanto do acadêmico, de um ensino voltado à criação do texto artístico. Compreendendo a peculiaridade do ensino formal, em qualquer uma das etapas, a oficina pode ser complementar ao tratamento dado ao ensino da Língua Portuguesa, à produção textual e à leitura. Pela experiência das oficinas já em andamento, o grupo sugere que as *oficinas literárias* devem ser constituídas num autêntico "espaço cultural", para garantir a permanência da integração que os encontros possibilitam, resgatando a identidade dos "grupos" literários peculiares dos movimentos de vanguarda, cuja contribuição cultural atesta a eficácia desse procedimento. Para tanto, é necessário que disponha de um espaço físico próprio e adequado, além de um veículo de divulgação periódico que mantenha um contato e duradouro com o público.

PROPOSIÇÕES

Uma vez que se compreende ser necessário criar um *programa nacional* incentivo à formação e à manutenção das *oficinas* (não apenas de criação literária, mas de artes plásticas, ciências, musical, etc.), cujo órgão executor seria a Universidade, que forneceria os recursos humanos e infra-estrutura, além de intermediar recursos oriundos do MEC e/ou da Secretaria Nacional da Cultura, alguns pontos são fundamentais para que se garanta a eficiência do projeto:

A) PUBLICAÇÃO

Não se pode falar em *oficina literária* sem que haja algum tipo de publicação que recolha o produto final do trabalho de criação; seja livro, seja revista, seja folheto, algum material que sirva como instrumento de divulgação da produção artística é uma condição para a existência da oficina.

B) INDEPENDÊNCIA

É importante que a *oficina literária*, respeitadas as peculiaridades de cada universidade, preferencialmente não subordinada a um departamento acadêmico específico. Isso possibilita que a metodologia de trabalho seja conduzida sem o ranço acadêmico, supere o caráter de nula e possa, inclusive, ser conduzida ou motivada por escritores.

C) INTERCÂMBIO COM AS ESCOLAS DE 1º E 2º GRAUS

Para que haja bons escritores é necessário que haja bons leitores; ou, os bons escritores são bons leitores; faz-se necessário portanto o resgate do hábito da leitura. Por isso, a sugestão de que o produto final da produção literária das oficinas deva ser enviado as escolas, onde deverá ser trabalhado pelos professores e, num segundo momento, propiciar o encontro entre alunos-leitores e os autores. Com isso, também, haverá um estímulo, um prestígio à produção regional.

D) RECICLAGEM

Dos professores da área de comunicação e expressão (Língua Portuguesa, Redação, Literatura e Educação Artística), com o objetivo de fornecer estratégias de leituras e incentivo à criação textual.

E) CONVIVÊNCIA DE ÁREAS DE EXPRESSÃO

Em caráter interdisciplinar, através de pontos em comum, a *oficina literária* poderá estabelecer relação com a produção de outras oficinas de arte, inclusive dividindo o mesmo espaço físico.

F) ESCRITOR VISITANTE

À semelhança da figura do professor visitante, que possam ser contratados, por tempo determinado, escritores de reconhecida capacidade literária (com obras publicadas) para ministrar a coordenação das *oficinas literárias*.

Uma vez transformada em programa nacional, a *oficina literária* poderá fornecer material artístico que circule pelos meios culturais do país. Com isso, revelará nomes de artistas da palavra que poderão dar o seu testemunho em outros pontos do universo cultural nacional, amplificando a difusão das artes. Para tanto, será importante a implan-

tacão de um projeto que selecione trabalho de escritores, através de concurso com etapas regionais, culminando com a premiação nacional. Os trabalhos concorrentes poderão ser reunidos em bancos de dados que sirvam como referência tanto de produção artística, como de autores, em antologias. Em face das dificuldades orçamentárias do poder público, é salutar a convivência com a iniciativa privada.

QUESTÕES INSTITUCIONAIS, POLÍTICAS E ADMINISTRATIVAS ATINENTES À GESTÃO DO SETOR ARTÍSTICO-CULTURAL

I. CONSIDERAÇÕES

O grupo desenvolveu os trabalhos, aprofundando a discussão sobre 03 pontos básicos, que favorecem o desenvolvimento das práticas artístico-culturais nas universidades públicas, abordadas pelos demais grupos temáticos.

Inicialmente, o grupo buscou contextualizar a universidade, a extensão e a cultura, estando o papel da Instituição Universitária como "locus" de recursos humanos em todas as áreas do saber, através de atividades de pesquisa, de ensino (de graduação e pós-graduação) e de extensão. Nesse sentido, cabe à universidade, enquanto *instituição cultural*, produzir, preservar e difundir manifestações culturais, através de realização de programas de extensão.

II. PROPOSIÇÕES

MEDIDAS INSTITUCIONAIS INTEGRADAS

FINANCIAMENTO

Criação de suporte financeiro aos Projetos e Programas extensionistas de área artística cultural através de:

- acesso a recursos públicos: negociações permanentes com Ministérios, Secretarias e Congresso Nacional;
- acesso a recursos privados: empresa e outras instituições privadas;
- itens financiáveis: custeio de programas e projetos, bolsas de extensão, equipamentos e instalações.

ELABORAÇÃO DE CADASTRO ATUALIZADO DE AGÊNCIAS FINANCIADORAS

- agências públicas e privadas

- agências nacionais e estrangeiras, especificando as linhas de trabalho das agências.
- O cadastramento poderá ser montado a partir das informações enunciadas pelas universidades e consolidado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão.

DIVULGAÇÃO

- Recensar a produção artístico-cultural das universidades.
- Montar banco de dados da produção artístico-cultural nas coordenações regionais e nacional.
- Divulgar as informações coletadas, através de periódicos, revistas, FAX, disquetes e outros (incluir nas informações, as atividades de extensão, as agências financiadoras e os dispositivos legais de interesse da Extensão).
- Promover a difusão de informação sobre programas de extensão das Universidades Públicas, acessando afetivamente os meios de comunicação, em especial a TVE e rádios educativas.

INTEGRAÇÃO INTERUNIVERSITÁRIA NA ÁREA ARTÍSTICO-CULTURAL

- Criação de redes culturais inter-universitárias: circulação de espetáculos, filmes, exposições, publicações, mostras e outros.
- Realização de programas de seminários específicos itinerantes.
- Cadastramento de equipamentos e instalações e dos recursos humanos especializados, na área, por universidade.
- Levantamento de setores de carência, na área artístico-cultural por universidade para elaboração de programa integrado de assessoria e treinamento interuniversitário.
- Garantia de programa anual de suporte financeiro para deslocamento dos grupos e dos equipamentos.

PAPEL POLÍTICO DO FÓRUM NACIONAL

JUNTO À SCPR

- Reivindicar a representação das Universidades Públicas na comissão Nacional de Incentivos à Cultura e nos Conselhos de Cultura, por indicação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão.
- Solicitar esclarecimento dos mecanismos de acesso das universidades públicas aos benefícios da Lei Rouanet.

- Solicitar apoio político e assessoramento técnico para os programas regionais elaborados pelas universidades públicas na área de arte e cultura, através do IBAC, IBPC, FBM, FCP E FCRB.

JUNTO AO MEC

Aprofundar relações com a SENESU e SENEb para articular linhas de financiamento para Projetos na área de Letras, Artes e Desportos visando a formação de recursos para a rede pública de ensino de 1º e 2º graus.

JUNTO À SND

Estudar a viabilidade de acesso à Secretaria Nacional de Desporto para propor intercâmbio com as universidades públicas visando a estabelecer linhas de atuação comum.

JUNTO AO CRUB E ANDIFES

Promover articulação com o CRUB e a ANDIFES para viabilizar projetos de interesse da extensão que demanda ação política integrada das universidades públicas.

RELAÇÃO INTERFÓRUMS

Promover articulação entre os demais Fóruns Nacionais de Pró-Reitores para promoção de estudos conjuntos visando o aperfeiçoamento do modelo de alocação de recursos do MEC - SENESU em discussão.

OUTRAS RECOMENDAÇÕES

- Promover estudo no sentido de estabelecer indicadores apropriados à mensuração e avaliação das atividades de extensão, visando interferir no modelo de alocação de recursos financeiros proposto pela SENESU.
- Elaborar Projeto Piloto a partir das contribuições dos Grupos Temáticos deste encontro e outras contribuições das universidades públicas para constituição da Rede Nacional Inter-Universitária de Artes e Cultura.
- Desenvolver concomitantemente, programa de rede regional e/ou inter-regional para subsidiar o Projeto Piloto.
- Redigir documento para enviar as TVs educativas, sensibilizar do para divulgação e cobertura das atividades de extensão. Remeter cópia para IFES integrantes do Fórum.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DIRETRIZES CONCEITUAIS E POLÍTICAS

MEDIDAS ADMINISTRATIVAS

- Instituir Secretaria Executiva do Fórum Nacional de Pró-Reitores.
- Montar pasta de documentos relevantes para os trabalhos realizados durante os Encontros Nacionais e Regionais (legislação, relatórios, etc.).
- Elaborar e distribuir os Anais dos Encontros Regionais trinta dias após a sua conclusão e dos Encontros Nacionais noventa dias antes de sua realização.
- Instituir subcoordenadores regionais e subcoordenador nacional.
- Eleger o coordenador nacional por voto direto dos Pró-Reitores e/ou representantes credenciados pelas respectivas universidades.
- Autorizar a Coordenação Nacional a delegar competências específicas às Coordenações Regionais para contatos oficiais e/ou elaboração de projetos de interesse da área de extensão.

MUDANÇAS NO REGIMENTO DO FÓRUM APROVADAS PELA PLENÁRIA DO VI ENCONTRO

Art. 4 - (Caput permanece)

Parágrafo 1 - A Coordenação Nacional e as cinco Coordenadorias Regionais terão seus respectivos subcoordenadores.

Parágrafo 2 - A Coordenação Nacional terá uma Secretaria Executiva

Art. 5 - O Coordenador Nacional e seu respectivo subcoordenador serão eleitos durante a reunião anual ordinária dentre os membros natos do Fórum.

Parágrafo 1 - São considerados eleitores todos os Pró-Reitores das Universidades Públicas ou seus representantes credenciados presentes à reunião anual.

Parágrafo 2 - Em caso de coincidir a eleição de um Coordenador Regional, o Subcoordenador respectivo assumirá a Coordenação da Região.

Parágrafo 3 - Os Coordenadores Regionais e seus respectivos subcoordenadores serão eleitos dentre seus pares, durante os Encontros Regionais e serão empossados na reunião anual ordinária do Fórum Nacional.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: DIRETRIZES CONCEITUAIS E POLÍTICAS

Reproduzido de:

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas** – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; o Fórum, 2000.